

Elenita Gonçalves Rodrigues

**DESCENDO A TOCA DO COELHO:  
LINGUAGEM, ÉTICA E A QUESTÃO DA VERDADE**



Tese apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Estudos da Linguagem

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

**R618d** Rodrigues, Elenita Gonçalves.  
Descendo a toca do coelho : Linguagem, ética e a questão da verdade / Elenita Gonçalves Rodrigues. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Kanavillil Rajagopalan.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Linguagem. 2. Ética. 3. Verdade. 4. Filosofia do ato. I. Rajagopalan, Kanavillil. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Down the rabbit hole : Language, ethics and the question of truth.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Language; Ethics; Truth; Philosophy of the act.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan (orientador), Prof. Dra. Viviane Veras, Prof. Dr. Alexandre Ferreira da Costa, Prof. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães e Prof. Dra. Dina Maria Martins Ferreira.

Data da defesa: 19/12/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

**BANCA EXAMINADORA:**

Kanavillil Rajagopalan

K. Rajagopalan

Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira

Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira

Maria Viviane do Amaral Veras

Maria Viviane do A. Veras

Maria Izabel Santos Magalhães

Maria Izabel Santos Magalhães

Alexandre Ferreira da Costa

Alexandre Ferreira da Costa

Raimundo Ruberval Ferreira

\_\_\_\_\_

Maria Inês Ghilardi Lucena

\_\_\_\_\_

João Wanderley Geraldi

**IEL/UNICAMP**

**2008**

“Meu caro amigo, estou lhe enviando um pequeno trabalho do qual se poderia dizer, sem injustiça, que não é cabeça nem rabo, já que tudo nele é, ao contrário, uma cabeça e um rabo, alternada e reciprocamente. Suplico-lhe que leve em consideração a conveniência admirável que tal combinação oferece a todos nós — a você, a mim e ao leitor. Podemos abreviar — eu, meus devaneios; você, o texto; o leitor, sua leitura. Pois eu não atrelo interminavelmente a fatigada vontade de qualquer um deles a uma trama supérflua. Retire um anel, e as duas partes desta tortuosa fantasia voltarão a se unir sem dificuldade. Corte em pedacinhos e vai descobrir que cada um deles tem vida própria. Na expectativa de que alguma dessas fatias possa agradá-lo e diverti-lo, ousou dedicar-lhe a cobra inteira.”

Charles Baudelaire, *Le spleen de Paris*

“Quanto àqueles para quem esforçar-se, começar e recomeçar, experimentar, enganar-se, retomar tudo de cima a baixo e ainda encontrar meios de hesitar a cada passo, àqueles para quem, em suma, trabalhar mantendo-se em reserva e inquietação equivale à demissão, pois bem, é evidente que não somos do mesmo planeta.”

Michel Foucault, *História da Sexualidade – O uso dos prazeres*

## **Agradeço especialmente**

a João Wanderley Geraldi, pelas aulas inspiradoras, pela paixão intelectual que desperta e demonstra, pelas orientações cruciais não só para o desenvolvimento deste trabalho, mas para minha constituição como... ser.

a Izabel Magalhães, orientadora no mestrado, interlocutora primeira na academia, que desde os meus 17 anos, nos primeiros semestres de iniciação científica, me conduziu por caminhos sempre sinuosos, sempre em construção.

a Renato Hilário dos Reis, que me conheceu ainda menina na graduação e me ensinou a ensinar, por seu exemplo, seu compromisso, e por me ajudar a me constituir como sou.

a Viviane Veras, pela radicalidade bem-humorada, pelo espírito de rupturas e de descontinuidades que contagiam e perturbam, pela inspiração e interlocução de sempre.

a Rita Laura Segato e a Alexandre Costa, por despertarem em mim o espírito de inquietação que eu percebia neles.

a Kanavillil Rajagopalan, por me fazer compreender que o pensamento crítico nasce da crise, por me orientar me desorientando quando necessário, por incitar a descida à toca do coelho, me fornecendo o apoio para prosseguir mesmo sem saber em direção a onde.

a Daniel Silva, meu irmão reivindicado, pelo brilhantismo, pela amizade, pelo amor.

a William Douglas, Thiago Sousa, Camila Duarte, Joana Santana, Scheyla Brito Fabiana Mota e Pedro Caldas, por nunca perderem a confiança e pelas divagações inspiradoras.

a Francisco Joaquim de Carvalho, o Chiquinho, livreiro mais querido que conheci, por me perseguir (ou me guiar como o coelho de Alice) pelos corredores da UnB, me enlouquecendo com sugestões de leituras malucas (quase sempre incríveis!).

a todos os amigos da Unicamp e do grupo de pesquisa, em especial, a Isa Stoeber, pelas crises compartilhadas; a Raimundo Ruberval Ferreira, pelas danças cantadas na chuva; a Dina Ferreira, pela história de vida; a Alice Freitas, pelas bruxarias bem-humoradas; a Cassandra Muniz, pelo espírito de lutas; a Marinalva Barbosa e a Juanito Ornelas, pela seriedade inspiradora; a Nelly e a Simone Floripi, pelas gargalhadas; a Graziela Zamponi, pelo jeito incrível de diva; a Edvânia Silva e a Adriana Almeida, pela boêmia das pizzas divididas na praça que não sei o nome; a Moacir Camargos, pela alegria dos pães de queijo mineiros. A todas essas pessoas eu agradeço por tudo que de mais bonito significaram em minha vida. Que nossos caminhos, peço a Deus, nunca se afastem...

a André Seixas Prado, Izilda Monteiro e Juliana Calzavara, por tornarem mais doce e mais feliz a minha vida em Campinas.

a minha família, especialmente a Ítalo Sávio (irmão lindo!), Itamar e Elenice Rodrigues (pais maravilhosos), Márcia Niederauer, Cecília Brito e Clara Etienne (interlocutoras e amigas que escolhi como irmãs), Valdete Martins e Allen Martins (avó e tio, melhores amigos), por tornarem a minha vida mais leve e mais alegre e por me concederem o espaço para a minha (in)sanidade diária.

a Deus porque a fé em sua existência me deu e me dá forças, e faz de mim, cada vez mais, a cada dia, uma pessoa melhor.

## RESUMO

A questão da constituição do sujeito é inelutável não só na lingüística, mas nas ciências humanas de forma geral. Esta tese, a fim de nos fornecer elementos para repensar o próprio papel da ciência e do intelectual na nova configuração de saberes que enfrentamos no último século, se propõe a discutir, retomando a discussão realizada por Bakhtin em *Para uma filosofia do ato*, a ética e a questão da verdade, realizando percursos e diálogos vários, sob perspectivas e prismas diversos. Nos primeiros capítulos é discutida a questão da verdade. No Capítulo 1, inicia-se a narrativa de nosso percurso, dos primeiros textos, questionamentos e contatos, que levaram à delimitação de nosso objeto de estudo desta – e apenas desta – maneira. No Capítulo 2, são discutidas as mudanças de paradigma advindas dos estudos na área da física, à luz das contribuições de intelectuais como Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos e Ilya Prigogine, e suas possíveis implicações para a teoria do conhecimento. No Capítulo 3, a própria existência de uma realidade única e indubitável é questionada, abrindo espaço para objeções às teorias de linguagem como representação da realidade e de verdade como correspondência. Neste contexto, como é mostrado, perdem lugar uma ciência de universais e um sujeito de ontologias essenciais, que passa a ser duramente criticado, bem como perde também espaço a existência da própria realidade como a conhecemos. No Capítulo 4, nos aproximamos do texto *Para uma Filosofia do Ato* (Bakhtin, 1993 [1919-1921]) e são rediscutidas, à luz da reflexão conduzida nos capítulos anteriores, as concepções bakhtinianas de *Istina* e *Pravda* e suas implicações e contribuições para uma discussão ética profunda e para um debate mais amplo no campo da filosofia da ciência e da teoria do conhecimento. A partir dessa perspectiva, no Capítulo 5, o escopo da discussão recai sobre Žižek e Lacan pelos caminhos da ética do real e da psicanálise. A discussão central se dá em torno dos estudos que reivindicam uma autonomia incondicional do sujeito, uma aceitação de que, como seres humanos, somos responsáveis, em última análise, por nossos atos e nosso ser-no-mundo. Na parte final do trabalho, a perspectiva bakhtiniana conforme discutida neste texto é revista à luz da biologia do amor (Maturana, 1998), já que a primeira apresenta as condições e exigências para o exercício do diálogo e a segunda explicita a importância de nos colocarmos sob a regência do princípio do amor se efetivamente desejamos dialogar. É proposta assim uma discussão que pode trazer contribuições para a construção de uma sociedade que possa ser efetivamente chamada democrática, uma vez que o amor implica descentramento, abertura ao outro, ou, nas palavras de Edgar Morin, “não consiste apenas em projetar a nossa verdade sobre o outro” ou percebê-lo exclusivamente segundo nossos olhos, mas consiste sim em nos deixar “contaminar” pela sua verdade (Morin, 2008).

## ABSTRACT

The question of the subject constitution is inescapable not only for the linguistics, but also in general human sciences. This thesis, for the purpose of supplying elements for the rethought of the own roll of the science and of the intellectual in the new configuration of knowledge faced in the last century, wants to discuss, bringing back the discussion made by Bakhtin in *Toward a Philosophy of the Act*, the ethics and the question of the truth, performing paths and various dialogues, under several perspectives and points of view. In the first chapters the question of the truth is discussed. In Chapter 1, the narrative of our path, of the first texts, questionings and contacts are initiated, which lead to the object of study delimitation in that – and only in that – way. In the second chapter, the paradigm changes which come from studies in the physics field are discussed, enlightened by contributions of intellectuals such as Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos and Ilya Prigogine, and its possible implications to the theory of knowledge. In the third chapter, the own existence of a single and indubitable reality is questioned, opening the way to objections to the language theories as representations of the reality and the truth as correspondence. In this context, as shown, a science of universals and a essential ontologisms subject lose place, thereafter being severely criticized, and the existence of the own reality as we know it loses place in the same way. In the fourth Chapter, we come closer to the text *Toward a Philosophy of the Act* (Bakhtin, 1993 [1919-1921]) and discuss, enlightened by the reflection of the previous chapters, the bakhtinians conceptions of Istina and Pravda and their implications and contributions for a deep ethic discussion and for a broader debate in the fields of the Philosophy of science and the Theory of Knowledge. From that perspective, in Chapter 5, the purpose of the discussion is referred again to Žižek and Lacan through the paths of real ethics and psychoanalysis. The main discussion is about the studies which claim an unconditional autonomy of the subject, an acceptance that, as human beings, we are responsible, in a last analysis, for our acts and our being-in-the-world. In the final part of the project, the bakhtinian perspective, as discussed in this text, is revised enlightened by the biology of the love (Maturana, 1998), since the first one presents the conditions and the demands for the dialogue exercise and the second one makes explicit the importance of being put under the regency of the principle of love if we want to dialogue effectively. Therefore a discussion is proposed so that it allows contributions to the construction of a society which can be called effectively democratic, as love implies decentralization, the opening to others, or, in the words of Edgar Morin, “it does not consist only of projecting our truth to others” or perceive it exclusively according to our eyes, but it consists of letting us being “contaminated” by its truth” (Morin, 1998),.

## SUMÁRIO

### ABERTURA

|                                                                                 |    |
|---------------------------------------------------------------------------------|----|
| SOBRE ALICE E O PAÍS DAS MARAVILHAS;<br>OU AS MARAVILHAS DO PAÍS DE ALICE ..... | 17 |
|---------------------------------------------------------------------------------|----|

### PRÉ-LÚDICO

|                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------|----|
| É POSSÍVEL PENSAR, ESCREVER E VIVER SEM IDENTIDADE? ..... | 21 |
|-----------------------------------------------------------|----|

### NOTAS INTRODUTÓRIAS

|                                                                                                  |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| SOBRE A NATUREZA (OU A CULTURA?) DA VERDADE .....                                                | 27  |
| 1. <i>VERITAS E MEMORIALE</i> : UM MEMORIAL DE VERDADE(S) .....                                  | 35  |
| 2. VERDADES COMO PROBABILIDADES: CIÊNCIA MODERNA, FÍSICA QUÂNTICA E A MUDANÇA DE PARADIGMA ..... | 49  |
| 3. O “MUNDO VERDADEIRO” COMO FÁBULA: A VERDADE, A LINGUAGEM E A (IR)REALIDADE DO REAL .....      | 85  |
| 4. PENSAR (S)EM CORRIMÃOS... APROXIMANDO-NOS DE BAKHTIN.....                                     | 107 |
| 5. POR UMA RELEITURA DOS CAMINHOS OBLÍQUOS: A ÉTICA DO REAL.....                                 | 129 |

### À GUIA DE CONCLUSÃO

|                                                                                           |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| "O QUE NÓS FAZEMOS?"; OU... POR QUE NÃO FALAR DE AMOR? VERDADE, EMOÇÕES E LINGUAGEM ..... | 151 |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----|

|                   |     |
|-------------------|-----|
| REFERÊNCIAS ..... | 161 |
|-------------------|-----|

|                                                        |     |
|--------------------------------------------------------|-----|
| PENSAMENTOS DESPENTEADOS PARA UM DIA DE VENDAVAL ..... | 169 |
|--------------------------------------------------------|-----|

“(...) Então, ela pensava consigo mesma (tão bem quanto era possível naquele dia quente que a deixava sonolenta e estúpida) se o prazer de fazer um colar de margaridas era mais forte do que o esforço de ter de levantar e colher as margaridas, quando subitamente um Coelho Branco com olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela. Não havia nada de muito especial nisso, também Alice não achou muito fora do normal ouvir o Coelho dizer para si mesmo ‘Oh puxa! Oh puxa! Eu devo estar muito atrasado!’ (quando ela pensou nisso depois, ocorreu-lhe que deveria ter achado estranho, mas na hora tudo parecia muito natural); mas, quando o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, e olhou para ele, apressando-se a seguir, Alice pôs-se em pé e lhe passou a idéia pela mente como um relâmpago, que ela nunca vira antes um coelho com um bolso no colete e menos ainda com um relógio para tirar dele. Ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho embaixo da cerca. No mesmo instante, Alice entrou atrás dele, sem pensar como faria para sair dali. A toca do coelho dava diretamente em um túnel, e então aprofundava-se repentinamente. Tão repentinamente que Alice não teve um momento sequer para pensar antes de já se encontrar caindo no que parecia ser bastante fundo.”

Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap. 1

## ABERTURA

SOBRE ALICE E O PAÍS DAS MARAVILHAS;

OU AS MARAVILHAS DO PAÍS DE ALICE

Por que utilizar a metáfora da Alice como fio condutor de uma tese de doutorado em Lingüística? O livro de Lewis Carroll<sup>1</sup> é um clássico da literatura universal que tem fascinado gerações desde a sua primeira publicação em 1865. O livro é um convite a um fantástico passeio por um reino de fantasias, onde tudo é possível acontecer.

O livro começa com Alice, uma criança curiosa, cansada de seu mundo previsível e monótono. Ela está sentada com a irmã sob uma árvore, mas não consegue se interessar pela leitura que realizam, já que no livro não há figuras ou diálogos. Nesse instante, vê um coelho branco que, apressado, olha para um relógio e se dirige para o que parece ser sua toca, um lugar fascinante e totalmente desconhecido para Alice. Intrigada, decide segui-lo, sem pensar em como faria para sair dali.

A menina percorre um itinerário estranho, no qual conhece personagens também estranhos, como o gato que é uma cabeça sem corpo, a Lagarta que fuma, a Tartaruga Falsa, a Lebre Maluca, o Chapeleiro Louco e, entre outros personagens fantásticos, a Rainha de Copas. Alice faz um percurso intrigante por um mundo novo, instável e totalmente mutável, construído numa confusão de realidade e verdade. Nesse mundo inventado e completamente ao contrário, distante de qualquer lógica aceita ou conhecida, as lágrimas geram grandes lagos, os bebês se transformam em porcos, as rosas são pintadas e os jogos têm bolas vivas.

---

<sup>1</sup> Pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898).

Alice começa no país das maravilhas exatamente como o seu leitor começa: perdida, deslumbrada, confusa e curiosa sobre o fato de as coisas serem lá tão estranhas. À medida que a narrativa se realiza, percebemos a sua (a nossa?) transformação. Com sutileza, o livro nos incita a pensar em questões como: Quem sou eu? Por que sou? O que é real? O que é ilusão? Existe uma só verdade ou níveis dela? Passeamos e vivemos com Alice uma história intrigante e deliciosa em um mundo em que a identidade, a personalidade, o lugar, a língua, a memória, o tempo, o espaço, a emoção são completamente mutáveis.

Alice é ela própria um grande enigma. As maravilhas do mundo em que ela vive não são meras descrições de cenas e diálogos sem sentido, mas (de)formam os paradoxos que (des)identificaram a condição humana nestes dois últimos séculos. Ela mergulha em um mundo fantástico e nada comum, onde perde a essência e a identidade (não tem certeza sequer sobre o próprio nome) e a noção do que constitui o próprio tempo (os chapelões tomam o chá das seis durante todo o dia já que o relógio sempre permanece nesse horário).

Para viver nesse espaço recheado de pessoas e situações fora da lógica, Alice é obrigada a reformular constantemente seus conceitos, suas atitudes, seus comportamentos. Seu mundo prévio é desordenado, o que a assusta ao mesmo tempo em que a seduz pelo assombro proveniente do caos.

Descer com Alice a toca do Coelho é entrar nesse outro mundo, repleto de devir e maravilhas. É não só buscar, mas entrar, mergulhar, embeber-se em um outro paradigma, de imaginações, em que a experiência, o sonho, o (in)imaginável passam a ser, ao mesmo tempo, a própria vida.

Minha intenção ao trazer Alice para este texto não é apenas a de “ilustrar” com epígrafes um texto convencional de tese de doutorado. Faz parte sim da idéia de usar a seqüência de imagens presentes no texto de Carroll como uma alegoria para o meu próprio percurso de reflexões realizadas na pesquisa. Assim, análises psicológicas, representativas do texto literário, assim como outras vias de análises, sejam elas retóricas, psicanalíticas, matemático-lógicas, etc, sequer serão consideradas aqui. Faço uma opção não pelas múltiplas possibilidades de análise do livro, mas trago dele minhas impressões acerca de seus paradoxos e suas dialéticas.

Como leitora, como estudante, como pesquisadora, tanto a leitura do livro quanto a realização deste trabalho forçaram-me deliciosamente a me confrontar comigo mesma e com o meu desejo de um mundo paralelo, um lugar alternativo de existência e de consciência que pudesse me abrigar em seu subterrâneo. Forçaram-me a me confrontar com o meu desejo de transbordar os limites do (des)conhecido, mas, ao mesmo tempo, de me manter protegida do (in)certo.

A análise crítica da atividade científica e de seu movimento ideológico – foco central deste trabalho – não pretende, no entanto, propor a troca de uma ideologia por outras. Talvez discutir a linguagem, a ética e a questão da verdade, objetos primeiros desta tese, seja um exercício que devemos fazer com o espírito de Alice – de confrontamentos, indefinições e incertezas –, dando aos nossos sentidos o prazer e a angústia de sentir. Sentir o improvável, o variado, o diferente. Sentir o novo. Sentir a mudança. Sentir o grande e o pequeno, o (ir)real e o(i)lógico, o por ali e o por aqui, o de bom gosto e o ruim. Deixar que seis horas permaneçam o dia inteiro. E ficarmos certos de que chegaremos lá, mesmo não sabendo onde é lá, nem ao menos se lá existe, como lá se chega ou quanto tempo leva.

Como fez Alice.

## PRÉ-LÚDICO<sup>2</sup>

É POSSÍVEL PENSAR, ESCREVER E VIVER SEM IDENTIDADE?

“Puxa! Puxa! Como tudo está tão estranho hoje! E ontem as coisas estavam tão normais! O que será que mudou à noite? Deixe-me ver: eu era a mesma quando acordei de manhã? Tenho a impressão de ter me sentido um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima questão é *Quem sou eu?* Ah! esta é a grande confusão!’ E Alice começou a pensar em todas as crianças que ela conhecia e que tinham a mesma idade dela, para ver se tinha se transformado em alguma delas. ‘Eu tenho certeza que não sou Ada’, ela disse, ‘porque os cabelos dela são enrolados e os meus não. E eu tenho certeza que não sou Mabel porque eu sei muitas coisas e ela, oh! ela sabe tão pouco! Além disso, ela é ela e eu sou eu e... puxa, que confuso isso tudo é! Vou tentar ver se ainda sei tudo que sabia. Deixe-me ver 4 vezes 5 são 12 e 4 vezes 6 são 13 e 4 vezes 7 são...nossa! Eu nunca vou chegar a vinte desse jeito! Entretanto a tabuada não quer dizer nada: vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, Paris é a capital de Roma, e Roma é...não, não, está tudo errado. Eu tenho certeza! Eu devo ter me transformado em Mabel! Eu vou tentar recitar ‘A abelhinha atarefada’. Ela cruzou então as mãozinhas sobre o colo como se estivesse na escola e começou a recitar a poesia, mas sua voz soava rouca e estranha e as palavras não vinham como de costume. (...) ‘Tenho certeza que estas não são as palavras corretas’, disse a pobre Alice, e seus olhos ficaram cheios d’água novamente. ‘Eu devo ser Mabel, afinal, e eu vou ter que ir e viver naquela casa tão pequena, e quase não ter brinquedos para brincar, e oh, ter sempre tantas lições para aprender! Não, não vou me convencer disso: se eu sou Mabel, eu vou ficar aqui embaixo. Não adianta eles colocarem suas cabeças para baixo e dizer, ‘venha para cima, querida’. Eu vou simplesmente olhar para cima e dizer ‘Quem sou eu? Digam-me isso primeiro e depois, se eu gostar de ser a tal pessoa, eu subirei: se não, vou ficar aqui até ser outra... mas, puxa’, e Alice começou a chorar, com uma súbita explosão de lágrimas. ‘Eu queria que eles olhassem para baixo! Eu estou tão cansada de estar aqui sozinha’.” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.2)

Qualquer trabalho que se inscreva em uma perspectiva de estudos que se aproxime mais das teorias do discurso que de qualquer teoria metafísica não pode deixar de considerar aquilo que hoje, por diversas tradições dentro e fora da lingüística, é dado como óbvio: não existe saber anterior à representação. Os questionamentos trazidos por

---

<sup>2</sup> O título desta seção foi deliciosamente roubado de Veras, 1999.

estudiosos diversos, entre os quais destaco especialmente Foucault e Bakhtin, instauram uma nova configuração do saber que, ao mesmo tempo, tem o homem como objeto a conhecer e como sujeito que conhece.

Para Foucault (2000[1966]), no pensamento clássico, o que regia o saber era sua ordem. A ruptura nessa ordem acontece entre os séculos XVIII e XIX, quando a representação das coisas não suporta mais suas temporalidades e quando o pensamento, deixando de lado o que o ordenava e colocando o tempo como limite do pensável, passa a se voltar para sua própria historicidade. Esse acontecimento radical faz emergir um ser finito, definido pela finitude das atividades que constituem sua história. É a temporalidade da história que permite perceber a contingência do sujeito histórico, que não existe senão por meio de suas condições de possibilidade também históricas; um sujeito que deve sua existência a experiências temporais e que só encontra lugar em histórias particulares, não na história compreendida como um todo. Cada tempo com seus homens e suas verdades; o sujeito é constituído na e pela tessitura discursiva e semiótica das práticas sociais.

Bakhtin (1993[1934-5]), antes mesmo de Foucault, caracterizava a existência de um sujeito situado e de uma visão do diálogo como elemento constitutivo da linguagem e da consciência ideológica. A ênfase bakhtiniana recaiu sobre a importância da linguagem como fenômeno sócio-ideológico, apreendida dialogicamente no fluxo da história. Bakhtin (1993, p.100) introduz a idéia de que a consciência do homem desperta sempre envolvida na consciência do outro:

Como resultado do trabalho de todas essas forças estratificadoras, a língua não conserva mais formas e palavras neutras ‘que não pertencem a ninguém’; ela torna-se como que esparsa, penetrada de intenções, totalmente acentuada. Para a consciência que vive nela, a língua não é um sistema abstrato de formas normativas, porém uma opinião plurilíngue concreta sobre o mundo. (...) Em essência, para a consciência individual, a linguagem, enquanto concreção sócio-ideológica viva e

enquanto opinião plurilíngüe, coloca-se nos limites de seu território e nos limites do território de outrem. A palavra da língua é palavra semi-alheia. Ela só se torna ‘própria’ quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com a sua orientação semântica e expressiva. Até o momento em que foi apropriado, o discurso não se encontra em uma língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que ele é tomado pelo falante!), ele está nos lábios de outrem, nos contextos de outrem e a serviço das intenções de outrem: e é lá que é preciso que ele seja isolado e feito próprio. Nem todos os discursos se prestam de maneira igualmente fácil a esta assimilação e a esta apropriação: muitos resistem firmemente, outros permanecem alheios, soam de maneira estranha na boca do falante que se apossou deles, não podem ser assimilados por seu contexto e escapam dele; é como se eles, fora da vontade do falante, se colocassem ‘entre aspas’. A linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada ou superpovoada de intenções de outrem. Dominá-la, submetê-la às próprias intenções e acentos é um processo difícil e complexo.

Logo, a primeira pergunta que se deve fazer na elaboração de um texto que trabalhe a partir de tais premissas é relativa à própria dinâmica da escrita e da textualidade que o constitui. Diante dos textos produzidos por nós mesmos, cabe perguntar qual é a identidade que construímos para nós e se pretendemos legitimá-la ou não. Isso implica ter clareza das convenções discursivas que utilizamos, mas, mais do que isso, implica reconhecer e resistir às convenções discursivas que acreditamos criarem para nós a imagem de autores com os quais não queremos e com os quais nos recusamos a nos identificar. Não apenas construímos nossos textos, mas somos também construídos por eles.

Se identidades são construídas discursivamente, se nada há de ontológico nelas conforme discutiremos adiante, a pergunta inicial passa mesmo a ser então relativa à própria construção da identidade da autora deste texto: Quem é ela? E como concebe a redação deste trabalho?

Desde o começo, nunca me propus a descrever ou escrever aqui algo que já estivesse pronto em algum lugar, definido para ser apreendido ou desvendado e redigido. Nossa proposta, desde o início, em consonância com Bauman (2004), foi a de *restringir-me*

*a traçar um painel de esboços imperfeitos e fragmentários, em lugar de tentar produzir uma imagem completa.* Como já antecipado na abertura, pensar este texto, redigir este texto foi, para mim, realizar um mergulho na “toca do coelho”, em um universo até então para mim desconhecido, repleto de descobertas, de descentramentos, de “maravilhas”.

Nessa direção, a redação deste trabalho me ofereceu uma série de desafios inesperados. Houve momentos em que o fascínio pelas novas descobertas era tamanho que, tomada pelo torpor e pelo assombro que me causavam, redigi narrações livres e despreocupadas, que escorreram como em textos literários. Houve momentos em que experimentei angústia ao possuir o desejo positivista de construir uma reflexão desprovida de perspectivas temporais, tradicionalmente rejeitadas nos trabalhos científicos que — marcados pelo academicismo — procuram reunir honestidade intelectual e desvinculação existencial. Em outros momentos sofri, porque a reflexão do texto me doeu. Em muitos deles, sorri. Em vários deles, chorei. Pareço tola?

O resultado dessa tensão, minha e do texto, foi a construção de um gênero discursivo *sui generis*, de limites difusos, que misturou vários outros: a construção de uma “tese”, com muitos momentos de narrativa, capaz de trazer para a discussão uma série de questões relativas à construção do *eu* de uma autora em território flexível, sem margens, de fronteiras negociáveis, que optou por privilegiar estatutos do impuro, do bastardo, do mutante, já que “esse novo princípio de inquietude radical que dá perfil ao escritor nômade questiona de modo enfático idéias unitárias, legitimáveis pela suposição da existência de culturas homogêneas, privilegiadas e contínuas” (Gumbrecht *apud* Olinto, 2002, p.259).

Assim nasceu este texto. De dissonâncias identificatórias, de identidades nos entre-espacos, como um texto nos entre-espacos. Como lembra Olinto (2002), no contexto

atual, em que se mesclam convicções epistemológicas e projetos políticos, o acento de sinal positivo é atribuído, de modo geral, a modelos que enfatizam esferas *intermezzo*, que privilegiam heterarquias e heterodoxias, mas que atendem igualmente às necessidades de construir campos conceituais de altíssima mobilidade. Será este o nosso esforço. E será com este espírito que construiremos este texto.

Fronteiras não serão demarcadas entre narrativa, tratado ou ensaio, entre teoria, política ou literatura. Defender este lugar-entre-lugares pode parecer, em muitos círculos, pouco recomendado para alguém que se propõe a escrever uma tese (do grego *thésis*, posicionamento, localização), mas são as próprias reflexões conduzidas neste trabalho que justificam o seu formato. O que faço neste texto é um convite para que você, leitor(a), faça comigo alguns percursos. Ora experimentando prazer, ora experimentado angústias. Como fez Alice?

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

### SOBRE A NATUREZA (OU A CULTURA?) DA VERDADE

“Agora eu estou esticando como o maior telescópio que nunca houve! Adeus meus pezinhos!’ Quando ela olhou para baixo, seus pés pareceram-lhe já quase fora do seu campo de visão, tão distante estavam. ‘Oh! meus pobres pezinhos, quem é que vai colocar seus sapatos e meias para vocês, queridos? Eu tenho certeza que eu não serei capaz! Eu estou muito longe para preocupar-me com vocês: vocês agora têm que se virar o melhor que puderem...mas eu preciso ser boa para eles’, pensou Alice, ‘ou eles podem não me levar para onde eu quiser! Deixe-me ver...Eu vou dar para eles um par de botinas todo Natal.’ Alice começou então a planejar consigo mesma como faria isso. ‘As botinas poderão ir pelo correio’, pensou, ‘e como vai ser engraçado, mandar presentes para seus próprios pés!’.” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap. 2)

“Alice achou a coisa toda muito absurda, mas eles pareciam tão sérios que ela não ousou rir, e, como não podia pensar em nada para dizer, simplesmente fez uma reverência e apanhou o dedal, parecendo o mais solene possível.” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.3)

Gosto muito de uma citação de Umberto Eco (1984), amplamente divulgada e conhecida no âmbito da academia e da literatura, que diz respeito à propriedade de dar títulos a textos diversos: “Um título deve confundir as idéias e não orientá-las”. Pensando no título que daria à reflexão que pretendo desenvolver aqui, foi que compreendi a adequação do comentário de Eco. Movida por um desejo inicial de “dissertar” sobre a questão da verdade, meu primeiro impulso, quase automático, foi o de intitular esta reflexão de “Sobre a natureza da verdade”. Percebi, contudo, em um segundo momento, que uma expressão aparentemente neutra e trivial, *sobre a natureza de x*, velava uma forte significação, que nada tinha de corriqueira e trivial.

Este trabalho nasceu de uma leitura inicial do texto *Para um filosofia do ato*, de Mikhail Bakhtin<sup>3</sup>, e de uma vontade, uma inquietação de fazê-lo dialogar com outros textos. Como demonstrarei adiante, no pensamento bakhtiniano, esboçam-se, claramente, duas concepções de verdade distintas: verdade como *istina* e verdade como *pravda* (Bakhtin, 1993 [1919-1921]). A primeira, ontológica, universal, pré-fixada; a segunda, temporária, provisória, sempre em construção. Bakhtin sai em defesa da segunda. A primeira concepção, a de *istina*, pode ser relacionada a um estado de verdades dadas, de verdades supostamente naturais, que ancoram os papéis sociais às tradições. Já a segunda, a de *pravda*, a uma configuração sempre em mutação de verdades nunca-definidas, de verdades singulares, construídas na cultura em movimento, por um sujeito concebido também em movimento.

Quando, por motivos diversos, me deparei novamente com a citação de Eco, percebi que a nossa necessidade, como seres humanos, de criarmos e instituímos *istinas*, que nos dêem *algum repouso, segurança e consequência*<sup>4</sup>, é tão intensa que, mesmo ao escrever um trabalho acadêmico cuja proposta era discutir (e problematizar) concepções de verdade, eu não estava “imune” a ela: eu quase havia me proposto a “dissertar” sobre “a natureza de x”.

Algumas noções e significações encontram-se de tal forma tão arraigadas em nossa cultura ou, nos termos de Bourdieu, tão *naturalizadas*, que nem as percebemos mais

---

<sup>3</sup> Gostaria de agradecer ao professor João Wanderley Geraldi pela interlocução valiosa sobre Bakhtin e pela orientação imprescindível em uma das minhas qualificações de área no doutorado, que culminou com a produção de um artigo posteriormente publicado na Revista Letras.

<sup>4</sup> “Somente esquecendo o mundo primitivo das metáforas, somente pelo congelamento e pela coagulação de uma massa original de símiles e perceptos (...) somente por essa fê invisível, que este sol, esta janela, esta mesa é uma verdade em si mesma: em suma, somente pelo fato de que o homem esquece a si mesmo como sujeito, somente por tudo isso é que ele vive com algum repouso, segurança e consequência”. (Friedrich Nietzsche, versão eletrônica do texto *Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*).

como construídas e como não naturais. É comum, por exemplo, escutarmos e/ou utilizarmos a expressão “verdade nua e crua”. Por que será que quando queremos dizer que uma verdade é indubitável e/ou absoluta, utilizamos a metáfora do nu e a metáfora do cru?

Da oposição entre o cru e o cozido, entre o nu e o vestido, deriva-se homologamente a oposição entre o mundo da natureza e o mundo da cultura. A roupa e a cozinha são as representações mais recorrentes da cultura. A habilidade de vestir-se é rotineiramente relacionada à capacidade humana de organização cultural; vestir uma roupa é um ato reflexivo inteiramente humano, amplamente utilizado como metáfora da cultura. O ato de cozinhar, por sua vez, como analisa Lévi-Strauss (1991), representa um mito da cultura, a típica transformação da natureza em cultura; o alimento cozido é aquele alimento cru que foi transformado por meios culturais. Referirmo-nos a uma “*verdade nua e crua*”, muito mais do que utilizarmos uma expressão consagrada pelo uso popular, é reiterar – mesmo sem termos consciência disso – os significados que se encontram relacionados a essa expressão.

O que me traz de volta à pergunta inicial: Por que será que ao tentarmos nos referir a uma verdade que seja indubitável, utilizamos a metáfora do nu e a metáfora do cru? Por que utilizamos metáforas ligadas à natureza sem cultura?

Talvez o que tradicionalmente estejamos habituados (condenados?) a procurar seja uma certeza de verdade que esteja fora da cultura. Acima da cultura. Que não dependa da cultura. Uma certeza de verdade, plena de garantias, todas “do lado de fora”.

Há muito já é discutido em teorias dentro e fora da lingüística que o indivíduo já não é algo que é ou que está na natureza para ser descoberto. O indivíduo é algo que para existir tem que ser constituído incessantemente como sujeito na e pela

tessitura discursiva e semiótica das práticas sociais. A essa transformação na forma de compreender o sujeito, Bakhtin relaciona uma transformação na forma de compreender a verdade, que, perdendo o seu caráter imanente e pré-fixado nas estruturas, passa a ser percebida como construída, sempre e todos os dias, na vida em-processo-de-devir pelo ser também em-processo-de-devir:

O ato realizado constitui uma passagem, *de uma vez por todas*, do interior da possibilidade como tal, para *o que ocorre uma única vez*. (...) Em sua responsabilidade, o ato coloca diante de si sua própria verdade (*pravda*) como algo-a-ser-alcançado. (Bakhtin, 1993, p.46-47)

Perceber a verdade como *pravda* implica perceber a verdade como um processo *duvidoso* que está sempre em construção e implica também, conforme discutiremos adiante, desestabilizar a própria percepção que se tem da constituição de nossas identidades sociais. Uma mudança do estatuto da verdade implica necessariamente uma mudança do estatuto do sujeito. Se a verdade não é estável, o sujeito também não pode ser.

Se o sujeito não é em si mesmo, mas tem que ser constituído, se o sujeito é em movimento, constituído por uma verdade também em movimento, deparamo-nos com uma pergunta inquietante: *Como nos tornamos o que somos?*

Em uma época de tantas mudanças no paradigma científico, mudanças que incluem descentramentos múltiplos, alguns a serem discutidos nos capítulos seguintes, de que sujeito estamos falando? De um sujeito de querer? Com vontades, agência? De um sujeito de papéis? Pré-definido, ator?

Nessa direção, repensar a constituição da verdade parece nos fornecer elementos para repensar a constituição de quem somos e de como agimos neste mundo.

Parece nos fornecer elementos para nos aproximarmos de uma teoria lingüística, que revendo as crenças axiomáticas que norteiam o rumo de sua reflexão, possa repensar uma noção de sujeito discursivo determinado, mas não completamente assujeitado? Possa repensar a existência de um sujeito ético que possa agir por livre vontade?

A questão da constituição do sujeito é inelutável não só na lingüística, mas nas ciências humanas de forma geral. Esta tese, a fim de nos fornecer elementos para repensar o próprio papel da ciência e do intelectual nessa nova configuração de saberes, se propõe a discutir, retomando a discussão realizada por Bakhtin em *Para uma filosofia do ato*, a ética e a questão da verdade, realizando percursos e diálogos vários, sob perspectivas e prismas diversos.

Nos primeiros capítulos será discutida a questão da verdade. No Capítulo 1, inicia-se a narrativa de nosso percurso, dos primeiros textos, questionamentos e contatos, que levaram à delimitação de nosso objeto de estudo desta – e apenas desta – maneira. No Capítulo 2, serão discutidas as mudanças de paradigma advindas dos estudos na área da física, à luz das contribuições de intelectuais como Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos e Ilya Prigogine, e suas possíveis implicações para a teoria do conhecimento.

No Capítulo 3, a própria existência de uma realidade única e indubitável será questionada, abrindo espaço para objeções às teorias de linguagem como representação da realidade e de verdade como correspondência. Neste contexto, como será mostrado, perdem lugar uma ciência de universais e um sujeito de ontologias essenciais, que passa a ser duramente criticado, bem como perde também espaço a existência da própria realidade como a conhecemos.

No Capítulo 4, nos aproximaremos do texto *Para uma Filosofia do Ato*

(Bakhtin, 1993 [1919-1921]) e serão rediscutidas, à luz da reflexão conduzida nos capítulos anteriores, as concepções bakhtinianas de *Istina* e *Pravda* e – o que acredito serem – suas implicações e contribuições para uma discussão ética profunda e para um debate mais amplo no campo da filosofia da ciência e da teoria do conhecimento. A partir dessa perspectiva, já no Capítulo 5, o escopo da discussão recairá sobre Žižek e Lacan pelos caminhos da ética do real e da psicanálise. A discussão central se dará em torno dos estudos que reivindicam uma autonomia incondicional do sujeito, uma aceitação de que, como seres humanos, somos responsáveis, em última análise, por nossos atos e nosso ser-no-mundo<sup>5</sup>.

À guisa de conclusão, na parte final do trabalho, a perspectiva bakhtiniana conforme discutida neste texto será revista à luz da biologia do amor (Maturana, 1998), já que a primeira apresenta as condições e exigências para o exercício do diálogo e a segunda explicita a importância de nos colocarmos sob a regência do princípio do amor se efetivamente desejamos dialogar. Será proposta assim uma discussão que acredito pode trazer contribuições para a construção de uma sociedade que possa ser efetivamente chamada democrática, uma vez que o amor implica descentramento, abertura ao outro, ou, nas palavras de Edgar Morin, “não consiste apenas em projetar a nossa verdade sobre o outro” ou percebê-lo exclusivamente segundo nossos olhos, mas consiste sim em nos deixar “contaminar” pela sua verdade (Morin, 2008).

Nossos caminhos serão oblíquos. Lançaremos mão de fragmentos, não de textos unificados por uma lógica rigorosa. Como enunciado por Baudrillard em uma

---

<sup>5</sup> "Longe da simples produção de normas ou do aperfeiçoamento / reforço do protocolo social existente, a ética do Real tende a emergir através da transgressão das normas e da descoberta de novas direções, as quais, por definição, envolvem mudanças traumáticas, ou seja, o Real num autêntico desafio ético." (Daly, 2006, pp.28-29). Voltaremos a esta discussão no Capítulo 4.

conhecida entrevista<sup>6</sup>, nesse raciocínio, *o paradoxo é mais importante que o discurso linear, já que é necessário construir um pensamento que se organize por deslocamentos, um anti-sistema paradoxal e radicalmente reflexivo que dê conta do mundo sem preconceitos e sem nostalgia da verdade.*

Em um contexto de tão radicais mudanças na episteme, pode ser que nos caiba viver hoje uma dessas etapas de mudança rápida em que tudo pode acontecer. Em um contexto como esse, nossa responsabilidade como intelectuais não poderia ser maior: devemos contribuir, de margens diversas, para a construção de pontes. O primeiro passo para fazê-lo é, desde logo, como bem aponta Cocho (2006), evitar as atitudes arrogantes e identificar as nossas limitações.

No primeiro capítulo deste trabalho, que apresentamos a seguir, iniciamos a narrativa de nosso percurso, por caminhos sempre precários, sempre sinuosos, sempre em construção. É no processo mesmo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, vislumbrando perspectivas que dificilmente apareceriam antes da textualização. *E a viagem de retorno — se é que um dia a faremos — nunca mais será uma volta, será sempre outra viagem* (Geraldi, s.d.). *E terá valido a pena pensar, mesmo que o pensado se esvaia no momento mesmo de sua emergência.* Pensemos juntos. Caminhemos.

---

<sup>6</sup> Revista Época, Edição 264, junho de 2003.

## CAPÍTULO 1

### *VERITAS E MEMORIALE: UM MEMORIAL DE VERDADE(S)*

“Ela continuou crescendo e crescendo, e logo precisou ajoelhar-se no chão. Em outro minuto não havia nem mesmo um quarto para isso, e ela tentou deitar-se com um cotovelo contra a porta e o outro braço sobre a cabeça! Alice continuava a crescer e, como último recurso, ela colocou um braço para fora da janela e um pé para dentro da chaminé, dizendo para si mesma ‘Agora eu não posso fazer mais nada, o que quer que seja que aconteça. O que vai ser de mim?’ Felizmente para Alice, a pequena garrafa mágica já fizera todo seu efeito, e ela não cresceu mais: ainda era bem desconfortável e parecia não haver nenhum tipo de chance de ela sair do quarto novamente.” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.4)

“‘Era bem melhor em casa’, pensou a pobre Alice, ‘ninguém fica crescendo e diminuindo, e recebendo ordens de ratos e coelhos. Eu quase desejo não ter entrado na toca do coelho... mas, mas, é tão curioso, sabe, esse tipo de vida! Eu queria saber o que pode ter acontecido comigo. Quando eu lia contos de fada, ficava imaginando que esse tipo de coisas nunca acontece e agora estou aqui no meio de um! Deveria haver um livro escrito sobre mim, deveria sim! E quando eu crescer, eu vou escrever um... mas...eu já cresci...’, ela continuou com uma vozinha triste.” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.4)

Rotineiramente, a questão da verdade sempre me inquietou. Desde as primeiras leituras literárias, de Clarice Lispector a Manuel de Barros, aqui e acolá, eu via sendo questionados os meus paradigmas de verdade tais como eles eram. Sempre fui uma apaixonada pelos famosos romances de introspecção. Mesmo antes de tomar contato com a infinidade de leituras da academia em que vazavam deslocamentos pós-modernos, através da literatura, com dezesseis, dezessete anos, eu já conseguia produzir, em mim, os meus próprios deslocamentos. Em âmbitos de não teoria.

Com dezessete anos, ingressei no curso de letras. Fui fazer letras, porque era apaixonada por teatro e literatura e minha mãe havia me proibido de cursar artes cênicas. Eu vinha de uma família pobre e morava na periferia: “ia viver do quê?”. Na faculdade, em disciplinas aqui e ali, e em leituras que sozinha, aos pouquinhos, em referências de referências, fui descobrindo, comecei a vislumbrar um mundo que ainda não conhecia. Nietzsche, Foucault, Freud, Bakhtin, Wittgenstein. Eu lia muito, mas não entendia quase nada. A impressão remota que eu tinha era a de que Clarice havia lido todos eles.

Por volta do terceiro semestre, durante a iniciação científica, descobri as leituras feministas. Lembro-me com clareza de como fiquei chata naquela ocasião. A sensação de poder vinha como que de presente da sensação de parecer e pretender ser a dona de uma verdade incontestável. Se eu estivesse em pé no ônibus (durante a viagem de volta para casa, por exemplo), coitado do mocinho que, possivelmente tentando ser gentil para iniciar uma conversa, se oferecesse para me ceder o seu lugar. Ora, será que ele não sabia que existe uma estrutura patriarcal na nossa sociedade que configura relações hierárquicas entre homens e mulheres? O que ele estava pensando? Será que pensava que eu era frágil e incapaz de fazer em pé, no ônibus, todo o meu caminho de volta para casa?

Passada a fase do surto inicial (que para o desalento dos mocinhos do ônibus durou relativamente um bom tempo), o que ficou foi a noção clara de que nada parecia ser natural, mas naturalizado e construído. O mundo, eu começava a perceber, era uma inextricável rede de relações de poder. As certezas que ancoravam minha identidade em alguma coisa fixa e imutável, ao menos na minha ilusão, foram sendo aos poucos desconstruídas.

Com vinte anos, ingressei no mestrado. Trabalhava em um curso de

alfabetização da periferia já há algum tempo (agradeço imensamente a orientação e a paciência da professora Izabel Magalhães durante todo esse processo) e decidi que queria muito fazer um trabalho de formação com os professores. Mais uma vez, movida por uma espécie de *vontade de verdade*<sup>7</sup> estabilizadora por definição, lá estava eu. Se as relações de poder funcionam por meio da linguagem, o que eu propunha era trabalhar, equipando professores e alunos com conhecimentos e habilidades práticas que pudessem capacitá-los a romper com as naturalizações e a optar pela adoção de determinadas práticas lingüísticas. Montei diversos programas de curso a partir dessa proposta, ofereci os cursos e iniciei paralelamente a coleta de dados. Contudo, durante o processo de pesquisa, muitos problemas começaram a acontecer, quando me percebi tão falha e tão fragmentada quanto os professores que faziam os cursos comigo. Como é que eu podia pensar que construía a consciência crítica daquele grupo em que muitas pessoas há tantos anos militavam no movimento popular?

Minha postura, eu ia descobrindo aos poucos, era muito mais teórica que prática. Será que não estava pressupondo que um dia, magicamente, encontraria a metodologia perfeita que livraria os professores de todas as falhas e contradições? Será que eu não estava pressupondo que eu mesma, de minha posição soberana, estava livre dessas contradições?

Descobri nessa época que os pesquisadores também eram sujeitos em movimento. A constituição das identidades se dava em um processo agonístico e conflituoso, e a minha também se dava. A percepção da precariedade dos “meus”

---

<sup>7</sup> “O discurso verdadeiro (...) não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la.” (Foucault, 1996, p.20).

patamares (teóricos ou não) de compreensão e de leitura do mundo começou a acontecer nessa época.

O livro *O Nome da rosa*, de Umberto Eco, li mais ou menos nesse mesmo período de tempo. Caso não estivesse já me apropriando da discussão pós-moderna de Giddens (1991) a respeito de *risco e fortuna*<sup>8</sup>, talvez tivesse teimado em acreditar que essa “coincidência singular” era constituída como que por “um golpe do destino”.

Apesar de na época não ter me interessado muito em compreender a crítica histórica e a análise semiótica que o livro realiza, fiquei apaixonada pela forma com que o enredo era construído. Parecia claro para mim que duas posturas bem diferentes eram apresentadas no livro: a de *Adso de Melk* e a de *Guilherme de Baskerville*<sup>9</sup>. A despeito da caracterização da obra e de análises de conteúdo que possivelmente poderiam ser feitas aqui, aos propósitos deste trabalho, basta dizer que, nessa ocasião da leitura do livro, durante a realização da minha pesquisa de campo no mestrado, eu me identificava profundamente com Adso. Adso é aprendiz de Guilherme; o discípulo quase tolo, que acompanhava as deduções brilhantes do frei ao tentar desvendar os mistérios dos crimes da Abadia. Em determinado momento da estória, diz Guilherme:

---

<sup>8</sup> A noção do risco instaurada com a modernidade substitui em grande parte o que era antes pensado como fortuna. Ela se origina na compreensão de que “resultados inesperados podem ser uma consequência de nossas próprias atividades ou decisões”, e não meramente de “significados ocultos da natureza ou intenções inefáveis da Deidade” (Giddens, 1991, p.38).

<sup>9</sup> “A história passa-se em finais de Novembro de 1327 numa abadia beneditina no Norte de Itália, para a qual se dirigem um franciscano inglês, Guilherme de Baskerville, e o seu noviço beneditino alemão, Adso de Melk. Guilherme é ali enviado por Luís IV da Baviera (m. 1347) para encetar negociações entre o Papa João XXII (m. 1334) e um grupo de franciscanos críticos do Papa e da Igreja Católica por causa da atitude tolerante da Igreja para com as riquezas e da forma como negligencia a prática da pobreza pregada por Cristo. Quando Guilherme chega, depara com uma situação de emergência: um monge foi encontrado morto e em breve descobrem outros mortos, não se sabe se assassinados. Pedem-lhe que resolva os mistérios, antes de o grupo do Papa chegar, visto que faz parte dele um inquisidor, Bernardo Gui. Então, Guilherme dedica-se a investigar os mistérios do edifício (o edifício principal da abadia) e da gigantesca biblioteca construída como um labirinto à maneira de Piranesi, com as obrigatórias passagens secretas, alçapões e recessos obscuros e imperscrutáveis” (Bondanella, 1998).

Até o fim não ficarás nunca sabendo quais predicados introduzir no teu raciocínio e quais deixar de fora. E assim faço eu agora. Alinho muitos elementos desconexos e imagino as hipóteses. Mas preciso imaginar muitas delas, e numerosas delas tão absurdas que me envergonharia de contá-las. (...) E então, para não parecer tolo mais tarde, renuncio a ser astuto agora. Deixa-me pensar mais, até amanhã, pelo menos. (Eco, 1983, p.350)

Guilherme de Baskerville é um homem que recusa as certezas. Isso, em uma perspectiva ampla, implica não só negar a existência dos universais e das essências, como também o valor de qualquer conhecimento teórico racional que seja incontestável. A respeito da proposição de Guilherme, reflete Adso de Melk:

Entendi naquele momento qual era o modo de raciocinar do meu mestre, e pareceu-me demasiado diferente daquele do filósofo que raciocina sobre os princípios primeiros, tanto que o seu intelecto assume quase os modos do intelecto divino. Compreendi que, quando não tem uma resposta, Guilherme se propunha muitas delas e muito diferentes entre si. Fiquei perplexo.

‘Mas então’, ousei perguntar, ‘estais ainda longe da solução...’

‘Estou pertíssimo’, disse Guilherme, ‘mas não sei de qual’.

‘Então não tendes uma única resposta para vossas perguntas?’

‘Adso, se a tivesse ensinaria teologia em Paris’.

‘Em Paris eles têm sempre a resposta verdadeira?’

‘Nunca’, disse Guilherme, ‘mas são muito seguros de seus erros.’

‘E vós’, disse eu com impertinência infantil, ‘nunca cometeis erros?’

‘Frequentemente’, respondeu. ‘Mas ao invés de conceber um único erro imagino muitos, assim não me torno escravo de nenhum’.

Tive a impressão de que Guilherme não estava realmente interessado na verdade, que outra coisa não é senão a adequação entre a coisa e o intelecto. Ele, ao contrário, divertia-se imaginando a maior quantidade possível de possíveis.

Naquele momento, confesso, duvidei de meu mestre e surpreendi-me pensando: ‘Ainda bem que chegou a inquisição’. Partilhei da sede de verdade que animava Bernardo Gui.

E com essas culpáveis disposições de espírito, mais perturbado que Judas na noite de quinta-feira santa, entrei com Guilherme no refeitório para cear. (Eco, 1983, p.350-351)

Para Guilherme, ter certeza de algo que se julga verdade é tornar-se escravo de um erro. Durante a realização da minha pesquisa no mestrado, por mais consciência que eu tomasse da transitoriedade das verdades e da precariedade dos meus patamares interpretativos, eu tinha *sede de verdade*, tinha *vontade de verdade* como Adso.

Como Adso, eu ansiava para que a inquisição chegasse e limitasse a quantidade possível de possíveis que, ao contrário da sensação de liberdade que eu imaginava que deveria proporcionar, mais era desestabilizadora que qualquer outra coisa.

Exatamente um ano após a defesa da minha dissertação e após o apagamento temporário das crises epistemológicas e existenciais que eu vivi durante o processo de pesquisa, eu fazia minha matrícula no curso de doutorado na Unicamp. Talvez se a minha mãe imaginasse como eu *sofreria* com as discussões acadêmicas que se seguiriam, tivesse optado por me incentivar a fazer graduação em artes cênicas.

Quando cheguei a Campinas, compreendi que a vida era mesmo um palco, com a diferença de que os personagens/atores da peça da vida não tinham um álibi para suas falas, escolhas, ações e predileções. E eu também não tinha. Mais ou menos nessa época, descobri Derrida, Vattimo, redescobri Bakhtin.

*Para uma filosofia do ato*, de Bakhtin, texto escrito no início da década de 1920 e publicado mais de sessenta anos depois, eu conheci durante o curso de Tópicos em Lingüística V, uma das disciplinas cursadas durante a realização do doutorado em Lingüística. Nesse texto, diferente dos outros que do mesmo autor eu conhecia, vi se delinear a presença de um Bakhtin fundamentalmente filosófico, que esboçava um projeto de filosofia moral que fosse capaz de suplantar o que chamava de cisão “irreparável” entre o mundo da cultura (o mundo dos sentidos, dos atos interpretados, dos conteúdos, no qual os atos de nossa atividade são objetivados) e o mundo da vida concreta (o mundo da experiência vivida, no qual nós realmente criamos, conhecemos, contemplamos, vivemos nossas vidas e morremos). Um projeto de filosofia moral que, para o autor, deveria ser capaz não só de descrever a abstração dos atos, mas também o mundo no qual os atos se

tornam responsabilmente conscientes de si e são realmente desempenhados:

Um ato de nossa atividade, de nossa real experiência, é como um Jano bifronte. Ele olha em duas direções opostas: ele olha para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a unicidade irrepitível da vida realmente vivida e experimentada. Mas não há um plano unitário e único onde ambas as faces poderiam mutuamente se determinar com relação a uma única e singular unidade. (...) Um ato deve adquirir um plano unitário singular para ser capaz de refletir-se em ambas as direções — no seu sentido ou significado e em seu ser; ele deve adquirir a unidade de dupla responsabilidade — tanto pelo seu conteúdo (responsabilidade especial) como pelo seu ser (responsabilidade moral). (Bakhtin, 1993 [1919-1921], p.20)

Para Bakhtin, o resultado último da separação entre o conteúdo de um ato e a sua realização-experimentação única é que nós nos encontramos divididos entre dois mundos impenetráveis: *o mundo da cultura, no qual os atos de nossa atividade são objetivados, e o mundo da vida, no qual os atos de nossa atividade são realizados uma vez e uma única vez.*

O Ato, para Bakhtin, é como um Jano Bifronte<sup>10</sup>: olha nesses dois sentidos opostos, o da unidade objetiva do domínio cultural e o da singularidade irrepitível da experiência. Ambas as faces, segundo o autor, só se definem em relação a uma unidade singular no evento único do ser realizável: tudo o que é teórico ou estético deve ser determinado como um momento constituinte do evento único do Ser.

*Para a filosofia do ato* nasceu exatamente como uma tentativa de realizar uma introdução a um tratado de Filosofia Moral que tentasse superar esse abismo entre os dois mundos. A ligação entre eles, para Bakhtin, se dá pela responsabilidade/responsabilidade ética, o que implica que o meu ato de cognição deve ao mesmo tempo ser

---

<sup>10</sup> Deus das portas na mitologia romana; vê "sempre o passado e o futuro diante de seus olhos, motivo pelo qual é representado com duas caras, voltadas em sentidos opostos" (Veras, 1999, p.13) .

também a minha ação, com toda a *responsabilidade*<sup>11</sup> concreta proveniente dos meus gestos e da minha vida.

Com a conclusão dessa disciplina no curso de Doutorado, voltei a Brasília, minha cidade natal, para tratar de questões de família. Meu pai, extremamente doente, necessitava de uma internação e nesta vida, para a qual — também em termos bakhtinianos como discutiremos adiante — não há *qualquer álibi para a existência*, eu também teria que tomar decisões. Responsivas, responsáveis. Não foi necessário trancar o curso de doutorado como imaginei a princípio. Contei com o apoio de diversos amigos e com o apoio de um orientador sempre compreensivo, sempre presente.

Alguns meses depois do meu retorno a Brasília, fui tragicamente surpreendida com um evento único do mundo da vida. O assassinato brutal de Fábio, meu irmão apenas um ano mais velho. Compreendi em carne viva a cisão da eventicidade do ser a que se referia Bakhtin. A dor da experiência vivida, a dor proveniente dos atos (inclusive o de pensar) realizados no mundo da vida, a dor que o mundo da cultura, dos sentidos, dos atos interpretados, dos conteúdos não era capaz de mensurar.

Senti por muito tempo uma revolta absurda. Revolta causada pela indignação proveniente das falhas de um sistema de segurança pública que, apesar da denúncia instantânea do seqüestro, levou horas até encontrar em óbito o meu irmão e sua amiga, junto com ele assassinada. Para mim, nesta ocasião e durante, pelo menos, três dúzias de meses depois, qualquer explicação não interessava. Os debates sobre pós-modernidade da academia me pareciam grandes desculpas para que se pudesse abrir mão da

---

<sup>11</sup> Adail Sobral (2005, p.20) tem defendido o uso do termo *responsabilidade* a *respondibilidade*: “Trata-se de um neologismo em língua portuguesa que proponho com o objetivo de traduzir o termo russo, não neológico, *otvetstvennost*, que une responsabilidade, o responder *pelos* próprios atos, a responsividade, o responder *a* alguém ou a alguma coisa. O objetivo é designar por meio de uma só palavra tanto o aspecto responsivo como o da assunção de responsabilidade do agente pelo seu ato, um responder responsável que envolve necessariamente um compromisso ético do agente”. (Grifos no original.)

própria responsabilidade que temos, que possuímos e que muitas vezes não reivindicamos de sermos agentes em nossas próprias decisões éticas<sup>12</sup>. Abandonei simbolicamente o doutorado nesta época. A “ética indolor” tão intensamente proclamada e difundida em alguns círculos na academia (Cf. Lipovetsky, 2005) e que como bem lembra Bauman (1997, p.6) chegou-se a associar com a celebração da morte do ético, a mim passou a incomodar profundamente.

Incomodava a proclamação da existência de uma sociedade pós-moralista – uma sociedade que repudia a retórica do dever austero, integral, maniqueísta, e que, paralelamente, exalta os direitos individuais à autonomia, ao desejo e à felicidade (Lipovetsky, 1992, p.17). Incomodava a proclamação da existência de uma sociedade pós-moralista que enseja a proclamação da construção de uma ética do pós-dever:

Pela primeira vez, eis uma sociedade que, longe de exaltar os mandamentos superiores, os eufemiza e os desacredita, desvaloriza o ideal de abnegação estimulando sistematicamente os desejos imediatos, a paixão do ego, a felicidade intimista e materialista.

A proclamação de uma nova era, “a era do vazio”, uma era que relata uma sociedade que, em suas camadas mais profundas, deixou de estar baseada nas exortações ao cumprimento integral dos preceitos, e que só procura acreditar nas normas indolores da existência ética. Eis a razão segundo a qual, para Lipovetsky, a atual concepção de ética não exige nenhum sacrifício maior, nenhuma renúncia a si mesmo. No mundo de Lipovetsky, vivemos uma

---

<sup>12</sup> Descobri algum tempo depois que compartilhava da sensação de Jean Baudrillard para quem a própria noção de pós-modernidade não passava de *uma forma irresponsável de abordagem pseudocientífica dos fenômenos*:

Trata-se de um sistema de interpretações a partir de uma palavra com crédito ilimitado, que pode ser aplicada a qualquer coisa. Seria piada chamá-la de conceito teórico. (Trechos da entrevista concedida à Revista Época, em junho de 2003.)

era de pós-dever em que qualquer tentativa de fundamentar a moral estaria fadada ao insucesso, uma época à margem do dever em que toda e qualquer vontade moral se desintegraria<sup>13</sup>.

Essa perspectiva não me parecia adequada. Parecia-me mais que equivocado perceber que o modelo de compreensão do mundo no qual eu estava inserida em larga medida, nas entrelinhas, me dizia que uma sociedade democrática – que envolve uma postura reflexiva no mundo no qual se vive e para a qual são necessários a aceitação e o respeito não só de si, mas do outro – não poderia ser efetivamente construída.

Ao delinear um contexto em que a ética não tem espaço e é denegrida e escarnecida, tanto Lipovetsky como outros teóricos pós-modernos cometem o erro crasso de representar o tópico da investigação como um recurso investigativo (tomando o que se deve explicar como o que explica), pois *descrever comportamento prevalente não significa fazer afirmação moral* (Bauman, *idem: ibidem*):

Se acontece que os sociólogos fazem parte da corrente crítica do pensamento social, sua tarefa também não parará nesse ponto. **Recusar-se-iam a aceitar que algo está certo simplesmente por existir, e também não tomariam por concedido que o que os humanos fazem não é nada mais do que o que eles pensam que estão fazendo ou como narram o que fizeram.** [Sem grifos no original.]

Foi mais ou menos nesta época que, após ter ponderado por diversas vezes abandonar definitivamente o doutorado, mudei meu projeto de tese. Mudei por perceber que controvérsias diversas envolvendo o pós-modernismo (Cf. Bauman, 1999; Vattimo,

---

<sup>13</sup> Nessa direção, gostaria de destacar a poética intervenção de José Luís Pardo (2001, pp.221-222):

É ruim, sem dúvida, querer apoiar a defesa do lugar na natureza – mal por falso e por moralmente atroz –, mas não é melhor sustentá-la no Espírito, quando isso significa que *nada há* que justifique uma interpretação do lugar da outra – a não ser, equilíbrios de poder –, *nada há* que legitime uma ficção e desqualifique a outra. Se todas as culturas valem o mesmo, nenhuma vale nada; se todos os lugares são sagrados, nenhum o é; e, se todas as ficções são verdadeiras, sua resistência só pode apoiar-se, efetivamente, dada sua indigência, na violência, uma violência tão cega, injustificada e vazia de propósito como a que se atribui aos agentes do ‘Niilismo S.A.’.

1996) podem estar atraindo mais atenção que outras questões pungentes e urgentes que envolvem o seu potencial ético e político e as suas implicações para situações de vida concretas. Foi essa necessidade de “tradução” da ética pós-moderna para o “real” da experiência vivida que, em última instância, motivaram este estudo.<sup>14</sup>

A dor que eu sentia era real. Não importavam os descentramentos da teoria. E, como Bauman, eu percebia que os grandes temas da ética não devem perder a sua força, apenas precisam ser revistos e tratados dentro de um novo *horizonte de possibilidades* (Cf. Capítulo 4). Um horizonte onde haja, sem dúvida, uma desconstrução de uma estrutura ética fixa, mas em que haja também o compromisso histórico com a construção de uma sociedade melhor, mais digna e justa. Uma sociedade que possa representar uma alvorada para a ética e o não o seu entardecer.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Nessa direção, cabe destacar a discussão de Rita Segato que examina diversos aspectos e alternativas de saída da tensão entre o relativismo da antropologia e o universalismo dos direitos humanos. A autora propõe que seus movimentos de expansão originam-se no "desejo ético" de uma "ética da insatisfação", *que, no deslocamento antropológico para a perspectiva do outro, pode se nutrir*. Chega, por essa via, à fundamentação teórica de uma antropologia engajada e de um momento disciplinar já não definido meramente como o estudo dos outros ou do espelhamento reflexivo do mundo do antropólogo neles, mas de uma prática disciplinar renovada por uma "disponibilidade" para os outros e exposta deliberadamente à sua interpelação e à sua demanda. Voltaremos a esta questão nos capítulos seguintes.

<sup>15</sup> Dentro desta compreensão, é preciso enfatizar que a sociedade pode ser melhorada. Como nos tempos pré-modernos, também na atualidade, lamentavelmente é possível conviver com visões diárias de fome, falta de teto, vidas sem futuro e dignidade e, ao mesmo tempo, viver feliz, gozar o dia e dormir tranquilamente à noite (Bauman, 1999, p. 272):

Que as coisas vão mal não é novidade; para um grande número de pessoas as coisas costumavam ir mal nos tempos melhores. O que realmente é novidade é que as coisas que vão mal para algumas pessoas raramente preocupam aqueles para quem as coisas vão bem. **Estes aceitaram e declararam que pouco podem fazer para melhorar a sina dos outros. E até conseguiram se convencer de que, uma vez que a engenharia social se revelou essencialmente podre, o que quer que decidam fazer só pode piorar as coisas ainda mais. A promessa não foi apenas quebrada. Foi retirada.** (Sem grifos no original)

O que está a se exigir é mais compromisso político e mais eficácia política na ação individual e social. Entretanto, não basta uma reformulação na política, há necessidade de uma mudança de mentalidade que passa sim por uma discussão ética:

Creio que em nenhum outro momento a sociologia foi tão necessária quanto hoje, embora os tipos de serviços que foi preparada para oferecer na fase "sólida" da modernidade não sejam mais muito

Lembrei-me da perspectiva bakhtiniana. O mundo da vida, apesar do da cultura, existia. Para Bakhtin, quando se enuncia "eu sinto dor", abstrai-se objetivamente o sentimento por meio da linguagem, atividade semi-estruturada da experiência vivida, pertencente ao mundo da cultura. Mas, no mundo da vida, o sentimento da dor é uma experiência vivida impenetrável, pois ninguém pode sofrer em lugar do outro: o sentimento é único, singular e irrepetível para cada pessoa.

Cada vez mais, cindida eu mesma entre as discussões e apreensões do mundo da cultura que me fascinavam e as punções e latências do mundo da vida que me impulsionavam, eu construía um novo objeto para a tese e uma nova perspectiva para a minha própria vida.

Lembrei-me da defesa bakhtiniana de construção de um comportamento *ético* que, *assumindo a diferença, mantém a transcendência humana não como criação mas como processo, sempre inacabado*<sup>16</sup>. Senti vontade de fazer dialogar com Bakhtin outras leituras. Convidei Žižek, Bauman, Baudrillard, Nietzsche, Foucault, Maturana e mais alguns autores, que para a discussão trouxeram contribuições diversas. Contribuições que discutiremos adiante.

---

solicitados (alguns sociólogos americanos, por exemplo, temem "perder o contato com a agenda pública"). Em nossa época, diversas "funções públicas" foram abandonadas pelas instituições públicas e "terceirizadas" para iniciativas de mercado ou "subsidiarizadas" para a "política de vida" individual. Como afirmou Ulrich Beck, hoje espera-se que os indivíduos construam individualmente, usando recursos individuais, soluções individuais para problemas comuns e produzidos socialmente. Diante dessa tarefa, todos precisamos ter conhecimento confiável sobre os modos como os "fatos da vida" são produzidos e nos confrontam como realidade imutável. Essas fontes e raízes não podem ser apreendidas dentro da experiência individual e permaneceriam invisíveis sem a ajuda da sociologia. (Entrevista com Zygmunt Bauman, publicada no *Caderno Mais*. Folha de São Paulo, 11 de março de 2007.)

<sup>16</sup> Geraldi, João Wanderley. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética através da estética. Fotocópia, sem data.

Qual o limite entre os verdadeiros? Qual o limite do real? Em um contexto de verdades diversas e teorias diversas, em um contexto em que a existência de instâncias desprovidas de representação são cada vez mais questionadas, qual o lugar de uma teoria que reserva espaço para momentos de impenetráveis? Qual o limite entre a cisão de princípios entre o conteúdo semântico de um ato-atividade e a realidade histórica de sua existência (vivência real)? E, neste contexto, qual o espaço da moralidade? Qual o espaço da ética? Estariam ambas com os dias contados?

Minhas questões eram várias e meus questionamentos apontavam em direções diversas. Muito deste quadro não se alterou durante a realização deste trabalho. Tive vontade de abandoná-lo por diversas vezes e, por muitos meses, fiz isso. Esta tese, apesar de endereçar e discutir muitas das questões que apresentei no parágrafo anterior, nunca teve o objetivo ou a pretensão de respondê-las. Pois, como Bauman, compreendo que "é precisamente a inconclusividade endêmica do esforço que torna possível e inelutável a vida de contínua inquietação e efetivamente impossibilita que o esforço venha jamais a cessar" (1999, p.17).

Mais do que prover respostas definitivas, me interessa aqui realizar uma reflexão que mantenha a *complexa e contínua perturbação das perguntas fundamentais* que devem nos acompanhar sempre como “*senal de uma capacidade, essa sim, comum a todos os seres humanos: a capacidade que mantém viva a pergunta precisamente porque, sabendo que não há resposta, obriga-nos a continuar perguntando*” (Ibañez *apud* Geraldi<sup>17</sup>, sem grifos no original).

---

<sup>17</sup> Cf. Nota 12.

Entre a empolgação, a crise e o descentramento absoluto, foi que nasceu este texto que escrevo agora, já não mais como tentativa de “dissertar” sobre a *natureza* da linguagem e de “quaisquer verdades”, *istinas* ou *pravdas*, mas de narrá-las a partir da minha perspectiva, responsiva e responsável, mas sempre minha perspectiva. Porque se há uma diferença entre essas perspectivas de verdade (e existem muitas), talvez a principal esteja no fato de que a segunda admite, reconhece e só existe pela precariedade de sua própria compreensão:

O que é, portanto, a verdade? Uma multidão móvel de metáforas, de metonímias, de antropomorfismos, em resumo, uma soma de relações humanas que foram poeticamente e retoricamente alçadas, transpostas, ornadas, e que, depois de um longo uso, parecem a um povo firmes, canônicas e constrangedoras: as verdades são ilusões que nós esquecemos que o são, metáforas que foram usadas e que perderam sua força sensível (*die abgenutzt und sinnlich kraftlos geworden sind*), peças de moeda que perderam o seu cunho (*Bild*) e que são consideradas a partir de então não já como peças de moeda mas como metal (Nietzsche *apud* Derrida, 1991).

Talvez como Guilherme de Baskerville, o personagem de Eco que mencionamos há algumas páginas, tenhamos que renunciar a ser astutos agora, para não parecer tolos mais tarde. Então *deixa-me pensar mais, até amanhã, pelo menos*.

Encararei este trabalho como uma *tentativa de “fazer rir a verdade”* (Eco, 1983, p.552), não as verdades dos livros, mas as minhas próprias, *“porque a única verdade é aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade”* (Eco, 1983, p.552). Espero me divertir um pouco com isso. Continuemos.

## CAPÍTULO 2

### VERDADES COMO PROBABILIDADES: CIÊNCIA MODERNA, FÍSICA QUÂNTICA E A MUDANÇA DE PARADIGMA

“‘A primeira coisa que eu tenho que fazer’, disse Alice para si mesma, enquanto vagueava pela floresta, ‘é voltar até meu tamanho normal outra vez, e a segunda coisa é encontrar o caminho para aquele jardim adorável. Acho que este é o melhor plano.’ Soava como um excelente plano, sem dúvida, bem arrumado e arranjado com simplicidade: a única dificuldade era que ela não tinha a menor idéia de como fazer isso, e enquanto Alice espreitava ansiosamente por entre as árvores, um pequeno latido agudo sobre sua cabeça a fez olhar para cima com um sobressalto.”  
(Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.4)

“‘A Lagarta e Alice olharam-se uma para outra por algum tempo em silêncio: por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca, e dirigiu-se à menina com uma voz lânguida, sonolenta. ‘Quem é você?’, perguntou a Lagarta. Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente: ‘Eu – eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento – pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então. ‘O que você quer dizer com isso?’, perguntou a Lagarta severamente. ‘Explique-se!’ ‘Eu não posso explicar-me, eu receio, Senhora’, respondeu Alice, ‘porque eu não sou eu mesma, vê?’ ‘Eu não vejo’, retomou a Lagarta. ‘Eu receio que não posso colocar isso mais claramente’, Alice replicou bem polidamente, ‘porque eu mesma não consigo entender, para começo de conversa, e ter tantos tamanhos diferentes em um dia é muito confuso.’ ‘Não é’, discordou a Lagarta. ‘Bem, talvez você não ache isso ainda’, Alice afirmou, ‘mas quando você transformar se em uma crisálida – você irá algum dia, sabe – e então depois disso em uma borboleta, eu acredito que você irá sentir-se um pouco estranha, não irá?’ ‘Nem um pouco’, disse a Lagarta. ‘Bem, talvez seus sentimentos possam ser diferentes’, finalizou Alice, ‘tudo o que eu sei é: é muito estranho para mim.’ ‘Você!’, disse a Lagarta desdenhosamente. ‘Quem é você?’ O que as trouxe novamente para o início da conversação. Alice sentia-se um pouco irritada com a Lagarta fazendo tão pequenas observações e, empertigando-se, disse bem gravemente: ‘Eu acho que você deveria me dizer quem você é primeiro.’ ‘Por quê?’, perguntou a Lagarta. Aqui estava outra questão enigmática, e, como Alice não conseguia pensar nenhuma boa razão, e a Lagarta parecia estar muito chateada, a menina despediu-se.” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.5)

No capítulo anterior, iniciamos uma narrativa do percurso e uma apresentação dos questionamentos que levaram à delimitação do objeto de estudo deste trabalho. Como antecipado anteriormente, em um momento de crise epistemológica em que o sujeito e as verdades são desconstruídos, em que se estabelece um vazio ético e em que se considera o saber científico uma espécie de discurso, a própria ciência passa a ser colocada sob suspeita:

Hoje, perdidas as nossas inocências (...), eis nos às voltas com a busca permanente da verdade que não preexiste à sua própria construção, já que resulta das mutáveis compreensões elaboradas e articuladas diferentemente nos tempos e nos espaços. Terreno movediço, aquele dos significados, cuja validade ou rigor, ao contrário do que imaginávamos, *somente se calcula no horizonte próprio da teoria em que foram construídos, sem qualquer outra garantia senão aquela fornecida pelo mundo das teorias e de seus diálogos, harmônicos ou conflituosos*. (Geraldi, 2004, sem grifos no original)

A posição da pós-modernidade, representada por Lyotard (2003), considera que o saber não é a ciência, sobretudo em sua forma contemporânea. A ciência bem longe de poder ocultar o problema da sua legitimidade, “não pode deixar de o pôr em toda a sua amplitude, *que não é menos sociopolítica do que epistemológica*” (*op. cit.*, p.46, sem grifos no original). A evaporação da *grand narrative*<sup>18</sup> – condição da pós-modernidade – enseja uma pluralidade de reivindicações heterogêneas de saberes, na qual a ciência não tem um lugar privilegiado.

Nas seções seguintes, realizaremos um passeio pelos universos da ciência moderna e da física quântica, com vistas a caracterizar uma discussão sobre a crise atual do

---

<sup>18</sup> “O ‘enredo dominante por meio do qual somos inseridos na história como tendo um passado definitivo e um futuro predizível.” (Giddens, 1991, p.12).

paradigma científico dominante, norteadora dos descentramentos que orientarão o debate nos capítulos posteriores.

## **O surgimento da Ciência Moderna**

O que hoje conhecemos por Ciência Moderna corresponde a um modelo de inteligibilidade do real que teve seu início, nos séculos XVI e XVII, com a revolução de Copérnico, Galileu, Newton, Descartes e outros cientistas, e que fez ruir uma visão de mundo e de conhecimento medieval fundamentada em dogmas a serem aceitos como verdades incontestáveis.

A ciência, como hoje é concebida, foi construída progressivamente, mas é propriamente a partir do século XIX que se pode falar de uma nova racionalidade científica, dada em função de um método rigoroso, desvinculado de subjetividade ou valor e definido por leis empiricamente testáveis, sujeitas a comprovação e refutação. Segundo o sociólogo Boaventura de Sousa Santos<sup>19</sup>, essa nova racionalidade científica, por compor um modelo global, compõe “também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas” (idem: ibidem, p.3). Em outros termos, a ciência moderna instaura-se como único conhecimento verdadeiro e institui-se como saber absoluto frente aos outros tipos de saberes. O positivismo lógico implica o apogeu do processo de absolutização da ciência, isto é, de uma concepção de ciência que vê a si mesma como aparelho privilegiado da representação do mundo.

---

<sup>19</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. Versão eletrônica disponível no endereço: <http://docentes.puc-campinas.edu.br/ceatec/davidb/abertura/METODOLOGIA/DiscursoCiencias.pdf> . Acesso em 12 de julho de 2007.

Dessa configuração, resultou o paradigma científico dominante na idade moderna, pautado pela busca de um conhecimento objetivo, universal e racionalista, orientado por **três princípios explicativos gerais** (Cocho *et al.*, 2006): *o princípio materialista* (existe um mundo que independe da percepção humana, um universo com qualidades essenciais que pode se reduzir à matéria); *o princípio mecanicista* (forças atuam sobre os corpos e produzem movimento, o espaço e o tempo são absolutos); *o princípio determinista* (todo o universo está determinado, na medida em que o mecanicismo não pode desobedecer às leis que o regem). Resultou o modelo de racionalidade que fundamenta a ciência moderna e que se inicia pela investigação do conhecimento da natureza, portanto, das Ciências Naturais e, primeiramente, da física, cuja ferramenta, linguagem e método é primordialmente a matemática:

As idéias que presidem à observação e à experimentação são as idéias claras e simples a partir das quais se pode ascender a um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza. Essas idéias são as idéias matemáticas. A matemática fornece à ciência moderna, não só o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica da investigação, como ainda o modelo de representação da própria estrutura da matéria.<sup>20</sup>

Destacam Cocho *et al.* (2006, p.193) que o racionalismo se dedicou a “postular normas para tudo, desde a arte à vida íntima das pessoas” e que o seu potencial libertador contribuiu “para desgastar a autoridade da Igreja e da Monarquia”, fazendo surgir, nesse contexto, “*uma nova casta sacerdotal, a dos cientistas*” (sem grifos no original).

A modernidade, nessa direção, é uma época marcada basicamente pela vontade e pela busca da ordem; uma época em que a ciência se esforça para eliminar tudo o que não pode ser ou não é precisamente definido. Nos termos de Bauman (1999), instaurar

---

<sup>20</sup> Cf. Nota 19.

e manter a ordem implica *expurgar a ambivalência*, que, por sua vez, implica deslegitimar campos do conhecimento não controláveis:

Em Descartes uma das regras do *Método* consiste precisamente em "dividir cada uma das dificuldades... em tantas parcelas quanto for possível e requerido para melhor as resolver. A divisão primordial é a que distingue entre "condições iniciais" e "leis da natureza". As condições iniciais são o reino da complicação, do acidente e onde é necessário selecionar as que estabelecem as condições relevantes dos fatos a observar; as leis da natureza são o reino da simplicidade e da regularidade onde é possível observar e medir com rigor. Esta distinção entre condições iniciais e leis da natureza nada tem de "natural". Como bem observa Eugene Wigner, é mesmo completamente arbitrária. No entanto, é nela que assenta toda a ciência moderna.<sup>21</sup>

O entendimento político e social da ordem implica um ordenamento da própria natureza que passa a ter de ser dominada e subjugada. A ciência moderna busca, assim, estabelecer uma forma de conhecimento, cuja função é se apropriar do real e descrevê-lo de modo objetivo, por meio do estabelecimento de leis universais e previsíveis, passíveis de controle experimental. Cria-se, desse modo, uma relação intrínseca entre a cientificidade e a objetividade matemática de uma ciência:

Conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante.<sup>22</sup>

É dessa forma que o ideal de cientificidade e objetividade da matemática e das ciências naturais passa a ser o ideal de cientificidade e objetividade a ser alcançado também pelas ciências humanas. É esse modelo lógico de inteligibilidade do real que passa a definir tudo o que pode ser considerado científico. Para se afirmarem e serem

---

<sup>21</sup> Cf. Nota 19.

<sup>22</sup> Cf. Nota 19.

reconhecidas como tais, as ciências humanas tiveram que se valer do modelo mecanicista das ciências naturais, garantindo assim o seu próprio estatuto de cientificidade:

Um conhecimento baseado na formulação de leis tem como pressuposto metateórico a idéia de ordem e de estabilidade do mundo, a idéia de que o passado se repete no futuro. Segundo a mecânica newtoniana, o mundo da matéria é uma máquina cujas operações se podem determinar exatamente por meio de leis físicas e matemáticas, um mundo estático e eterno a flutuar num espaço vazio, um mundo que o racionalismo cartesiano toma cognoscível por via da sua decomposição nos elementos que o constituem. Esta idéia do mundo-máquina é de tal modo poderosa que se vai transformar na grande hipótese universal da época moderna, o mecanicismo. (...) O determinismo mecanicista é o horizonte certo de uma forma de conhecimento que se pretende utilitário e funcional, reconhecido menos pela capacidade de compreender profundamente o real do que pela capacidade de o dominar e transformar. (...) Daí que o prestígio de Newton e das leis simples a que reduzia toda a complexidade da ordem cósmica tenham convertido a ciência moderna no modelo de racionalidade hegemônica que a pouco e pouco transbordou do estudo da natureza para o estudo da sociedade.<sup>23</sup>

Em suma: o modelo de racionalidade da ciência moderna foi basicamente desenvolvido no bojo das ciências naturais e teve por característica fundadora a confiança na capacidade de previsão do conhecimento científico, o que gerou uma convicção de que a explicação, a normatização e a previsão dos fenômenos do mundo estivessem todos ao alcance da ciência.

Santos (*op.cit.*), no entanto, aponta que o paradigma dominante e hegemônico da racionalidade científica, procedente das ciências naturais, tal como descrito, nas últimas décadas tem-se mostrado limitado e insuficiente. Esse paradigma, conforme discutiremos adiante, é hoje questionado e colocado em xeque por uma nova revolução no pensamento científico.

A Teoria da Relatividade, a mecânica quântica, o princípio da incerteza de Heisenberg, o papel da consciência do observador e sua ação sobre o sistema, as discussões

---

<sup>23</sup> Cf. Nota 19.

entre Einstein e Bohr, centradas na questão do caráter probabilístico da nova teoria em oposição ao determinismo da Física Clássica, deram o impulso inicial para uma crise na interpretação do modelo mecanicista anterior. Crise esta que discutiremos com calma ao passearmos por tais questões na seção que se segue. Mergulhemos mais um pouco na toca do coelho.

### **Teoria da relatividade, Mecânica Quântica e o Princípio da Incerteza de Heisenberg**

Até o início do século XX, os fenômenos naturais eram explicados pela física basicamente a partir de duas grandes teorias: a Mecânica Newtoniana e o Eletromagnetismo. Juntas elas reúnem os principais fundamentos da Física Clássica<sup>24</sup>. A mecânica newtoniana estuda o movimento dos corpos, como a trajetória de um pêndulo ou a órbita de um cometa; o eletromagnetismo trata de fenômenos eletromagnéticos, tais como as ondas de rádio ou a luz. Sob o ponto de vista da tecnologia, esses conhecimentos foram aplicados desde no desenvolvimento de novos meios de transporte (grandes navios, submarinos, balões dirigíveis) até a construção de dínamos que produziam eletricidade a partir do movimento<sup>25</sup>.

Havia naquela época uma crença de que essas duas teorias seriam capazes de fornecer explicações a todos os fenômenos encontrados na natureza, restando aos físicos

---

<sup>24</sup> Juntem-se a elas ainda a óptica e a termodinâmica: “Ao final do século XIX, os físicos podiam perceber grandes avanços e importantes sucessos. Novos fenômenos haviam sido descobertos, novas leis haviam sido estabelecidas, e havia resultados teóricos novos muito gerais. A eletricidade e o magnetismo haviam se unido, depois o eletromagnetismo e a óptica haviam se fundido, e a mecânica e a termodinâmica também estavam produzindo uma síntese teórica.” (Martins, 2001)

<sup>25</sup> “Nas duas últimas décadas do século XIX foram construídas grande usinas termoelétricas para geração de eletricidade. Dessa forma, o uso doméstico e industrial da eletricidade começou a se tornar possível. As lâmpadas elétricas substituíram gradualmente os lampiões e a iluminação a gás. Os motores elétricos começaram a ser utilizados para várias finalidades, como por exemplo nos primeiros elevadores. A eletricidade também revolucionou as comunicações, primeiramente através do telégrafo (que já permitia a troca de mensagens de um continente para outro) e depois pelo telefone. Antes de 1900 já era possível fazer ligações interurbanas entre muitas cidades na Europa e nos Estados Unidos.” (Martins, 2001)

apenas aplicá-las de maneira correta cada vez que um novo fenômeno fosse descoberto. Nessa direção, Mesquita Filho (1993) destaca que, em decorrência dos sucessos obtidos pelos físicos pré-contemporâneos, dentro do clima de euforismo positivista que imperava na segunda metade do século passado, *o homem chegou a acreditar visualizar a pedra filosofal*, já que tudo parecia indicar que *o derradeiro passo, em ciência, estava prestes a ser dado*. Ciência e verdade pareciam se misturarem de tal forma que *o cientista de então se julgou liberto dos cânones filosóficos, passando a pregar uma "ciência com bases puramente científicas"*.

Diante dos grandes sucessos científicos que haviam ocorrido, os cientistas acreditavam estarem próximos de uma descrição completa do universo. De acordo com Martins (2001), alguns autores chegaram a preconizar o fim da Física, recomendando que os jovens não se dedicassem mais a ela, já que faltavam somente “alguns detalhes pouco interessantes a serem desenvolvidos, como o refinamento de medidas e a solução de problemas secundários” (*idem, ibidem*). Essa visão, no entanto, não durou muito tempo. Tal perspectiva, compartilhada por muitos físicos da época, não considerava que existiam ainda muitos problemas a serem investigados. Ao focalizarem apenas os avanços, não percebiam que havia um grande número de fenômenos e de questões teóricas ainda não explicadas.

Até o final do século XIX imaginava-se que o espaço fosse preenchido por um meio contínuo denominado *éter* já que nesta época não se concebia a hipótese de que uma onda poderia se propagar na ausência de um meio material que a sustentasse. O éter era entendido como uma substância que permeava todo o espaço, servindo de sustentáculo para a propagação da luz. Acreditava-se que, para se chegar a uma teoria completa na Física, bastava apenas medir as propriedades elásticas desse éter. No entanto, discrepâncias

sobre a sua existência começavam a surgir. Esperava-se que a luz se movesse com uma velocidade fixa através dele, mas que, “se você se movesse através do éter na mesma direção da luz, ela pareceria mais lenta, e, se você se movesse na direção oposta da luz, ela pareceria mais rápida” (Hawking, 2001, p.6). Uma série de experimentos, no entanto, falhou ao sustentar tal idéia, já que não foi encontrada diferença entre a velocidade da luz na direção da órbita da Terra e em uma direção perpendicular à órbita.

Foi em um artigo publicado em junho de 1905 que Albert Einstein mostrou que se uma pessoa não conseguisse detectar se estava ou não se movendo no espaço, a noção de éter era inútil. Foi o prenúncio da crise que desencadeou o surgimento de uma das teorias que mais revolucionaram a Física no século XX – a Teoria da Relatividade.

A Teoria da Relatividade é inicialmente construída sobre dois princípios fundamentais:

**Primeiro princípio** – Não há nenhum sistema inercial de preferência, ou seja, as leis da física são as mesmas em todos os sistemas inerciais (sistemas que não sofrem aceleração) e nenhum objeto se distingue por proporcionar um marco de referência absoluto em repouso.

**Segundo princípio** – A velocidade da luz é a mesma em todos esses sistemas.

O que isso significa? Em outros termos, significa que *apenas o movimento relativo é importante* e que *toda medição do espaço e do tempo é relativa*. A relatividade de Einstein **rompe** com a mecânica de Newton, pois derruba dois absolutos da ciência do século XIX: “*o repouso absoluto*, conforme representado pelo éter, e *o tempo absoluto ou universal* que todos os relógios mediriam” (Hawking, 2001, p.11, sem grifos no original).

De acordo com o primeiro princípio, o repouso absoluto não existe. Se um trem se desloca em relação a uma estação, a estação se desloca em relação ao trem. É justamente a inexistência do repouso absoluto a razão pela qual, para Einstein, *toda partícula ou objeto deve ser descrito mediante uma chamada linha de Universo, que traça sua posição em um contínuo espaço-tempo de quatro dimensões – três espaciais e uma temporal*<sup>26</sup>.

De acordo com a Física Newtoniana, o tempo era absoluto e fluía de maneira uniforme, para sempre e em toda parte, indicando que na história do universo cada evento *fluía de modo uniforme do passado infinito ao futuro infinito* (Hawking, 2001, p.108). Entretanto, com a relatividade de Einstein, “o tempo deixou de ser uma quantidade independente para ser apenas uma direção em um continuum quadridimensional denominado espaço-tempo” (*Idem, Ibidem*, p.109).

O que nos leva ao segundo princípio. Tomemos emprestada uma conhecida ilustração. Imagine que você vai com seu carro pela estrada a 100 km/h e vê um outro carro a sua frente a 60 km/h. Você acelera e aumenta a sua velocidade para 120 km/h, mas continua vendo o carro da frente se afastar com os mesmos 60 km/h. Isso não lhe parece illogicamente estranho? Na relatividade, todos os observadores em movimento livre medem a mesma velocidade da luz, não importando o quão rápido estejam se movendo, já que a velocidade da luz é independente do movimento deles, sendo a mesma em todas as direções (Hawking, 2001).

A teoria da Relatividade exige o abandono da idéia de que existe uma quantidade universal chamada *tempo* que todos os relógios mediriam, pelo contrário, *cada um teria seu tempo pessoal*, e o tempo de duas pessoas só pode coincidir “se elas

---

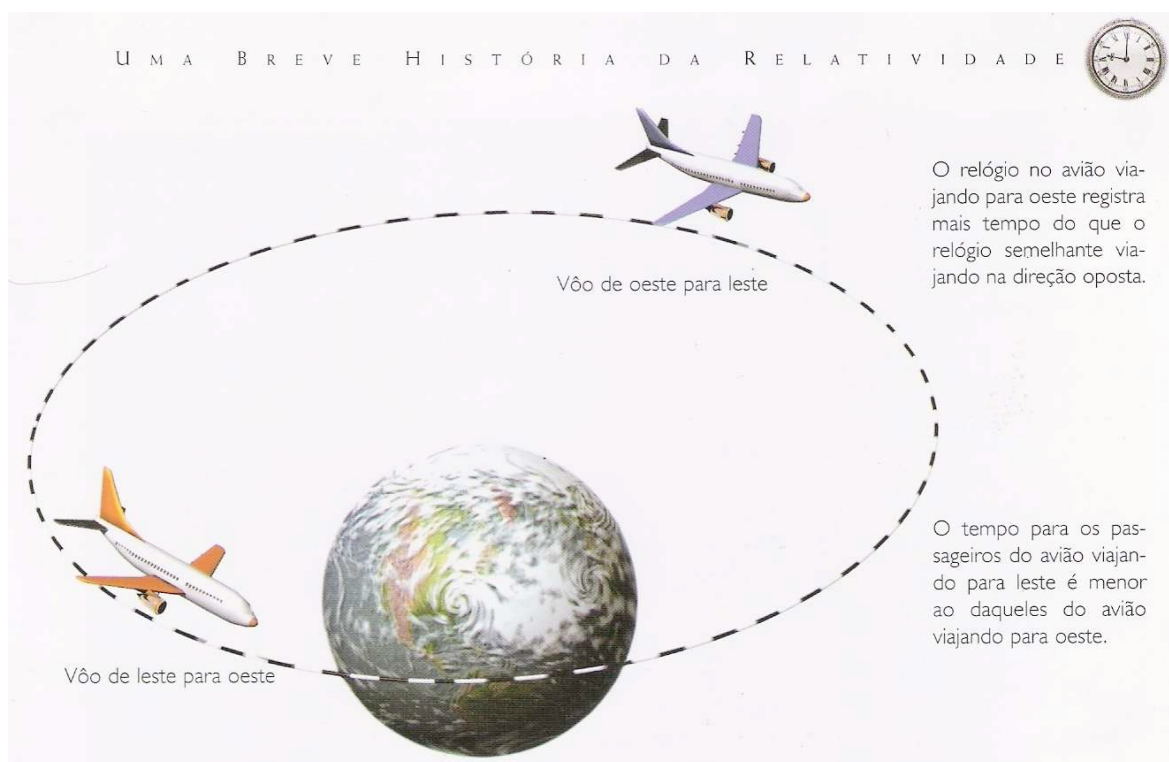
<sup>26</sup> Fonte: *Enciclopédia Encarta*, 1999, Microsoft.

estivessem em repouso uma em relação à outra, mas não se estivessem em movimento” (Hawking, 2001, p.9, sem grifos no original).



**ILUSTRAÇÃO 1 – O paradoxo dos gêmeos:** Na teoria da relatividade, cada observador tem sua própria medida do tempo. Isso pode levar ao denominado paradoxo dos gêmeos. Um gêmeo (a) parte em uma viagem espacial durante a qual ele viaja próximo à velocidade da luz (c), enquanto seu irmão (b) permanece na Terra. Por causa do movimento dele, o tempo flui mais devagar na espaçonave, conforme visto pelo irmão na Terra. Assim, ao retornar do espaço, o viajante (a2)

descobrirá que seu irmão (b2) envelheceu mais do que ele. Embora isso pareça contrariar o senso comum, várias experiências indicaram que, nesse cenário, o gêmeo viajante realmente voltaria mais jovem.



**ILUSTRAÇÃO 2** – Uma versão do paradoxo dos gêmeos foi testada experimentalmente fazendo dois relógios precisos voarem em direções opostas ao redor do mundo. Quando voltaram a se encontrar, o relógio que voou pra leste havia registrado ligeiramente menos tempo.<sup>27</sup>

No espaço-tempo plano da *Teoria da Relatividade Restrita* (nome dado a este primeiro momento da teoria de Einstein por se restringir a sistemas inerciais), observadores que se deslocam com diferentes velocidades terão diferentes medidas do tempo (*Idem, Ibidem*, p.109):

Na relatividade restrita, diferentes observadores viajando em diferentes velocidades percorrem o espaço-tempo em diferentes trajetórias. Cada observador tem sua própria medida do tempo ao longo da trajetória que está seguindo, e diferentes observadores medirão diferentes intervalos de tempo entre eventos.

<sup>27</sup> As ilustrações 1 e 2, com suas respectivas explicações, foram retiradas do livro “*O Universo numa casca de noz*”, de Stephen Hawking. São Paulo: Arx, 2001, pp.10-11.

Nessa perspectiva, *toda medição de tempo é relativa*. Não existe um tempo universal que possa ser objetivamente medido<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> Nessa direção, gostaria de – por puro deleite – reproduzir o curto e bem humorado artigo de Einstein, publicado no *Journal of Exothermic Science and Technology* (JEST, Vol. 1, No. 9; 1938):

### Efeitos da percepção sensorial externa sobre a dilatação do tempo

A. Einstein, Institute for Advanced Study, Princeton, N.J.

#### Abstract

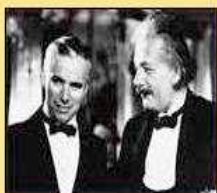
Quando um homem se senta ao lado de uma bela garota durante uma hora, parece que durou um minuto. Mas quando ele se senta sobre uma grelha quente durante um minuto, parece que durou mais que qualquer hora. Isso é relatividade.

#### Objetivo

Como o referencial do observador é crucial para a sua percepção do fluxo do tempo, o estado mental do observador pode ser um fator adicional nessa percepção. Portanto, procurei estudar o aparente fluxo do tempo sob dois conjuntos distintos de estados mentais.

#### Materiais e Métodos

Procurei obter uma grelha quente e uma bela garota. Infelizmente, conseguir uma grelha quente foi proibitivo, uma vez que a mulher que cozinha para mim proibiu-me de chegar a qualquer lugar próximo da cozinha. Entretanto, consegui obter sub-repticiamente uma chapa de ferro cromado para fazer waffles, da marca Manning-Bowman and Co., ano 1924, que, para este experimento funcionou como um equivalente razoável de uma grelha quente de fogão, pois é capaz de atingir uma temperatura suficientemente alta.



Encontrar a bela garota já foi mais difícil, uma vez que agora moro em Nova Jersey. Conheço Charlie Chaplin, pois em 1931 fui à estréia do filme "Luzes da Cidade" em sua companhia, de modo que solicitei que me agendasse um encontro com sua esposa, a estrela de cinema Paulette Goddard, a possuidora de uma *shayna punim*, ou belo rosto, de um altíssimo nível.

#### Discussão



Tomei o trem para Nova York a fim de encontrar com Miss Goddard no Oyster Bar, no Grande Terminal Central. Ela estava radiante e maravilhosa. Quando me pareceu que um minuto tinha se passado, consultei o relógio e descobri que, na realidade, tinham transcorrido 57 minutos completos, os quais arredondei para uma hora. Ao voltar para casa, liguei a chapa de fazer waffle e deixei-a esquentar. Em seguida, sentei-me sobre ela. Eu estava usando calças e uma camiseta branca, comprida, por fora das calças. Quando me pareceu que mais de uma hora tinha transcorrido, levantei-me e consultei o relógio e descobri que, na verdade, menos de um segundo tinha se passado. Para manter consistência de unidade na descrição das duas circunstâncias, arredondei para um minuto, depois do quê chamei um médico.

#### Conclusão

O estado mental do observador desempenha um papel crucial na percepção do tempo.

Retirado de: <http://www.geocities.com/~esabio/e>. Para consultar a versão original, ver o artigo *Einstein's Hot Time: Great theoreticians know that hypothesis must be confirmed with experiment*, de Steve Mirsky, publicado pela *Scientific American*, em setembro de 2002. O artigo de Mirsky encontra-se disponível pelo site da revista no endereço: <http://sciam.com/article.cfm?chanID=sa006&colID=15&articleID=0001AA08-864C-1D49-90FB809EC5880000>.

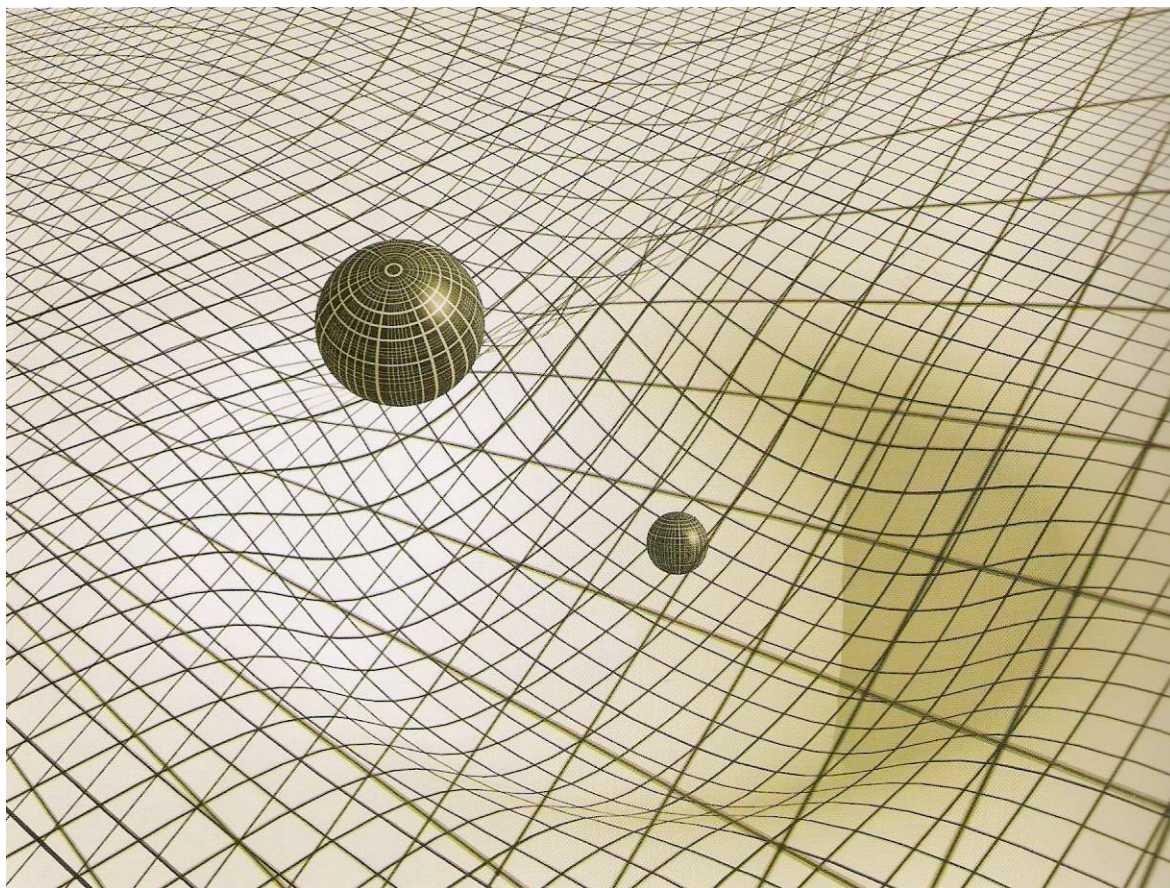
Obviamente a Teoria de Einstein não foi imediatamente aceita pelos físicos. Stephen Hawking, conhecido astrofísico da atualidade, doutor em cosmologia pela universidade de Cambridge, onde ocupa a cadeira de Newton, costuma narrar que ainda hoje continua recebendo duas ou três cartas por semana de pessoas que afirmam que Einstein estava errado. Mas o fato é que, desde seu nascimento, a Teoria da Relatividade já foi testada milhares de vezes em diferentes laboratórios por todo o mundo e suas previsões são sempre confirmadas em todos os testes.

Além da Relatividade Restrita, Einstein desenvolveu uma teoria geral que incluiu também sistemas não inerciais, ou seja, sistemas que sofrem aceleração. Por decorrência, essa teoria – Teoria da Relatividade Geral, como ficou conhecida – se tornou uma teoria de gravitação, desestabilizando outro dos fundamentos basilares da Física Clássica – a lei da gravidade de Newton:

Se a Terra fosse plana, daria na mesma dizer que a maçã caiu na cabeça de Newton graças à gravidade ou porque Newton e a superfície da terra estavam acelerando para cima. Mas essa equivalência entre aceleração e gravidade não parecia funcionar para uma Terra redonda; pessoas em lados opostos do mundo teriam de estar acelerando em direções opostas, mas permanecendo a uma distância constante umas das outras. (Hawking, 2001, p.17)

De maneira simples, tal constatação pôs em xeque os conceitos de tempo e espaço absolutos de Newton. Einstein percebeu que a equivalência só funcionaria se a geometria do espaço tempo fosse curva, e não plana, como se havia suposto até aquele momento:

A nova teoria do espaço-curvo foi denominada relatividade geral, para distinguir-se da teoria original que não falava sobre a gravidade, conhecida agora como relatividade restrita. Ela foi confirmada espetacularmente em 1919, quando uma expedição britânica à África Ocidental observou uma pequena deflexão da luz ao passar perto do sol durante um eclipse. Foi uma evidência direta de que espaço e tempo são deformáveis, e isso provocou a maior mudança em nossa percepção do universo onde vivemos desde que Euclides escreveu *Elementos de geometria*, por volta de 300 a.C. (Hawking, 2001, pp.19-20)



**ILUSTRAÇÃO 3 – Curvas do espaço-tempo**<sup>29</sup>: Aceleração e gravidade só podem ser equivalentes se um corpo de grande massa curvar o espaço-tempo, arqueando assim as trajetórias de objetos próximos a ele.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> A ilustração 3, com sua respectiva explicação, foi retirada do livro “*O Universo numa casca de noz*”, de Stephen Hawking. São Paulo: Arx, 2001, p.18.

<sup>30</sup> Por puro deleite mais uma vez, gostaria de trazer um excerto bem-humorado, este de autoria de Sir John Squire, destacado por Carlos Vogt (2005):

“No túmulo de Isaac Newton (1642-1727), na Abadia de Westminster, em Londres, Inglaterra, estão gravados os versos que o panegírico de Alexander Pope (1688-1744) esculpiu:

*Nature and Nature's law lay hid in night.*

*God sad “Let Newton be” and all was light.*

[A natureza e as suas leis jaziam na noite escondidas.

Disse Deus “Faça-se Newton” e houve luz nas jazidas.]

(...) Em Londres, para onde se dirigiu depois de estar em Manchester, Sir John Squire (1884-1958) poeta, crítico, historiador e jornalista inventor da dupla paródia, que consiste em transmitir o conteúdo da obra de um poeta no estilo de um outro, acrescentou ao epitáfio de Alexander Pope para Newton os dois versos que, com fina ironia, dão bem a medida dos transtornos científico-culturais que as descobertas de Einstein provocaram nas certezas de então:

*It did not last: the Devil howling “Ho!*

*Let Einstein be!” restored the status quo.*

Não nos estenderemos nas muitas outras implicações práticas e teóricas que este e outros pontos da(s) teoria(s) de Einstein trouxeram para a Física do Século XX e XXI<sup>31</sup>.

Eu imagino que você, leitor ou leitora da área de Lingüística, rotineiramente habituado(a) a teses que descrevem e discutem estruturas de língua(gem)(s), deve estar se perguntando qual a relevância de eu apresentar, com detalhes, aspectos de uma teoria que a princípio parece não ter muito a ver com uma discussão sobre ética, linguagem e verdade, objetos primeiros desta tese. Mas eis que, neste ponto do texto, chegamos a uma das questões centrais deste capítulo: *Por que a Relatividade de Einstein tornou-se um conceito tão inquietante no início do século XX?*

A resposta para esta questão está ligada a uma discussão importante que realizaremos com mais calma nos capítulos posteriores. Por hora, basta que indiquemos: **a Relatividade de Einstein “perturbava”, porque as pessoas começavam a se perguntar se – da mesma forma que na física (até então sempre ‘exata’) – tudo não seria relativo, o que seguramente implicaria a não-existência de padrões morais absolutos.**

Enquanto a Relatividade preocupava-se com fenômenos envolvendo objetos com velocidades muito altas (Relatividade Restrita) e com grandes massas (Relatividade Geral), outra área de estudos – a da Mecânica Quântica – destacava-se descrevendo fenômenos em escala menor que a do átomo. Ambos os campos conceituais, cada um a seu modo, geraram debates que extravasaram o âmbito das ciências exatas, provocando uma

---

[Durou pouco: o Diabo uivando “Oh! Einstein seja feito!” restaurou o status quo.]”

<sup>31</sup> A possibilidade teórica de viagens no tempo, por exemplo. Gostaria de destacar, no entanto, que uma de suas maiores contribuições foi a famosa equação  $E=mc^2$ , que estabelece uma *equivalência entre massa e energia*, indicando que massa pode ser convertida em energia e vice-versa. Só por curiosidade, é esta a equivalência verificada em processos de desintegração nuclear.

revolução intelectual sobre a qual debateremos na próxima seção. Da Teoria da Relatividade já discutimos as premissas mais básicas, mas, no fim das contas, pela Mecânica Quântica, quais foram os deslocamentos promovidos?

A Mecânica Quântica exigiu dos físicos profundas modificações em sua forma de descrever, compreender e explicar os fenômenos naturais. A Física Clássica permitia conhecer com precisão os movimentos dos objetos, suas posições e velocidades. As leis de movimento de Newton, por exemplo, estão fundamentadas sobre a idéia de que é possível medir um fenômeno de forma objetiva, já que os resultados das medidas seguem uma relação simples de causa e efeito e não dependem, de forma alguma, do observador. Se eu empurro um peso de papel, ele se move; se não empurro, ele permanece onde está. Qualquer observador percebe o mesmo fenômeno acontecendo.

Por outro lado, no universo das partículas microscópicas, as leis de Newton não se aplicam: não é possível determinar posições de partículas subatômicas com precisão, o ato de medir interfere naquilo que está sendo medido (o que não permite saber como era antes de ser observado ou mesmo se existia antes da observação) e um corpo pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, o que joga por terra a tradicional relação de causa e efeito. Em um universo sem causalidade, repleto de acaso e indeterminação, a certeza que era garantida pela Física Clássica deixa de existir.

|                                                                                                                                              |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1900 - O alemão Max Planck descobre que os raios luminosos contêm uma infinidade de minúsculos "pacotes" de energia, chamados quanta de luz. |
| 1905 - Albert Einstein demonstra definitivamente a existência dos quanta e, mais tarde, mostra que podem gerar raios poderosos, os lasers.   |

1913 - O dinamarquês Niels Bohr revela que, se um elétron em um átomo emite um pacote de luz, passa a girar mais perto do núcleo atômico; e volta à posição inicial se receber um pacote luminoso de outro átomo.

1926 - Erwin Schroedinger escreve a fórmula segundo a qual um objeto pode estar em dois lugares simultaneamente, com 50% de chance de estar em um deles e 50%, no outro. Isso vale apenas para partículas atômicas.

1927 - Werner Heisenberg postula o princípio da incerteza, segundo o qual não se pode saber ao mesmo tempo onde está um objeto e a sua velocidade. Se a velocidade é exata, a posição é imprecisa, e vice-versa.

Fonte: *Superinteressante*, fevereiro de 2001.

Dentro do arcabouço deste largo campo conceitual, nos limitaremos a destacar duas contribuições às quais será dada maior atenção: (i) a dualidade onda-partícula e a ação da consciência do observador sobre o estado do sistema e (ii) o princípio da incerteza de Heisenberg.

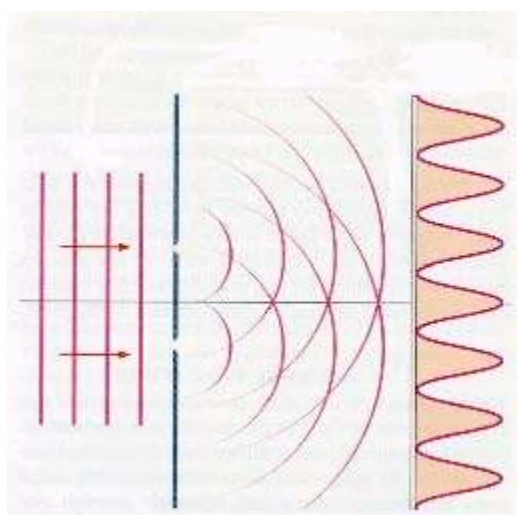
Nossa percepção do mundo nos diz que ele é constituído por objetos físicos, que possuem matéria. Nós, de certa forma, tocamos e sentimos os objetos do mundo: um livro, uma cadeira, uma caneta. Na escola, desde muito cedo, ouvimos falar que a matéria é constituída por moléculas, que, por sua vez, são constituídas por átomos. Logo nas séries iniciais, em aulas de Ciências, aprendemos a construir modelos atômicos, com cortiça ou isopor, que nos permitam visualizar e compreender a estrutura física de um átomo, que deduzimos se formar por partículas materiais menores (prótons, elétrons, nêutrons).

Nossas percepções, no entanto, ignoram uma diferença crucial entre dois conceitos importantes. O primeiro conceito é o de *partícula*. Se um objeto é constituído por partículas, ele possui massa e ocupa um lugar no espaço. O segundo conceito é o de *onda*.

Existem ondas que precisam de um meio material para se propagar (as do mar, por exemplo), mas a maior parte delas não requer matéria para sua propagação (é o caso das de radiação eletromagnética: ondas de rádio, infravermelho, raios-X, etc.).

Na Física Clássica, a descrição dos fenômenos ou acontece por um modelo ondulatório (de ondas) ou por um modelo corpuscular (de partículas). Na Física Quântica, no entanto, para a descrição de qualquer fenômeno, os dois modelos são necessários, já que os constituintes fundamentais da estrutura atômica podem se comportar como partículas ou como ondas, dependendo do aparato que conduz o experimento de medição. Exatamente! O comportamento dos constituintes fundamentais da estrutura atômica depende da natureza da experiência conduzida na observação, que faz com que o constituinte subatômico ocorra ora como onda, ora como partícula.

Foi Niels Bohr, físico dinamarquês, o responsável pela descoberta de que é possível transformarmos ondas em partículas com a simples observação. Imagine, por exemplo, uma onda em uma piscina de água. Imagine que essa onda incida sobre um anteparo onde haja duas fendas<sup>32</sup>:



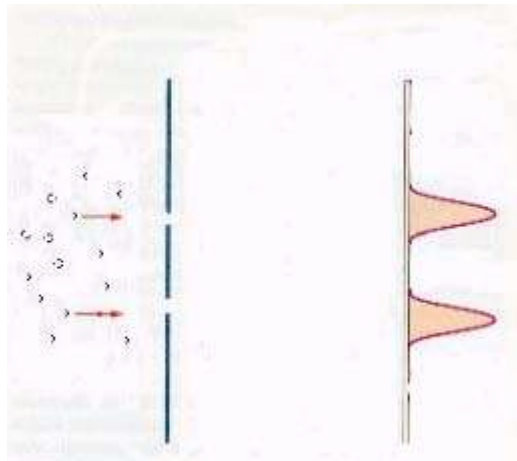
**ILUSTRAÇÃO 4** – Arranjo experimental 1.

---

<sup>32</sup> As ilustrações 4, 5, 6 e 7 foram retiradas de Caldeira (2001).

Como é possível observar pela Ilustração 4, em um experimento com ondas que incidam sobre um anteparo constituído por fenda dupla, cada fenda se torna fonte de um novo movimento ondulatório, gerando – em um segundo anteparo posto ao fundo – uma figura que alterna franjas com máximos e mínimos da intensidade de onda, um padrão de interferência com várias faixas.

Se repetirmos a mesma experiência substituindo as ondas por partículas, uma nova situação se configura. Imagine que são lançadas, através das fendas, pequenas bolinhas de metal. Notar-se-á não mais a presença de um movimento ondulatório, mas duas concentrações distintas de partículas que atingem o segundo anteparo, gerando duas faixas de impacto. As partículas passam por uma ou outra fenda, como mostra a Ilustração 5:



**ILUSTRAÇÃO 5** – Arranjo experimental 2.

O problema se instaura quando esta experiência é feita não mais com bolinhas de metal, mas com partículas subatômicas como elétrons ou nêutrons, pois forma-se no segundo anteparo não uma figura de duas concentrações distintas de partículas,

conforme esperado pela Física Clássica (descrição na Ilustração 5), mas uma figura de interferência que aponta um movimento ondulatório (descrição na Ilustração 4). Como partículas de matéria podem criar um padrão de interferência igual ao das ondas?

Ao tentar detectar como essas partículas podiam ter caráter ondulatório, Bohr fez uma descoberta ainda mais inquietante. Instalando um medidor em uma das fendas para tornar precisa a informação de por qual fenda a partícula passa, a figura de interferência é destruída dando lugar a apenas uma concentração bem localizada de partículas! Em outros termos, *ao montar-se um experimento que evidencie o caráter corpuscular da matéria, destrói-se por completo seu caráter ondulatório*<sup>33</sup>:

Foi ele [Bohr] quem “costurou” o chamado *princípio da complementaridade*: partícula e onda são conceitos complementares (e não opostos, como classicamente!). Se em um experimento o caráter de partícula é manifesto (como por exemplo no efeito fotoelétrico ou no efeito Compton), é impossível, através do mesmo experimento, observar seu caráter ondulatório. E vice-versa. **O que determina a observação de um caráter ou outro é a natureza do experimento.** Se fizermos um experimento de difração ou interferência, o caráter ondulatório é manifesto; se fizermos um experimento de espalhamento Compton, é o caráter de partícula localizada que aparece. **É como se a Natureza revelasse para nós aquilo que desejássemos ver!** Note que situação miserável: não temos sequer um nome para expressar essas “coisas” que são partículas e ondas ao mesmo tempo! (Oliveira, 2005, p.144-145, sem grifos no original)

Sem observação, temos ondas. Com observação, temos partículas. O observador leva ao colapso a função de onda simplesmente observando-a. Foi esta uma das grandes contribuições de Bohr: mostrar que partículas subatômicas só passam a “existir” na presença de um observador.

Se a existência das partículas só se dá na presença de um observador, parece não fazer qualquer sentido falar em propriedades e características inerentes à partícula que pré-existam à observação. Que implicações uma teoria como esta traz para a o pensamento

---

<sup>33</sup> Para aprofundar a discussão ver Caldeira, 2001 e Oliveira, 2005.

científico? Se se admite que o ato de observar é o que gera o caráter corpuscular da matéria, que implicações isso traz para o futuro da ciência?<sup>34</sup>

Na continuação de um conhecido e controverso documentário (*what the bleep do we know?*, 2004), David Albert, doutor em física teórica e professor da Universidade de Columbia, assim condensa o experimento de Bohr:

Nós não sabemos, na mecânica quântica, como nos comportar como observadores do mundo. Nós não sabemos como nos tratar como observadores, como simplesmente outra parte do sistema físico que estamos descrevendo. Só sabemos fazer mecânica quântica como ela é formulada tradicionalmente: mantendo o observador fora do sistema que ele está descrevendo. No instante que você inclui o observador, você obtém todos os paradoxos. E somos forçados a dizer coisas na mecânica quântica como... "O livro está fazendo o que faz por causa da mecânica quântica" e "vejo isso porque estou lá e vejo isso." E é melhor não tentar analisar a segunda parte dessa sentença, em termos de aplicação da mecânica quântica, porque ela vai se desfazer. Por isso existem duas leis diferentes da evolução dos sistemas físicos. Uma que se aplica quando você não está olhando para eles, a outra que se aplica quando você está olhando. Mas isso é loucura.

Nessa mesma direção, ainda no mesmo documentário, Amit Goswami, também doutor em física e professor da Universidade de Oregon, complementa:

Quando nós não estamos olhando, existem ondas de possibilidade. Quando nós estamos olhando, existem partículas de experiência. Uma partícula, que consideramos como algo sólido, na verdade existe na assim chamada "superposição" que se espalha em ondas para posições diferentes. E ela está em todos os locais ao mesmo tempo. No preciso instante em que você coloca sua atenção nela, ela imediatamente se fixa numa destas possíveis posições.

Em outros termos: embora antes da observação o estado do sistema permitisse muitas possibilidades (superposição de posições, o elétron pode estar em qualquer lugar, em nenhum lugar, ou em todos os lugares ao mesmo tempo), durante o processo de medição apenas uma delas é escolhida aleatoriamente, e a função de onda entra

---

<sup>34</sup> Cabe destacar aqui uma famosa declaração dada por Bohr: "Qualquer um que não fique chocado com a física quântica ainda não a entendeu" ["*Anyone who isn't shocked by quantum theory has not understood it*"].

em colapso, modificando-se instantaneamente, como se a natureza escolhesse um estado ao acaso.<sup>35</sup>

Para Born, a função de onda deveria ser interpretada em termos de *probabilidades*. A questão é que essa interpretação concede ao acaso e à indeterminação um papel fundamental nas leis naturais:

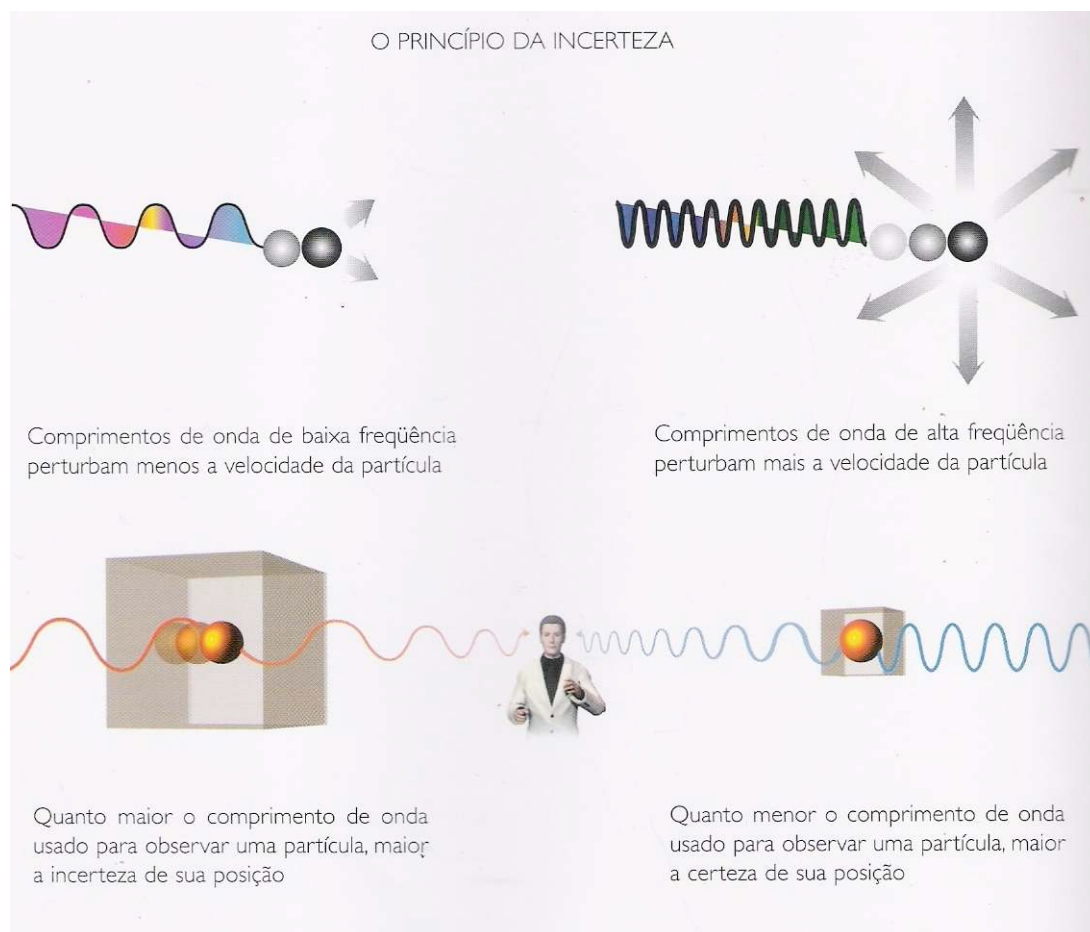
A Mecânica Quântica, como decorre dos princípios discutidos anteriormente, é uma teoria inerentemente probabilística: enquanto na Mecânica Clássica o resultado de cada medição pode ser previsto com precisão arbitrária, desde que o estado inicial seja conhecido, a Mecânica Quântica, nas mesmas condições, oferece só predições probabilísticas. A natureza dessas probabilidades, por outra parte, difere das da Física Clássica: elas não acontecem devido à falta de conhecimento, pois a função de onda contém toda a informação acerca do estado de um sistema, e as densidades de probabilidades apresentam termos de interferência porque são resultantes do módulo ao quadrado de somas de amplitudes. Além disso, em contraposição à Física Clássica, a relação entre o sistema a ser medido e o dispositivo de medida é simétrica e biunívoca: assim como o sistema deve modificar o dispositivo de medida (para mover o ponteiro, por exemplo), o dispositivo modifica o estado do sistema que fica, em geral, depois de completada a medida, em um estado diferente. (Greca *et al.*, 2001)

Nessa mesma direção, o trabalho do físico alemão Werner Heisenberg trouxe implicações importantes ao demonstrar que não é possível conhecer simultaneamente a posição e a velocidade de uma partícula subatômica. Ou seja, que não é possível observar sem alterar o objeto observado. *O princípio da incerteza*, como foi denominado, postula que *quanto mais exatamente se tentar medir a posição de uma partícula, menos exatamente se conseguirá medir sua velocidade, e vice-versa* (Hawking, 2001). Em teoria, tanto a posição quanto a velocidade podem ser determinadas de forma precisa. A impossibilidade recai sobre a determinação conjunta dos dois valores.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Nos termos de Prigogine e Stengers (1987), neste universo a realidade só nos é revelada através de uma construção ativa da qual participamos.

<sup>36</sup> Nessa direção, gostaria de destacar uma famosa e bem-humorada declaração dada por Heisenberg: “A esperança de que novos experimentos nos conduzirão novamente a eventos objetivos no tempo e espaço parece ter tanto fundamento quanto a esperança da descoberta do final do mundo em regiões inexploradas da



**ILUSTRAÇÃO 7<sup>37</sup> – O princípio da incerteza de Heisenberg**

Heisenberg e Bohr trabalharam juntos nos anos 20 e formularam o que ficou conhecido como a *Interpretação de Copenhagen*: as partículas subatômicas não são previsíveis, não se pode dizer como elas se comportam entre uma observação e outra observação. Nessa direção, é possível afirmar que *a observação é que cria a realidade da partícula*.

---

Antártida.” [“*The hope that new experiments will lead us back to objective events in time and space is about as well-founded as the hope of discovering the end of the world in the unexplored regions of the Antarctic.*”]

<sup>37</sup> A ilustração 7 foi retirada do livro “*O Universo numa casca de noz*”, de Stephen Hawking. São Paulo: Arx, 2001, p.42.

A característica fundamental da teoria quântica é que *o observador é imprescindível não só para que as propriedades de um fenômeno atômico sejam observadas, mas também para ocasionar essas propriedades*. Minha decisão consciente acerca de como observar, digamos, um elétron determinará, em certa medida, as propriedades do elétron. Se formulo uma pergunta sobre a partícula, ele me dá uma resposta sobre a partícula; se faço uma pergunta sobre a onda, ele me dá uma resposta sobre a onda. *O elétron não possui propriedades objetivas independentes (...)*. Na física atômica, não pode mais ser mantida a nítida divisão cartesiana entre matéria e mente, entre o observado e o observador. Nunca podemos falar sobre natureza sem, ao mesmo tempo, falarmos sobre nós mesmos. (Capra, 1982, p.81, sem grifos no original)

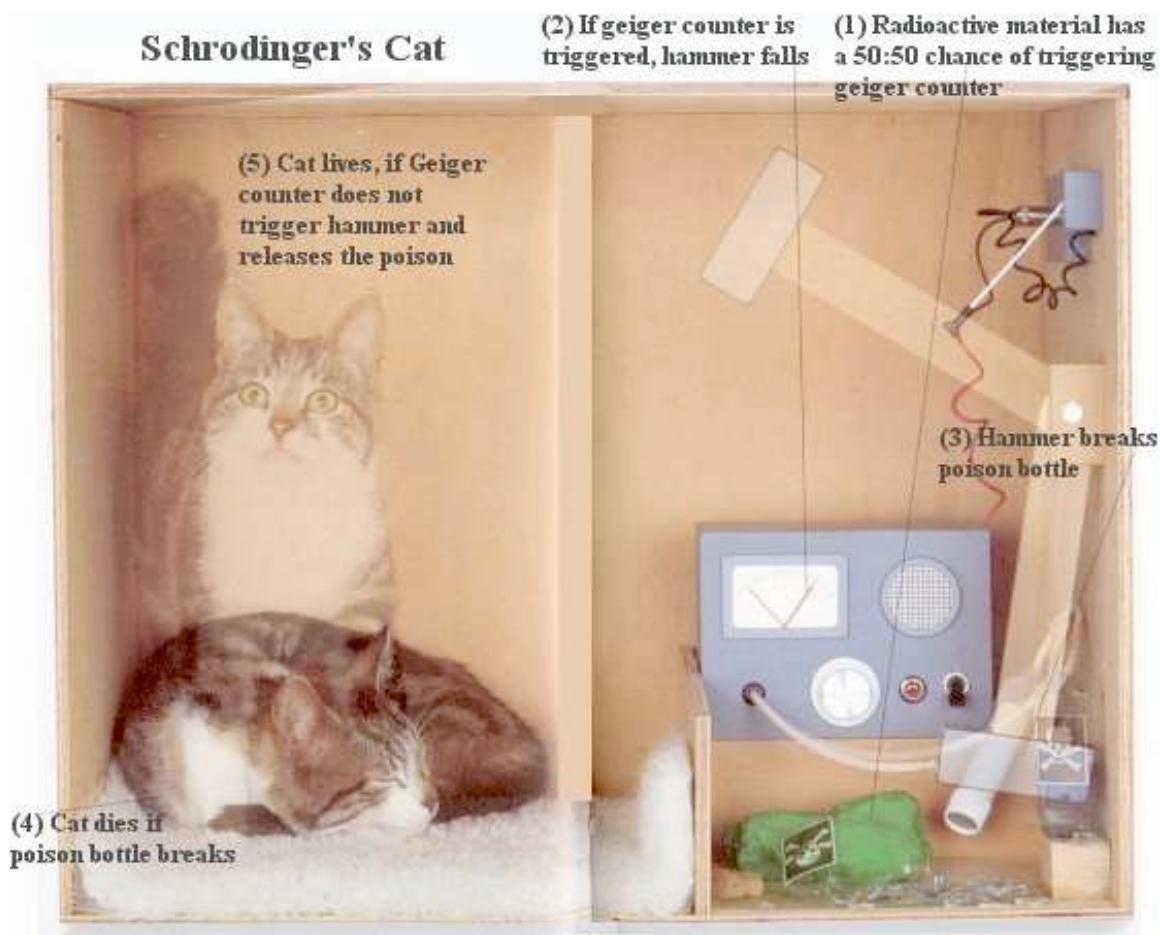
Einstein jamais aceitou tal premissa. Tornou-se famosa, nessa direção, sua indagação: “A lua só existe quando alguém olha para ela?”. Einstein não aceitava a idéia de um modo probabilístico de operação da natureza. Sua insatisfação foi expressa, em diversos momentos, e foi consagrada pela frase: “Deus não joga dados”<sup>38</sup>.

E Einstein não era o único. Erwin Schrödinger, um dos fundadores da mecânica quântica, também já havia percebido que, em nível macroscópico, a superposição quântica traz inúmeros paradoxos filosóficos. Para ilustrar seu descontentamento, sugeriu que colocássemos um gato vivo numa caixa bem fechada, em que houvesse um dispositivo radioativo que ao acaso poderia ou não se desintegrar, o que caso acontecesse ocasionaria a morte do gato. Após o início do experimento, o que a equação matemática que o descreve afirma é que há dentro da caixa um gato que está ao mesmo tempo vivo e morto. As duas possibilidades estão “superpostas”. É apenas ao abrir a caixa que uma delas se concretiza e a outra não. Enquanto a caixa não for aberta (enquanto a ação de observar não for realizada), matematicamente temos dentro da caixa um gato que simultaneamente possui vida e não possui.

---

<sup>38</sup> Respectivamente, “*Does the moon exist only when someone is looking at it?*” e “*God does not play dice*”. Nessa direção, consultar <http://www.eequalsmcsquared.auckland.ac.nz/sites/emc2/tl/philosophy/moon.cfm> e <http://www.hawking.org.uk/lectures/dice.html>.

A ilustração de Schrödinger leva a absurdos por nos permitir confrontar a realidade quântica com a nossa realidade macroscópica. Se substituíssemos no experimento o gato por um ser humano, em uma das possibilidades (caso o dispositivo radioativo não se desintegrasse) chegaríamos ao extremo lógico de podermos perguntar a esse homem, depois que abrísssemos a caixa, como ele se sentia quando estava ao mesmo tempo vivo e morto.



#### ILUSTRAÇÃO 6 – O gato de Schrödinger<sup>39</sup>

- (1) O material radioativo tem 50% de chance de acionar o contador Geiger.
- (2) Se o contador for acionado, o martelo cai.
- (3) O martelo quebra a garrafa de veneno.
- (4) O gato morre se a garrafa de veneno se quebra.

<sup>39</sup> Ilustração retirada do site: <http://universe-review.ca/I12-21-cat.jpg>. Acesso em 23 de julho de 2007.

(5) O gato vive se o contador Geiger não acionar o martelo que liberará o veneno.

Obs.: Antes da abertura da caixa (antes da realização do ato de observação), de acordo com a equação matemática que descreve o experimento, o gato está simultaneamente vivo e morto, em um estado de superposição quântica.

No âmbito da Física e da Matemática, mas também no âmbito da ciência de forma geral, todas essas teorias, a Teoria da Relatividade, a dualidade onda-partícula, a ação do observador sobre as propriedades do sistema, o princípio da incerteza, o gato de Schrödinger, levaram os cientistas do século XX a uma reflexão intensa, não só sobre os novos postulados, mas também sobre as implicações que estes postulados traziam para o que constitui o conhecimento científico e as próprias relações entre sujeito e objeto do conhecimento.

Na seção anterior, discutimos os moldes pelos quais se consolidou a Ciência Moderna nos séculos XVII, XVIII e XIX. A Física e a Matemática, domínios científicos que pareciam estar imunes a quaisquer abalos epistemológicos devido a suas premissas até então claras, seguras e objetivas, constituíram-se não apenas como o principal instrumento da Ciência Moderna, mas também como seu principal suporte lógico.

Ao serem questionados os fundamentos da Física Clássica (e também da Matemática, em que se destaca o Teorema de Gödel<sup>40</sup>), nas primeiras décadas do século XX, deu-se início a uma crise epistemológica de grandes proporções. Crise que tem

---

<sup>40</sup> O Teorema da incompletude sobre a natureza da matemática de Gödel (1931) demonstrou ser possível formular proposições não demonstráveis pela lógica matemática:

O teorema afirma que, dentro de qualquer sistema formal de axiomas, como a matemática atual, sempre persistem questões que não podem ser provadas nem refutadas com base nos axiomas que definem o sistema. Gödel mostrou que certos problemas não podem ser solucionados por nenhum conjunto de regras ou procedimentos. (Hawking, 2001, p.139)

Segundo Hawking (2001), o teorema de Gödel fixou limites fundamentais para a matemática e provocou um grande choque na comunidade científica, já que foi responsável pela derrubada da *crença generalizada de que a matemática era um sistema coerente e completo baseado em um único fundamento lógico*.

progressivamente se expandido para outras áreas do conhecimento científico e que hoje atravessa as Ciências Humanas, colocando em discussão seus conceitos de verdade, de ciência, seus modelos de inteligibilidade do real, seus sujeitos e a construção de seus objetos de conhecimento. Crise que traz consigo um paradigma emergente, cujas rupturas configuram uma nova ciência que tem-se designado Ciência Pós-moderna.

### ***A mudança no paradigma: Um discurso sobre as ciências na transição para uma Ciência Pós-Moderna<sup>41</sup>***

Na primeira seção deste capítulo, delineamos o surgimento da Ciência Moderna e seu modelo racionalista de inteligibilidade do real que teve início, nos séculos XVI e XVII, com a revolução de Copérnico, Galileu, Newton, Descartes e outros cientistas. Na segunda seção, apresentamos as teorias, no escopo da Física e da Matemática, que no início do século XX deram sinais de que esse modelo de racionalidade científica da Ciência Moderna entrava em uma profunda crise.

Boaventura Souza Santos (1988) afirma que essa crise é não só profunda como irreversível, já que entraram em colapso as distinções básicas sobre as quais se assentava o paradigma dominante. De acordo com o sociólogo, vivemos agora um período de revolução científica, iniciado com Einstein e a Mecânica Quântica, que não se sabe ainda quando acabará, restando a nós apenas especular acerca do paradigma que emergirá de tais descentramentos.

---

<sup>41</sup> Tomamos nosso subtítulo emprestado de um texto homônimo de autoria de Boaventura Souza Santos (1988).

Para Santos (1988), a crise do paradigma dominante é o resultado interativo de uma pluralidade de condições, sociais e teóricas. Dentre as teóricas, destacam-se as teorias que propiciaram a queda do mundo cartesiano, que rejeitava todo o conhecimento provável e aceitava somente aqueles que poderiam ser conhecidos sem nenhuma dúvida. A causalidade, o determinismo, a separação entre o sujeito e objeto, característicos da Física Clássica, foram aos poucos cedendo lugar à probabilidade, à simultaneidade, à incerteza e às inter-relações da Relatividade e da Mecânica Quântica. A identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno é ela mesma o resultado do grande avanço no conhecimento que este mesmo paradigma propiciou:

*Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente. (Idem, ibidem, sem grifos no original)*

Com relação às condições sociais que contribuíram para a crise do paradigma dominante, Santos (1988) destaca que, quaisquer que sejam os limites estruturais de rigor científico, não restam dúvidas de que a ciência perdeu capacidade de auto-regulação. A idéia do desinteresse do conhecimento científico e da autonomia da ciência, que por muito tempo constituiu *a ideologia espontânea dos cientistas*, entrou em colapso perante o fenômeno global da industrialização da ciência:

Tanto nas sociedades capitalistas como nas sociedades socialistas de Estado do leste europeu, a industrialização da ciência acarretou o compromisso desta com os centros de poder econômico, social e político, os quais passaram a ter um papel decisivo na definição das prioridades científicas. (*Idem, Ibidem*)

Santos ressalta que a industrialização da ciência manifestou-se tanto no nível das aplicações da ciência como no nível da organização da investigação científica,

produzindo a estratificação da comunidade científica, tornando as relações de poder entre cientistas mais autoritárias e desiguais, submetendo sua esmagadora maioria a um processo de proletarianização no interior dos laboratórios e dos centros de investigação.

Nessa direção, para a antropóloga Joan Fujimura (2006), as guerras da ciência não se travam em torno da oposição entre ciência e anticiência, nem da oposição entre objetividade e subjetividade. Elas estão relacionadas à autoridade na ciência: Que tipo de ciência deve ser praticado e quem tem poder para definir isso?

Nesse ponto é relevante alargar os termos da discussão: Quais as fronteiras da ciência? Quem é qualificado como detentor das competências próprias dos cientistas e quem não o é?

E já que, por tradição, o conhecimento científico busca a verdade e a verossimilhança, se as verdades científicas de um dado momento histórico têm sido refutadas em momentos posteriores, há algo mais na verdade que vá além da própria história da verdade?<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> Nesse ponto, gostaria de mencionar conflitos vividos no próprio momento de redação deste trabalho. Alguns dos primeiros leitores para quem eu mostrei este texto me indagaram a respeito de seu aspecto muitas vezes narrativo e, em inúmeros momentos, extremamente pessoal: “Pode fazer isso em uma tese?”, “Pode falar da sua vida?”, “Pode contar história?”, “Pode usar literatura?”, “Isso aqui num é filosofia? O que tem a ver com lingüística?”. O fato de essas perguntas serem provenientes de pessoas tão queridas e de pessoas de áreas tão diversas (Letras, Direito, Psicologia) me mostrou o estranhamento que algumas rupturas paradigmáticas ainda trazem sobre os gêneros acadêmicos mais formais. A preocupação dos meus amigos recaía sobre o fato de o formato (muitas vezes aparentemente pouco científico) deste texto poder causar a minha reprovação na defesa de tese de doutorado. Como sou estudante, alguns desses amigos me disseram, que eu não teria legitimidade *a priori* para sustentar quaisquer transformações no gênero. Eu ainda não era doutora, eu ainda não tinha um nome conhecido, eu ainda não era professora titular ou adjunta de uma universidade estadual ou federal. Sem que soubessem, eles me propiciavam elementos para que eu repensasse questões epistemológicas de crucial importância: que tipo de ciência deve ser praticado e quem tem poder para definir isso? Reflexão que estabelecia claramente que eu deveria cumprir alguns ritos de formato para que tivesse um trabalho considerado e legitimado como científico e, portanto credível (acreditável). Como sugestão de um orientador sempre preocupado, modifiquei a tese em vários pontos. Da especificação de linguagem no título inicial (com vistas à promoção de conforto disciplinar dentro de um *Instituto de Estudos da Linguagem*) à retirada dos pronomes pessoais nos subtítulos de capítulo (para a promoção de uma impressão de discussão que fosse um pouco menos parcial). Pode-se questionar, mas em larga medida deve-se jogar o jogo da academia, que, insanamente, ao contrário de toda a desconstrução paradigmática que descrevemos nesta seção, continua a exigir a produção de tratados coerentes, com verdades pré-definidas e

Boaventura de Souza Santos esclarece que a configuração do paradigma que se anuncia no horizonte só se pode obter por uma especulação fundada nos sinais que a crise do paradigma atual emite. Sinais baseados fundamentalmente em quatro premissas principais: *a de que todo o conhecimento científico-natural é científico-social; a de que todo o conhecimento é local e total; a de que todo o conhecimento é auto-conhecimento; a de que todo o conhecimento científico visa constituir-se em um novo senso comum.*<sup>43</sup>

Podemos resumir tais premissas em quatro diferentes fundamentos. Primeiro, na promoção de um conhecimento não-dualista, interessado em superar dicotomias familiares e óbvias até então consideradas insubstituíveis (natureza/cultura, coletivo/individual, observador/observado, mente/matéria, subjetivo/objetivo) e em promover uma aproximação entre as ciências naturais e as ciências sociais e destas aos estudos humanísticos.

Segundo, em uma concepção construtivista da verdade, já que o conhecimento pós-moderno é um conhecimento sobre as condições de possibilidade da

---

formatos cartesianos. Escrevemos teses e dissertações não apenas para nossos pares, mas para um departamento, uma universidade, uma agência de fomento, todos institucionalizados em uma série de comissões que analisam (e muitas vezes engessam) os “resultados” de nossos trabalhos. Comissões que – ao contrário das discussões que insistem que o conhecimento deve ultrapassar quaisquer linhas de fronteiras – sustentam o paradigma da separação/redução que resultou na divisão das ciências e que precisa ser superado para que seja promovido um paradigma transdisciplinar (Morin, 1998) e um conjunto de galerias temáticas onde convergem linhas de água que até agora concebemos como objetos teóricos estanques (Santos, 1988). Cá estou eu, escrevendo narrativas, reflexões, apresentando leituras, realizando inferências, mesclando histórias de vida, sugerindo deslocamentos, narrando incertezas, mas tentando dar a isso tudo – porque não desejo ter o meu título de doutora negado – uma aparência de trabalho fechado em si mesmo, com começo, meio e fim, sem contradições, repleto de cientificidade e objetividade inerentes. Um trabalho que arrogue a si o direito de tudo poder e tudo pensar (quanta arrogância!), na ilusão de capturar o sentido último e definitivo disso ou daquilo. Grande bobagem. Ainda bem, tradicionalmente as notas de rodapé são caracterizadas como detalhes desnecessários, não atraindo a atenção de muitos leitores. Por isso, faço desta um desabafo.

<sup>43</sup> Nessa direção, a distinção dicotômica entre ciências naturais e ciências sociais começa a deixar de ter sentido e utilidade. Tal distinção, assentada numa concepção mecanicista da matéria e da natureza, passa a dar lugar a uma concepção humanística das ciências sociais, que *coloca a pessoa, enquanto autor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento* e que, *ao contrário das humanidades tradicionais, coloca o que hoje designamos por natureza no centro da pessoa* (Santos, 1988). Nessa perspectiva, não é possível falar em natureza humana porque toda a natureza é humana, e o ato de conhecimento e o produto do conhecimento são inseparáveis.

ação humana projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local, sendo um conhecimento relativamente imetódico e constituído a partir de uma pluralidade metodológica.

Terceiro, na complexidade da relação sujeito/objeto, já que para Santos (1988), *a ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista (e pela comunidade científica) tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real*. Nessa perspectiva, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade, eles são *parte integrante* dessa mesma explicação.

Por fim, numa nova articulação, mais equilibrada, entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento, com o objetivo de transformar a ciência em uma espécie de novo senso comum. Ao se tornar senso comum, a ciência pós-moderna entende que, *tal como o conhecimento deve se traduzir em auto-conhecimento* (Santos, 1988), *o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida*. Ainda de acordo com Santos, no limiar da ciência pós-moderna, devemos exercer a insegurança em vez de sofrê-la. Nessa mesma direção, para Alfredo Veiga Neto (2005), o que está *em xeque* na emergência deste novo paradigma, a rigor, é a idéia do conceito como o lugar epistemológico estável, coerente e unitário, no qual o sentido último e definitivo possa estar capturado. Destaca o autor:

O que está em xeque é a idéia do conceito como morada da verdade. Insisto: o conceito é tão somente uma idéia. E, enquanto tal, não pode ser ponto de partida, nem referência e nem ponto de chegada para pensar o mundo; ao contrário, *sendo transitório, frouxo e múltiplo, o conceito é sempre um problema em aberto*. Reconhecer o caráter sempre aberto e inacabado do conceito – um entendimento conhecido como finitismo semântico – não é desprezar o conceito, mas sim despojá-lo do necessitarismo e colocá-lo *no devido lugar da contingência*. E por ser contingente, o conceito tem de ser formulado e reformulado a todo momento, da maneira mais recorrente e tagarela possível. Não adianta querer dizer *o que é*

*mesmo isso*, mas é preciso sempre falar e falar e falar *sobre isso*: como *isso* funciona, como *isso* é entendido como *isso* ou *aquilo*, que importância *isso* tem para uns e não tem para outros etc.

Nessa perspectiva, para Santos, a crise do paradigma da Ciência Moderna não constitui um pântano cinzento de ceticismo ou de irracionalismo. É, antes de qualquer coisa, o retrato de *uma família intelectual numerosa e instável*, criativa e fascinante, que neste momento se despede – com alguma dor – dos lugares conceituais, teóricos, epistemológicos, que não mais propiciam segurança, *em busca de uma vida melhor a caminho doutras paragens onde o otimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde finalmente o conhecimento volte a ser uma aventura encantada*:

Estamos divididos, fragmentados. *Sabemo-nos a caminho mas não exatamente onde estamos na jornada*. A condição epistemológica da ciência repercute-se na condição existencial dos cientistas. Afinal, se todo o conhecimento é autoconhecimento, também todo o desconhecimento é autodesconhecimento. (*Idem, ibidem*, sem grifos no original.)

Ao contrário de na Ciência Moderna, que sempre percebeu a incerteza do conhecimento como limitação técnica destinada a sucessivas superações, no paradigma emergente da Ciência Pós-moderna, as incertezas epistemológicas transformam-se na chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado tem de ser contemplado: *um mundo que, apesar de domesticado, nos mostra cada dia mais a precaridade do sentido da nossa vida por mais segura que esteja ao nível da sobrevivência* (Santos, 1988).

(...) me dou conta de que a idéia da captura do sentido último e definitivo num conceito é, ela mesma, uma idéia sem sentido. E talvez mais importante, dou-me conta de que a idéia da captura encerra, em si mesma, a arrogância de um pensamento que se pensa capaz de tudo. É porque tal pensamento se julga como se pudesse se colocar para além do humano, como se pudesse se colocar fora desse

assim chamado mundo sensível e imediato, que ele pensa ser capaz de tudo, capaz de dar conta do mundo. (Veiga Neto, 2005)<sup>44</sup>

Neste capítulo, realizamos um passeio pelos universos da Ciência Moderna e da Física Moderna, com vistas a caracterizar uma discussão sobre a crise atual do paradigma científico dominante, norteadora dos descentramentos que orientarão o debate nos capítulos posteriores. A Teoria da Relatividade, a mecânica quântica, o princípio da incerteza de Heisenberg, o papel da consciência do observador e sua ação sobre o sistema, as discussões entre Einstein e Bohr, centradas na questão do caráter probabilístico da nova teoria, deram o impulso inicial para uma crise na interpretação do modelo mecanicista anterior.

Ao serem questionados os fundamentos da Física Clássica, nas primeiras décadas do século XX, deu-se início a uma crise epistemológica de grandes proporções. Crise que tem progressivamente se expandido para outras áreas do conhecimento científico e que hoje atravessa as Ciências Humanas, colocando em discussão seus conceitos de verdade, de ciência, seus modelos de inteligibilidade do real, seus sujeitos e a construção de seus objetos de conhecimento. Crise que traz consigo um paradigma emergente, cujas rupturas configuram uma nova ciência que se tem designado Ciência Pós-moderna e que, ao contrário da Ciência Moderna, que sempre percebeu a incerteza do conhecimento como limitação técnica destinada a sucessivas superações, transforma as incertezas epistemológicas em chave do entendimento do mundo.

---

<sup>44</sup> Tal sentimento é tão forte na comunidade científica que, em diversos momentos da realização deste trabalho, algumas pessoas me perguntaram se eu chegaria a conclusões inovadoras: “Uma tese de doutorado não pode ser só de leituras! Você vai propor uma teoria nova, não é mesmo?”, ao que respondia como Einstein “Se soubéssemos o que era aquilo que estávamos fazendo não seria chamado pesquisa, seria?”. Como é que, de antemão, eu poderia saber a que conclusões chegaria? Hein?

No capítulo a seguir, discutiremos a construção da noção de real neste novo paradigma emergente. Por hora, gostaríamos de trazer para fechar este capítulo uma declaração de Leon M. Lederman, Prêmio Nobel em Física em 1988, dada em entrevista para o documentário *Tudo sobre a Incerteza* (Discovery, 2003), que contém parte do espírito de que nos embuímos até aqui:

É uma enorme arrogância cósmica acreditar que podemos prosseguir com uma declaração de que nada existe a menos que o observemos. No coração da mecânica quântica está a incerteza, não apenas o princípio da incerteza, mas todo o conceito da incerteza. Ele parece cativante, se espalha por toda a ciência. Mas nós sabemos que a mecânica quântica funciona. Olhe em volta, olhe a sua volta. Só não sabemos por que funciona. Só podemos dizer que a natureza parece ser assim: a palavra incerteza por toda parte. Eu soube que os cosmólogos gostam da Teoria dos Muitos Mundos, de Everett, e talvez seja só por causa da segurança do emprego, porque muitos mundos têm muitos cosmólogos. O iníciozinho do universo foi um evento quântico? Nós todos viemos de uma única partícula? Quem fez desmoronar a função de onda dessa partícula? Quem deixou o primeiro gato sair do saco? Agora ouvimos falar em computadores quânticos com muitas funções paralelas e que há códigos quânticos invioláveis, códigos baseados no princípio da incerteza e que podem ser muito importantes por causa da privacidade da propriedade da comunicação pela internet e tudo isso. Ouvimos falar sobre a biologia quântica e aí, é claro, há o Santo Graal da física moderna, que é a gravidade quântica. Como a gravidade se comporta na reduzida escala atômica? O princípio da incerteza pode ser chamado de princípio da tolerância. Tolerância no sentido de engenharia sim: eles fazem funcionar mesmo se o ajuste não for perfeito. Mas tolerância no sentido humano! *Precisamos ter pessoas perguntando umas às outras: O que você acha? Qual é a sua opinião? Pode ser confortante para muitas pessoas ter certeza. Certeza de que vai comer, certeza de vai beber, certeza de que vai fazer amor. Mas certeza absoluta? Certeza absoluta é entorpecimento e enfado. Nós precisamos da incerteza. É o único modo de prosseguir.*

### CAPÍTULO 3

#### O “MUNDO VERDADEIRO” COMO FÁBULA: A VERDADE, A LINGUAGEM E A (IR)REALIDADE DO REAL

“Bem, metade do meu plano já está feito! Que estranhas todas essas mudanças são! Eu nunca tenho certeza do que vai acontecer, de um minuto para outro! Entretanto, eu voltei ao meu tamanho de sempre: a próxima coisa é entrar no lindo jardim – como é que isso vai ser feito, eu gostaria de saber?” Quando a garotinha disse isso, subitamente avistou um lugar descampado, com uma pequena casinha de mais ou menos um metro e vinte de altura. ‘Quem quer que viva lá’, pensou Alice, ‘acho que não seria apropriado entrar com esta altura. Posso assustá-los.’ Então ela começou a mordiscar pedacinhos da mão direita novamente mas não se atreveu a chegar perto da casa até chegar aos vinte e cinco centímetros de altura. (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.5)

“Como faço para entrar?”, perguntou mais uma vez Alice, mais alto ainda. ‘Mas, afinal, você deve entrar?’, disse o Lacaio, ‘esta é a primeira pergunta, você sabe’. Isso era, sem dúvida: apenas Alice não gostou que lhe dissessem isso. ‘É realmente espantoso’, murmurou para si mesma, ‘a maneira com que essas criaturas falam. É o suficiente para deixar qualquer um maluco!’ O Lacaio parecia pensar que aquela seria uma boa oportunidade de repetir sua fala, com variações. ‘Eu devo sentar aqui’, disse ele, ‘de vez em quando, por dias e dias’. ‘Mas o que eu posso fazer?’ disse Alice. ‘Nada que você goste’, disse o Lacaio e começou a assoviar. ‘Oh, não adianta falar com ele’, disse Alice desesperadamente. (...) Então abriu a porta e entrou. (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.6)

Freqüentemente, ao assistirmos a um filme, permanecemos algum tempo envolvidos com o desenrolar de sua narrativa e, como espectadores, vivenciamos uma transformação do nosso olhar mais imediato de realidade, dos nossos modelos mais usuais de reconhecimento do mundo. Em situações que vão além da nossa experiência, somos transportados a uma percepção visual/sensorial alternativa, de mundos supostamente novos (se não existentes) ou reinventados (se adaptados para as telas).

Quantas vezes, logo após uma sessão de cinema, sentimos sensações similares a de estar despertando de um sonho? Enredo, personagens, tempo, espaço,

trama nos envolvem por realidades diversas. Muitas vezes tarda nossa volta à realidade imediata, mesmo que por apenas alguns instantes. Por que isso acontece?

Uma das principais características do cinema — como discutem vários estudiosos da sétima arte — é justamente a de nos transpor para *realidades alternativas* ou, em outros termos, para “ilusões” de realidade. Toda imagem da realidade é re-configurada para que haja uma experiência estética *encarnada* pelo enredo e pelos personagens. Quanto maior a identificação do espectador com o personagem, maior a entrega que realizará a um imaginário diferente, um imaginário *outro*, que pode enriquecer seus valores e percepções de *mundo real*, bem como conflitar com eles.

Discutir o limite entre o real e o representado não é uma coisa nova. Platão, em *A República*, vinte e quatro séculos atrás, já apresentava a alegoria da caverna para desenvolver sua explicação sobre *o mundo das idéias ou formas* e *o mundo dos sentidos*. Na alegoria, seres humanos, que viveram desde a infância em uma caverna subterrânea e que tiveram pernas e pescoços acorrentados, enxergam apenas a parede do fundo da caverna, onde são projetadas sombras de estatuetas que carregam outros homens que, além de um pequeno muro, mantêm acesa uma fogueira. Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros julgam que essas sombras são a realidade, conversam entre si e são capazes de dar nome a tudo que vêem, já que especulam sobre a natureza das coisas e teorizam sobre o que conhecem. Por só ter acesso às sombras e não aos verdadeiros objetos, possuem uma compreensão do mundo parcial e profundamente limitada, não sabem que há outros seres humanos reais fora da caverna e imaginam que toda a luminosidade possível é a que existe dentro de seu ambiente.

Para Platão, nós somos como essas criaturas. Se fôssemos libertados e

tivéssemos que encarar o mundo exterior, sentiríamos perplexidade diante de uma realidade totalmente desconhecida. Tudo o que antes pensávamos ser real descobriríamos ser mera ilusão e esse confronto seria para nós insuportável.

A alegoria de Platão pressupõe, no mínimo, a existência de dois mundos: um mundo sensível, material e um mundo inteligível, de idéias. Nessa direção, afirma-se que Platão era *dualista*, ou seja, que para ele haviam duas espécies de substância (*República*, VII, 514a-517d):

(...) é preciso aplicar, ponto por ponto, esta imagem ao que dissemos atrás e comparar o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna, e a luz do fogo que a ilumina com a força do Sol. Quanto à subida à região superior e à contemplação dos seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma para a mansão inteligível, não te enganarás quanto à minha idéia, visto que também tu desejas conhecê-la. Só Deus sabe se ela é verdadeira. Quanto a mim, a minha opinião é esta: *no mundo inteligível*, a idéia do bem é a última a ser apreendida, e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de reto e belo existe em todas as coisas; *no mundo visível*, ela engendrou a luz e o soberano da luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública. (Sem grifos no original)

O filósofo, para Platão, era aquele que buscava a sabedoria: a luz da *verdade*. Nesse caminho, o necessário seria afastar as sombras passageiras e buscar o que sempre permanece — sair da caverna em busca da luz <sup>45 46</sup>.

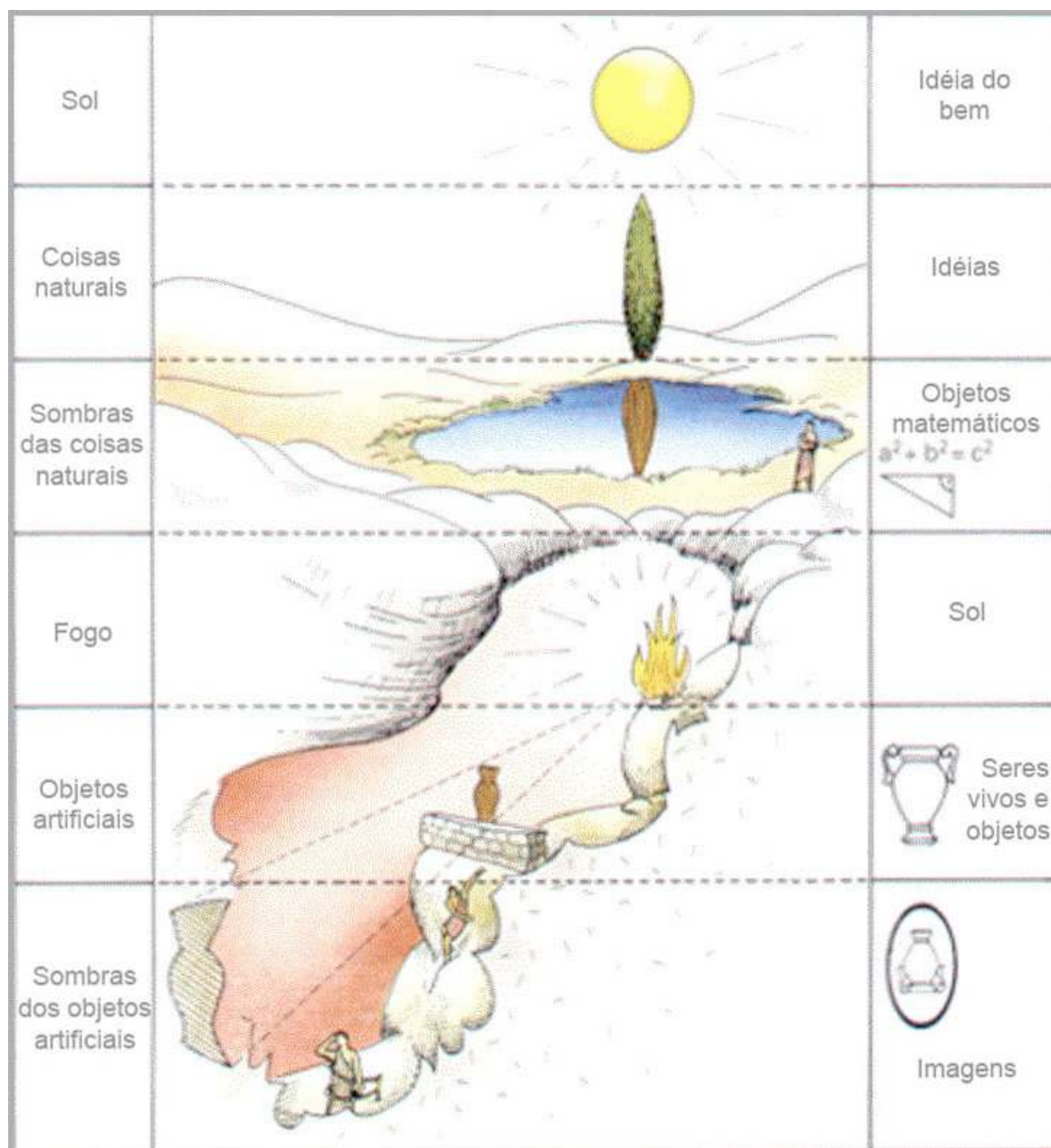
---

<sup>45</sup> Fazendo uso da didática releitura de Chauí (2000, p.47), podemos nos perguntar: O que é a caverna e o que são as sombras das estatuetas? O mundo em que vivemos e as coisas materiais que percebemos. Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? O que é a luz exterior do sol? O filósofo e a luz da verdade. O que é o mundo exterior? O mundo das idéias verdadeiras ou da verdadeira realidade. Qual o instrumento que liberta o filósofo e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? A dialética. O que é a visão do mundo real iluminado? A filosofia. Por que os prisioneiros zombam, espancam e matam o filósofo? Porque imaginam que o mundo sensível é o mundo real e o único verdadeiro.

Essa perspectiva pressupõe a existência de idéias perfeitas, que estão acima do mundo sensorial e são mais reais do que os próprios fenômenos da natureza. Por exemplo, se eu vejo um cavalo, é porque existe a idéia-cavalo, perfeita e imutável no *mundo das idéias*, da qual todos os cavalos do *mundo dos sentidos* procuram se aproximar. Para Platão, tudo o que nós sentimos são representações derivadas dessas idéias perfeitas e imutáveis, já que a matéria — por não ser nunca permanente — se constitui no nível mais baixo da realidade. Também parte dessa perspectiva a concepção clássica de conhecimento do filósofo: *a "verdadeira" realidade é apenas aquilo que é eterno e imutável.*

---

<sup>46</sup> Uma versão recente da alegoria da caverna pôde ser vista nas telas com a trilogia dos irmãos Wachowski. *Matrix* (1999), *Matrix Reloaded* (2003) e *Matrix Revolutions* (2003) têm como tema a luta do ser humano para se livrar do domínio das máquinas que evoluíram após o advento da inteligência artificial. Em um mundo em que a humanidade cobriu a luz do sol para cortar o suprimento de energia das máquinas, elas — ao perceberem que cada ser humano produz em média 120 volts de energia elétrica — começaram a cultivá-los como fonte de energia. Para que o cultivo fosse eficiente, os seres humanos passaram a receber programas de realidade virtual, enquanto seus corpos reais permaneciam mergulhados em habitáculos nos campos de cultivo. Essa realidade virtual, um programa de computador ao qual todos são conectados, chama-se *matrix*. Há, porém, perto do calor do centro da terra, uma última cidade de seres humanos livres, que enviam naves para combater as máquinas. Morpheus, líder de uma dessas naves, é um visionário que vislumbra em um dos habitantes da *matrix* o "escolhido": Neo, personagem interpretado por Keanu Reeves. Neo é resgatado de seu casulo, retirado da ilusão de realidade virtual e passa a ser treinado por Morpheus. A questão filosófica principal que o filme traz é justamente esta: *O que é o real? O que é verdadeiro? O que é ilusório?* Questão a que fazemos referencia neste capítulo.

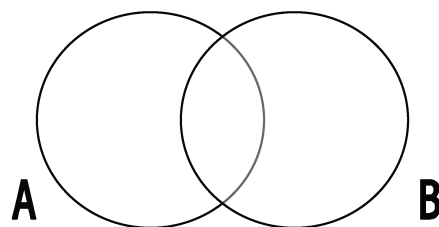


**ILUSTRAÇÃO 7 – A Alegoria da Caverna<sup>47</sup>**

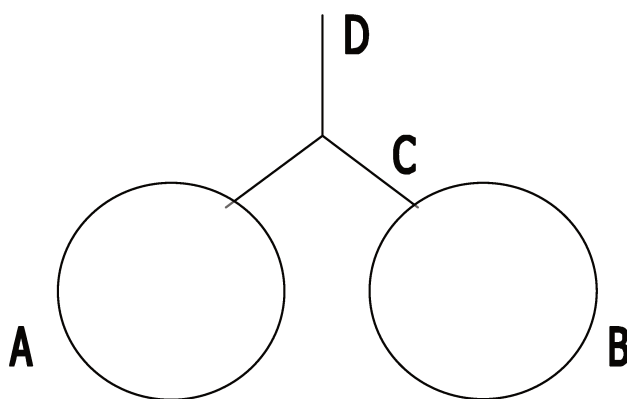
Já Aristóteles (*Metafísica I*, caps. 6 e 9) rejeita o dualismo apresentado pela teoria das idéias, principalmente no que diz respeito às dificuldades de se explicar a relação entre o mundo inteligível e o mundo sensível. Aristóteles aponta para um *paradoxo de*

<sup>47</sup>Retirada do site: [http://5afr1992.iespana.es/01platon/mito\\_caverna1.gif](http://5afr1992.iespana.es/01platon/mito_caverna1.gif), em 28 de janeiro de 2008. Agradeço ao amigo Otávio Menezes pela tradução e a edição da imagem.

*relação* (*apud* Marcondes, 1997). As relações entre dois conjuntos podem ser internas AB (ver ilustração 8) ou externas A, B (ver ilustração 9). Relações internas possuem intersecções, elementos comuns, já que têm mesma natureza; relações externas devem ser feitas através de um intermediário, necessitam de um elo externo — no caso de A e B, necessitam de um outro ponto C que sustente a relação, o que leva a um processo de pontos infinitos (D, E, F, G,...), que sustentem os pontos anteriores.



**ILUSTRAÇÃO 8** — Relação interna AB



**ILUSTRAÇÃO 9** — Relação externa A, B (C, D...)

Depara-se, então, com o seguinte paradoxo: ou a relação entre o mundo inteligível e o mundo sensível é interna, e não há problema em explicá-la, mas não se trata mais de um dualismo; ou a relação é externa e, nesse caso, problemática porque seria necessário *um número infinito de pontos externos para efetuar-la* (Marcondes, 1997,

p.71), um número infinito de idéias, porque – segundo Aristóteles – se duas coisas particulares, semelhantes, são semelhantes porque ambas participam de uma mesma idéia, então, *para advertir da semelhança entre uma coisa e sua idéia fará falta uma terceira idéia; e para advertir da semelhança entre essa terceira idéia e a coisa, uma quarta idéia; e assim infinitamente* (Morente, 2008).

Como alternativa, Aristóteles propõe uma concepção de realidade em que não haja o dualismo dos dois mundos, em que não haja o mundo inteligível de idéias contraposto e distinto do mundo sensível; uma concepção de realidade, formada por um conjunto de indivíduos materiais concretos, segundo a qual o que existe é uma *substância individual*, composta por *matéria* (hylé) e *forma* (eidos). Nessa direção, a matéria é entendida como o princípio de individuação e a forma como a maneira pela qual, em cada indivíduo, a matéria se organiza (Marcondes, 1997, p.72).

Matéria e forma, assim, não são separadas na realidade do mundo, onde se encontram sempre unidas. É inconcebível, para Aristóteles, haver forma sem matéria ou o contrário: *a forma é sempre forma de um objeto material concreto, e a matéria, por sua vez, só existe na medida em que possui determinada forma*. Assim, por exemplo, para o filósofo, a idéia-cavalo não passa de um conceito criado pelos homens e para os homens, *depois* de eles terem visto um certo número de cavalos. A forma-cavalo não existe, portanto, antes da experiência vivida. Na perspectiva aristotélica, não existem idéias perfeitas e puras como no mundo inteligível de Platão<sup>48</sup>. É o intelecto humano, pela abstração, o responsável

---

<sup>48</sup> Vale lembrar que, segundo Morente (2008, Cap. VII), a última e talvez mais importante objeção de Aristóteles a Platão é justamente a de que as idéias são transcendentais. O transcendentismo das idéias era, para Aristóteles, insustentável (*Idem, Ibidem*):

pela separação da matéria e da forma no processo de conhecimento da realidade (Marcondes, 1997, p. 72):

As formas ou idéias não existem em um mundo inteligível, independente do mundo dos objetos individuais. A idéia de homem é apenas uma natureza comum a todos os homens, não pode existir isoladamente. A idéia ou forma é um princípio de determinação que faz com que um indivíduo pertença a uma determinada espécie. Porém apenas as substâncias existem; se não existissem indivíduos, nada existiria, nem gêneros, nem espécies.

O propósito de Aristóteles é, em primeiro lugar, *trazer as idéias transcendentais de Platão e fundi-las com as coisas reais de nossa experiência sensível* (Morente, 2008). Para tal, na elaboração de sua teoria do ser, começa partindo da coisa como a vemos e sentimos e, na coisa real, distingue diferentes pares de elementos que denomina: *essência e acidente; necessidade e contingência*.

Essência é aquilo que faz com que a coisa seja o que é; já acidente é a característica mutável e variável da coisa, que explica, portanto, a mudança, sem que isto afete sua natureza essencial. Eu sou humana, isso é essencial, mas tenho cabelos vermelhos, isso é accidental. O essencial é necessário, e o accidental é contingente. No exemplo dado, eu sou *necessariamente* humana, mas possuo *contingentemente* cabelos vermelhos. Posso torná-los loiros, castanhos ou negros (ainda que não permaneça esteticamente bela com

---

“Não vê Aristóteles a necessidade de cindir e dividir entre as idéias e as coisas. E precisamente esta objeção é importante, porque a tarefa própria de Aristóteles na filosofia pode definir-se de um só traço geral com essas palavras: um esforço titânico para trazer as idéias platônicas do lugar celeste em que Platão as tinha colocado, e fundi-las dentro da mesma realidade sensível e das coisas. Esse esforço para desfazer a dualidade do mundo sensível e o mundo inteligível; para introduzir no mundo sensível a inteligibilidade; para fundir a idéia intuita pela intuição intelectual com a coisa percebida pelos sentidos, em uma só unidade existencial e consistencial; esse esforço caracteriza supremamente a filosofia de Aristóteles, a metafísica de Aristóteles.”

nenhuma das novas cores), mas não posso deixar de ser humana sob quaisquer circunstâncias.<sup>49</sup>

Tanto Platão quanto Aristóteles consideraram que a realidade e a verdade obedecem ao princípio de identidade e expulsaram a contradição (Chauí, 2000). A contradição é considerada irreal (do ponto de vista da realidade) e impossível (do ponto de vista da verdade), pois *é irreal e impossível que uma coisa seja e não seja ela mesma ao mesmo tempo e na mesma relação* (*Op. cit.*, p.257). Em outras palavras, para esses filósofos, uma coisa é real e verdadeira apenas quando é possível conhecer o conjunto de seus predicados positivos e afastar os predicados negativos contrários e contraditórios. Em Platão, a função da *dialética*<sup>50</sup> era expulsar a contradição. Em Aristóteles, a função da lógica era garantir o uso correto do princípio de identidade.

Dentro dessa perspectiva, o papel da ciência não seria outro além do de estabelecer teorias baseadas em leis universais que postulem sobre aquilo que é essencial e necessário e não sobre aquilo que é acidental e contingente. Em Aristóteles, o conceito de universal inclui todos (ressalte-se: *TODOS*) os elementos de determinada categoria em estudo. Assim, se a teoria postula sobre o voo das borboletas, essa teoria deve abranger todas as borboletas de quaisquer locais do planeta e de quaisquer tempos. Não é possível, neste escopo, fazer ciência de seres ou fenômenos imprevisíveis: contingências não

---

<sup>49</sup> Some-se a essas distinções a de *ato e potência*. As noções de ato e potência permitem explicar a mudança: uma semente, por exemplo, é, em ato, apenas uma semente; mas, em potência, é uma árvore. (Ver *Metafísica*, livro O).

<sup>50</sup> “No entanto, dizia Platão, esse mundo é uma **aparência** (é o mundo dos prisioneiros da caverna), é uma cópia ou sombra do mundo verdadeiro e real e, nesse, Parmênides é quem tem razão. O mundo verdadeiro é o das **essências** imutáveis (que Platão chama de mundo inteligível), sem contradições nem oposições, sem transformação, onde nenhum ser passa para o seu contraditório. Mas como conhecer as essências e abandonar as aparências? Como sair da caverna? Através de um método do pensamento e da linguagem chamado **dialética**.” (Ver Chauí, 2000, pp. 228-229)

fundamentam teorias científicas, já que não é possível retirar, nessa tradição, qualquer tipo de conhecimento *verdadeiro* delas:

De fato, é claro que para os entes há uma única teorização enquanto entes. De todo modo, a ciência é principalmente ciência do que é primeiro, e do que todas as outras coisas dependem e pelo que são nomeadas. Se, efetivamente, isto é a entidade ou vigência, é das vigências que o filósofo deveria obter os princípios e as causas. (Aristóteles, Metafísica, livro VI, 1003b)

Cabe destacar que Aristóteles sequer manifestou interesse por estudos que versassem sobre a linguagem, já que ela era entendida como instrumento da razão e nessa direção é que era utilizada. Em outros termos, a linguagem era entendida como um sistema de signos que permite apenas transmitir o pensamento e era, nesse sentido, secundária: a palavra se refere ao conceito, e o signo utilizado para designá-lo é apenas a ferramenta utilizada para expressar a "essência" da coisa. A essência do conhecimento – a verdade – estava contida no pensamento, como se existissem idéias sem palavras ou um pensamento fora da linguagem<sup>51</sup>.

Neste contexto, não poderia ser a linguagem objeto da ciência, já que no paradigma dos filósofos o cientista não faz ciência fortuitamente sobre fenômenos acidentais e particulares, apenas sobre fenômenos universais.

Meu leitor ou minha leitora mais atento(a) pode estar se perguntando como então Aristóteles se comportaria diante das descobertas da Física que narramos no capítulo anterior; como se comportaria diante dos paradoxos trazidos pela superposição quântica, pela física das partículas subatômicas, muitas vezes casuística, em que nada está e tudo

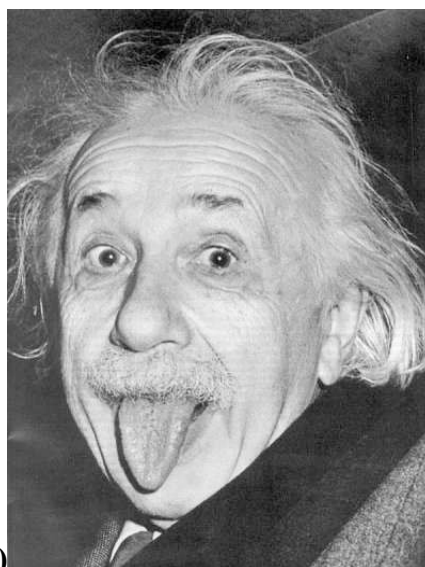
---

<sup>51</sup> Perseguindo o sonho da correspondência unívoca entre o signo e a "realidade", Leibniz chega a propor a construção de um sistema de signos – uma linguagem perfeita, universal – que denote um único significado o qual estará em perfeita sintonia com a verdade objetiva ou natural das coisas (Eco, 2001).

está, e em que um gato pode estar vivo e morto ao mesmo tempo (ver Capítulo 2). Arrisco-me a dizer que, diante dessas descobertas, seus cabelos, os cabelos de Aristóteles, ao contrário do que nos mostram suas representações em quadros e estatuetas, longe de parecerem penteadamente comportados, ficariam *einsteinamente* EM PÉ!



**Aristóteles (384 a.c. – 322 a.c.)**



**Albert Einstein (1879 – 1955)**

Diante de possibilidades tão surpreendentes quanto as do gato de Schrödinger e diante dos descentramentos trazidos pela Ciência Pós-moderna

discutidos no Capítulo 2, tanto a ciência dos universais quanto o sujeito de ontologias essenciais perdem espaço, passando a ser duramente criticados.

Muitos são os estudiosos que fazem objeções às teorias de linguagem como representação da realidade e de verdade como correspondência. Gilles Deleuze e Félix Guattari são frequentemente mencionados como os autores que formularam a alternativa mais radical à imagem convencional da subjetividade como coerente, durável e individualizada (Rose, 2001):

Você é longitude e latitude, um conjunto de velocidades e lentidões entre partículas não-formadas, um conjunto de afectos não subjetivados. Você tem a individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de *uma vida* (independente da duração); de um clima, de um vento, de uma neblina, de um enxame, de uma matilha (independente da regularidade). Ou pelo menos você pode tê-la, pode consegui-la. (Deleuze & Guattari, 1995, p.49).

Em *Mil Platôs* (Deleuze & Guattari, 1995/1997), a teoria da multiplicidade que os autores propõem realiza uma interpretação do real que reúne uma construção ontológica e uma leitura do mundo e da sociedade que não aceita nenhuma transcendência e que não é constituída em referência a alguma unidade ausente<sup>52</sup>; não um significante, mas sempre um ato, uma ação. A idéia de multiplicidade e a perspectiva da imanência fazem do pensamento um ato ético sem modelos transcendentais, acabando com a separação entre o mundo como realidade a reproduzir, a linguagem como ferramenta de representação e o sujeito como dispositivo enunciativo.

Nessa direção,

não há tarefa mais evidente na teoria de Deleuze do que a suplantação da representação e dos pares que ela evoca, palavra-coisa, palavra-idéia, pensamento-

---

<sup>52</sup> Na perspectiva anteriormente discutida, linguagem e pensamento enlaçavam-se nesta dualidade de um representante e de um representado, medidos na distância que têm com a coisa em si, toda a sua potência aí decidida, representar a coisa na sua ausência (Almeida, 2003).

coisa, sujeito-objeto. A questão que deve guiar-nos é, portanto, do estatuto da linguagem e do pensamento: como fazê-los escapar da forma da representação e estabelecer com o real um cruzamento que não seja mais de filiação, conformidade ou correspondência? (Almeida, 2003, p.38)

Os conceitos, para Deleuze e Guattari, devem determinar não o que é uma coisa, a sua "essência", mas as suas circunstâncias, já que os conceitos são mecanismos para fazer-nos pensar, colocando-nos em condição não de refugiar-nos na "reflexão sobre", mas de operar, de criar, de experimentar, não apenas agitar "velhos conceitos estereotipados como esqueletos destinados a intimidar toda criação" (Deleuze e Guattari, 1992, p.109). Deixando emergir as multiplicidades, os autores concebem a vida como acontecimento produzido no devir, um fazer-se que nos desafia não com categorias definidas em um *a priori*, mas sempre singulares e, como tais, não previsíveis em uma matriz identitária, na qual tudo já é dado.

Nessa direção, sujeitos são "agenciamentos" que metamorfoseiam ou mudam suas propriedades à medida que expandem suas conexões: *"eles não 'são' nada mais e nada menos que as cambiantes conexões com as quais eles são associados"*<sup>53</sup> (Rose, 2001, p.146).

A problematização crítica da noção de sujeito nas Ciências Humanas e Sociais aponta, assim, de forma geral, para uma completa desconstrução das perspectivas identitárias, fazendo emergir uma concepção de *identidade*<sup>54</sup> como "celebração móvel" (Hall, 2000a), sempre em processo, nunca completada e (trans)formada continuamente. Há

---

<sup>53</sup> Para os autores, é exatamente o agenciamento como conectividade de planos heterogêneos que nos livra do dualismo e que retira do campo da linguagem as figuras transcendentais que o povoam.

<sup>54</sup> A perspectiva desconstrutivista coloca certos conceitos-chave "sob-rasura" (cf. Derrida, 1999). Isso indica que eles não servem mais "para pensar" em sua forma original; mas, uma vez que não existem ainda outros conceitos, não há nada a fazer senão continuar a pensar com eles – dessa vez com suas formas destotalizadas e desconstruídas.

um deslocamento de foco dos sistemas de representação para as identidades produzidas por esses sistemas. O sujeito fala sempre a partir de uma posição histórica e cultural específica. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas; *os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar* (Woodward, 2000). Em um período histórico caracterizado pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento, existe uma diversidade de posições que nos estão disponíveis – posições que podemos ocupar ou não<sup>55</sup>.

O sujeito assume, nessa perspectiva, identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente e que são cada vez mais fragmentadas e fraturadas. A identidade está, nessa direção, alojada na contingência e deve ser compreendida não como uma forma natural, mas como uma forma construída de fechamento (Hall, 2000b). Uma vez que nossas identificações são continuamente deslocadas, multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e

---

<sup>55</sup> Para ilustrar essa perspectiva comumente ofereço um exemplo já publicado em outro lugar (Rodrigues, 2006):

"Em uma situação ilustrativa, poderia hipotetizar que uma jovem de 24 anos, freqüentadora de academias de ginástica e de salões de beleza, se interessasse por fazer um implante de silicone nos seios ou fosse convidada a posar nua para uma revista masculina. Essa jovem é analista do discurso e não consideraria seriamente a possibilidade de fazer tal implante ou de posar nua para a revista, uma vez que, como intelectual, seria contra qualquer discurso disciplinar que impusesse à mulher um padrão de beleza universal ou que enfraquecesse sua identidade. Mas, uma vez tendo sido "proibida" pelo marido de "cometer" qualquer uma dessas "loucuras", como militante do movimento feminista, acreditaria ser um direito seu ter a liberdade de fazer o que bem entendesse com o próprio corpo, tirando as fotos e/ou implantando o silicone. Ou, ao contrário, como integrante do movimento feminista (e também como analista do discurso) poderia descartar a possibilidade de aplicar o silicone ou de posar nua para a revista por identificar em tal ação um discurso disciplinar que enfraquecesse a identidade da mulher. Ainda como analista do discurso, poderia se sentir coagida pelos colegas de profissão a recusar a possibilidade de fazer as fotos ou de implantar o silicone, porque essa não seria uma atitude "crítica", e decidir que a atitude realmente crítica é a de resistir à pressão dos colegas cientistas, fazendo com seu corpo o que bem entender, optando finalmente por realizar o implante e/ou tirar as fotos para a revista."

Nesse processo, tem-se não a produção de múltiplas identidades estanques, mas um complexo jogo de identidades. É nessa direção que Hall (2000a, p.13) afirma: "A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia."

posições que podem se cruzar ou ser antagônicos, a identidade deixa de ser percebida como um conceito essencialista e passa a ser, portanto, um conceito estratégico e posicional:

Se uma suturação eficaz do sujeito a uma posição-de-sujeito exige apenas que o sujeito seja "convocado", mas que o sujeito invista naquela posição, então a suturação tem que ser pensada como uma *articulação* e não como um processo unilateral. (Hall, 2000b, p.112)

Para alguns estudiosos, a própria existência de uma realidade objetiva passa a ser questionada. Jean Baudrillard (1991) se aproxima da idéia de simulacro dos filósofos gregos, mas desconfia da prerrogativa de verdade concedida aos fenômenos naturais. Para ele, não existem quaisquer transcendências; a verdade é substituída por simulacros, que (re)criam realidades:

Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. Mas é mais complicado, pois simular não é fingir: "Aquele que finge uma doença pode simplesmente meter-se numa cama e fazer crer que está doente. Aquele que simula uma doença determina em si próprio alguns dos respectivos sintomas." (Littré) Logo fingir, ou dissimular, deixam intacto o princípio de realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, *enquanto que a simulação põe em causa a diferença do "verdadeiro" e do "falso", do "real" e do "imaginário"*. O simulador está ou não doente, se produz "verdadeiros" sintomas? Objectivamente não se pode tratá-lo nem como doente nem como não-doente. A psicologia detém-se aí perante uma verdade da doença que já não pode ser encontrada. Pois se qualquer sintoma pode ser "produzido" e já não pode ser aceite como um facto da natureza, então toda a doença pode ser considerada simulável e simulada e a medicina perde o seu sentido, uma vez que só sabe tratar doenças "verdadeiras" pelas suas causas objectivas (Baudrillard, 1991, pp.9-10, sem grifos no original)

Em outros termos, a simulação recria o real e pode produzir seus efeitos sem precisar estar relacionada a nenhuma das condições do real. Ela parte da negação radical do signo como valor, parte do aniquilamento de toda a referência, já que *simular significa fingir uma presença ausente*. Dessa forma, a simulação já não é a de um ser referencial, de uma substância; é a geração pelos modelos de um real que não possui origem ou realidade.

Sobre as noções de sentido e verdade predominam as simulações de um mundo movido por fórmulas vazias, um mundo sem referências, constituído por repetições incessantes de formas produzidas (a arte se tornou um simulacro da arte; a política um simulacro da política; o sexo um simulacro do sexo; o teatro um simulacro do teatro; e assim por diante)<sup>56</sup>. Predominam as representações virtuais de um mundo no qual somos alcançados ininterruptamente por esse jogo de simulacros, que modifica radicalmente nossas experiências de vida, destrói os sentidos e esvazia o conceito de realidade:

Se outrora pudemos tomar pela mais bela alegoria da simulação a fábula de Borges em que os cartógrafos do Império desenhavam um mapa tão detalhado que acaba por cobrir exactamente o território (mas o declínio do Império assiste ao lento esfarrapar deste mapa e à sua ruína, podendo ainda localizar-se alguns fragmentos nos desertos – beleza metafísica desta abstracção arruinada, testemunha de um orgulho à medida do Império e apodrecendo como uma carcaça, regressando à substância do solo, de certo modo como o duplo acaba por confundir-se com o real ao envelhecer) – esta fábula está terminada para nós e tem apenas o discreto encanto dos simulacros da segunda categoria. *Hoje a abstracção já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos*

---

<sup>56</sup> Neste contexto, é praticamente impossível isolar um evento da sua "interpretação" e do seu simulacro, já que é sua "interpretação" que o constitui, e o simulacro que passa a ser o próprio evento. Como ilustração, narro meu desconforto de não-compreensão quando do meu primeiro contato com a famosa tela de René Magritte *Ceci n'est pas une pipe* (Isto não é um cachimbo), para a qual eu olhava e sobre a qual afirmava... "Como assim? É claro que é!".



*de um real sem origem nem realidade: hiper-real. O território já não precede o mapa, nem lhe sobrevive. É agora o mapa que precede o território – precessão dos simulacros – é ele que engendra o território cujos fragmentos apodrecem lentamente sobre a extensão do mapa. É o real, e não o mapa, cujos vestígios subsistem aqui e ali, nos desertos que já não são o do Império, mas o nosso. O deserto do próprio real. (Idem, ibidem, sem grifos no original)*

Neste novo mundo, qualquer distinção definitiva entre “real” e “irreal” torna-se impossível<sup>57</sup>. A evocação de uma presença ausente questiona radicalmente o estatuto da representação, no sentido de que interdita o acesso à condição original de signo, que, em momento posterior, será transformado em puro signo.<sup>58</sup>

A discussão sobre essas questões, como bem lembrou o próprio Baudrillard em Seminário realizado no Rio, não é nova, pois *saber se o real existe é uma dúvida tão velha quanto Platão*<sup>59</sup>. No entanto, cabe destacar que neste novo paradigma a própria concepção de conhecimento merece ser repensada:

O conhecimento, segundo as convenções, sempre procede na mesma direção, do sujeito para o objeto. Mas hoje processos de reversão estão emergindo em toda parte – em áreas que vão da antropologia à patologia viral. É como se tivéssemos deslocado o objeto de sua passividade opaca e inofensiva, de sua indiferença, do segredo profundo onde ele estava adormecido. Hoje o objeto acorda e reage, determinado a manter vivo seu segredo. Este duelo em que se envolvem o sujeito e o objeto significa a perda da posição hegemônica do sujeito: o objeto torna-se o horizonte de desaparecimento do sujeito. Obviamente, este novo cenário, esta nova

---

<sup>57</sup> "É preciso estar consciente de que, seja qual for a maneira como a análise proceda, ela procede no sentido da congelação do sentido, ajuda à precessão dos simulacros e das formas indiferentes. O deserto aumenta." (Baudrillard, 1991, p.198).

<sup>58</sup> Quando o significado de um signo é outro signo e, assim, *ad infinitum*, instaura-se uma *precessão de simulacros*. Para Baudrillard (1991, p.13), esse fenômeno passou historicamente por quatro estágios:

1. A imagem é o *reflexo* de uma realidade profunda.
2. A imagem mascara e *deforma* uma realidade profunda.
3. A imagem mascara a *ausência* de uma realidade profunda.
4. A imagem não tem qualquer relação com qualquer realidade: ela é o seu próprio simulacro puro.

<sup>59</sup> Seminário Internacional: *A Subjetividade na Cultura digital: O Eu em rede* - IX Conferência Internacional Agenda do Milênio. Rio de Janeiro, UNESCO/UCAM, 2003.

dramaturgia, é oposta à teoria clássica do conhecimento. Nesta luz, a própria realidade torna-se problemática. Como um criado obsequioso, ela obedece a qualquer hipótese, verificando todas sucessivamente, mesmo quando elas contradizem umas às outras. *A realidade não liga para o conhecimento que estamos destilando de nossa observação e da análise de seu comportamento. Indiferente a toda verdade, a realidade torna-se uma espécie de esfinge, enigmática em sua hiperconformidade, simulando a si própria como virtualidade ou espetáculo de realidade.* A realidade torna-se hiper-realidade – paroxismo e paródia ao mesmo tempo. *Ela aceita todo tipo de interpretação porque ela não faz mais sentido, porque ela não quer mais ser interpretada.* Mas esta ininteligibilidade não é mística nem romântica: ela é irônica. Ironia é o último signo que vem do âmago secreto do objeto, a alegoria moderna da reversibilidade de todas as coisas. (Baudrillard, 2001, p.83-84, sem grifos no original.)

Neste contexto, não é possível confiar nos valores tradicionais ou na reabilitação da realidade. De acordo com o filósofo, *para desafiar e enfrentar esse estado paradoxal das coisas, precisamos de um modo de pensar paradoxal.* Em um contexto em que *o mundo rumo para o delírio, precisamos adotar um ponto de vista delirante* (Baudrillard, 2001, p.74).

Se não é mais possível adotar qualquer princípio de verdade e de causalidade, se, em vez disso, devemos consentir a singularidade e a incerteza radical dos acontecimentos, nossa própria concepção de conhecimento deve renunciar à verdade e à possibilidade de verificação, permanecendo, para Baudrillard, tanto quanto possível no lado enigmático, ambivalente e reversível do pensamento.

Em uma perspectiva em que há impossibilidade radical de uma presença real das coisas e seres (sua ausência definitiva deles próprios), a verdade não representa mais

uma solução. Resta-nos a ilusão radical e objetiva do mundo, já que nada é idêntico a si mesmo<sup>60</sup>.

Isto é ainda mais verdadeiro para os seres humanos. Nunca estamos exatamente presentes para nós mesmos, nem para os outros. Portanto não somos exatamente reais uns para os outros, sequer o somos para nós mesmos. E esta alteridade radical é a nossa melhor chance – nossa melhor chance de atrair e ser atraído por outros, de seduzir e ser seduzido. Falando simplesmente, é a nossa chance na vida. (Baudrillard, 1991, p.78)

Neste contexto, não podemos estar seguros no próprio "fazer da ciência". Não existe maneira de escolher indubitavelmente entre hipóteses alternativas, precisamos ter consciência de que, *ao cabo de toda teoria possível, teremos de lidar com duas eventualidades antinômicas* – e que *esta situação fatal jamais será resolvida* (Idem, Ibidem, p.89):

Aqui, contudo, reside a tarefa de qualquer pensamento filosófico: ir ao limite das hipóteses e dos processos, mesmo que eles sejam catastróficos. A única justificativa para pensar e escrever é que isto acelera os processos terminais. Aqui, *além do discurso da verdade, reside o valor poético e enigmático do pensamento*. Pois, *diante de um mundo que é ininteligível e problemático, nossa tarefa é clara: precisamos tornar este mundo ainda mais ininteligível, ainda mais enigmático*. (Sem grifos no original)

Ironicamente, é justo esta perspectiva com a qual nos confrontamos agora. Se a ciência é uma atividade intelectual que vincula o homem ao mundo e se o conhecimento consiste num processo efetivo e contínuo não só de compreensão ou explicação do lugar no qual o homem se acha situado, mas também de (re)criação e de (não)intervenção, que *eventualidade antinômica* escolher? Em uma época em que se prega,

---

<sup>60</sup> A própria linguagem nunca significa o que ela quer dizer; ela sempre significa alguma outra coisa, por conta de sua irredutibilidade, ausência ontológica de si mesma (Baudrillard, 1991, p.77)

de forma pungente, o fim do Real, da Ética (Cf. Cap.1), da Filosofia, por que caminho optar? Devemos buscar ferramentas teóricas que nos auxiliem no início do milênio ou, como sugere Baudrillard, devemos aceitar que a necessidade maior é a de tornar este mundo ainda mais ininteligível, ainda mais enigmático?<sup>61</sup>

Construindo minha posição, a partir do meu próprio lugar de fala, situado não só no mundo da cultura, no qual os atos de nossa atividade são objetivados, mas também no mundo da vida, que compreende vivências, experiências, intenções históricas e políticas oriundas do meu *situatedness*<sup>62</sup>, faço uma opção pela primeira alternativa. Uma opção por manter as nossas perguntas abertas, nosso espírito inquieto, conforme temos proposto durante todo este texto (cf. Cap.1 e Cap.2), mas uma opção por não nos destituirmos de qualquer possibilidade interventiva.

No mundo no qual os atos de nossa atividade são realizados uma vez e uma única vez, parece-nos fundamental nos aproximar de uma perspectiva que, longe de livrar-

---

<sup>61</sup> O Neopragmaticista Richardy Rorty chega a afirmar que nenhum esforço intelectual teria qualquer consequência no mundo real. Longe de tentar transformar o mundo, o caminho sensato a ser seguido pelo filósofo seria o de adotar novas formas de descrever o mundo, formas essas que pudessem propiciar maior alento, pois "*se não há como transformar o mundo mediante a palavra, é aconselhável que se procure outra forma de tornar o mundo mais agradável*" (Rajagopalan, 2005). Para Rorty, lembra Rajagopalan (2005), a saída seria re-descrever o mundo, já que não é possível mudá-lo; *é mais fácil mudar a própria filosofia, estetizando-a ao máximo e transformando-a em literatura, abrindo mão de qualquer ambição ético-política em relação ao mundo* (op. cit., sem grifos no original). No mesmo texto, Rajagopalan apresenta contraponto interessante defendendo a necessidade de continuar a fazer filosofia, porém mas de forma consequente, fazendo algo de concreto. *Fazer algo de concreto*, para o lingüista, significa *intervir no mundo, no rumo dos acontecimentos*, tomando posições politicamente importantes e consequentes.

<sup>62</sup> O conceito é de Rajagopalan (1999, pp.101-102, sem grifos no original):

"Uma vez que o *situatedness* dos pesquisadores é um fator decisivo para os argumentos e teorias que, em última análise, eles desenvolvem, não faz mais sentido insistir na neutralidade de valores durante o ato de teorização. Muito pelo contrário, nós devemos estar atentos para perceber que *as teorias são soluções propostas no sentido de endereçar problemas e preocupações que existem em primeiro lugar apenas no caso de alguém assumir determinadas posturas ideológicas*. Por sua vez, o tipo de soluções que alguém possa trazer também reflete suas próprias orientações ideológicas. Em outras palavras, teorias são completamente ideológicas."

nos da responsabilidade por quaisquer transformações, nos ofereça condições para que possamos assumir um compromisso ético-político frente ao fenômeno de desintegração que se instaura e que elimina as concepções/condições histórico-filosóficas que sustentam a idéia de dignidade, de liberdade e de moralidade; fenômenos de desintegração, de autodestruição, encontrados sob as formas do terrorismo, dos conflitos urbanos, dos conflitos de guerra, dos conflitos territoriais.

Será utopia, à luz da teoria desconstrutivista na qual se inserem as nossas perspectivas fragmentárias de verdades, de conhecimentos, de identidades, proclamar a necessidade de fazermos deste mundo um mundo melhor? Será possível fazermos deste mundo um mundo melhor? Será possível transformarmos a realidade sem acreditar nela, ou em termos *sob rasura*, transformar "a" realidade sem "conhecê-la" ou adaptar-se a seus "imperativos"?

Por hora, resta nos imbuirmos do espírito de Galeano, acreditar que ao menos a possibilidade faz com que permaneçamos no caminho:

Sobre essa questão de horizonte, lembro de uma frase de um amigo meu, o cineasta argentino Fernando Birri, dita quando estávamos uma vez em Cartagena das Índias, na universidade, conversando com estudantes. Um dos estudantes perguntou para o Fernando para que serve a utopia. Aí ele respondeu: “Eu me faço essa pergunta todos os dias. O que eu posso dizer é que, para mim, a utopia está no horizonte. Eu sei perfeitamente que nunca a alcançarei. Se eu caminho dois passos, ela se afasta dois passos. Se eu dez passos, ela fica dez passos mais distantes. Para que ela serve então? Para caminhar”. Eu sempre achei que essa é a melhor resposta possível para explicar por que ainda existe *gente que é capaz de viver além da infâmia, de não confundir o tempo presente com o destino. Gente capaz de manter a certeza viva de que amanhã o mundo pode ser diferente do que é hoje.*<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> Declaração dada por Eduardo Galeano, em janeiro de 2005, durante realização do 5o. Fórum Mundial em Porto Alegre. Internet: <<http://acasosafortunados.blogspot.com/2005/09/galeano.html>>. Acesso em 07/03/08.

No capítulo seguinte, caminharemos com Bakhtin por percursos no Mundo da Vida e da Cultura, a partir de suas noções de verdade [*"Para uma filosofia do ato"*, 1993 (1919-1921)]. A discussão central se dará em torno de uma perspectiva que reivindica uma autonomia incondicional para o sujeito, uma aceitação de que, como seres humanos, não temos álibis e somos responsáveis, em última análise, por nossos atos e nosso ser-no-mundo. Percursos que nos propõem perspectivas outras, nem tão desconstruídas, de compreensão, de experimentação, de intervenção no/do mundo. Andemos.

## CAPÍTULO 4

### PENSAR (S)EM CORRIMÃOS... APROXIMANDO-NOS DE BAKHTIN

“‘Eu não sabia que os gatos de Cheshire sempre sorriam, de fato, eu nunca soube que gatos pudessem sorrir’. ‘Todos eles podem’, afirmou a Duquesa, ‘e muitos deles o fazem’. ‘Eu não conheço nenhum’, disse Alice muito polidamente, sentindo-se agradecida por ter conseguido iniciar uma conversa. ‘Você não sabe grande coisa’, disse a Duquesa, ‘e isso é um fato’. Alice não gostou do tom da voz da Duquesa, e pensou que seria melhor introduzir um outro tema de conversa. (...) ‘Gatinho de Cheshire’, começou, bem timidamente, pois não tinha certeza se ele gostaria de ser chamado assim: entretanto ele apenas sorriu um pouco mais. ‘Acho que ele gostou’, pensou Alice, e continuou. ‘O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?’ ‘Isso depende muito de para onde você quer ir’, respondeu o Gato. ‘Não me importo muito para onde...’, retrucou Alice. ‘Então não importa o caminho que você escolha’, disse o Gato. ‘...contanto que dê em algum lugar’, Alice completou. ‘Oh, você pode ter certeza que vai chegar’, disse o Gato, ‘se você caminhar bastante’. Alice sentiu que isso não deveria ser negado, então ela tentou outra pergunta. ‘Que tipo de gente vive lá?’ ‘Naquela direção’, o Gato disse, apontando sua pata direita em círculo, ‘vive o Chapeleiro, e naquela’, apontando a outra pata, ‘vive a Lebre de Março. Visite qualquer um que você queira, os dois são malucos’. ‘Mas eu não quero ficar entre gente maluca’, Alice retrucou. ‘Oh, você não tem saída’, disse o Gato, ‘nós somos todos malucos aqui. Eu sou louco. Você é louca’. ‘Como você sabe que eu sou louca?’, perguntou Alice. ‘Você deve ser’, afirmou o Gato, ‘ou não teria vindo parar aqui.’” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.6)

“‘Está sugerindo que pode achar a resposta?’ perguntou a Lebre de Março. ‘Exatamente isso’, declarou Alice. ‘Então você pode dizer o que pensa’, a Lebre de Março continuou. ‘E vou’, Alice replicou rapidamente, ‘pelo menos – pelo menos, eu penso o que eu digo – o que é a mesma coisa, você sabe’. ‘Não é a mesma coisa nem um pouco!’, disse o Chapeleiro. ‘Senão você também poderia dizer’, completou a Lebre de Março, ‘que eu gosto daquilo que tenho é a mesma coisa que eu tenho aquilo que gosto’. ‘Seria o mesmo que dizer’, interrompeu o Caxinguelê, que parecia estar falando enquanto dormia, ‘que eu respiro enquanto durmo é a mesma coisa que eu durmo enquanto respiro!’ ‘É a mesma coisa no seu caso’, disse o Chapeleiro, e nesse ponto a conversa parou e a reunião ficou em silêncio por um minuto. Enquanto isso Alice refletia sobre tudo de que conseguia se lembrar sobre corvos e escrivatinhas, o que não era muito.” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.7)

Desde menina, sempre gostei dos filmes nos quais as possibilidades permaneciam abertas. Sempre gostei dos romances clariceanos que começavam com reticências e terminavam com vírgulas. Longe da utopia romântica do felizes-para-sempre – em que o mocinho e a mocinha se assumem seguros e confiantes, em narrativas, pensamentos, atitudes, de forma definitiva, "para-o-resto-de-suas-vidas" –, me encantavam as histórias em que ambos se assumiam confusamente seguros NO PRESENTE e em que o futuro aparecia como um grande "não sei". Sempre vi uma enorme poeticidade nisso. O enredo se inicia no meio de uma história já antes iniciada e termina, sem términos, durante uma história que ainda continua. Imprecisa e Imprevista. Em construção.

*Garden state*, filme escrito e realizado por Zack Braff, se tornou favorito por esse motivo. Andrew e Sam se conhecem na ante-sala de um consultório psiquiátrico; ele, dependente de lítio; ela, mentirosa compulsiva. Na cena final do filme, mergulham no futuro com perplexidade. Sabem que querem ir, mas não sabem ao certo de que forma ou sequer fazem idéia de para onde. Apenas decidem pela ida. Assim<sup>64</sup>:

*Andrew*: Droga, isso dói demais.

*Sam*: Sim, eu sei. Mas é a vida. Se não mais nada, é a vida. Ela é real. Algumas vezes dói demais. Para ser sincera, ela é tudo o que nós temos.

(No aeroporto...)

*Andrew*: No que você está pensando?

*Sam*: Você não vai voltar, vai?

*Andrew*: Pára com isso, Sam. É claro que vou.

*Sam*: Não, você não vai. Você não percebe, isso [que vivemos] é bom. E não acontece com frequência. Na sua vida, sabe? Eu quero dizer... Nós podemos dar um jeito nisso. Eu quero ajudar você, você sabe? Nós precisamos um do outro. Eu sequer menti em... dois dias.

---

<sup>64</sup> Para assistir à cena em questão, visite o endereço: <<http://www.youtube.com/watch?v=gbYOE5PyHbo>>

*Andrew:* Isso é verdade?

*Sam:* Não.

*Andrew:* Olha, não é isso... Essa não é uma conversa sobre nós dois estarmos terminados. É... é.... eu não estou colocando um ponto no final de tudo, entende? Eu estou colocando algo como reticências nisso tudo. Porque eu estou... eu estou preocupado que se eu não for me resolver, resolver minhas coisas agora... se eu não for, por assim dizer, colocar meus dois pés no chão... então eu vou estragar isso tudo que a gente está vivendo, e isso tudo é muito importante. Eu preciso ir. Eu... Preciso ir. Eu demiti meu psiquiatra. Eu preciso encontrar um psiquiatra novo. Olha, eu vou te ligar quando eu chegar lá. Eu vou te ligar. Olha pra mim. Olha pra mim. Você mudou a minha vida. Você mudou a minha vida, e eu só a conheço há quatro dias. Isso é o começo de algo muito grande. Mas, agora, eu preciso ir.

(Ela chora, ele parte. Alguns minutos, muitas lágrimas e um embarque e desembarque depois...)

*Sam:* O que você está fazendo?

*Andrew:* Lembra daquela minha idéia sobre eu fazer minhas próprias coisas primeiro... e procurar você só depois que já tivesse resolvido tudo?

*Sam:* As reticências?

*Andrew:* Sim. As reticências. É burrice. É burrice. É uma péssima idéia. E eu não vou fazer isso, ok? Porque como você disse, *isso é tudo*. **Isso é a vida**... e eu estou apaixonado por você, Samantha. Acho que essa é a única coisa de que já tive certeza na minha vida inteira. Eu realmente estou confuso agora, e há uma porção de coisas sobre as quais eu preciso pensar. Mas eu não quero mais desperdiçar nada da minha vida sem você, ok?

*Sam:* Sim...

*Andrew:* E eu acho que nós podemos fazer isso! Quer dizer, eu quero. E nós temos, certo?

*Sam:* Sim!

*Andrew:* Certo?

*Sam:* Sim!

*Andrew:* Então o que nós fazemos? (Pausa.) O que nós fazemos?<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> Versão original em inglês:

*Andrew:* Fuck, this hurts so much.

*Sam:* Yeah, I know. But that is life. If nothing else, that's life, you know. It's real. Sometimes it fuckin' hurts. To be honest, it's sort of all we have.

(No aeroporto...)

*Andrew:* What are you thinking about?

*Sam:* You're not coming back, are you?

*Andrew:* Come on, Sam. Of course I am.

Interrogação. Os dois se olham com cara de bobos, perdidos, confusos, mas apaixonados. O filme termina assim, as letrinhas sobem e segue esse abismo que é a "vida".  
THE END.

Por que discutir o filme aqui em uma tese de doutorado em lingüística?

Talvez o "espírito" da ciência que hoje diante de nós se coloca seja exatamente o mesmo desses "protagonistas". Em um contexto em se que instauram novas "realidades" e se colocam sob escrutínio concepções de saber e conhecimento, somos continuamente forçados a nos questionar sobre o que constitui nossa própria humanidade e nosso próprio ser. Confrontados com novos modos de apreensão continuamente em construção, reconfiguramos nossa existência, nosso estar no mundo. Imbuímo-nos de

---

*Sam:* No, you're not. You don't realize this is good. This doesn't happen often. In your life, you know? I mean, this... We can work this stuff out. I want to help you, you know? We need each other. I haven't even lied in, like, two days.

*Andrew:* Is that true?

*Sam:* No.

*Andrew:* Look, this isn't... This isn't a conversation about this being over. It's... It's... I'm not puttin' a period at the end of this, you know? I'm puttin', like, an ellipsis on it. Because I'm... I'm worried that if I don't go figure myself out... if I don't go, like, land on my own two feet... then I'm gonna fuck this whole thing up, and this is too important. I gotta go. I... Gotta go. I fired my psychiatrist. I gotta go find a new one. Look, I'm gonna call you when I get there. I'm gonna call you. Look at me. Look at me. You changed my life. You changed my life, and I've known you four days. This is the beginning of something really big. But right now, I gotta go.

(Ela chora, ele parte. Alguns minutos, muitas lágrimas e um embarque e desembarque depois...)

*Sam:* What are you doing?

*Andrew:* Remember that idea I had about working stuff out on my own... and then finding you once I figured stuff out?

*Sam:* The ellipsis?

*Andrew:* Yeah. The ellipsis. It's dumb. It's dumb. It's an awful idea. And I'm not gonna do it, okay? 'Cause like you said, this is it. This is life... and I'm in love with you, Samantha. I think that's the only thing I've ever been really sure of in my entire life. I'm really messed up now, and I got a lot of stuff I gotta work out. But I don't want to waste any more of my life without you in it, okay?

*Sam:* Yeah.

*Andrew:* And I think I can do this! I mean, I want to. We have to, right?

*Sam:* Yeah!

*Andrew:* Right?

*Sam:* Yes!

*Andrew:* So what do we do? (Silêncios...) What do we do?

inquietações e de vazios, paradoxais e trêmulos, que abrigam nossa ausência de destino. Peregrinos de nós mesmos, indagamo-nos, maravilhados, inconformados ou atávicos, sobre o que nos constitui. Errantes, sem âncoras, sem rumos pré-definidos, sem modelagens, abandonamos antigos e confortáveis universos e nos embrenhamos no assombro dos pontos novos de partida... *Então o que nós fazemos?* [Entremeio de reflexão e silêncios.] *O que nós fazemos?*

As perguntas feitas por Andrew na cena final de *Garden State* são perguntas de todos nós, que percorrendo nossos próprios itinerários, AGIMOS. Quer tenhamos consciência ou não, simplesmente, AGIMOS. E agimos, sim, orientados por certos critérios e valores (apesar de quaisquer descentramentos) e também por uma consciência moral, capaz de definir o que é "bom" e o que é "ruim", o que é "justo" e o que é "injusto". Uma consciência moral, constituída pelos dilemas e pelas contradições com os/as quais nos envolvemos como seres humanos, todos os dias.

Impelidos a agir, como Sam e Andrew, descobrimos que viver é muito perigoso, já que o ato é sempre *único e irrepetível*<sup>66</sup>. Somos impelidos a agir, porque a ação é exatamente o que exprime a vida, e caminhar é justo o que constrói o caminho. Não em trilhas bem traçadas, mas talvez *veredas*:

Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver mesmo ... (Rosa, 2001, p. 601).

---

<sup>66</sup> Cf. Bakhtin, 1993, p.59, grifos no original:

"Eu *sou* real e insubstituível, e portanto *devo* realizar minha unicidade. É em relação à toda a unidade real que meu único dever surge do meu único lugar no Ser. Eu, o um e o único eu, não posso em nenhum momento ser indiferente a (parar de participar de) minha inescapavelmente, obrigatoriamente única vida; eu preciso ter meu dever. Em relação a qualquer coisa, seja o que for e em que circunstâncias seja dado a mim, eu devo agir do meu próprio lugar único, mesmo que eu faça isso apenas interiormente."

Na mesma direção, me encanta muito um trecho de Millôr Fernandes: "*Viver... é escrever sem borracha*".

Porque viver é muito perigoso, é preciso aprender a viver: *sem garantias*. Não há reversibilidade dos processos da vida. Tal como Riobaldo, protagonista de Guimarães Rosa, somos "homens" que buscamos, no vaivém de nossas memórias e reflexões, negar a existência *real* daquilo que mais nos assusta<sup>67</sup>:

Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar. Esses homens. Todos puxam o mundo para si, para o concerta concertado. Mas cada um só vê e entende as coisas do seu mundo ... (Rosa, 2001, pp. 32-3).

*Vivendo o cotidiano da história, sem um autor que nos conduza a cada momento, somos "solicitados" a optar por caminhos pelos quais conduzimos nossas vidas* (Geraldi, 2003a, p.7). É justo a indefinição (inexistência?) da certeza de chegada que assusta, como assustou a Andrew e a Sam, ou como sentiu Riobaldo. É preciso coragem para não saber o que fazer e, sem entender, ainda assim (pros)seguir:

Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente pra fazer tantos atos, dar corpo ao suceder (Rosa, 2001, p.116).

É preciso coragem para ir adiante mesmo sem saber ao certo o rumo. É preciso coragem para andar sem *terceiras pernas*<sup>68</sup> ou para subir e descer, sem qualquer

---

<sup>67</sup> No caso, de Riobaldo o demônio com quem fez pacto quando se propôs vencer Hermógenes; no nosso, a própria eventicidade de nossas escolhas e o não álbi de nossa existência. Voltaremos a essa questão nas páginas seguintes a partir de uma discussão de Bakhtin (1993).

<sup>68</sup> “Se eu me confirmar e me considerar verdadeira, estarei perdida porque não saberei onde engastar meu novo modo de ser – se eu for adiante nas minhas visões fragmentárias, o mundo inteiro terá que se transformar para eu caber nele. *Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem precisar me procurar*”. (Lispector, 1977, sem grifos no original.)

conforto ou segurança, *escadas sem corrimãos*<sup>69</sup>. Em um contexto em que não podemos crer no que acreditávamos (os paradigmas são outros), em que são novas (e assustadoras) as concepções de conhecimento e de verdade (no plural), em que não podemos nos agarrar à existência segura de uma realidade totalitária e objetiva (antes única e compreensível), *o que nós fazemos?* Retomando a pergunta de Andrew, *o que nós fazemos?*<sup>70</sup>

Como Larrosa, acredito que se aproxima de nós o momento de aprendermos a viver com um novo tipo de honestidade. O tipo de honestidade exigida para habitar com a maior dignidade que pudermos um mundo caracterizado *pelo caráter plural da verdade, pelo caráter construído da realidade e pelo caráter poético e político da linguagem*:

Aquilo que desmoronou com o princípio da realidade, com o postulado da verdade e com a hipótese da linguagem representativa não passa de uma ficção. (...) O que ocorre é que *essa ficção era um solo firme e seguro e, ao perdê-lo, nos sentimos cair no vazio* e damos o nome de ‘niilismo’ a esse vazio no qual desapareceu tudo aquilo que era sólido e ao qual nos podíamos agarrar. Mas o vazio é também o nome da possibilidade. E para nós *o possível se tornou mais necessário que o real, porque o real, embora nos mantivesse seguros e assegurados, havia começado a nos asfixiar*. (Larrosa, 2000, p.164, sem grifos no original.)

A ausência de um real, no entanto, longe de ser vista como possibilidade transformadora, muitas vezes é paralisante, por ser desalentadora. Enquanto ocupamos o “lugar de” determinado “personagem social” (com seus papéis rotinizados mais ou menos

---

<sup>69</sup> "O mestre, como o poeta, ensinou que não há caminhos prontos e que pensar não é seguir uma trilha de corrimãos dados; (...) perguntas que, por serem fundamentais, permanecerão não respondidas e a elas sempre retornaremos já que as respostas construídas vêm marcadas pelas épocas vividas e são sempre já história. O homem está permanentemente convidado a construir suas outras respostas. Não pode haver convite maior do que este; *não pode haver desafio maior do que pensar sem corrimãos*. (Geraldi, 2005, sem grifos no original)

<sup>70</sup> Nessa direção gostaria de antecipar parte da reflexão que será realizada nas páginas seguintes:

"Um ato sempre envolve um **risco radical**, o que Derrida, seguindo os passos de Kierkegaard, chamou de loucura de uma decisão: *é um passo no desconhecido, sem garantias quanto ao resultado final* – por quê? *Porque um Ato altera retroativamente as próprias coordenadas em que interfere*. Essa falta de garantia é o que os críticos não podem suportar: *querem um Ato sem risco – não sem riscos empíricos, mas sem o "risco transcendental", muito mais radical, em que o Ato não apenas falhe, mas fracasse radicalmente*. Resumindo, parafraseando Robespierre, os que se opõem ao "Ato absoluto" se opõem também ao Ato como tal, *querem um Ato sem Ato*." (Žižek, 2003, p.175, sem grifos no original.)

pré-estabelecidos), enquanto falamos da “posição de” um papel, nos sentimos, de certa forma, seguros. Nas sociedades pós-tradicionais, no entanto, essa demarcação entre os diferentes papéis se dá de maneira confusa, forçando os indivíduos a (re)definirem constantemente esses papéis por si próprios, analisando as suas práticas e a si mesmos, com base em novos conhecimentos e em novas posições que passam a ocupar na estrutura social. Isso implica, ou ainda nos força, a viver em constante ambigüidade, em direção diametralmente oposta à segurança projetada em torno de uma vida social estável e ordenada, que nos garantia uma espécie de *segurança ontológica*<sup>71</sup>.

De acordo com Giddens (1991), perceber o risco como uma possibilidade que não pode nunca ser eliminada faz mais do que simplesmente enfraquecer a suposição de que a emergência da modernidade levaria à formação de uma ordem social mais feliz e mais segura. A perda da crença no progresso é um dos fatores que fundamentam a dissolução de narrativas na história, ou nos termos de Lyotard, que fundamentam a evaporação da “*grand narrative*”, que caracterizava as sociedades pré-modernas:

Um mundo estruturado principalmente por riscos humanamente criados tem muito pouco lugar para influências divinas, ou de fato para as propiciações mágicas de forças ou espíritos cósmicos. (...) Onde o risco é *conhecido* como sendo risco, ele é vivenciado de modo diferente do que em circunstâncias em que predominam noções de *fortuna*. *Reconhecer a existência de um risco ou conjunto de risco é aceitar não só a possibilidade de que as coisas possam sair erradas, mas que esta possibilidade não pode ser eliminada.* (Giddens, 1991, pp.112-113, sem grifos no original)

É nesse espaço que uma discussão sobre a ética ganha lugar e passa a ter caráter fundamental. Todos nós possuímos estruturas de aproximação com o mundo, peças

---

<sup>71</sup> “A segurança ontológica é uma forma, mas uma forma muito importante, de sentimentos de segurança no sentido amplo (...) A expressão se refere à crença que a maioria dos seres humanos têm na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes. Uma sensação da fidedignidade de pessoas e coisas, tão central à noção de confiança, é básica nos sentimentos de segurança ontológica” (Giddens, 1991:95)

leitoras que nos ajudam a decifrar o mundo. Se não é possível mais trabalharmos com a possibilidade de uma realidade ou saber imanente – se acreditamos que temos não “o” saber / “a” verdade (istina), mas apenas *saberes* (pravda) / *verdades*<sup>72</sup> – o que diferencia a validade da minha leitura, por exemplo, da validade de qualquer outra leitura existente, seja ela científica ou não?

Freqüentemente, escuto comentários de colegas que, esmorecidos, se queixam sobre o status (ou a ausência do status) de “fazer ciência” após o “descentramento” de valores e verdades, discutido nos capítulos anteriores. Nossas maneiras de “fazer ciência”, tradicionalmente, são constituídas por descrições de realidades estáveis. Como cientistas, organizamos nossos dados e, fazendo isso, fechamos em volta deles uma moldura de leitura para descrever o que ficou “preso” dentro dela. A compreensão da existência da moldura retira de nós a segurança de verdade que possuíamos. Seu enfraquecimento ou sua perda, diante de um quadro em que cada vez mais presenciamos inúmeras formas de destruição da nossa espécie (as câmaras de gás, a manipulação biológica, os atos do terror, a destruição intencional da natureza, os conflitos armados), desafia nossa capacidade de ação, atando muitas vezes nossas mãos. A grande questão passa então a ser: *Como intervir ou modificar um mundo que sequer podemos saber se conhecemos?*

Nossa práxis como cientistas está ligada ao congelamento de realidades que não param nunca de estar em movimento. Praticamos muitas vezes uma ciência puramente referencial, que, para construir modelos que dêem conta da “descrição” de objetos e realidades supostamente estáveis, apagam a singularidade desses mesmos objetos. Somos movidos muitas vezes pela necessidade de fazermos (um)a *ciência do real*. No entanto,

---

<sup>72</sup> Cf. Cap.1.

fomos lançados em um tempo no qual tudo é provisório. Novas tecnologias alteram nossa vida diária. As tradições do passado não podem ser retomadas. Ao mesmo tempo nós fazemos pouca idéia do que o futuro nos trará. *Nós somos forçados a viver como se fôssemos livres.* (Gray *apud* Žižek, 2008, p.455, com grifos no original)<sup>73</sup>

As grandes questões então passam a ser: como conceber nossa intervenção acadêmica, como mobilizar nossa vontade de busca por uma sociedade melhor e mais justa, em um contexto em que caminhos não se impõem, em que pensar (embora também seja agir) não pode mais seguir uma trilha de corrimãos de antemão estabelecidos? Como conceber nossa intervenção sobre a realidade em um contexto em que a realidade objetiva e totalitária, sabemos, (in)certamente, não existe?

A intensidade das perguntas que fazemos a nós mesmos faz crescer a nossa vulnerabilidade diante do aumento de nossa capacidade destrutiva. Atávicos, diante da violência, das guerrilhas, dos atos de terrorismo, da morte planejada do nosso semelhante, corremos o risco de, *pós-modernisticamente*, fascinados apenas pelo torpor da *ciência delirante*<sup>74</sup>, perdermos a capacidade de intervir neste estado de coisas caótico que vivenciamos todos os dias.

Mesmo que não possamos recorrer a um tribunal transcendental que ofereça uma fundação moral para nossas atitudes, será que podemos (queremos) deixar que o mundo permaneça "de qualquer jeito"? Em um contexto que se instaura a partir de um

---

<sup>73</sup> Tradução livre. No original:

"We have been throw into a time in which everything is provisional. New technologies alter our lives daily. The traditions of the past cannot be retrieved. At the same time we have little idea of what the future will bring. *We are forced to live as if we were free.*".

<sup>74</sup> "Para desafiar e enfrentar esse estado paradoxal das coisas, precisamos de um modo de pensar paradoxal; uma vez que o mundo rumo para o delírio, precisamos adotar um ponto de vista delirante. Não devemos mais adotar qualquer princípio de verdade, de causalidade, ou qualquer norma discursiva." (Baudrillard, 2001, p.74)

quadro epistemológico que não evoca a ética dos grandes princípios, que não define *a priori* o que é certo e o que é errado, que apaga as certezas que antigamente definiam o verdadeiro e o falso, o real e o ilusório, sem "sombra" de dúvidas, será que não corremos o risco de legitimar qualquer ação ou atitude? Nossos dados são parciais, nossas predições incertas e inúmeras pressuposições ontológicas subjazem nossos julgamentos "instrumentais". Mas devemos simplesmente aceitar que nosso papel como intelectuais é descrever que as coisas nem sempre são como são?

Certamente, minhas indagações não são novas e já foram feitas e refeitas por dezenas de outros pesquisadores, em áreas diversas do conhecimento. Incomoda-nos o desalento provocado pela ausência de um parâmetro de ética anterior. Incomoda-nos a ausência de um alibi, como a palavra na lei de Deus (ou, nos termos de Žižek, *the Big One*), ou em qualquer outra tradição de amparo. Estamos todos mal-preparados e condenados a estar mal-preparados. Porque parece existir apenas a procura. É nossa ilusão achar que podemos encontrar o lugar.

Não me entenda mal o(a) leitor(a). Eu não desejo que retrocedamos aos prenúncios da ciência moderna. Não sugiro a busca de transcendências ou a instauração de certezas absolutas, totalitárias e universais. Não sugiro que matem os o espírito incessante das perguntas que nos colocam constantemente em movimento. Mas é justo aqui, neste ponto, que reside aqui o cerne das contribuições que gostaria de trazer de Bakhtin:

*compreender um objeto é compreender meu dever em relação a ele* (a atitude ou posição que devo tomar em relação a ele), isto é, compreendê-lo em relação a mim mesmo no ser-evento único, *e isso pressupõe minha participação responsável*, e não uma abstração de mim mesmo. (Bakhtin, 1993, p.35, sem grifos no original)

O aspecto fundamental da teoria bakhtiniana do sujeito parte da recusa de

concepções transcendentais (como a *universalidade do dever*<sup>75</sup>, de Kant), que pressupõem categorias de compreensão do mundo que não dependem da vida concreta a que os sujeitos se submetem e estão submetidos. Nessa perspectiva, a validade de categorias que possam existir fora da situação de vida concreta dos sujeitos fica seriamente comprometida.

Um ato ou ação responsável é precisamente aquele ato realizado sob a base de um reconhecimento da minha obrigação (dever-ser) unicidade. É essa afirmação do meu *não-álibi* no ser que constitui a base da minha vida sendo tanto real e necessariamente dada como também sendo real e necessariamente projetada como algo-ainda-por-ser-alcançado. *É apenas o meu não-álibi no ser que transforma uma possibilidade vazia em um ato ou ação responsável e real.* (Bakhtin, 1993, p.60)

Os códigos de ética nascem e se desenvolvem em diferentes épocas e culturas como respostas aos problemas básicos apresentados pelas relações em sociedade, e, em particular, pelos comportamentos morais efetivos. Em um mundo constituído apenas por fatos, não há espaço para a ética; a ética necessariamente pressupõe uma escolha consciente. Essa postura deixa de implicar um sujeito determinado que não tem nenhuma capacidade de escolha e nenhuma responsabilidade sobre os seus atos e passa a implicar um *sujeito ético*, que está situado na história, que tem um passado, um percurso histórico, que não tem, de forma alguma, *um álibi para sua existência*:

A ética envolve a possibilidade e a liberdade de escolha, que por sua vez depende de um *mínimo de poder decisório por parte de um sujeito dotado de um grau de autonomia e liberdade para efetivamente exercê-lo*. O sujeito completamente determinado não tem nenhuma escolha sobre seus atos e, por conseguinte, não pode ser responsabilizado em relação aos mesmos. O sujeito ético precisa estar 'situado' na história; ele necessariamente tem um passado, um percurso histórico vivenciado, e à luz das lições apreendidas, a capacidade e a vontade de interferir no rumo dos acontecimentos. (Rajagopalan, 1997, sem grifos no original.)

---

<sup>75</sup> Para Kant, a ética se manifesta na forma suprema do bem e deve ser entendida em si mesma, *independente de toda inclinação exterior e dos objetivos em função dos quais pode agir*. A boa vontade é compreendida como bem supremo e condição de possibilidade de todo o bem. (Cf. KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa, Edições 70, 1997.)

A ética bakhtiniana, diferentemente da ética com ‘E’ maiúsculo buscada durante séculos pela filosofia transcendental, parece ser *prosaica* e *casuística*; parece ser uma ética cotidiana, relacionada a cada momento concreto e ligada à ponderação das responsabilidades. Ela sugere uma reflexão sobre quais *atitudes* tomar tendo por base as *conseqüências* que podem gerar; e, para ambas, *não há qualquer álibi em nossa existência*.

É preciso ressaltar no entanto que, na perspectiva bakhtiniana, a rejeição das verdades absolutas, não implica sobremaneira aceitação do relativismo ou subjetivismo; o relativismo e o subjetivismo estão ambos totalmente situados no domínio da teoria abstrata, distantes do dever e da eventicidade única do evento, assim como qualquer teoria de normas gerais.

Como fez em trabalhos anteriores, em *Para uma Filosofia do Ato* (1993[1919-1921]), Bakhtin insistiu na idéia de que *o relativismo (ou subjetivismo) são ambos lados de uma mesma moeda*:

Se a ética não é generalizável, nem uma questão de regras, isso não faz dela em nenhum sentido menos pesada. Ao contrário, se a ética fosse uma questão de regras, e nós pudéssemos conhecer essas regras, todo o trabalho de uma ação ética desapareceria, porque nós poderíamos simples e imprudentemente aplicá-las. Por outro lado, se "qualquer coisa acontece", também não há trabalho. Se *a ética é real, e está fundamentalmente localizada em situações particulares, o trabalho real será sempre requerido*<sup>76</sup>. (Morson e Emerson, 1990, p.26, sem grifos no original)

Longe de retirar a responsabilidade dos sujeitos, a teoria bakhtiniana sustenta enfaticamente um arcabouço filosófico que remete aos seres humanos, a seu agir, a sua posição no mundo; remete ao Ser único real, situado nos eventos únicos da vida concreta:

---

<sup>76</sup> Tradução nossa. No original:

"If ethics is not generalizable, not a matter of rules, that in no sense makes it any less of a burden. On the contrary, if ethics were a matter of rules, and we could know those rules, all the work of an ethical action would disappear, because we could simply and thoughtlessly apply them. Conversely, if "anything goes", there's also no work. But *if ethics is real, and is located fundamentally in particular situations, the real work is always required.*"

vida concreta *no mundo, com os outros seres humanos, também sem álibis para a existência*. Bakhtin resiste em *Para uma filosofia do ato* – como em toda a sua obra – à promoção de idéias que independem dos sujeitos que as pensam, a posições que se sobrepujam às pessoas reais que vivem situações concretas que constituem essas mesmas idéias.

A ética não pode ser separada das situações concretas da vida: ética(s) de circunstância(s), negociada(s) a cada momento, em cada situação: *se não há ganchos nos céus, nós temos que estabelecer ganchos entre nós*<sup>77 78</sup>.

A experiência no mundo humano é sempre mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito, que lhe confere sentido e a partir do mundo dado, o mundo como materialidade concreta. Como o mostra a obra de Bakhtin, não se trata porém de propor a relatividade dos valores, mas, pelo contrário, o fato de que *o valor é sempre valor para os sujeitos, entre sujeitos, numa dada situação*. (Sobral, 2005a, p.22, sem grifos no original.)

O ser humano, na concepção bakhtiniana, não tem direito a uma evasão desse único ato ou ação responsável que toda a sua vida constitui, pois nós não temos álibis. Não temos álibis para este lugar único e irrepetível que ocupamos e, nessa direção, *nossa responsabilidade abarca, contém, implica necessariamente a alteridade perante a qual o ato responsável é uma resposta* (Geraldi, 2003:2):

---

<sup>77</sup> Notas de aula do Professor Alfredo Veiga Neto, durante o *workshop*: "O (a)normal e o patológico em Michel Foucault" (Sol. Faep nº 0874/01), Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), novembro de 2001.

<sup>78</sup> Nessa direção, ver Bakhtin, 1993, p.45:

"Reconhecemos como infundada e essencialmente sem esperança todas as tentativas de orientar uma filosofia primeira (a filosofia do Ser-evento unitário e único) em relação ao aspecto do conteúdo-sentido, ou do produto objetivado, e único), fazendo-se abstração do ato-ação real, único, e de seu autor – aquele que está pensando teoricamente, contemplando esteticamente e agindo eticamente. É apenas de dentro do ato realmente executado, que é único, integral e unitário em sua responsabilidade, que nós podemos encontrar uma abordagem ao ser único e nitário em sua realidade concreta. Uma filosofia primeira só pode orientar-se em relação a esse ato realmente executado."

Somos cada um com o outro na irrecusável continuidade da história. Buscar nos eventos, nas singularidades, nas unicidades dos atos dessa caminhada como se realizam as ‘respostas responsáveis’ é um modo de reencontrar os deslocamentos imperceptíveis na construção continuada dos valores, dos sentidos que regem, mas que se fazem e se desfazem na existência.

Há, nessa direção, concordando com Sobral (2003), uma insistência na idéia de que se deve enfatizar que o sujeito que toma decisões morais faz isso em sua vida concreta e *que* o conteúdo dessa decisão, justo porque não é transcendente, *não existe independentemente do processo concreto dessa mesma decisão*:

Cada pensamento meu, junto com o seu conteúdo, é um ato ou ação que realizo – meu próprio ato ou ação individualmente responsável (postupok). É um de todos aqueles atos que fazem da minha vida única inteira um realizar ininterrupto de atos (postuplenie). Porque minha vida inteira como um todo pode ser considerada um complexo ato ou ação singular que eu realizo: eu realizo, isto é, executo atos, com toda a minha vida, e cada ato particular e experiência vivida é um momento constituinte da minha vida – da contínua realização de atos. (Bakhtin, 1993, p.21)

A própria concepção que se passa a ter da história também é alterada drasticamente. Ela perde seu caráter de continuidade e de realidade imanente. Isso nos possibilita focalizar suas descontinuidades; sua contingência. Não há transcendência na história e não há uma origem em si na história; o que há são apenas as suas próprias condições de possibilidade. Da mesma forma, o indivíduo já não é algo que é ou que está na natureza para ser descoberto. Mas algo que para existir tem que ser constituído incessantemente. Constituído como sujeito, na/pela tessitura discursiva e semiótica das práticas sociais.

Essa transformação na forma de compreender o sujeito acarreta (e é acarretada por) uma mudança na forma de compreender a verdade, que, perdendo o seu caráter imanente e pré-fixado nas estruturas, passa a ser percebida como construída, sempre e todos os dias, na vida em-processo-de-devir pelo ser também em-processo-de-devir:

O ato responsável ou ação, sozinho, supera toda hipótese – porque ele é, afinal, a atualização de uma decisão – inescapável, irremediável e irrevocavelmente. (...) O ato realizado constitui uma passagem, *de uma vez por todas*, do interior da possibilidade como tal, para *o que ocorre uma única vez*. (...) Em sua responsabilidade, o ato coloca diante de si sua própria verdade (pravda) como algo-a-ser-alcançado. (Bakhtin, 1993, pp.46-47)

Concordando com Vattimo (1996), pode-se dizer que a verdade passa a ser entendida não como *um objeto de que nos apropriamos e que transmitimos*, mas como *um horizonte e um pano de fundo no qual, discretamente, nos movemos*. Tal transformação nos paradigmas ou, em outros termos, a passagem de uma compreensão de *verdade como objeto* para uma compreensão de *verdade como movimento* só poderia ter aberto espaço para a incerteza, o risco, o acaso, uma vez que ela não descarta a descontinuidade, o caos ou a complexidade, conforme já discutimos em momentos anteriores. Nesse contexto, gera alento e/ou conforto *imaginar que a verdade (pravda) só pode ser a verdade (istina) composta de momentos universais; que a verdade de uma situação é precisamente o que é repetível e constante nela* (Bakhtin, 1993, p.55). Ilusionariamente, instauramos corrimãos e terceiras pernas que nos dêem alguma sensação de segurança. Inventamos álibis que retirem de nós a responsabilidade pela decisão nossa de cada dia.

O que faz a diferença nesse processo é a responsabilidade/ respondibilidade ética. Se o sujeito é *em movimento*, a verdade também é *em movimento*. Compreender uma verdade em movimento não é tirar dela o caráter de verdade, mas é deslocá-la da perspectiva de uma verdade ontológica e essencializada (istina) e reintegrá-la em uma perspectiva que também é construída no devir (pravda):

A vida pode ser compreendida apenas na concreta responsabilidade. Uma filosofia da vida só pode ser uma filosofia moral. *A vida só pode ser compreendida como evento em processo, e não como um ser enquanto dado*. Uma vida que se afastou da responsabilidade não pode ter uma filosofia: ela é, por princípio, fortuita e incapaz de ser enraizada. (Bakhtin, 1993, p.74, sem grifos no original)

Para Bakhtin, não há álbi para a existência do sujeito; cada ser é único e cada ato, cada escolha são únicos também. Não há álbi para suas/nossas decisões. Isso constitui a *responsabilidade ética*<sup>79</sup>. Por mais desalentadora que seja a sensação de ausência e desconforto em que nos deixa a perspectiva de verdade-no-devir (*pravda*), é justamente ela que nos oferece a possibilidade de nos tornamos sujeitos éticos e responsáveis por nossas próprias vidas:

A inclusão responsável na unicidade única reconhecida do Ser-evento é precisamente o que constitui a verdade (*pravda*) da situação (*polozhenie*). O momento do que é absolutamente novo, o que nunca existiu antes e jamais pode ser repetido, está em primeiro plano aqui e constitui uma continuação responsável no espírito daquele todo que foi uma vez reconhecido. (...) Eu também participo no Ser de uma maneira única e irrepitível: eu ocupo um lugar no Ser único e irrepitível, um lugar que não pode ser tomado por ninguém mais e que é impenetrável a qualquer outra pessoa. No dado ponto único onde eu agora estou, ninguém jamais esteve no tempo único e no espaço único do Ser único. E é em torno deste ponto único que todo o Ser único se dispõe de um modo único e irrepitível. Aquilo que pode ser feito por mim não pode nunca ser feito por ninguém mais. A unicidade ou singularidade do ser presente é forçadamente obrigatória. (Bakhtin, 1993, pp.57-58)

Mas, como já dissemos, esse processo não é e nem poderia ser fácil. A desestabilização que ele gera é penosa e arriscada, porque implica não só desestabilizar verdades, mas também narrativas de identidade. Isso implica desancorar nossos papéis sociais das tradições. Significa abrir mão da *terceira perna* que nos impossibilitava de caminhar, mas que nos dava apoio e segurança por criar a sensação (mesmo que fictícia) de termos álbis que nos justificassem.

Essa desestabilização afeta diretamente nossa *segurança ontológica* e é por isso que, muitas vezes, nos faz defender com fervor as narrativas que nos amarram às

---

<sup>79</sup> Cf. nota 12.

tradições, fazendo-nos dar início a um processo de “istinização”, porque confrontados com o risco, não conseguimos suportar o peso de carregar a *eventicidade* de nossas verdades e de nossas próprias decisões.

O homem contemporâneo sente-se seguro de si, próspero e inteligente, quando ele próprio não está essencialmente e fundamentalmente presente no mundo autônomo de um domínio da cultura e de sua lei de criação imanente. Mas *ele se sente inseguro, deficiente e destituído de compreensão, quando se trata dele mesmo, quando ele é o centro emissor de atos ou ações responsáveis, na vida real e única*. Isto é, nós agimos com segurança apenas quando o fazemos não como nós mesmos, mas como alguém possuído pela necessidade de significado imanente de algum domínio da cultura. (Bakhtin, 1993, p.38, sem grifos no original)

Para nossas decisões éticas, não há respostas anteriores nem há alibi: *tirar conseqüências da teoria crítica para atuar politicamente é o anseio daqueles que pensam com seriedade*; entretanto, “não existe uma receita geral, *salvo a necessidade de compreender a própria responsabilidade*” (Horkheimer, 1990:1, sem grifos no original). Como preferimos atuar no mundo? *O que nós fazemos?* ... parecem ser as perguntas a que devemos responder. Qual é o nosso papel?<sup>80</sup>

Para perguntas como essa, o que mais importa não são as respostas que encontramos, porque, usando uma metáfora de Larossa (2000), as respostas poderiam matar a intensidade das perguntas e o que se agita nessa intensidade.

---

<sup>80</sup> Nessa direção, gostaria de trazer – como constitutiva do meu *situatedness* (Cf. Nota 73) – a transcrição de uma de minhas cenas favoritas da brilhante animação de Richard Linklater, *Waking Life*, de 1996:

"(...) Passamos pela vida esbarrando uns nos outros, sempre no piloto automático, como formigas, não sendo solicitados a fazer nada de verdadeiramente humano. 'Pare'. 'Siga'. 'Ande aqui'. 'Dirija ali'. Ações voltadas apenas a sobrevivência. Toda comunicação servindo para manter ativa a colônia de formigas de um modo eficiente e civilizado. 'O seu troco', 'Papel ou plástico?', 'Crédito ou débito?', 'Você aceita ketchup?'. Não, eu não quero uma migalha. *Quero momentos humanos verdadeiros. Quero ver você. Quero que você me veja. Não quero abrir mão disso. Não quero ser uma formiga, entende?*".

Ainda assim, neste contexto, é que realmente se faz importante reiterar as reflexões de Bakhtin: *“é precisamente a dúvida que forma a base como agente efetiva, e isso acontece sem entrar em contradição, de modo algum, com a verdade (pravda) única e unitária: é precisamente esta verdade única e unitária do mundo que exige dúvida”* (Bakhtin, 1993, p.63, sem grifos no original).

Como Rajagopalan (2005), acredito que é chegada a hora de "fazermos filosofia de forma conseqüente, fazendo algo de concreto". Fazer algo de concreto significa, nessa perspectiva, *intervir no mundo, no rumo dos acontecimentos*. Significa *tomar posições politicamente importantes e conseqüentes*. Significa, tomando emprestadas as palavras de Wanderley Geraldi (2005, p.2), colocar sob escrutínio também as críticas endereçadas ao pensamento crítico pelas análises foucaultianas, pelas desconstruções derridianas ou pelas reflexões deleuzianas, "porque elas não representam mais uma diferença de opção entre campos de luta, mas resultam de um refinamento necessário às concepções *para não cairmos no engodo da inovação que repete e reproduz os mecanismos mesmos que quer destruir*".<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> Nessa direção, vale lembrar Foucault, 1979, p.239:

"Deve vir o momento da nova mobilidade e do novo deslocamento. Pois estas viradas do pró ao contra logo se bloqueiam, nada podendo fazer a não ser se repetir, formando o que Jacques Rancière chama a "doxa esquerdista". A partir do momento em que se repete indefinidamente o mesmo refrão da cançoneta anti-repressiva, as coisas permanecem onde estão e qualquer um pode cantar a mesma música, que ninguém prestará atenção. Esta inversão dos valores e das verdades, de que eu falava antes, foi importante por não se limitar a simples vivas (viva a loucura, viva a delinquência, viva o sexo), mas por permitir novas estratégias. *O que freqüentemente me incomoda hoje – em última análise, o que me dói – é que todo este trabalho feito durante quinze anos, muitas vezes com dificuldades e às vezes na solidão, só funciona para alguns como sinal de pertencimento: estar do "lado correto", do lado da loucura, das crianças, da delinquência, do sexo. (...) É preciso passar para o outro lado – o "lado correto" – mas para procurar se desprender destes mecanismos que fazem aparecer dois lados, para dissolver esta falsa unidade, a "natureza" ilusória deste outro lado de que tomamos o partido. É aí que começa o verdadeiro trabalho, o do historiador do presente.*"

Outros são os tempos e outras, as realidades. Apesar de quaisquer inconsistências, as promessas da modernidade – *liberdade, igualdade e fraternidade* – continuam *desejantes*. Não tenho receitas para este mundo novo. Mas é minha escolha aceitar o desafio, e é nessa direção que, responsiva e responsavelmente, gostaria de pensar. Porque eu me importo<sup>82</sup>.

Responsiva e responsavelmente, acredito que seja esta a hora de *pensarmos* (a partir de) uma perspectiva que leve adiante a idéia de *emancipação* e de *transformação social*, mesmo que – como aponta Santos (2007) – não possamos continuar percebendo essa emancipação, essa transformação, nos antigos termos modernos<sup>83</sup>.

*Para uma filosofia do ato* defende um programa de poética social e de ética responsável, firmemente apoiada na *alteridade* (o que, em trabalhos subseqüentes, fez com que Bakhtin formulasse o conceito de *dialogia*). A verdade é tratada como uma *instância dialógica*, e o diálogo apresentado como uma meta a ser atiginda. *Dialogar* implica um descentramento, uma abertura ao outro; não consiste somente na projeção de nossa verdade sobre o outro, tampouco na sua percepção usando apenas nossos "olhos". É preciso deixar que entre em nós sua(s) verdade(s). *Verdadeiramente* ouvir. Tal perspectiva, eu acredito, pode trazer a compreensão de que, em um mundo de radicalismos e injustiças,

a vida não precisa ser assim. O espaço que nós coabitamos pode ser bem e consensualmente estruturado; neste espaço em que muitas coisas fundamentais para a vida de cada um de nós (transporte, escolas, hospitais, meios de comunicação) são

---

<sup>82</sup> Não se trata de uma perspectiva individualista, mas de uma perspectiva que implique o *situatedness* (cf.63). Como Sobral (2005, p.125), entendo sim "a consciência como elemento ativo de cunho histórico e social, do sujeito como constituído pelo outro, **embora não menos "pessoal", sujeito responsável e responsivo**, mas nunca subjetivamente instaurado no mundo, nem submetido a um social e ou natural devoradores e neutralizantes." (sem grifos no original).

<sup>83</sup> "Os instrumentos que regularam a discrepância reforma e revolução estão hoje em crise" (Santos, 2007, p.18).

compartilhadas, nós podemos perceber *os outros como condições*, em vez de obstáculos, para o nosso bem-estar. (...) A sociedade contemporânea fala em *muitas vozes* e nós sabemos agora que continuará a ser assim por um longo período à frente. A questão central dos nossos tempos é como transformar essa polifonia em harmonia, e como evitar que ela se degenere em cacofonia. Harmonia não é uniformidade; sempre foi uma interface de um número de diferentes motivos, cada um mantendo sua identidade própria e sustentando o resultado melódico através de, e graças a, essa identidade.<sup>84</sup> (Bauman, s.d., p.39)

Na perspectiva bakhtiniana (cf. Bakhtin, 1997; 1998), podemos dizer que há dialogia quando a interação entre sujeitos favorece sua constituição mútua, quando é construída uma relação horizontal, que refuta a diretividade de um sobre o outro. Como "cientistas", é chegada a hora de pensarmos juntos, sem "elitismos científicos". É chegada a hora de, ampliando uma metáfora de Rajagopalan (2008), trocarmos a lousa branca pelo *palimpsesto*<sup>85</sup>.

Cada um de nós ocupa um tempo, um lugar específico no mundo e é responsável (também no sentido de oferecer respostas) pelos próprios atos. Nessa direção, é fundamental abrírmos mão de nossas formas pré-modeladas e "engessantes" de pensar, de sentir, de interagir, de escutar. Olhar o mundo de outros pontos de vista, que captem o movimento dos fenômenos em sua pluralidade. Acho magnífico o exemplo de Boaventura de Souza Santos (2007, p.56):

---

<sup>84</sup> Tradução nossa. No original:

"Life has not got to be like this. The space we co-habit may be well and consensually structured; in such a space, in which many things vital to the life of each of us (transport, schools, surgeries, media of communication) are shared, we may see each other as conditions, rather than obstacles, to our well-being. (...) Contemporary society speaks in many voices and we know now that it will do so for a very long time to come. The central issue of our times is how to reforge that polyphony into harmony and prevent it from degenerating into cacophony. Harmony is not uniformity; it is always an inter-play of a number of different motifs, each retaining its separate identity and sustaining the resulting melody through, and thanks to, that identity."

<sup>85</sup> Um *palimpsesto* é uma página manuscrita, pergaminho ou livro cujo conteúdo foi lavado ou raspado e escrito novamente, normalmente nas linhas intermediárias ao primeiro texto ou em sentido transversal.

Começamos com um conceito muito simples, que é um princípio fundamental para toda a filosofia cartesiana: "Penso, logo existo". Um grande filósofo africano, Kwasi Wiredu, diz: veja só, eu venho da Nigéria, meu povo é o akan e em minha língua africana eu não posso traduzir isso; pensar, em minha língua, é medir algo. Então esse conceito não tem sentido. Além disso, o "sou" também não existe em minha língua, nós sempre estamos em algum lugar, tenho de dizer sempre que estou em um território, em um lugar, em uma posição, e essa localização reduz de imediato o pressuposto universalista do "penso, logo existo".

Nessa perspectiva, como propõe Santos, parece que o grande desafio é encontrar outro tipo de diálogo. *É preciso conversar muito mais, dialogar muito mais, buscar outra metodologia de saber, ensinar, aprender.* Ousar. Abraçar o risco e prosseguir. E é com este espírito que seguiremos.

No próximo capítulo, andaremos com Žižek pelos caminhos da ética do real e da psicanálise. A discussão central se dará em torno dos estudos que, no escopo da atual Teoria Social, reivindicam uma autonomia incondicional do sujeito, uma aceitação de que, como seres humanos, somos responsáveis, em última análise, por nossos atos e nosso ser-no-mundo.

Para finalizar este capítulo, sem ter a menor intenção ou pretensão de concluí-lo, gostaria de relacionar a esta discussão um poema de Carlos Drummond de Andrade. Um poema que, acredito, traz-nos parte do “espírito” necessário para que – desancorados de *terceiras pernas* – continuemos caminhando, ponderando responsiva e responsavelmente, todos os passos em percursos sempre sinuosos, sempre em construção:

Por muito tempo achei que a ausência é falta. E lastimava, ignorante, a falta. Hoje não a lastimo. Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim. E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.

## CAPÍTULO 5

### POR UMA RELEITURA DOS CAMINHOS OBLÍQUOS: A ÉTICA DO REAL

“‘Você já adivinhou a charada?’, perguntou o Chapeleiro, virando-se novamente para Alice. ‘Não, eu desisto’, Alice respondeu. ‘Qual é a solução?’ ‘Eu não tenho a mínima idéia’, disse o Chapeleiro. ‘Nem eu’, disse a Lebre de Março. Alice suspirou enfadadamente. ‘Eu acho que você deveria fazer coisa melhor com seu tempo’, ela disse, ‘ao invés de gastá-lo com charadas que não têm resposta.’ ‘Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu conheço’, o Chapeleiro falou, ‘não falaria em gastá-lo como se fosse uma coisa. Ele é uma pessoa.’ ‘Eu não sei o que você está dizendo’, disse Alice. ‘Claro que não!’, o Chapeleiro disse, sacudindo a cabeça desdenhosamente. ‘É muito provável que você nunca tenha falado com o Tempo!’ ‘Talvez não’, Alice replicou cautelosamente, ‘mas eu sei que tenho que bater o tempo quando estudo música.’ ‘Ah! Isso explica’, concluiu o Chapeleiro. ‘Ele não suporta apanhar. Agora, se você ficar numa boa com ele, poderá fazer o que quiser com o relógio. Por exemplo, suponha que sejam nove horas da manhã, bem a hora de começar a fazer as lições de casa, você apenas tem que insinuar no ouvido do Tempo e o ponteiro dá uma virada num piscar de olhos! Uma e meia, hora do almoço!’ (‘Eu queria que fosse’, a Lebre de Março disse para si mesma num sussurro.) ‘Isso seria ótimo, com certeza’, disse Alice pensativamente; ‘mas então... eu poderia ainda não estar com fome, você sabe.’ ‘A princípio não, talvez’, retomou o Chapeleiro, ‘mas você poderia ficar na uma e meia da tarde tanto tempo quanto você quisesse.’” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.7)

“‘Ninguém perguntou sua opinião’, disse Alice. ‘Quem está fazendo observações pessoais agora?’, o Chapeleiro perguntou triunfalmente. Alice não tinha o que responder no momento, daí, aproveitou para tomar um pouco de chá com torradas. Virou-se então para o Caxinguelê e repetiu sua pergunta: ‘Por que elas viviam no fundo de um poço?’ Mais uma vez o Caxinguelê demorou um minuto ou dois para responder e então disse: ‘Era um poço de melado’. ‘Isso não existe!’, Alice estava ficando muito brava, mas o Chapeleiro e a Lebre de Março começaram a fazer psiu e o Caxinguelê com um ar amuado observou: ‘Se você não consegue se comportar civilizadamente, é melhor que acabe a história por conta própria’. ‘Não, por favor, continue!’, disse Alice humildemente. ‘Eu não vou mais interromper. Vou fazer de conta que existe mesmo um’. (...) Alice não queria ofender o Caxinguelê novamente, por isso começou a falar com cautela: ‘Mas eu não entendi. De onde elas extraíam o melado?’ ‘Você pode extrair água de um poço de água’, disse o Chapeleiro, ‘portanto eu acho que pode extrair melado de um poço de melado... não, sua burra?’ ‘Mas elas estavam dentro do poço’, Alice disse para o Caxinguelê, como se não tivesse ouvido o último comentário. ‘É claro que estavam’, respondeu o Caxinguelê, ‘bem no fundo’. Esta resposta confundiu de tal forma a pobre Alice, que ela deixou o Caxinguelê prosseguir por algum tempo sem interrompê-lo.” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.7)

Em um fim de semana há alguns meses, envolvida pela inércia de um domingo de seca – Brasília consegue ser ainda mais inóspita em tempos de pouca chuva –, iniciei a leitura do segundo volume de *História do Estruturalismo*, do historiador francês François Dosse. Confesso que o tom documentarístico do livro não me atraiu nos primeiros instantes. Abandonei-o para mais um dia mais úmido. Semanas depois, angustiada entre as leituras diversas que me descentravam lugares, voltei ao texto de Dosse e fui surpreendida pela identificação com o trecho:

Quando a mobilização retorna à estiagem, quando o curso do tempo recupera seu leito após a cheia, Lacan é aquele que pode curar as feridas do fracasso, das ilusões perdidas de uma ruptura total desejada com o mundo antigo. *Na impossibilidade de mudar o mundo, ainda é possível a cada um mudar-se a si mesmo.* (Dosse, 2007, p.169, sem grifos no original.)

Minhas primeiras experiências com a Psicanálise aconteceram em 2001, durante curso no Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade de Brasília. Rita Segato, antropóloga, tentava mostrar – a uma classe de etnógrafos<sup>86</sup> incrédulos – como as teorias psicanalíticas poderiam trazer contribuições para as Ciências Sociais. Eu, mestranda em Lingüística na época, me misturava a um grupo que olhava desconfiado para o estabelecimento de uma relação "prática" entre o relativismo cultural e o universalismo psicanalítico. Eu gostava das discussões sobre os *descentramentos*<sup>87</sup> – não

---

<sup>86</sup> "A etnografia é uma linha da antropologia. A antropologia estuda as pessoas e suas culturas em um alto nível de abstração. **Etnografia implica em tentar entender as pessoas, não suas personalidades, aspectos psicológicos ou movimentos sociais, mas as pessoas como seres embutidos em 'redes de significado'. É pensar nas pessoas da mesma maneira como elas se identificam.** Um dos principais aspectos da etnografia é a participação: você entende os aspectos de outra cultura vivenciando-a: indo lá, estando lá, fazendo as coisas que eles fazem e como eles fazem..." (Genevieve Bell, maio de 2004, grifos no original. Internet: <<http://www.ufpa.br/cdesouza/teaching/topes/2-ethnography.pdf>>. Acesso 09/05/2008.)

<sup>87</sup> "(...) Copérnico retirou a Terra do centro do universo e Darwin mostrou que o homem não está no centro da criação, a psicanálise, por sua vez, descentrou o homem de si mesmo ao mostrar que 'o eu não é senhor nem mesmo em sua própria casa'. De fato, ao descentrar a sede do sujeito de sua consciência, o inconsciente freudiano subverteu de modo radical o cogito cartesiano e introduziu a dimensão de uma racionalidade inteiramente nova." (Coutinho, 2000, p.17)

estranhos a mim pelo trabalho há alguns anos com Análise do Discurso<sup>88</sup> –, mas muito mais me interessavam as análises das formações e das práticas. O interesse pela Psicanálise só ressurgiria cerca de cinco, seis anos depois, devido a um interesse pelo trabalho de Lacan, polêmicas à parte<sup>89</sup>, com o conceito de *Real*.

Ao contrário da impressão que o texto de Dosse possa passar, longe de evocar a imagem de um centro de subjetividade ou de uma identidade cartesiana unificada, o sujeito lacaniano não é considerado como uma entidade substancial ou um *locus* específico. A noção de sujeito está diretamente relacionada à lacuna ontológica existente entre o universal e o particular: o sujeito é o ato, *a decisão por meio da qual nós passamos da positividade de uma multiplicidade dada para a verdade-evento*. Nessa direção, nos interessa particularmente a leitura žižekiana de Lacan (1999), que concebe a subjetividade dentro de um contínuo fluxo de ações que não *dissolve* a agência política do sujeito:

'Sujeito' não é um nome de uma lacuna entre a liberdade e a contingência que recai sobre uma ordem positiva ontológica, ativa em seus interstícios; em vez disso, 'sujeito' é a contingência que fundamenta a própria ordem ontológica positiva, qual seja, o 'mediador desaparecido' cujo gesto auto-obliterador transforma a caótica

---

<sup>88</sup> Gostaria de fazer aqui um agradecimento à professora Maria Izabel Santos Magalhães, minha orientadora durante os quatro anos de iniciação científica durante a graduação na Universidade de Brasília e minha orientadora no Mestrado na mesma universidade.

<sup>89</sup> Lacan já foi objeto das mais *interessantes* polêmicas. Apenas por deleite, conto que Noam Chomsky chegou a dizer certa vez que, em sua franca opinião, Lacan "era um charlatão consciente e estava simplesmente pregando peças na comunidade intelectual parisiense para descobrir quantos absurdos ele podia produzir e ainda ser levado seriamente" [no original: "was a conscious charlatan, and he was simply playing games with the Paris intellectual community to see how much absurdity he could produce and still be taken seriously"] (*apud* Hanlon, s.d., p.1). Foi Chomsky que, após fazer a Lacan, em conferência no MIT, uma pergunta sobre pensamento, recebeu como resposta: "nós acreditamos que pensamos com nosso cérebro; pessoalmente eu penso com meus pés. É a única forma com a qual consigo entrar em contato com alguma coisa sólida. Eu ocasionalmente também penso com a minha testa, mas só quando eu bato com a cabeça em alguma coisa" [no original: "we think we think with our brain; personally, I think with my feet. That's the only way I come into contact with anything solid. I do occasionally think with my forehead, when I bang into something."]. Nesse sentido, vale a pena conhecer a curiosa biografia *Jacques Lacan*, de Elizabeth Roudinesco (New York, 1997).

multidão pré-ontológica em uma cópia de uma ordem de realidade 'objetiva' e positiva (1999, p.158)<sup>90</sup>

Não há como o sujeito chegar a uma identidade ontológica plena. Dessa forma, o sujeito é, ao mesmo tempo, tanto a condição transcendental de possibilidade quanto a impossibilidade de todas as formas de subjetivação contingentes. Explico com um exemplo trazido por Daly (2004). Em *Bladerunner* de Ridley Scott, Deckard (Harrison Ford) interroga Rachel (Sean Young), utilizando a máquina "voigt-kampff". O objetivo é testar as respostas da moça e, assim, determinar se ela é replicante (fabricada) ou humana. Como mostra Daly, as respostas de Rachel são certeiras e convincentes, indicando uma subjetivação bem acabada, mas, quando confrontada com a pergunta final, Rachel entra em um estado de confusão tal que a máquina registra uma aniquilação assustadora: mas, ao não conseguir resolver a questão do "quem sou eu", paradoxalmente, destaca-se a condição humana da moça, *cujas subjetivação é propensa à falha e à distorção negativa* (p.12):

É por essa própria resistência-excesso diante da subjetivação – e pelo conseqüente impulso de resolver questões impossíveis concernentes à identidade, ao destino, à divindade e assim por diante – que os seres humanos estão essencialmente abertos a desenvolver novas formas de subjetivação.

A condição humana é marcada por uma tentativa impossível, eterna, de resolução da pulsão paradoxal de resolver a própria pulsão como tal. Nessa direção, *o sujeito é um vazio constitutivo básico que impulsiona a subjetivação, mas não pode, em última instância, ser preenchido por ela* (Žižek *apud* Daly, 2004, p.11).

---

<sup>90</sup> Tradução nossa. No original:

" 'Subject' is not a name for the gap of freedom and contingency that infringes upon the positive ontological order, active in its interstices; rather, 'subject' is the contingency that grounds the very positive ontological order, that is, the 'vanishing mediator' whose self-effacing gesture transforms the pre-ontological chaotic multitude into the semblance of a positive 'objective' order of reality."

Para Žižek, tal perspectiva não presume uma lacuna ontológica de contingência a ser preenchida com a ação do sujeito, já que o sujeito é tanto *o movimento de distanciamento da subjetivação – o excesso que engolfa a coerência simbólica numa noite entrópica do mundo – quanto o próprio impulso para a subjetivação, como maneira de escapar desse estado (Idem:Ibidem)*. Nessa direção, a subjetividade se torna um espaço de possibilidades.

Para Lacan, a pulsão liga-se ao *objet petit a* (*objeto pequeno a*): o objeto faltoso, objeto causa do desejo, aquele que resta da aptidão do significante para representar o sujeito, daí sua estrutura de *resto*, de excesso. O *objeto pequeno a* é o que sobra de toda tentativa de representar o sujeito<sup>91</sup>. Ele guarda a promessa de uma *realização pelo menos parcial, mas jamais consegue cumpri-la permanente de uma vez por todas* (Daly, 2004, p.10).

A pulsão liga-se ao *objeto pequeno a* e é ele que dá ao real o seu verdadeiro estatuto. O *objeto a* é *o objeto faltoso por excelência* e, por conseqüência, uma vez que o desejo mantém uma relação estrita com a falta, *o objeto a é o objeto causa do desejo*, por ser aquilo que lhe escapa<sup>92</sup>.

O conceito de real em Lacan é, em diversos momentos, exatamente apresentado como "aquela parte dos sujeitos que nos escapa na análise" (Lacan, conferência de 53 *apud* Coutinho Jorge, 2000) e não pode ser confundido com aquilo que comumente chamamos de realidade<sup>93</sup>, já que ele remete ao *inassimilável, ao traumático e ao*

---

<sup>91</sup> "Ele é o resíduo que deixa o ser ao qual o sujeito falante é confrontado como tal, a toda demanda possível" (Lacan, *Seminário VI*, p. 510).

<sup>92</sup> Cf. Lacan, *Seminário XI (os quatro conceitos fundamentais da psicanálise)*.

<sup>93</sup> "O real da psicanálise não é o real da ciência (...). *O real positivista da ciência é definido como aquilo que se impõe, independentemente de um sujeito*. Em *Ciência e Verdade*, Lacan diz que a ciência se caracteriza

*impossível*. O real remete à falta originária da estrutura, à *hiância constituinte do inconsciente* (*Idem: ibidem*). É apresentado, nessa direção, como o que é impossível de ser simbolizado e como o que retorna sempre ao mesmo lugar<sup>94</sup>.

Dito de outro modo, o real não pertence à ordem simbólico-imaginária da significação, pois é *exatamente aquilo que a nega e aquilo que não pode ser incorporado nessa ordem*: ele "persiste como uma dimensão eterna de falta, e toda construção simbólico-imaginária existe como uma certa resposta histórica a essa falta básica" (Daly, 2004, pp.14-15).<sup>95</sup>

Lacan irá mostrar que a estrutura triádica real-simbólico-imaginário é indissolúvel e não pode ser separada. A metáfora é a de um nó borromeano, um tipo de nodulação em que os elos estão amarrados uns aos outros de forma que *se cortamos apenas um deles todos os outros se desligam simultaneamente* (Coutinho Jorge, 2000, p. 95):

A propriedade (ou a qualidade) borromeana demonstra o fato de que *tudo começa no três*, de que é preciso pelo menos três para que a estrutura se dê. (...) O *imaginário* do sujeito falante, opostamente ao do animal – pleno, sem brechas –, apresenta uma **falta originária**, uma hiância *real* que virá precisamente a ser preenchida pelo *simbólico*. (...) Logo, o simbólico é aquele registro, heterogêneo ao

---

pela forclusão do sujeito; na ciência o real não é o que se pensa, ele é em si mesmo, independentemente de um pensamento sobre ele. Para a ciência atual o científico é quando o sujeito, fica excluído do pensamento sobre o objeto. (...) *O real da psicanálise não é o real da ciência*. Na verdade não chegamos a dizer o que é o real da psicanálise, dizemos o que ele não é." (Leite, 1998)

<sup>94</sup> "(...) toda a realidade, é o mais puramente real que seja. A partir de uma só condição, é que o pastor na sua solidão, o que primeiro começa a observar aquilo que não tem outro interesse senão de ser situado como retornando sempre no mesmo lugar, ele o situa em relação aquilo com o que ele se institui radicalmente como objeto, em relação a uma forma, tão primitiva quanto vocês podem supô-la, de fenda que permite situá-lo quando ele retorna a este mesmo lugar" (Lacan, *Seminário III*, *apud* Chaves, 2006).

<sup>95</sup> O real não pode ser representado, mas é constitutivo da representação. Acho ilustrativa, nessa direção, a metáfora do anel, apresentada por Kojève (*apud* Almeida, 2004, p.55): "Tomemos um anel de ouro. Ele tem um buraco, e este buraco é tão essencial para o anel quanto o ouro: sem o ouro, o "buraco" (que, por outra parte, não existiria) não seria um anel; mas sem o buraco, o ouro (que não obstante existiria) tampouco seria um anel. Mas se alguém formou um buraco nos átomos do ouro, não é de nenhum modo necessário procurá-los dentro do buraco. E nada indica que o ouro e o buraco são de uma só e mesma maneira (bem entendido que se trata do buraco enquanto "buraco", e não do ar que está "no buraco"). O buraco é um nada que subsiste (enquanto presença de uma ausência) graças ao ouro que é o seu entorno. De igual modo, o Ser humano, que é Ação, poderia ser um nada que "nadifica" no ser, graças aos ser que ele "nega".

imaginário, que vem ocupar no sujeito o lugar da falta real primordial de seu imaginário.

É nessa direção que reside o valor estruturante da tripartição real-simbólico-imaginário, bem como a sincronia de seu advento no sujeito falante. Como consequência, surge a impossibilidade de se falar, a partir dessa perspectiva, de *ser* humano, noção que implica uma ontologia que encontra neste ponto o seu limite mais radical.

O que nos traz de volta ao trecho de Dosse que usamos na abertura do capítulo: "(...) ainda é possível a cada um mudar-se a si mesmo" (Dosse, 2007, p.169). Na perspectiva Lacaniana, há um deslocamento de uma posição ontológica para uma posição ética. O que conhecemos da psicanálise desautoriza ilusões em tomo da possibilidade de se atingir uma sociedade perfeita e isenta de conflitos, mas se não há um estatuto ôntico para o sujeito, apenas um estatuto ético, quais são as implicações?

No Seminário VII, "A ética da psicanálise", Lacan localiza a ética no *real*, não em obrigações, e desenvolve uma ética do desejo – o desejo, enquanto tal, é a falta, que se opõe ao princípio do prazer, e é reconhecido como cerne da experiência humana. Segundo Lacan, é próprio do desejo se opor à ética de bens e costumes e é sua tese a de que "a lei moral, o mandamento moral, a presença da instância moral, é aquilo por meio do qual, em nossa atividade enquanto estruturado pelo simbólico, se presentifica *o real*" (Seminário VII, p.31).

Há dessa forma o deslocamento de uma posição ontológica para uma posição ética, mas não é mais possível conceber a ética como um ideal, uma forma de universalização. Para Lacan, a ética está relacionada ao real da experiência psicanalítica:

Ele [o real] não é imediatamente acessível, se bem que alguns dentre vocês, interrogando-se sobre a importância final que posso conferir a ele, já deviam, no entanto, entrever que seu sentido deve ter alguma relação com o movimento que atravessa todo o pensamento de Freud, e que o faz partir de uma posição primeira entre princípio da realidade e princípio do prazer para chegar, através de uma série de vacilações, de oscilações, de mudanças insensíveis em suas referências, no final de sua formulação doutrinária, a colocar para além do princípio do prazer alguma coisa sobre a qual podemos perguntar em que pode ela consistir em relação à primeira oposição. Para além do princípio do prazer aparece-nos essa face opaca – tão obscura que pode parecer, para alguns, a antinomia de todo pensamento, não apenas biológico, mas até mesmo simplesmente científico – que se chama *instinto de morte*<sup>96</sup> (Seminário VII, p.31).

Entre suas contribuições mais importantes, destaca-se a leitura de que a *pulsão de morte* freudiana é uma instância ética, que se relaciona ao real. Lacan faz referência à oposição entre o princípio do prazer e o da realidade, e o que destaca é a problemática da realidade, já que "a ação moral, com efeito, enxertou-se no real" e já que "ela introduz no real a novidade, criando aí um sulco onde o ponto de nossa presença é sancionado" (Seminário VII, p. 32). Lacan postula, assim, que *os limites éticos da análise coincidem com os limites de sua práxis*, uma vez que "*sua praxis não é senão prelúdio à ação moral como tal - a dita ação sendo aquela pela qual desembocamos no real*" (Seminário VII, p. 32).

Em suas primeiras releituras de Lacan, Žižek (1989, 2001) lembra que o real não pode ser diretamente representado, mas que ainda assim é possível aludir a ele em certas encarnações figuradas do *horror-excesso* – os marcadores do real, o excesso traumático, inerentes ao imaginário<sup>97</sup>. O real é uma espécie de forma de negação e *toda*

---

<sup>96</sup> A tradução do seminário que utilizamos nesta tese (a de Antônio Quinet, Jorge Zahar, 1997) chama de *instinto de morte*, o que em teoria psicanalítica tem-se chamado comumente de *pulsão de morte*. Consideramos inadequada a tradução de Quinet.

<sup>97</sup> Tomando a breve caracterização de Daly (2004, pp.16-17), para Žižek (2001), o Real real é a experiência dilacerante da negação (os meteoros, os monstros, os turbilhões do trauma, etc.); o Real simbólico refere-se aos códigos e estruturas anônimos (pontos de fuga, curvatura do espaço, fórmulas científicas, etc) que não tem textura em si e funcionam como a textura abstrata na qual/a partir da qual se constrói a realidade.

*forma de realidade (simbólica/imaginária) existe como uma tentativa impossível de escapar às várias manifestações do real, que ameaça um ou outro tipo de desintegração: trauma, perda, angústia, etc (apud Daly, 2004, p.15).*

Nessa perspectiva, entende-se que a construção de uma "realidade" social é, em última instância, impossível embora seja necessária. Žižek (1989, p.28) mostra que o próprio conceito de ideologia comum às ciências sociais implica uma certa dose de ingenuidade, já que mascara suas próprias pressuposições, suas próprias condições efetivas, a distância, a divergência entre a chamada realidade social e a sua representação distorcida, sua falsa consciência de si <sup>98</sup>:

A ideologia não é simplesmente (...) uma representação ilusória da realidade; antes, é essa mesma realidade que já deve ser concebida como "ideológica": "ideológica" é uma realidade social cuja própria existência implica o não conhecimento de sua essência por parte de seus participantes, ou seja, a efetividade social cuja própria reprodução implica que os indivíduos "não sabem o que fazem". "Ideológica" não é a "falsa consciência" de um ser (social), mas esse próprio ser, na medida em que ele sustentado pela "falsa consciência". (Žižek, 1996, pp. 305-306)

Assim, não é que a ideologia oculte ou distorça uma realidade subjacente, é a própria realidade que não pode ser reproduzida sem a sua mistificação ideológica (Žižek, 1989, p.29):

Nós encontramos, aqui, o paradoxo do ser que pode reproduzir a si mesmo apenas quando se desidentifica e se desconsidera: no momento em que nós percebemos uma coisa 'como realmente é', esse ser dissolve a si mesmo no nada ou, mais precisamente, transforma-se em um outro tipo de realidade. É por isso que devemos evitar metáforas simples de desmascaramento, de retirada de véus que supostamente escondem a realidade nua. Nós podemos perceber por que Lacan, em seu seminário *A Ética da Psicanálise*, distancia a si mesmo de um gesto liberador de finalmente dizer que 'o imperador está nu'. A questão é, como Lacan a coloca, que o imperador está nu apenas por baixo das roupas, então se houver algum gesto

---

<sup>98</sup> Tradução livre. No original:

"The very concept of ideology implies a kind of basic *naïveté*: the misrecognition of its own presuppositions, of its own effective conditions, a distance, a divergence between so-called social reality and our distorted representation, our false consciousness of it."

de desmascaramento que a psicanálise realize, será próximo à conhecida piada de Alphonse Allais, citada por Lacan: alguém aponta a mulher e dá um grito horripilante, 'Olhe pra ela, que vergonha, por baixo das roupas, ela está totalmente nua'.<sup>99</sup>

O que a ideologia oferece é uma interpretação simbólica da realidade, uma fantasia que constrói a realidade, como uma maneira de escapar dos efeitos traumáticos do real. Isso significa, nos termos de Laclau e Mouffe (*apud* Daly, 2004, p.19), que a sociedade como unidade integrada é impossível, *exatamente pelo excesso constitutivo do Real como negatividade impossível de dominar, e da qual depende toda positividade*. Neste ponto é que a ideologia executa seu truque supremo de interpelação: "uma reencenação fantástica do encontro com o Real, de tal modo que a impossibilidade da sociedade se traduza no roubo da sociedade por um Outro histórico"<sup>100</sup> (*Idem, Ibidem*).

---

<sup>99</sup> Tradução livre. No original:

"We find, then, the paradox of a being which can reproduce itself only in so far as it is misrecognized and overlooked: the moment we see it 'as it really is', this being dissolves itself into nothingness or, more precisely, it changes into another kind of reality. That is why we must avoid the simple metaphors of demasking, of throwing away the veils which are supposed to hide the naked reality. We can see why Lacan, in his seminar on *The Ethic of Psychoanalysis*, distances himself from the liberating gesture of saying finally that 'the emperor has no clothes'. The point is, as Lacan puts it, that the emperor is naked only beneath his clothes, so if there is an unmasking gesture of psychoanalysis, it is closer to Alphonse Allais's well-known joke, quoted by Lacan: somebody points at a woman and utters a horrified cry, 'Look at her, what a shame, under her clothes, she is totally naked'."

<sup>100</sup> Nessa direção vale a pena conferir a análise de Žižek sobre a ideologia nazista, em *The sublime object of ideology* (1989, pp124-128):

"On the level of discourse analysis, it is not difficult to articulate the network of symbolic overdetermination invested in the figure of the Jew. First, there is displacement: the basic trick of anti-semitism is to displace social antagonism into antagonism between the sound social texture, social body, and the Jew as the force corroding it, the force of corruption. Thus it is not society itself which is 'impossible', based on antagonism--the source of corruption is located in a particular entity, the Jew. This displacement is made possible by the association of Jews with financial dealings: the source of exploitation and of class antagonism is located not in the basic relation between the working and ruling classes but in the relation between the 'productive' forces (workers, organizers of production...) and the merchants who exploit the 'productive' classes, replacing organic co-operation with class struggle. (...) In short, it can easily be shown how the figure of the Jew is a symptom in the sense of coded message, a cypher, a disfigured representation of social antagonism; by undoing this work of displacement/ condensation, we can determine its meaning. But this logic of metaphoric-metonymic displacement is not sufficient to explain how the figure of the Jew captures our desire; to penetrate its fascinating force, we must take into account the way 'Jew' enters the framework of fantasy structuring our enjoyment. (...) It is now clear how we can use this notion of fantasy in the domain of ideology proper: here also 'there is no class relationship', society is always traversed by a antagonistic split which cannot be

A eliminação, a supressão, a expulsão do Outro promovem sua própria elevação à impossibilidade, como maneira de adiar ou evitar o encontro com ele. Nessa perspectiva, a ideologia designa, sobretudo, *a totalidade empenhada em apagar os vestígios de sua própria impossibilidade* (Žižek, 1996, p.327):

Um exemplo típico seria o de alguém que fantasia sobre um objeto ideal (um parceiro sexual, uma promoção, a aposentadoria etc.) e quando, efetivamente o encontra, confronta-se com o Real de sua fantasia: o objeto perde sua idealidade. O ardil (ideológico), portanto, está em manter o objeto a uma certa distância, a fim de sustentar a satisfação derivada da fantasia: "Se eu tivesse x, poderia realizar meu sonho". A ideologia regula essa distância fantasística, como que para evitar o Real no impossível, isto é, os aspectos traumáticos implicados em qualquer mudança real (impossível).

Nesse ponto, acredito, reside a grande contribuição de Žižek para a discussão que realizamos neste trabalho, uma contribuição que faz referência à percepção do cerne de um dos maiores impasses de nosso tempo: **em um tempo em que a busca pela realidade objetiva por trás das aparências é uma busca falsa – que funciona como manobra para evitar o confronto com o Real –, em um tempo em que a idéia do impossível tende a ser direcionada para uma linguagem de "transitoriedade", de**

---

integrated into the symbolic order. And the stake of social-ideological fantasy is to construct a vision of society which *\*does\** exist, a society which is not split by an antagonistic division, a society in which the relation between its parts is organic, complementary. The clearest case is, of course, the corporatist vision of Society as an organic Whole, a social Body in which different classes are like extremities, members each contributing to the Whole according to its function--we may say that 'Society as a corporate Body' is the fundamental ideological fantasy. How then do we take account of the distance between this corporatist vision and the factual society split by antagonistic struggles? The answer is, of course, the Jew: an external element, a foreign body introducing corruption into the sound social fabric. In short **'Jew' is a fetish which simultaneously denies and embodies the structural impossibility of 'Society': it is as if in the figure of the Jew this impossibility has acquired a positive, palpable existence--and that is why it marks the eruption of enjoyment in the social field.** (...) The function of ideological fantasy is to mask this inconsistency, the fact that 'Society doesn't exist', and thus to compensate us for the failed identification. The 'Jew' is the means, for Fascism, of taking into account, **of representing its own impossibility: in its positive presence, it is only the embodiment of the ultimate impossibility** of the totalitarian project--of its immanent limit. This is why it is insufficient to designate the totalitarian project as impossible, utopian, wanting to establish a totally transparent and homogeneous society – the problem is that in a way, totalitarian ideology *\*knows it\**, recognizes it in advance: in the figure of the 'Jew' it includes this knowledge in its edifice. The whole Fascist ideology is structured as a struggle against the element which holds the place of the immanent impossibility of the Fascist project: the 'Jew' is nothing but the fetishistic embodiment of a certain fundamental blockage." [Sem grifos no original]

**"parcialidade", *todo ato é em si mesmo desmentido por um sentimento de ironia, artificialismo e superação.*** Em tempos assim, nos termos de Daly (2004, p.22), **o perigo potencial é optarmos por "uma política que se detenha no nível da impossibilidade, sem jamais tentar possibilitar o impossível".**

Para Žižek, as conseqüências de tais opções são claras: ouvimos todos os lados, sentimos o sofrimento "deles", **SEM JAMAIS CHEGARMOS À AÇÃO PROPRIAMENTE DITA.**

Ao contrário do que propõem os estudiosos centrados em uma perspectiva de "ética e desconstrução"<sup>101</sup>, Žižek defende uma politização da ética e uma política que se possa chamar de "radicalmente incorreta":

É imperioso cortarmos esse nó-górdio do protocolo pós-moderno e reconhecermos que nossa responsabilidade ético-política está em confrontar a violência constitutiva do capitalismo global de hoje e sua naturalização/ anonimização obscena dos milhões de pessoas subjugadas por ele no mundo inteiro. (Daly, 2004, p.23)

Para tanto, para se opor às obscenidades do *capitalismo da abundância*, é necessária uma transformação da imaginação ético-política, cujo ponto de partida é a aceitação de que somos responsáveis por nossos atos e nosso ser-no-mundo, de que somos responsáveis inclusive pela construção do próprio sistema capitalista. É necessário

---

<sup>101</sup> Nessa direção, indico a leitura do livro "Desconstrução e Ética", organizado por Paulo Cesar Duque-Estrada (Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004), de que faz parte o artigo de Bennington (p.9):

*"A desconstrução não se pode propor uma ética. Se o conceito de ética, como todos os conceitos, vem a nós, como não poderia deixar de fazê-lo, da tradição que passou a ser chamada de "metafísica ocidental", e, se, como Derrida coloca desde o início, a desconstrução pretende desconstruir a "maior totalidade" – a rede inter-relacionada de conceitos que nos é legada pela (ou como) metafísica –, então a "ética" não poderia deixar de ser um tema e um objeto da desconstrução, um tema para ser desconstruído, mais do que admirado ou afirmado. A ética é completamente metafísica, não podendo, portanto, jamais ser simplesmente assumida ou afirmada pela desconstrução. A demanda ou o desejo por uma "ética desconstrucionista" são, nesse sentido, fadados à frustração". [Sem grifos no original.]*

entender, nessa direção, que não basta produzir normas de aperfeiçoamento do protocolo social existente, é preciso dar espaço a uma *ética do Real*, que emergja através da transgressão das normas e da descoberta de novas direções, as quais, por definição, envolvem mudanças traumáticas. *É necessário encarar o Real num autêntico desafio ético (Idem:ibidem).*

Para Žižek (2003), em vez de continuar presos em um assombro debilitante diante daquilo que ele chama de *Mal Absoluto* (nessa direção, o autor menciona Auschwitz: "não é verdade que hoje, nessa resignada era pós-ideológica que não admite Absolutos, os únicos candidatos a Absoluto são os atos radicalmente maus?"<sup>102</sup>), em vez de continuar presos em um assombro debilitante diante desse Mal, devemos ter a consciência de que podemos reagir, pelo menos de duas formas, à angústia insuportável de eventos tão traumáticos. A primeira forma é a do supereu; a segunda, a do *ato*. Menciono a primeira para reforçar a importância e a validade da segunda. Vejamos.

A forma do supereu reafirma a violência bárbara da selvagem lei obscena para cobrir o vazio do fracasso da lei simbólica; ela é precisamente – como explica Lacan (*apud* Žižek, 2003, p.165) – *a forma do sacrifício aos deuses obscuros*. Já a forma do ato opera sobre outras bases e pode ser ilustrada com a comovente história da bailarina, apresentada por Žižek (*Ibidem*):

Um dos heróis da *Shoah*<sup>103</sup>, na minha opinião, foi a famosa bailarina judia que, num gesto de humilhação especial, foi convocada por um grupo de oficiais de campo para dançar para eles. Em vez de recusar, aceitou fazê-lo. Enquanto prendia a atenção deles, tomou rapidamente a metralhadora de um dos guardas e conseguiu

---

<sup>102</sup> Žižek, 2003, p.159.

<sup>103</sup> Expressão que, em hebraico, significa “catástrofe”; é utilizada para designar o genocídio perpetrado pelos nazistas e seus aliados contra os judeus durante a segunda guerra.

matar mais de uma dúzia antes de ser ela própria abatida a tiros... O seu ato não foi comparável ao dos passageiros do voo que caiu na Pensilvânia, os quais, sabendo que iam morrer, forçaram a entrada na cabine de comando e jogaram o avião no chão, salvando centenas de outras vidas?

O que nos traz de volta às questões discutidas nos capítulos anteriores, pois – mais uma vez – aparece como imperativa a necessidade da construção de um ato ético, que reconheça não haver *qualquer álibi para a existência*.

Queremos comumente nos despojar – e muitas vezes nos despojamos – não apenas da angústia de viver, mas também da responsabilidade de arcar com essa angústia. Queremos transferir competências aos especialistas e a seus *sistemas peritos*<sup>104</sup> (não é o que fazemos ao transferir aos analistas e seu antidepressivos os destinos das pulsões?), queremos transferir a adivinhos, horóscopos, oráculos, consultores financeiros a responsabilidade de nossas decisões. Queremos simplesmente calar as inquietações que nos habitam, enterrando definitivamente seus conflitos. Não há álibi para nossa existência. Repensar a ética em um contexto como o que temos delineado nesta tese impõe os seus desafios. O desafio do ato. O desafio do risco.

A história da bailarina – que eu sequer sei o nome – me lembra do pungimento do ato radical. Me lembra – com o desvio do pronome átono que pouco parece importante agora – da necessidade de assumirmos nosso ato, nosso passo no desconhecido, sem garantias quanto ao resultado final. Me lembra da necessidade de enfrentarmos o abismo último de nosso *livre-arbítrio*, "*o fato imponderável de que 'fiz porque quis fazer' que resiste a qualquer explicação em termos de causas psicológicas, sociológicas ou ideológicas*" (Žižek, 2003, p.159).

---

<sup>104</sup> Cf. Giddens, 2001.

As críticas podem ser inúmeras. Defender em um contexto epistemológico múltiplo, de sujeitos fragmentados com verdades fragmentadas e realidades fragmentadas, a necessidade de ações absolutas, impenetráveis, para as quais não temos álibi no mundo da vida. Para mim, no entanto, parece que só se faz necessário lembrar:

**A ameaça última não vem lá de fora, do Outro fundamentalista, vem de dentro, de nossa própria lassidão e fraqueza moral, da perda de valores claros e de compromissos firmes, do espírito de dedicação e de sacrifício.** ( Žižek, 2003, p.177, sem grifos no original)

Sem temer a mistura de perspectivas diversas, da mesma forma que Foucault em *A microfísica do poder*, a mim só faz sentido, em nosso contexto de *ciências*, o trabalho intelectual "que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã", mas "que contribui, no lugar em que está, de passagem, a colocar a questão da revolução, se ela vale a pena e qual". Como Foucault (1979, p.230), a mim também parece claro que "*os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la [a revolução]*".<sup>105</sup>

**Não há garantias** contra a possibilidade de excesso – **esse risco tem de ser assumido, e é parte do próprio campo do político** ( Žižek, 2003, p.176):

O ato acontece numa emergência em que alguém tem de assumir o risco e agir sem legitimação, engajando-se numa espécie de aposta pascalina de que o Ato em si há de criar condições para sua própria legitimação "democrática" retroativa.

---

<sup>105</sup> Ou, em uma escala muito menos importante, o seu título. Muitas e muitas vezes me deparei em situações de escolhas quanto ao gênero e as convenções de produção deste mesmo texto. Muitas e muitas vezes ouvi comentários preocupados de amigos, colegas professores, colegas da universidade, que me disseram expressamente e em tom de humor: "Elenita, siga as formalidades, entregue o texto a eles, entenda que o texto não é seu e apenas cumpra o protocolo". Sei que não há qualquer contribuição reveladora ou inédita nestas páginas de tese, sei que não digo ou faço algo novo, mas sei também que há nelas um oceano que transborda de escolhas. Responsivas, responsáveis. Em cada uma de suas linhas. Em ato(s).

Nessa perspectiva, um ato altera retroativamente as próprias coordenadas em que ele interfere, lembra Žižek. "*Essa falta de garantia é o que os críticos não podem suportar: querem um Ato sem risco*" (p.175). Não se trata dos riscos empíricos, mas do "risco transcendental", que exige, de forma muito mais radical, que o Ato não apenas falhe, mas fracasse radicalmente: "os que se opõem ao 'Ato absoluto' se opõem também ao Ato como tal, *querem um Ato sem Ato*" (*Idem: ibidem*, sem grifos no original).

Alenka Zupancic (2000), professora da Academia Eslovena de Ciências e ex-orientanda de Žižek, faz uma leitura interessante dessa lógica:

Vamos tomar o exemplo que é mais frequentemente usado, o holocausto: o que tornou possível para os nazistas torturar e matar milhões de judeus não foi simplesmente o fato de eles pensarem que eram Deus, e então pudessem decidir quem poderia viver e quem deveria morrer, mas o fato de eles perceberem a si mesmos como instrumentos de Deus (ou alguma Idéia parecida), que já havia decidido quem poderia viver e quem deveria morrer. Assim, o que é mais perigoso não é um burocrata insignificante que pensa que ele é Deus, mas, em vez disso, o Deus que finge ser um burocrata insignificante. Alguém poderia dizer que, para o sujeito, a coisa mais difícil é aceitar, em algum sentido, que é "Deus", e "que possui uma escolha"<sup>106</sup> (p.97).

Zupančič, como Žižek, defende uma política de atos éticos, que rejeite o conforto *pelo conforto*<sup>107</sup> e não se curve simplesmente ao impossível (ou à Alteridade

---

<sup>106</sup> Tradução livre. No original:

"Let us take the example which is most frequently used, the Holocaust: what made it possible for the Nazis to torture and kill millions of Jews was not simply that they thought they were gods, and could therefore decide who would live and who would die, but the fact that they saw themselves as instruments of God (or some other Idea), who had already decided who could live and who must die. Indeed, what is most dangerous is not an insignificant bureaucrat who thinks he is God, but rather, the God who pretends to be an insignificant bureaucrat. One could even say that, for the subject, the most difficult thing is to accept that, in a certain sense, she is "God", that she has a choice."

<sup>107</sup> Nessa direção, cabe acrescentar que para Zupančič (2003, pp.204-205, sem grifos no original), a relação entre a ação e o desejo é o que define o campo da ética: "Desire incarnates the very split, or gap, between the signifying order and the Real, and one could be led to think that it is this split that accounts for the tragic nature of the experience of desire. Yet this is not exactly what Lacan has in mind. Not satisfied with simply pointing out this split at the very core of human existence, *Lacan does not join in the lamentation of the tragic nature of the human condition. Rather to the contrary, he subtly reverses the very perspective that leads to such lamentations*. For, according to him, the essence of tragedy does not lie in its displaying of this supposed

infinita) como um horizonte inultrapassável. Trata-se, assim, de uma perspectiva ética, politicamente motivada, que retira sua força do próprio político.

A ética do Real aceita a contingência, mas se dispõe, sobremaneira, a arriscar o impossível, na medida em que propõe o rompimento com posturas automáticas ou padronizadas. Para Žižek, **a ética do Real significa que não podemos confiar em nenhuma forma de Outro simbólico que endosse nossas (in)decisões e (in)ações** (Daly, 2006, p.29):

(...) Em outras palavras, devem ser militantes no sentido ético fundamental de não dependerem de nenhuma autoridade externa/superior e do desenvolvimento de uma imaginação política que, como o pensamento do próprio Žižek, exorte-nos a arriscar o impossível.

Nesse contexto, um dos maiores problemas, discute Žižek em uma de suas mais recentes publicações (2008), é que nós continuamos percebendo as conseqüências de nossos atos (muitas vezes catastróficas) como anônimas e sistêmicas, como algo pelo qual não somos em última instância responsáveis. Algo que de nós não depende e que a nós não acontece(ria). Nós conhecemos o *verdadeiro* estado das coisas (*the real state of affairs*) muito bem, mas nós não acreditamos nele (Žižek, 2008, p.454-455):

Observe o aquecimento global, como já observado: com todos os dados relativos à sua natureza, o problema não é a incerteza dos fatos (como alegam aqueles que nos alertam do pânico), mas a nossa inabilidade para acreditar que realmente pode acontecer: olhe pela janela, a grama verde e o céu azul ainda estão lá, a vida segue

---

tragic split of the human subject; instead, it lies in the fact that the tragic hero or heroine is precisely someone who (willingly or not) embarks on the path of abolishing the split in question. This is where the tragedy springs from: from what one has to do (experience or “pay”) in order to gain access to the Real that the subject as such is by definition separated from. *In other words, there is nothing “tragic” about the split itself that the signifier introduces into the subject.* Recognizing this split is a common experience that can entail a certain amount of frustration and all kinds of neurosis, but does not in itself amount to what can be justly referred to as “tragic experience.” The glorification of this split as “tragic,” the positing of the pathetic *grandeur* of human existence as resulting from this wound at its core, is seen by Lacan as the ideological counterpart of every existing (political) order. Its message is simply the following: rather than pursue your desires, you should renounce them, accept the tragic impossibility that lies at their core, and join the path of the common good.”

em frente, a natureza segue seu ritmo... e, nesse contexto, reside o horror do acidente de Chernobyl: quando alguém visita o lugar, com a exceção do sarcófago, as coisas parecem exatamente como antes, a vida parece que abandonou o lugar, deixando tudo do jeito que era antes, e no entanto nós sentimos que alguma está terrivelmente errada. A mudança não está no nível da realidade visível em si; é mais básica, afeta a própria textura da realidade. Não assusta que existam alguns fazendeiros isolados nas proximidades de Chernobyl que continuam levando suas vidas como antes – eles simplesmente ignoram toda a conversa incompreensível sobre radiação.<sup>108</sup>

Para Žižek, situações como essa nos colocam no "beco sem saída" da "sociedade das escolhas" em sua forma mais radical. De acordo com a crítica marxista, as pessoas são livres para escolher desde que façam a escolha certa<sup>109</sup>, mas Žižek acrescenta que a nossa escolha é, de fato, "livre e é, por esse mesmo motivo, experienciada de forma *ainda mais frustrante*: nós nos encontramos constantemente na posição de ter de decidir sobre questões que afetam nossas vidas, mas sem uma fundação adequada no conhecimento"<sup>110</sup>. Somos forçados a viver como se fôssemos livres; forçados a escolher

---

<sup>108</sup> Tradução livre. No original:

"Take global warming, as already noted: with all the data regarding its nature, the problem is not uncertainty about facts (as those who caution us against panic claim), but our inability to believe that it can really happen: look through the window, the green grass and blue sky are still there, life carries on, nature follows its rhythm... And therein resides the horror of the Chernobyl accident: when one visits the site, with the exception of the sarcophagus, things look exactly the same as before, life seems to have deserted the site, leaving everything the way it was, and nonetheless we are aware that something is terribly wrong. The change is not at the level of the visible reality itself; it is more fundamental, it affects the very texture of reality. No wonder that there are some lone farmers around the Chernobyl site who continue to lead their lives as before – they simply ignore all the incomprehensible talk about radiation."

<sup>109</sup> (...) "although we allegedly live in a society of choices, the choices effectively left to us are trivial, and their proliferation masks the absence of true choices, choices that would affect the basic features of our lives..." (*Idem: Ibidem*, p.455) .

<sup>110</sup> Tradução livre. No original: "(...)[the choice] really is free and is, for this very reason, experienced as even more frustrating: we find ourselves constantly in the position of having to decide about matters that will fundamentally affect our lives, but without a proper foundation in knowledge".

sem ter à nossa disposição o *conhecimento que nos permitiria tomar uma decisão consciente*:

O homem não apenas é menos livre do que ele acredita, como também é mais livre do que ele sabe<sup>111</sup> (Zupančič, 2000, p.28).

A grande questão é que, para Žižek, nos falta a própria linguagem para articular nossa não-liberdade, nos falta **a tinta vermelha...**

Numa velha piada da defunta República Democrática Alemã, um trabalhador arranja um emprego na Sibéria; ciente de como toda correspondência será lida pelos censores, diz aos seus amigos: “Vamos estabelecer um código: se uma carta que você receber de minha parte estiver escrita com tinta azul comum, ela é verdadeira; se estiver escrita com tinta vermelha, é falsa”. Depois de um mês, seus amigos recebem a primeira carta: “Tudo é maravilhoso aqui: as lojas estão cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem-aquecidos, os cinemas mostram filmes do ocidente, existem muitas garotas bonitas prontas para ter um affair – a única coisa que não se pode conseguir é tinta vermelha” (Žižek, 2003, p.15).

Nessa direção, afirma que nossas liberdades mascaram e mantêm nossa infelicidade mais profunda. “*E não seria isso enfaticamente verdadeiro com relação à época pós-moderna, em que existe a liberdade de desconstruir, duvidar, distanciar-se?*”, ele se pergunta. Eu endosso. Na erupção dos discursos pragmatistas, pós-modernos, não temos nós a *liberdade de escolhermos o que quisermos desde que façamos a escolha certa?*

Parece muito pouco aceitável, em alguns círculos, que se defenda a idéia de impenetráveis. A própria questão da verdade, que dá título a este trabalho, deve ser (e rotineiramente é) entendida a partir de perspectivas bem específicas. Chego aos momentos finais deste trabalho e só então tenho *liberdade* para dizer que, para que uma sociedade seja minimamente justa, ela necessita sim ter uma preocupação com a instauração de *verdades* – mesmo *singulares*, construídas na cultura em movimento, por um sujeito concebido

---

<sup>111</sup> Tradução livre. No original: “Man is not only much more unfree than he believes, but also much freer than he knows.”

também *em movimento*<sup>112</sup> –, já que para formular juízos e decisões bem informadas com relação a políticas públicas, por exemplo, são necessárias atitudes como a clareza e a honestidade. Não é possível falarmos em absolutos, como nos atestam desconstruções de perspectivas metafísicas diversas, mas, quando um burocrata corrupto desvia dinheiro de verbas públicas de hospitais sendo responsável (in)direto pelo assassinato de milhares de brasileiros, quando o político com que ele compactua tira fotos sorridentes com a população e a ela garante transparência, não podemos dizer que eles mentem? Quando um dos suspeitos do assassinato do meu irmão nega em juízo participação no crime, apesar de ter ficado estabelecido que integrava o grupo que o seqüestrou, não podemos imaginar que ele mente?<sup>113</sup> Fala-se com conforto da mentira, mas desdenha-se a categoria da verdade. Mesmo para negar a validade das categorias que podem constituir o *verdadeiro* é necessário sustentar que é válida e verdadeira essa suposição.

Como Harry Frankfurt, autor do controverso – e em muitos pontos criticável livro – "Sobre a verdade" (2007, pp. 42-43), acho que *é chegada a hora de encarar a verdade como um imperativo societário*. Como indivíduos, são necessárias verdades para embrenharmos veredas que exigem de nós sobretudo *coragem* – se quisermos lembrar da metáfora de Guimarães mencionada a páginas atrás. Precisamos saber a verdade sobre o que comer e o que não comer (considerando a qualidade/validade dos produtos), sobre o que usar ou o que não usar (considerando as condições climáticas e os riscos de câncer de pele), sobre onde morar (considerando informações sobre falhas tectônicas ou sobre índices

---

<sup>112</sup> Noção bakhtiniana de pravda, já discutida nos capítulos anteriores.

<sup>113</sup> O tom moderado na escolha das palavras "suspeito", "imaginar" vem do receio (e do absurdo!) de supor que algum dia este jovem de classe média em Brasília tenha acesso a este texto e venha a promover alguma ação legal me acusando de calúnia, já que foi inocentado do crime. Mas, não, para mim algumas verdades não são contestáveis. E, não, eu não tenho dúvidas. Em tempo, os outros dois acusados, mais pobres, também já foram julgados; um deles condenado a 35 anos de prisão, por ser reincidente; o outro, a 31.

de violência), sobre como fazemos o que somos pagos para fazer (como médicos, engenheiros, professores...), ou sobre o caráter das pessoas a quem confiamos nossos filhos. Nosso sucesso ou nosso fracasso no que quer que façamos NO MUNDO DA VIDA depende de nossas experiências com o verdadeiro, ou com sua ausência, em termos de ignorância e/ou falsidade. Depende principalmente daquilo que fazemos com *a verdade*, pois, *sem ela, já estaríamos perdidos antes mesmo de começar*.

No capítulo final, enveredaremos por caminhos que, acredito, nos conduzirão ainda que tortuosamente para uma (re)discussão sobre o papel do diálogo e das concepções bakhtinianas revistas à luz da biologia do amor (Maturana, 1998), já que as primeiras apresentam as condições e exigências para o exercício do diálogo e a segunda explicita a importância de nos colocarmos sob a regência do princípio do amor se efetivamente desejamos dialogar.

O primeiro mito a ser abandonado é que vivemos em uma era cínica na qual ninguém acredita em nenhum valor (...) e que havia épocas, mais tradicionais, em que as pessoas ainda acreditavam, apoiavam-se em noções mais substanciais de crença (...). Eu acho que é hoje que acreditamos mais do que nunca. (...) A principal forma de crença é o desconstrutivismo. (...) Você não pode encontrar um só texto de Derrida que não contenha a) todas aquelas aspas e b) todos aqueles distanciamentos retóricos. Para tomar um exemplo irônico: Se perguntássemos a alguém como Judith Butler “o que é isso?”, ela jamais diria “isso é uma garrafa de chá”. Ela diria algo como “se aceitarmos a noção metafísica de que a linguagem identifica claramente os objetos, levando-se isto em consideração, então talvez possamos pensar que podemos colocar a coisa de forma retórica: existe a hipótese de que, nas condições dos nossos jogos de linguagem, pode-se dizer que isso é uma garrafa de chá”, etc, etc. **Então, sempre há a necessidade de se distanciar. É assim mesmo com o amor. Quase ninguém mais ousa dizer “eu te amo” hoje em dia. Tem que ser algo do tipo “como um poeta diria, eu te amo”, ou outro tipo de distância. E qual é o problema aqui? Por que esse medo?** Porque eu afirmo que, quando os antigos diziam diretamente “eu te amo”, eles queriam dizer exatamente a mesma coisa que nós. Todos esses distanciamentos já estavam incluídos. **Então somos nós, hoje, que temos medo de que, ao afirmarmos diretamente “eu te amo”, estaríamos dizendo muito. Nós acreditamos nisso.**<sup>114</sup>

---

<sup>114</sup> Trecho de conhecida conferência dada por Žižek, na Universidade de Columbia. Transcrição realizada pelos professores Cynthia Hamlin, Jonatas Ferreira (Departamento de Ciências Sociais e do PPGS da UFPE) e Artur Perrusi (Departamento de Ciências Sociais e PPGS da UFPB). Disponível no endereço eletrônico

\*  
\*  
\*

*Karina – Hoje não vai ter treino nem ensaio.*

*Antônio – Oxente, por quê?*

*Karina – Por nada.*

*Antônio – Nada e o que mais?*

*Karina – Nada, porque eu tenho mais o que fazer além de ficar aqui olhando pra sua cara de lesão.*

*Antônio – E depois?*

*Karina – Depois de quê?*

*Antônio – Depois que você fizer o que você tem que fazer, além de ficar olhando pra minha cara de lesão.*

*Karina – Eu, se fosse tu, não esperava não!*

*Antônio - Não vou esperar mesmo não, Karina. Sabe por quê? Por que esse tal amor que personagem finge que sente, amor dessa qualidade que tem paciência até pra esperar passar entre um anúncio e outro, para somente nós voltarmos a nos apresentar, para concluir o que tinha fingido que tinha começado, esse tal amor é somente de ficção, e é muito diferente desse negócio aqui que eu sinto, esse negócio de doido! Que eu não encontro nome, e nem em todas as palavras existentes e que não tem som e nem letra escrita que explique como ele é exagerado!*

*Karina – Onde foi que tu leu isso?*

*Antônio - Eu nem li, nem decorei, e nem sei repetir de novo, Porque simplesmente, esse tipo de verdade não carece de ser documentado em papel, ou romance e nem filme de cinema, pois não é da conta de ninguém a não ser da pessoa que sente, além da outra responsável pelo afeto causado! A conversa aqui é somente entre tu e eu, eu e tu, Karina. Finge somente uma vez que tu é tu que é pra ver se tu descobre o que tu sente... Porque esse beijo que eu vou te dar agora, esse vai ser meu de verdade!!!*

[Cena do filme *A máquina*, de João Falcão. Achei lindo o texto e quis colocar aqui. Cissão irreparável entre o mundo da cultura e da vida? Ou mapa sobre o território, de Borges? (cf. página 89). Sinceramente não sei.]

## À GUIA DE CONCLUSÃO

"O QUE NÓS FAZEMOS?"; OU... POR QUE NÃO FALAR DE AMOR?  
VERDADE, EMOÇÕES E LINGUAGEM

“Ela quase se esqueceu da Duquesa nessa hora e levou um pequeno susto quando ouviu sua voz perto dos ouvidos. ‘Você está pensando em alguma coisa, minha querida, e isso faz você esquecer de falar. Eu não posso lhe dizer agora qual é a moral disso, mas vou lembrar num instante’. ‘Talvez não haja nenhuma’, Alice aventurou-se a observar. ‘Ora, ora, criança!’, retrucou a Duquesa. ‘Tudo tem uma moral, se você encontrá-la.’ E foi se apertando contra Alice enquanto falava. Alice não gostou muito de estar tão perto dela, em primeiro lugar porque a Duquesa era muito feia, e em segundo lugar porque era do tamanho exato para apoiar o queixo sobre o ombro de Alice, e possuía um queixo muito pontudo. Entretanto, Alice não queria ser rude e por isso agüentou o quanto pôde. ‘O jogo parece estar bem melhor agora’, disse para manter a conversa. ‘Perfeito’, respondeu a Duquesa, ‘e a moral disso é... ‘Oh!, é o amor, é o amor que faz o mundo girar!’ ‘Alguém disse’, Alice murmurou, ‘que ele gira quando cada um cuida dos seus próprios negócios’. ‘Ah! Bem! Isto quer dizer quase a mesma coisa’, disse a Duquesa enfiando o queixo pontudo nos ombros de Alice, completando, ‘e a moral disso é... ‘Tome conta do sentido e os sons tomarão conta de si mesmos.’” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.09)

“‘Eu posso contar-lhes minhas aventuras... começando por esta manhã’, disse Alice um pouco timidamente. ‘Mas não adianta contar desde ontem, porque eu era uma pessoa diferente ontem’. ‘Explique isso melhor’, disse a Falsa Tartaruga. ‘Não, não! As aventuras primeiro’, disse o Grifo em um tom impaciente. ‘Explicações tomam um tempo louco!’ Então Alice começou a contar suas aventuras desde a primeira vez que viu o Coelho Branco. Ela estava um pouco nervosa porque logo que começou a falar as duas criaturas sentaram-se bem perto da menina e abriam os olhos e a boca de uma maneira tão enorme... mas ela ganhou coragem e seguiu em frente. Os ouvintes estavam em perfeito silêncio até que ela chegou na parte sobre ela recitar *Você está velho, Pai Joaquim* para a Lagarta, e as palavras vindo todas diferentes, e então a Falsa Tartaruga soltou um longo suspiro e disse: ‘Que curioso!’” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.10)

Quero iniciar as palavras finais deste trabalho trazendo de volta a pergunta de Andrew, que fizemos no Capítulo 4: "O que nós fazemos?"

Embora saiba que qualquer reflexão é provisória e limitada, ainda assim, gostaria de fazer algumas sugestões. Porque me importo.

As noções bakhtinianas de verdade, discutidas neste texto, reforçam que o ato ético não deve perder a sua força, apenas precisa ser entendido dentro de um novo *horizonte de possibilidades*. Perceber a verdade como *pravda* implica perceber a verdade como um processo *duvidoso* que está sempre em construção – também como está o seu sujeito – e implica perceber que deve haver sim a desconstrução de uma estrutura ética fixa, mas sobremaneira NÃO significa que devemos abrir mão do compromisso histórico com a construção de uma sociedade melhor, mais digna e justa. Nessa direção, repensar a constituição da verdade parece fundamental para repensar a constituição de quem somos e de como agimos e de como queremos agir neste mundo.

Mesmo que não possamos recorrer a um tribunal transcendental que fundamente nossas atitudes, será que podemos (ou queremos) deixar que o mundo permaneça "de qualquer jeito"? Em um contexto que se instaura a partir de um quadro epistemológico que não evoca a ética dos grandes princípios, que não define *a priori* o que é certo e o que é errado, que apaga as certezas que antigamente definiam o verdadeiro e o falso, o real e o ilusório, sem "sombra" de dúvidas, será que não corremos o risco de legitimar qualquer ação ou atitude? Sim, nós corremos.

A singularidade irrepetível da experiência traz com sua eventicidade o seu peso e sua responsabilidade. O **ato** realizado constitui "**uma passagem, de uma vez por**

**todas, do interior da possibilidade como tal, para o que ocorre uma única vez"** e, em sua responsabilidade, "coloca diante de si sua própria **verdade** (pravda) como **algo-a-ser-alcançado**" (Bakhtin, 1993, pp.46-47, sem grifos no original). A validade de categorias que possam existir fora da situação de vida concreta dos sujeitos fica seriamente comprometida.

Bakhtin sustenta enfaticamente um arcabouço filosófico que remete aos seres humanos, ao seu agir, à sua posição no mundo, que remete ao Ser único real, situado nos eventos únicos da vida concreta: vida concreta *no mundo, com os outros seres humanos, também sem álibis para a existência*. Não temos álibis para este lugar único e irrepetível que ocupamos e, nessa direção,

a responsabilidade do ato realmente executado conhece um plano unitário, um contexto unitário no qual esse levar-em-conta é possível – no qual sua validade teórica, sua fatualidade histórica e seu tom-emocional volitivo figuram como momentos de uma só decisão ou resolução. (Bakhtin, 2003, p.46)

Assim, **"o ato responsável ou ação, sozinho, supera toda hipótese – porque ele é, afinal, a atualização de uma decisão – inescapável, irremediável e irrevocavelmente"** (*Idem:Ibidem*). O ser humano, na concepção bakhtiniana, não tem direito a uma evasão desse único ato ou ação responsável que toda a sua vida constitui... O que nos traz de volta à pergunta do início: "O que nós fazemos?"

Fazendo uso de uma metáfora de Bauman<sup>115</sup>, *pintar telas nós devemos, sem parar, quaisquer que sejam os riscos*. "Há muito em jogo para que paremos de pintá-las", ele diz. A questão "para onde iremos?" se funde inextricavelmente a questões como "onde nós estamos?" e "de onde nós viemos?". Elas se sobrepõem, não é possível responder à primeira questão sem uma auto-reflexão, sem ao menos pensar nas outras duas.

---

<sup>115</sup> S.d.

Edgar Morin (2008), ao tentar conceituar sabedoria, relaciona o esforço da sabedoria ao esforço da *auto-ética*. A auto-ética, em sua concepção, implica evitar a baixeza, evitar ceder às pulsões vingativas e maldosas. Significa instaurar uma posição constante de autocritica, auto-exame, aceitação da crítica do outro. Uma ética da compreensão, uma ética do amor. E, sobre o amor, Morin faz considerações que, em geral, também faz sobre os mitos. Mitos são apenas mitos, mas – como seres-humanos – não podemos viver sem eles: a crença no amor é um dos mais nobres e poderosos e, talvez, o único a que devêssemos nos apegar, já que implica "uma relação complexa de diálogo, antagonismo e aceitação" (Idem:Ibidem, p.28). O amor não é percebido, nessa perspectiva, apenas como o amor inter-individual, mas num sentido muito mais amplo:

Não se pode provar, empírica e logicamente, a necessidade de amor. Pode-se apenas apostar nele e sobre ele. Adotar para o nosso mito de amor uma atitude de desafio implica sermos capazes de nos entregar a ele, dialogando com ele de modo crítico. (Idem: *Ibidem*)

É nessa direção que Maturana (1998), a partir de uma perspectiva biológica, afirma que 99% das enfermidades humanas têm a ver com a negação do amor. Para ele, a existência humana acontece no espaço relacional do conversar, já que nossa condição humana é constituída no/pelo modo como nos relacionamos uns com os outros e com o mundo enquanto vivemos. Efetivamos nosso ser biológico no processo de existir como seres humanos ao viver imersos no conversar. "É a emoção que define a ação", ele afirma. Não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça e a torne possível como ato (Maturana, pp.23-24):

O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. **O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência** (...) o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social. Em outras palavras, digo que só são sociais as relações que se

fundam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e que tal aceitação é o que constitui uma conduta de respeito.

Então... "O que nós fazemos?" Pensar no estabelecimento de uma sociedade mais justa e democrática pressupõe uma abertura ao outro e a sua aceitação, já que a democracia *exige saber que ninguém é dono da verdade, e que o outro é tão legítimo quanto qualquer um*. "É no emocional que surgem tanto o amigo como o inimigo, não na razão ou no racional", afirma Maturana (1998, p.77). É por esse motivo que devemos entender que *a democracia se define e se vive a partir da emoção, a partir do desejo de convivência num projeto comum de vida...*

A tarefa de criar uma democracia começa no espaço da emoção com a sedução mútua para criar um mundo no qual continuamente surja de nossas ações a legitimidade do outro na convivência, sem discriminação nem abuso sistemático.

Legitimidade do outro na convivência. Abertura. Responsabilidade.

Responsabilidade. Diálogo. Ética. Amor. Risco. De errância(s) e incerteza(s)...<sup>116</sup>

Para nos guiar nesse processo, nós não temos códigos ou regras indubitáveis ou universalmente aceitas. As escolhas são ainda escolhas e, em alguma medida, arbitrárias, e a incerteza constitutiva delas provavelmente perdurará por um longo tempo depois que a escolha foi feita. **Nós entendemos agora que a incerteza não é um incômodo temporário, que pode ser afugentado através do aprendizado de regras, ou solucionado pelo conselho de especialistas, ou apenas fazendo o que os outros fazem.** Em vez disso *é uma condição permanente de vida*. Nós podemos dizer mais – *ela é o próprio solo no qual o ser moral cria raízes e cresce*. A vida moral é uma vida de contínua incerteza, e nos pede mais do que força e flexibilidade e uma habilidade de suportar as pressões de ser uma pessoa moral. A responsabilidade moral é *incondicional* e em princípio *infinita* – e então alguém pode reconhecer uma pessoa moral pela nunca extinta insatisfação com sua

---

<sup>116</sup> Nessa direção, quero destacar a citação de Benjamin (*apud* Matos, 2006, p.127, sem grifos no original):

*"observar com exatidão o que se cumpre em cada segundo é mais decisivo que saber de antemão o mais distante*. Signos precursores, pressentimentos, sinais atravessam dia e noite nosso organismo como batidas de ondas. Interpretá-los, utilizá-los, eis a questão. Mas ambos são inconciliáveis. Covardia e preguiça aconselham o primeiro, sobriedade e liberdade o outro. Pois, antes que tal profecia ou aviso se tenha tornado algo mediato, palavra ou imagem, sua melhor força já está morta. Se deixamos de fazê-lo, então e só então, [a profecia] se decifra."

performance moral; a suspeita corrosiva de que eles não são morais o suficiente.<sup>117</sup>

Incerta permaneço, e ainda agora durante as linhas que deveriam concluir este texto. Incerta. (Sus)pensa. Permaneço. Como os parênteses-asteriscos que interponho bem no meio com este trecho...

\*

E então eu tive que pensar em como "terminaria" o trabalho. E era sexta à noite, chovia e eu tinha terminado um namoro com alguém que acreditava ser o homem da minha vida (acho que já acreditava pela quarta ou quinta vez...). A qualificação de defesa aconteceria na segunda e uma sensação de incompetência me invadia, porque eu não havia me escondido (no texto). Havia comprado os riscos todos e não havia me escondido. O trabalho era meu, e ele tinha a minha cara. Busquei encontrar alguma conclusão que parecesse científica e o tornasse inteiro mais leve, mas eu estava perdida em pensamentos. E gostava.

Me entreguei, com desvios de português na escrita, às sensações de Larrosa que contornavam o piano na canção que eu ouvia...<sup>118</sup>

A palavra que se toma não é uma palavra que se possa ter ou da qual alguém possa se apropriar, mas é, melhor dizendo, *uma palavra que vem ou que advém quando alguém se abandona à palavra, quando alguém se coloca em disposição de escutar a palavra que vem*. A palavra que se toma é imprevista e imprevisível (...) Por isso a liberdade de tomar a palavra não deve ser entendida como poder ou como

---

<sup>117</sup> Bauman (s.d., p.42, sem grifos no original). Tradução livre. No original:

" For such a guidance, we have no indubitable and universally agreed codes and rules. Choices are indeed choices, and that means that each is to some extent arbitrary and that uncertainty as to its propriety is likely to linger long after the choice was made. We understand now that uncertainty is not a temporary nuisance, which can be chased away through learning the rules, or surrendering to expert advice, or just doing what others do. Instead it is a permanent condition of life. We may say more – it is the very soil in which the moral self takes root and grows. Moral life is a life of continuous uncertainty, and it takes a lot of strength and resilience and an ability to withstand pressures to be a moral person. Moral responsibility is *unconditional* and in principle *infinite* – and thus one can recognize a moral person by their never quenched dissatisfaction with their moral performance; the gnawing suspicion that they were not moral enough."

<sup>118</sup> Inkfish & David West – Hello Piano (Sebastien Leger Remix).

propriedade, mas como uma abertura para o novo e para o desconhecido. (Larrosa, 2000, pp. 145-146)

Comecei a pensar se algum dia alguém saberia que muitas destas páginas eu escrevi em meio a dor. A mais aguda e não narrável dor. Perguntei se, além da minha banca, alguém algum dia leria. Se falariam mal. Se aprovariam. Em muitos momentos sofri, falando de escolhas que nem eram minhas. Em outros, com Alice, brinquei de fábula e de poesia. Brinquei de Einstein. E me empolguei, nos exemplos, nas ilustrações, na ironia. E, com o peso de um Departamento em uma instituição de Ciências, me perguntei se eu havia feito mais... Mais que criar seres, mundos, eventos desconhecidos, despertados apenas pela curiosidade e pelo deslumbramento. Tive medo. E tenho.

Quis escrever, depois de tudo o que passamos, eu e a minha família, um texto que a minha mãe pudesse gostar. Quis homenagear meu irmão e, de algum jeito que racionalmente não entendo, mostrar a ele que eu não iria fazer da minha vida, em qualquer instância que fosse, qualquer "coisa" que a desperdiçasse. Foi então que decidi *ir redigindo* este texto. Que é meu, sem nem ser. Todo *infame*. Eu estou em cada uma de suas páginas, ou nem estou. Eu não sei. Mas acho que no fundo ainda me resta dizer...

\*

Bakhtin nunca foi tão atual. Num contexto em que tudo está e nada é, as pessoas tendem a assumir compromissos que nunca são e sempre estão. Só instâncias do que é doloroso demais para ser nomeado nos fazem ter novamente a perspectiva de que existe um trabalho sério que realmente precisa ser feito. E um trabalho que exige de nós, como seres humanos, uma responsabilidade/ responsabilidade ética.

Talvez a função da academia não seja mesmo a de dizer que trabalho é este e

como é que ele se realiza. Mas NÓS NÃO TEMOS ÁLIBIS. Mesmo com narrativas, fragmentações ou teorias. A realidade, existindo ou não, sendo irreal ou não, se impõe com todos os seus desafios bem diante da nossa frente. Talvez seja a hora de ultrapassarmos uma reflexão sobre os limites e as possibilidades e assumirmos nosso papel nessa nova configuração.

“Se algum deles for capaz de entender os versos”, disse Alice (a menina tinha crescido tanto nos últimos minutos que não estava com medo nenhum de interromper o Rei), “eu lhe darei seis pence. Eu acho que não há um mínimo de sentido em nada”. Todo o júri escreveu, em suas lousas. “Ela acha que não há um mínimo de sentido em nada”. Mas nenhum deles se habilitou a explicar os versos. “Se não há sentido neles”, disse o Rei, “isso livra o mundo de um incômodo, você sabe, não precisamos procurar um. E eu não sei não”, ele continuou desdobrando o papel sobre os joelhos, olhando para ele de rabo de olho, “eu até diria que há algum sentido neles... (...) Então suas palavras têm estilo”, disse o Rei olhando para o tribunal com um sorriso. Havia um silêncio de morte. “É uma ironia!”, o Rei completou num tom ofendido, e todos riram. “Deixemos o júri considerar seu veredicto”, disse o Rei, mais ou menos pela vigésima vez no dia. “Não, não!”, disse a Rainha. “A sentença primeiro... depois o veredicto”. “Que disparate!”, disse Alice em voz alta. “Que idéia imbecil esta da sentença antes!” “Dobre sua língua”, gritou a Rainha, vermelha de raiva. “Não dobro não!”, respondeu Alice. “Cortem-lhe a cabeça!”, a Rainha berrou o mais alto que pôde. Ninguém se mexeu. “Quem se importa com você?”, disse Alice (que acabara de voltar ao seu tamanho normal). “Vocês não passam de um baralho de cartas!” Nesse instante todo o baralho voou no ar, começando depois a cair sobre Alice; ela deu um gritinho, meio com medo, meio com raiva, tentando rebatê-las. A menina achou-se então deitada no barranco com a cabeça no colo da irmã, que gentilmente afastava algumas folhas secas que tinham caído da árvore sobre elas. “Acorde, Alice querida!”, disse a irmã. “Nossa, que sono pesado você teve!” “Puxa, que sonho estranho que eu tive!”, disse Alice. Então ela contou para a irmã, tão bem quanto pôde lembrar, as estranhas aventuras que vocês acabaram de ler. Então, depois que terminou, sua irmã deu-lhe um beijo e disse “Foi um sonho curioso, querida, certamente; mas agora apresse-se, é hora do chá: está ficando tarde”. Alice levantou-se e saiu correndo, pensando enquanto corria que aquele tinha mesmo sido um sonho maravilhoso.” (Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, cap.12)



Para Fábio Lúcio, meu irmão, *in memoriam*.  
Com todo o amor que há em mim.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ALMEIDA, Júlia. *Estudos deleuzeanos da linguagem*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- ALMEIDA, João José Rodrigues Lima. A compulsão à linguagem na Psicanálise. *Tese de doutorado*. IFCH, UNICAMP, 2004.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Internet: <http://www.scribd.com/doc/458326/Aristoteles-Metafisica-livro> . Acesso em 08/01/08.
- BAKHTIN, Mikhail. Para uma Filosofia do Ato. Tradução inédita de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza de *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Alone Again – Ethics After Certainty*. Demos, Creative Commons. Arquivo pdf, sem data, distribuição livre.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Alone Again – Ethics After Certainty*. Demos, Creative Commons. Arquivo pdf, sem data, distribuição livre.
- BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BEAUGRANDE, R. de. Quantum aspects of perceived reality: A new engagement of science and art. *Journal of Literary Semantics* 18/1, 1-49, 1989.
- BENNINGTON, Geoffrey. Desconstrução e Ética. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. *Desconstrução e Ética: Ecos de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.
- BONDANELLA, Peter. *Umberto Eco e o Texto Aberto*. Lisboa: Ed. Difel, 1998.
- CALDEIRA, Almir. *A Física Quântica: o que é, e para que serve*. SBPC, Labjor, 2001. Internet: <http://www.comciencia.br/reportagens/fisica/fisica02.htm>. Acesso em 16/06/07.
- CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação – A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente*. São Paulo, Cultrix, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite a filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CHAVES, Wilson Camilo. O estatuto do real em Lacan: dos primeiros escritos ao seminário VII, a ética da psicanálise. *Paidéia*, vol.16, no.34, Ribeirão Preto, Maio/Agosto 2006.

- CHO, Daniel. Thanatos and Civilization: Lacan, Marcuse, and the death drive. *Policy Futures in Education, Volume 4, Number 1*, 2006.
- COCHO, Germinal, GUTIÉRREZ, José Luis e MIRAMONTES, Pedro. Ciência e humanismo, capacidade criadora e alienação. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*. São Paulo: Cortez, 2006.
- COUTINHO JORGE, Marco Antônio. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, v. I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DALY, Glyn. Introdução: Arriscando o impossível. In: ŽIŽEK, Slavoj; DALY, Glyn. *Arriscar o impossível – Conversas com Žižek*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Introdução: Rizoma*. Volume I. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível*. Volume IV. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DOSSE, François. *História do Estruturalismo*. Volume II. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. *Desconstrução e Ética: Ecos de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.
- FOUCAULT, Michael. *Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.
- FOUCAULT, Michael. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- FOUCAULT, Michael. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FRANKFURT, Harry. *Sobre a verdade*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- FUJIMURA, Joan H. Como conferir autoridade ao conhecimento na ciência e na antropologia. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*. São Paulo: Cortez, 2006.
- ECO, Umberto. *Pós-escrito ao Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983.
- ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita na cultura européia*. Bauru: EDUSC/ Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.
- GERALDI, João Wanderley. Ser, falar e conhecer essencialidades em Paulo Freire. V *Colóquio Internacional Paulo Freire* – Recife, 19 a 22 de setembro de 2005.
- GERALDI, João Wanderley; COLLARES, Cecília Azevedo e MOYSÉS, Maria Aparecida. As aventuras do conhecer: Da transmissão à interlocução. *Educação e Sociedade*, vol. 23, n.78, abril, 2004.

- GERALDI, João Wanderley. Pelos caminhos e descaminhos dos métodos. *Educação e Sociedade*, vol. 25, n.87, maio/ago, 2004.
- GERALDI, João Wanderley. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética através da estética. Fotocópia, 2003a.
- GERALDI, João Wanderley. Alteridades: Espaços e Tempos de Instabilidades. Fotocópia, 2003b.
- GERALDI, João Wanderley. Leitura: Uma oferta de contrapalavras. *Educar, Curitiba*, n. 20, p. 77-85. 2002.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- GRECA et al. *Uma proposta para o ensino de mecânica quântica*. Revista Brasileira de Ensino de Física, v.23, n.4, São Paulo, dez. 2001.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000a.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000b.
- HANLON, Christopher. *Psychoanalysis and the Post-Political: An Interview with Slavoj Žižek*. Arquivo pdf. Sem local: sem data.
- HAWKING, Stephen. *O universo em uma casca de noz*. São Paulo: Arx, 2001.
- HORKHEIMER, Max. *Teoria Crítica I*. São Paulo: Perspectiva, Edusp, 1990.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa, Edições 70, 1997.
- LACAN, Jacques. *O Seminário*, livro 7, *a ética da psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LEITE, Márcio Peter. A noção de real no último Lacan – J.A.Miller: “*El Monólogo de l’Apparole*”. Internet: [http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/letra/10\\_aula.pdf](http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/letra/10_aula.pdf) (1998). Consulta em 02/05/2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Cru e o Cozido*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1991.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri, SP: Manole, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri, SP: Manole, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*, 3a ed. Lisboa: Gradiva, 2003.

- LOSSO, Eduardo Guerreiro. *Cinema: Entre o mito e a realidade*. Internet: <http://www.ciencialit.lettras.ufjf.br/encontro/Eduardo%20Guerreiro%20Brito%20Losso.doc> . Acesso em 09/01/08.
- MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a análise de discurso crítica. *DELTA*, vol. 21, número especial, São Paulo, 2005.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MARTINS, Roberto de Andrade. *A Física no final do século XIX: modelos em crise*. SBPC, Labjor, 2001. Internet: <http://www.comciencia.br/reportagens/fisica/fisica05.htm> Acesso em 05/07/07.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.
- MATURANA, Humberto & VERDEN-ZÖLLER, Gerda. *Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Atenas, 2006.
- MESQUITA FILHO, Alberto. *A Equação do Elétron e o Eletromagnetismo*. São Paulo: Ateniense, 1993. Internet: <http://www.ecientificocultural.com/Relat/EletoRel01.htm>. Acesso em 28/06/07.
- MILLER, Jacques-Alain. A experiência do Real na cura psicanalítica – Aula 1, 18 de novembro de 1998 (Tradução E.B.P.).
- MORENTE, Manuel Garcia. *Fundamentos de Filosofia – Lições Preliminares*. Internet: <http://www.consciencia.org/fundamentosfilosofiamorente7.shtml> . Acesso em 08/01/08.
- MORIN, E. *Amor, poesia e sabedoria* – 8a. edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MORSON, Gary SauL & EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: Creation of a Prosaics*. Stanford: Stanford UP, 1990.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Verdade e mentira no sentido extra-moral*. Internet: <http://portal.filosofia.pro.br/fotos/File/verdade.pdf> . Acesso em 07/01/08.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos (ou como filosofar com o martelo)*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2000.
- OLIVEIRA, IVAN S. *Física Moderna para iniciados, interessados e aficionados*, v.1. Editora Livraria da Física, 2005.
- PARDO, José Luis. A qualquer coisa chamam arte. Ensaio sobre a falta de lugares. In: LARROSA, JORGE & SKLIAR, CARLOS. *Habitantes de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- PLASTINO, Carlos Alberto. Os Horizontes de Prometeu: Considerações para uma crítica da modernidade. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 15, Rio de Janeiro, pp.121-143, 2005.
- PLATÃO. *A república*. Tradução de Enrico Corvisieri. Editora Nova Cultural, 1997.
- PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle. *A nova aliança*. Lisboa: Gradiva, 1987.

- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguagem – O santo graal da Lingüística. In: SIGNORINI, Inês. *Situar a lingua(gem)*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil & FERREIRA, Dina Maria Martins. (Org.) *Políticas em linguagem: Perspectivas identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Jacques Derrida e a corda bamba como o caminho da ética. *Fotocópia*, 2005.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão da ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. On the transdisciplinary turn of EFL teaching. In: CARMAGNANI, Anna Maria & GRIGOLETTO, Marisa (orgs.). *Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade*. São Paulo: Humanitas/USP, 2001.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Tuning up the bin od discordant notes: on a recent bout of identity crisis in applied linguistics. *IJAL*, Vol9(1), 1999.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O sujeito como objeto: Estruturalismo e a questão da subjetividade. *Boletim da ABRALIN*, edição 21, jun., 1997.
- REIS, Renato Hilário dos. *A constituição de Sujeito Político Epistemológico e Amoroso na Alfabetização de Jovens e Adultos*. Tese de Doutorado. Campinas, SP, Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- RODRIGUES, Elenita. Repensando a consciência (e) (a) crítica: Por uma redefinição da noção de fortalecimento das identidades sociais. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil & FERREIRA, Dina Maria Martins. (Org.) *Políticas em linguagem: Perspectivas identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.
- RODRIGUES, Elenita. Sobre a natureza (ou a cultura) da verdade: percursos bakhtinianos. *Letras*, Campinas, SP, v.21 n.1/2, dez.2002.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. Internet: <http://docentes.puc-campinas.edu.br/ceatec/davidb/abertura/METODOLOGIA/DiscursoCiencias.pdf>. Acesso em 12/07/07.
- SEGATO, Rita Laura. Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. *Mana*, vol.12, no.1, Rio de Janeiro, 2006.
- SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin – Conceitos-chave*.

São Paulo: Contexto, 2005a.

SOBRAL, Adail. Ético e estético – Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin – Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005b.

SOBRAL, Adail. *Algumas observações epistemológicas sobre a concepção de sujeito do círculo de Bakhtin*. Fotocópia, 2003.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade. Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VEIGA NETO, Alfredo. Memória, tempos, cotidianos. Texto apresentado no *Congresso Internacional Cotidiano Diálogos Sobre Diálogos*. Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, agosto de 2005.

VERAS, Viviane. *Linguisterra: um chiste*. Tese de Doutorado. Campinas, SP, Instituto de Estudos da Linguagem /Universidade Estadual de Campinas, 1999.

VOGT, Carlos. *A física em três tempos de poesia*. SBPC, Labjor, 2005. Internet: <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/03/01.shtml> . Acesso em 16/06/07.

WATERSON, Bill. *Calvin e Haroldo - Algo Babando Embaixo da Cama*. Rio de Janeiro: Editora Cedibra, 1988.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ŽIŽEK, Slavoj. *The sublime object of ideology*. Londres, Verso, 1989.

ŽIŽEK, Slavoj. *Tarrying with the negative – Kant, Hegel, and the critique of ideology*. Durham, NC: Duke University Press, 1993.

ŽIŽEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: ŽIŽEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ŽIŽEK, Slavoj. *The ticklish subject*. Londres: Verso, 1999.

ŽIŽEK, Slavoj. *The Fragile Absolute: or, Why is the Christian legacy worth fighting for?* New York: Verso, 2000.

ŽIŽEK, Slavoj. *On belief*. Londres: Routledge, 2001.

ŽIŽEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj; DALY, Glyn. *Arriscar o impossível – Conversas com Žižek*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ŽIŽEK, Slavoj. *In defense of lost causes*. London and new York: Verso, 2008.

ZUPANČIČ, Alenka. *Ethics of the real*. London and New York: Verso, 2000.

ZUPANČIČ, Alenka. Ethics and tragedy in Lacan. In: RABATÉ, Jean-Michel. (Ed.) *The Cambridge Companion to Lacan*. New York: Cambridge University Press, 2003.

## **Pensamentos despenteados para um dia de vendaval**

[Por mais não acadêmico que possa parecer um anexo como este, quis dividir com vocês parte dos meus sentimentos durante a vivência do processo de redação deste trabalho. Reproduzo aqui<sup>119</sup>.]

SÁBADO, AGOSTO 27, 2005

### **Esboço de Nada**

Não me lembro o dia em que comecei a redigir notas sobre os “acontecimentos” da minha vida. Não me lembro ao certo o motivo. Mas é certo que essa prática me acompanha há algum tempo. Sei e sinto que muitas coisas que escrevo são apenas fragmentos soltos, desordenados, desconexos que me ajudam a pensar em minhas questões no doutorado, mas também a repensar meus conflitos mais inerentes, a analisar as experiências que (com)partilho, a lidar com minhas frustrações, minhas peculiaridades, meus egoísmos. Apenas gostaria de dizer que motivaram a “abertura” desse espaço alguns sentimentos de desorientação, de descoberta e de apagamento que acredito não serem somente meus. Crises vividas e imediatamente esquecidas, que garantem a mim mesma o direito de viver sem me desafiar por completo. Mas também sem me apagar por completo.

Alguns trechos aqui serão meus. Alguns ficcionais, mas só alguns. Outros, citações literais de autores, mestres que acredito merecerem ser imemoriais. Outros textos traduzirão momentos de (in)perspicácia meus e de pessoas com quem dialoguei e dialogo no processo de elaboração dos meus trabalhos. Outros, nem sei. Assim imagino os textos que apresentarei aqui. Meio fragmentados, meio soltos, meio desconexos, meio sem sentido. Como todos(as) nós.

QUINTA-FEIRA, SETEMBRO 08, 2005

### **Galeano**



"(...) Sobre essa questão de horizonte, lembro de uma frase de um amigo meu, o cineasta argentino Fernando Birri, dita quando estávamos uma vez em

---

<sup>119</sup> Todos os textos foram publicados nas datas mencionadas no espaço:  
<http://acasosafortunados.blogspot.com/>

Cartagena das Índias, na universidade, conversando com estudantes. Um dos estudantes perguntou para o Fernando para que serve a utopia. Aí ele respondeu: “Eu me faço essa pergunta todos os dias. O que eu posso dizer é que, para mim, a utopia está no horizonte. Eu sei perfeitamente que nunca a alcançarei. Se eu caminho dois passos, ela se afasta dois passos. Se eu dez passos, ela fica dez passos mais distantes. Para que ela serve então? Para caminhar”. Eu sempre achei que essa é a melhor resposta possível para explicar por que ainda existe gente que é capaz de viver além da infâmia, de não confundir o tempo presente com o destino. Gente capaz de manter a certeza viva de que amanhã o mundo pode ser diferente do que é hoje.

SEXTA-FEIRA, SETEMBRO 09, 2005

### Escrevendo a tese



TERÇA-FEIRA, SETEMBRO 13, 2005

### Waking life



"I would say that life understood is life lived. But, the paradox is, bug me, that I can learn to love and make love to the paradoxes that bug me, and on really romantic evenings of self I go salsa dancing with my confusion."

SÁBADO, SETEMBRO 17, 2005

**Margarida**

"Existem pessoas como a cana que, mesmo postas na moenda, reduzidas a bagaço, só sabem dar doçura."



Um dia eu ouvi que éramos todos iguais. No semáforo, voltando da aula, hoje chorei feito criança. Margarida -- a mocinha tinha nome de flor -- me pediu uns trocados pra poder 'comer sorvete'. Perguntei se ela estava na escola, ela sorriu e disse que gostava de brincar de pular corda. Me chamou de tia, eu sorri, ela sorriu de volta. Não tinha sapato, não tinha dinheiro, mas tinha um sorriso do tamanho do mundo. Sorria de linda que era.

Me senti egoísta, medíocre, vazia. Não merecedora dos presentes que a vida me oferece todos os dias e eu desdenho. Me senti inútil ..... composta só de superfície, espaços vazios e nenhuma substância ..... Meu deus, o que a gente tem feito da vida (e pela vida!) todos os dias???

TERÇA-FEIRA, SETEMBRO 27, 2005

**Fútil?**

"E se tudo que conhecemos for uma ilusão, e nada existe de verdade?  
Nesse caso, acho que paguei demais pelo tapete da sala."

-- Woody Allen, 'Without Feathers'

TERÇA-FEIRA, JANEIRO 31, 2006

### Doutorado



SÁBADO, ABRIL 22, 2006

### Profissão

Às vezes você tem certeza que não podia estar fazendo nada que não fosse exatamente aquilo que você ama. Mas, às vezes, o desrespeito é tamanho que você acha que talvez fosse a hora de interromper o trabalho. Quando foi que professor passou a ser funcionário? Algumas coisas eu não entendo. E choro.

[Em silêncio. Horas após realizar meu pedido de demissão.]

DOMINGO, ABRIL 30, 2006

### Temporal

Acabo de assistir Kinsey. Não conhecia nada sobre a história do pesquisador americano; biografias são sempre narrativas, mas nossas vidas também são.

E eu ando pensativa nos últimos dias... sobre a minha. Nossa própria existência não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos, li sobre isso no Ricoeur. E concordei.

É contando nossas próprias histórias que damos, a nós mesmos, uma identidade.

Reconhecemo-nos, a nós mesmos, nas histórias que contamos sobre nós mesmos.

Estudando textos pro doutorado, preparando aulas pra pós-graduação, me dando de presente longas caminhadas regadas a devaneios que "transbordam" das leituras que tenho feito, percebi que...

*O eu não é senão uma contínua criação, um perpétuo devenir: uma permanente metamorfose. E essa metamorfose tem seu arranque e sua força impulsora no processo narrativo e interpretativo da leitura e da escrita. Só lendo (ou escutando), alguém se*

*faz consciente de si mesmo. Mas ler e escrever (escutar e falar) é colocar-se em movimento, é sair sempre para além de si mesmo, é manter sempre aberta a interrogação acerca do que se é. Pretendendo descobrir seu destino, descobrirá que todo destino se inventa na ausência de destino. Procurando eliminar o que é estranho ao eu, encontrará a estranheza mais radical. Buscando uma identidade substancial, estável e sem falha, encontrará uma identidade narrativa, aberta e desestabilizadora. Uma identidade em movimento assegurada por uma linguagem em movimento, onde a autoconsciência surge ao se colocar em questão a autoconsciência e onde o que se é só aparece ao se colocar em questão o que se é: dialética viva e infinitiva de identificações e desidentificações.*

Estou enlouquecida. Ou enlouquecendo.

Vou tentar transformar o Larrosa em artigo, o trecho do filme em vídeo, minha inquietação em poesia. Amém.

QUARTA-FEIRA, MAIO 10, 2006

### **Tristeza**

Cheguei da academia agorinha na maior alegria. Cheia de energia, ouvindo uma música árabe que pretendia dançar em frente ao espelho de dois metros que tenho na entrada principal da minha sala. Tirei o tênis, bebi água. Enquanto tirava a roupa de ginástica, li um recado de uma ex-aluna que me pedia ajuda para divulgar o rosto do assassino de Thaís. Eu não sabia quem era Thaís. Thaís era mais uma anônima, vítima da violência, cuja família fazia uso da internet pra obter ao menos a sensação de que é possível fazer justiça. Abri o link com a comunidade da moça, que tinha 19 anos, e depois o link com o perfil da mãe, uma senhora, cheia de vida, em cujo perfil estava escrito:

"TRANSFORME SUA DOR EM PODER. O mundo não vai parar pq vc está sofrendo."

Entrei em choque. Chorei convulsivamente por cerca de dez minutos. E ainda choro.

Minha mãe me contou no fim de semana um sonho que ela teve com o Fábio. Ele estava bem, mas olhava pra ela e perguntava inconformado: "E aí, nada?"

Os assassinos do meu irmão não foram apresentados em denúncia ainda. O ministério público acha que não há evidências e a polícia parece ter parado de investigar. E nós SOFREMOS muito a perda do meu irmão e sofremos mais ainda o descaso de uma justiça que é nula. Já pensei inúmeras vezes, que deveríamos fazer algo além de ir lá pressionar o delegado e a promotora de justiça. ELES ASSASSINARAM BRUTALMENTE O MEU IRMÃO. Nada do que aconteça com eles vai trazer meu irmão de volta, mas é preciso que se faça JUSTIÇA.

Não consigo ver a minha mãe sofrer desse jeito, TODOS OS DIAS, porque o Fábio não está mais aqui com a gente. MEU IRMÃO, ASSIM COMO A THAÍS, OU A GABRIELA, não é parte de uma estatística ou de um comentário simples no estilo "que absurdo". MEU IRMÃO ERA UMA PESSOA!!!



Estou MUITO, MUITO triste. Sinto uma saudade IMENSA que não vai passar NUNCA e me ARREBENTA pensar que fizeram o que fizeram com ele SEM CONSEQUÊNCIA PENAL ALGUMA.

Amo O MEU IRMÃO. VOU AMAR PRA SEMPRE.E, SIM, eu exijo JUSTIÇA.

DOMINGO, MAIO 14, 2006

### **Múltiplas**

*Mulher é desdobrável. Eu sou.*

Roubei da página de uma amiga, porque hoje o espírito que o poeminha da Adélia transmite parece meu. Tenho tanto pra falar, sobre tantas coisas. Tenho tanto pra dizer, pra narrar, pra contar. São tantas as possibilidades que se entrecruzam que a sensação de liberdade em tematizar o que se queira ou se tomar qualquer caminho é, na mesma proporção, tão fantástica quanto apavorante. Sinto uma energia TÃO incrível que me deixa quase exausta.

(...)

Sigo meu caminho aos solavancos. O rumo é certo? Eu não sei. Só sei que às vezes uma curva pode ser um caminho muito mais incrível que uma reta. Mas é pra poucos. E talvez, mais ainda por isso que por qualquer outra coisa, eu tanto adore.

DOMINGO, MAIO 21, 2006

### **Curvas**

Sabe aqueles dias em que você acorda gostoso ao meio dia, de meias e blusão de lã, debaixo de um edredom quentinho, com aquele jeito de quem vai-passar-o-dia-na-cama- hoje-e-não-deve-satisfação-a-ninguém? Você levanta, se espreguiça, caminha pela tábua do seu apartamento, se olha no espelho da pia, desiste de lavar o rosto porque está frio, fica

na dúvida se vai pra cozinha ou se morre de fome, senta sem rumo na sala... fita não se sabe o quê, pensa não se sabe em quê, num estado de imersão dominical contemplativa... Levanta, senta, liga a Tv. Desliga, deita, pensa no parque. Senta. Onde está o tênis de corrida? Abre a persiana pra ver se tem sol. Deita. O dia está bom de dormir. Tem certeza de que nunca mais na vida toma uísque sem ter jantado antes. Pensa se ainda tem suco de morango na cozinha. Joga a caixa vazia na lata. Escreve a tese? Senta. Cruza as pernas em posição budista. Tenta meditar. Em vão. Vai pra casa da mãe? Deita. O sol aparece pela fresta lá fora. Por que não foi ontem até o supermercado, idiota? Tem vontade de comer cereal. Caminha até o quarto, liga o computador. Sabe que palavras umas vez ditas não voltam atrás. Pega o telefone. Não liga. Será que essa hora já tem tele-pizza? Desiste. Deita. Lembra do texto não escrito. Da foto. Tira as meias. Espirra. Sorri sozinha de besta. Liga pra mãe e avisa que vai. Em vão. Redisca. Deixa recado, é melhor. Xinga o copo de liquidificador sujo na pia. Prefere esvanecer. Senta na cadeira laranja. Digita. Será que pede comida chinesa? Sente dor de cabeça. E de alma. Lembra da agenda ridícula. Abre o blog e começa a digitar sem sentido. Por quê? Para quê? Com que objetivo? Lembra que leu essa semana que escrever é escrever. Riu na hora. Inter-textos. Até eles ou principalmente eles se modificam. Decide parar de racionalizar. Decide aceitar as coisas como são e continuar o seu dia de bem. Cozinhar? Sair pra comer? Andar sem rumo sorrindo na rua? .... O que vem pela frente? Não sabe. Simplesmente não sabe. Mas é nisso que percebe a graça em viver.

TERÇA-FEIRA, MAIO 23, 2006

**Rita Hayworth; Ou mudando de assunto: Enlouquecida com a tese.**



*comigo."*

*"Os homens vão para a cama com Gilda, mas acordam*

Ontem conversando com a Fabiana ela me contou uma história sobre uma amiga em comum. A amiga falava sobre pessoas que constroem personagens que não conseguem sustentar. Fiquei encafifada (esta palavra existe ainda será?).

O fato é que existem linhas teóricas na Academia que sugerem que a gente negocia imagens e identidades todos os dias a partir das narrativas que viabiliza (acho que aqui o verbo também deveria ser outro). Daniel, amigo do peito e colega do doutorado, fez uma escala em Brasília ontem. Almoçamos juntos e conversamos duas horas sobre os desdobramentos que a minha tese podia tomar. Discutimos alguns textos, alguns relances de teoria. Performance, narrativização da identidade. Fiquei mais fascinada. Voltei pros textos de aula, comecei a rabiscar... a reler os clássicos...

*A narrativização do eu, mesmo forjada dentro de um processo ficcional, imaginário ou fantasmático, não diminui sua eficácia discursiva. São os modos pelos quais contamos aos outros quem somos, como nos tornamos quem somos e como queremos ser identificados que nos constituem, uma vez que a identidade pessoal só pode se articular na dimensão temporal da existência humana, o que leva à construção de uma identidade narrativa, dada pelo entrecruzamento entre história e ficção.*

Pra onde isso me leva? Nem sei... Essa conversa já parece não ter mais nada a ver com a Rita ou com o seu personagem mais clássico. Mas seguramente tem a ver comigo, e com o meu. E com o seu. QUE IMAGEM VOCÊ NEGOCIA? É POSSÍVEL SEPARAR AQUILO QUE VOCÊ NEGOCIA DAQUILO QUE VOCÊ ACREDITA QUE É? Já parou para pensar nisso?

A gente PRECISA acreditar COM TODAS AS FORÇAS que possui um núcleo de identidade e de subjetividade essencial e inerente. Acreditamos que temos essências. Mas o que nos leva a INVESTIR em determinadas "essências" (teorias de identidade) e não em outras? Será que no fundo, no fundo não somos definitivamente nada? Isso tudo é muito esquisito...

Há uns dois meses "demi" minha terapeuta. Por um motivo muito simples. Ela me fazia me ver de um jeito novo que eu não gostava de ver. Isso já tinha me acontecido uma vez. Ele foi um filho da puta comigo, mas fez a leitura mais perfeita que alguém já tinha feito de mim antes. Ao contrário dela. Falo palavrão mesmo, não liguem. E aproveito pra dizer SER MULHER É MUITO FODA. Porque tem horas que vc é meiguinha, quer casar e ter filhos... e se fragiliza mesmo! e tem horas que você se cansa de ser a mocinha babaca, passiva, burra e sem iniciativa que fica esperando o homem perfeito (que SIMPLEMENTE NÃO EXISTE) bater à sua porta com um ramalhete de tulipas cor-de-laranja... e tem que ser realmente muito estúpida, porque a gente acredita e investe e pensa "poxa, ele é tão tudo aquilo que eu sempre procurei"... PUTA QUE O PARIU. E quebra a cara DE NOVO.

Leio hoje essa frase célebre da Rita. Essa aí da epígrafe ao lado da foto. Sincronicidades. Lembro de uma mancada ridícula e de uma troca de nomes. Lembro da carta de amor, da minha cara de tédio e da opinião que me pediram. Lembro da pose de Diva. Lembro do post antigo no blog e do arrependimento. A foto me foi mandada de presente pela Márcia há pouco mais de uma semana. Ela sabe que pra mim Gilda sempre foi um ícone. Lembro da ligação ignorada e da atitude em seguida. Lembro de tanta coisa, leio tanta coisa, vejo tanta

coisa, articulo tanta coisa, ESCREVO TANTA COISA e NÃO APRENDO NADA. E da tese sai tão POUCO!!! Eu deveria ter ido fazer doutorado em matemática... talvez isso me ajudasse a ser mais objetiva. Onde já se viu... doutora em "formas de constituição de subjetividade"???... eu vou ficar é doida ou mais doida! Daqui a pouco vou ter que procurar é um psiquiatra... vai ver que por isso é que o Foucault estudava a loucura!!!

Ontem, "sincronicamente" (em coincidências não acredito), encontrei o Marcelo, amigo do coração, paixão da minha vida daqui até a eternidade, no Msn. Ele mora em Campinas, não nos falávamos há meses. Começo a contar a história, lamento até. Ele, engenheiro mecânico, me devolve uma pergunta simplíssima: "Lê, já tentou parar de focalizar o problema e pensar na solução?".

Que merda hein. Sorri. Se eu conseguisse perceber a vida de forma tão simples... A gente (eu!!!) complica coisas porque sente é paixão pela complicação... ah! *Damn*, como ele diz! Por hoje já chega.

Chega de tese, chega de texto, chega de leitura, chega de Rita, chega de reflexão! Vou pra academia fazer exercício. A outra, a de ginástica mesmo. Daquela primeira, das idéias e dos livros, peço distância. Pelo menos até às sete da noite.

QUINTA-FEIRA, JUNHO 08, 2006

### **Enlou-crescida**

Hoje à noite, depois de chegar do trabalho, fui surpreendida com uma ligação da minha mãe avisando que ia passar aqui um pouquinho. Veio ela e o meu irmão. É impressionante como essas visitas me fazem feliz. Mas é estranho... é estranho, porque aqui em casa é como se a minha mãezinha fosse uma visita e como se eu não fosse mais da casa dela... explico: quando vou pra lá nos fins de semana, aquela casa continua sendo a minha casa, com meu quarto, minha cama, tudo meio mudado é verdade, mas continua tendo o meu sofá favorito, o lugar onde gosto de sentar pra almoçar, ou a almofada que é a favorita. Aquele também é meu espaço. Mas aqui... é claro que eles têm o espaço deles, mas é meu espaço... e é esquisito, porque de repente você é tomada por uma formalidade besta do tipo "nossa, eu não lavei a louça deixa eu fechar a porta da cozinha"... e é mais esquisito porque de repente você descobre que, de forma irremediável, se tornou uma mulher adulta. Você não é mais a apaixonada que saiu da casa dos pais pra ver como é que era, nem é mais a estudante batalhando o seu futuro em uma cidade bem distante. Você é uma mulher adulta, de responsabilidades, de contas próprias, que mora até perto dos pais, mas que tem o seu espaço, a sua liberdade e a sua solidão. Minha mãe trouxe convites, festa beneficente. "Pra você e.... seu amigo", ela disse. Comecei a rir. "Mamãe, que amigo?", ela olha pro meu irmão e faz piada "Ítalo, arruma uma segunda namorada pra levar". Histórias.

Sei lá... será que aos quatorze eu me imaginaria exatamente neste lugar agora? Acho que eu me imaginava bailarina. Tenho 27 anos, uma família que me adora, não tenho namorado, não tenho um cachorro, já consigo deixar minhas plantas vivas porque aprendi a dar água e carinho pra elas, sou admirada (e apaixonada!) pelo trabalho que realizo, sou dona do meu carro, totalmente pago e sem nenhuma prestação, minha tese de doutorado não saí, mas

meu orientador é um dos melhores do mundo na área, me adora e eu o amo de paixão. Preciso mais de quê? Fico falando isso acho que é pra me convencer que eu sou feliz... que não preciso ficar triste, que posso acalmar meu coração. E eu absolutamente adoro o colo da minha avó, deu foi saudade. E adoro os descentramentos causados pelos livros do Bauman, do Hall, do Foucault. E adoro meu espelho gigante, e adoro ter maturidade o suficiente (e dinheiro o suficiente) pra decidir que já está na hora de fazer aquela lipo e colocar um silicone.

Ser adulta é uma coisa estranha demais. E é uma coisa boa demais. E estranha demais. E boa demais.... risos... tô me repetindo, sei não. Ou então surtando. De novo... risos...

QUARTA-FEIRA, AGOSTO 23, 2006

### **Razão**

Como em um livro barato de filosofia de banca, ela procurava entender por que aquilo acontecia com ela. Ela precisava encontrar um motivo. Sempre existia um motivo.

E procurava e procurava dentro dela porque era nesse lugar que sempre escutava dizer que os motivos reinavam absolutos.

Mas onde? Onde eles estavam? Onde?

Distraiu-se, sentou-se na cadeira bem de frente para a TV e como uma menina chorou quando o mocinho morreu na última cena do filme de aventura.

“Que coisa mais boba. Já é madrugada e preciso dormir”, disse de um jeito desprezioso e apenas a si mesma.

E, se sentindo leve, permitiu que o motivo fosse descoberto outro dia.

SEGUNDA-FEIRA, SETEMBRO 11, 2006

### **O que a gente quer ser quando crescer? Feliz?**

Título besta esse, hein? Mas quando é que a gente cresce mesmo? A gente tá sempre adiando a felicidade pra depois do expediente, pra depois do trabalho, pra depois da defesa, pra depois que trocar de carro, pra depois que passar naquele concurso, pra depois da festa, pra depois da exposição, pra depois que perder três quilos, pra depois que comprar a casa, pra depois de isso e aquilo e aquilo... a gente tem que ser feliz é agora num é não? Temática mais fútil. Tô cansada de escrever sobre essas coisas. Por que falar é bem mais fácil que fazer? Inútil, absurdamente inútil. O que é isto... estar vivo? O que significa viver, amar, morrer? E se um dia a gente morre mesmo? Já pensou? Assim, do nada... Levantou como se fosse só mais um dia e de repente.... sumiu. E se isso acontecesse com você? Você já tinha feito aqui tudo o que tinha pra fazer? As pessoas que você mais ama estão cientes do quanto as ama e do quanto quer que elas fiquem bem? Você deixou resultados bons do seu trabalho? Da sua história? Fez alguma diferença nesse mundo? Fez alguma coisa pelo seu semelhante apenas por bondade sem exigir nada em troca? Foi altruísta? Solidária? Participou de alguma ação social? Deixou boas memórias, boas lembranças? Fez amigos verdadeiros? Fez diferença na vida de alguém? Por merecimento? Tô meio pessimista, eu sei, mas -- sem meias palavras -- o que eu tenho feito dos meus dias, hein??? A gente vai sempre adiando a nossa vida.... e por quê???



[Reflexão motivada em parte por antibióticos, pela tela do dali aqui no meu papel de parede, pelo desespero da sinfonia do Schubert que invade todos os cantos da minha sala, pela lembrança da cena final de Vanilla Sky que assisti de novo outro dia e que novamente quase me matou de chorar. *What's hapiness for you, David?? Just open your eyes.*]

QUINTA-FEIRA, OUTUBRO 05, 2006

**Vanilla Sky**

*Every passing minute is another chance to turn it all around.*

Vanilla Sky é um dos meus filmes favoritos de todos os tempos. Acho que é porque ele mostra que na verdade o que faz a diferença são as pequenas coisas. Cada pequena decisão importa, cada pequena decisão tem conseqüências. Acho que os melhores filmes são aqueles que nos rendem as melhores metáforas. E a metáfora do David eu acho incrível. *Consequences. The little things. There's nothing bigger.*

*É isso. Pule no tal abismo quando seu coração bater tão forte que só te restará pular. Você só vai saber se fez a coisa certa, fazendo-a. Só se pode falar do que se conhece e não há como conhecer pela superfície, é preciso tocar verdadeiramente nas coisas e, então, se deixar ser tocado por elas. O importante é lembrar que a escolha é sempre nossa e que no momento em que tudo nos foge ao controle é porque chegamos na parte mais importante do aprendizado. Que o medo não tenha tanto poder sobre nós... E que não fiquemos condicionados por experiências anteriores -- há sempre uma oportunidade de surpresa, mas teremos que estar abertos a isso. Nada é tão definitivo. (Marla de Queiroz.)*

SEGUNDA-FEIRA, DEZEMBRO 18, 2006

**Qual o limite existente entre o sonho e a loucura?**



*"Qui voit le ciel dans l'eau  
n'est pas loin de mettre des poissons dans les arbres."*

Não sei. Sinceramente não sei.

QUARTA-FEIRA, DEZEMBRO 27, 2006

**(Feliz)Idade**



Minha tese decolando!!! Não sei o que me dá mais prazer... se as leituras, as viagens, as (in)conclusões... Tudo parece que se relacionou de tal forma pra que eu chegasse exatamente no lugar em que eu estou hoje.... Ontem, depois da corrida, caminhando de volta pra casa, na chuvinha do fim da tarde (que delícia, meu deus!), me veio o título como que num relance... literário, denso e lindo!!! Todas as leituras que eu já fiz até hoje, todas as pessoas que eu conheci, todas as experiências que eu vivi, todas as músicas que escutei e as melodias que dancei me trouxeram até aqui.... e caramba... a sensação é boa demais!!! Feliz 2007, 2008, 2009!!! Feliz vida!!! =))

SÁBADO, DEZEMBRO 30, 2006

**Sobre flores, presentes e sorrisos**

*“Siga a sua alegria e o universo abrirá portas para você onde antes só havia paredes” (J. Campbell).*

Que dia mais mágico este! Nossa! Tanta coisa acontecendo e de forma tão surreal.... Tenho lido coisas tão diversas que caem no meu colo como se... elas tivessem que cair! É um livro do Nietzsche que eu nem tinha visto e que o Chiquinho somou e empacotou junto dos meus. É eu parar de estudar justo na hora em que passa um documentário fantástico com o Antônio Cícero falando na tv e lá me vem uma idéia pra tese! São as pessoas que retornam pra minha vida, sem motivo aparente, e me iluminam! São pessoas novas que nela entram e meu rumo surpreendente e magicamente modificam! Presentes que me vem como por sincronidades (im)perfeitas, discussões, acréscimos, fantasias.... E pra coroar toda alegria, minha casa hoje amanheceu nascida de flores! =)



Há algumas semanas cuido das mudinhas de gérbas. Vejo-as nascendo, crescendo, devagar e bem no tempo delas. Hoje, de repente, não é que elas floresceram? =)

DOMINGO, DEZEMBRO 31, 2006

**Waking Life: "É sempre nossa decisão quem nós somos".**

"O motivo de me recusar a aceitar que o existencialismo é como outra moda francesa ou curiosidade histórica é que eu acho que ele tem uma coisa muito importante para nos oferecer no novo século. Eu sinto que estamos perdendo as virtudes verdadeiras de viver a vida apaixonadamente, o sentido de ter responsabilidade pelo que você é, a habilidade de fazer alguma coisa por você e se sentir bem com a vida. O existencialismo é sempre discutido como se fosse uma filosofia do desespero. Mas eu acho que a verdade é bem o contrário. Uma vez entrevistaram Sartre e ele disse que nunca sentiu um dia de desespero na vida. Mas uma coisa que percebo vendo esses homens não é um sentimento de angústia sobre a vida, mas sim é uma espécie de exuberância de se sentir acima disso como se a vida fosse sua para criar. Eu li os pós-modernistas com algum interesse, até admiração. Mas quando eu leio sempre tenho uma sensação até ruim que alguma coisa totalmente

essencial foi deixada pra fora. Quanto mais se fala sobre uma pessoa como uma construção social ou como confluência de forças, ou fragmentada, ou marginalizada, o que você faz é abrir um mundo totalmente novo de desculpas e quando Sartre fala sobre responsabilidade não está falando sobre uma coisa abstrata. Não está falando sobre o tipo de alma que os teólogos discutiriam. É uma coisa muito concreta. Somos eu e você conversando. Tomando decisões. Fazendo coisas e agüentando as conseqüências. Pode ser verdade que existam 6 bilhões de pessoas no mundo e aumentando. No entanto, o que você fizer fará diferença. Faz diferença, primeiramente, em termos materiais. Faz diferença para outras pessoas e isso dá um exemplo. Quer dizer, em resumo, eu acho que a mensagem aqui é que nunca devemos simplesmente nos acharmos ou nos vermos como vítimas de várias forças. É sempre nossa decisão quem nós somos.

TERÇA-FEIRA, JANEIRO 02, 2007

**What about my fuzzy style?**



"ADORO o fato de que você é tão competente profissionalmente e tão liricamente fútil no dia-a-dia. É o máximo. Viva a futilidade. Nada há de mais profundo no ser humano." (Recadinho anônimo recebido ontem.)

Fala sério! risos... Eu sou o máximo!!! =)

E já falei em sei lá que post essas dicotomias aristótelicas eu sempre mandei pra puta que o pariu!!!

*"Show me a man who lives alone and has a perpetually clean kitchen, and 8 times out of 9 I'll show you a man with detestable spiritual qualities."* (Bukowski)

A propósito, eu moro sozinha e as minhas qualidades espirituais são fascinantes....

QUARTA-FEIRA, JANEIRO 03, 2007

**Entre espaços**

*- Deus não joga dados.*

*- Não é nosso problema explicar a Deus como ele deve governar o*

*mundo.*

*Em Bruxelas, Einstein traria toda manhã para a mesa do café uma nova objeção à incerteza. Durante a noite, Bohr, Heisenberg e outros juntavam-se para desmontar seus argumentos. Incerteza violava suas convicções mais profundas sobre a harmonia fundamental do Universo. (Heisenberg's War, Thomas Powers. Knopf, 1993.)*

Comecei a estudar Física, em silêncio, mas agora há algumas semanas. E, pasmem, minha tese de doutorado em LINGÜÍSTICA terá um capítulo sobre mecânica quântica... risos.... E viva a queda das fronteiras disciplinares!!! *A incerteza viola nossas convicções mais profundas sobre a harmonia fundamental do universo...*

DOMINGO, JANEIRO 07, 2007

### **Reflexões em uma madrugada de trabalho**

Terminei a estruturação da tese hoje. Está tudo amarradinho da forma mais desamarrada possível... risos... Troquei os dias pelas madrugadas, o texto começa a fluir, as epígrafes são fantásticas, o estilo do texto bonito. Enviei parte da reflexão para um amigo da área, também quase doutor, freqüente leitor opositivo, cujo primeiro comentário pós-leitura foi... "vc escreve literatura!"... Preciso dizer que eu adorei? =)

Meu texto é uma espécie de ensaio narrativo, todo em primeira pessoa, poético que só ele, que eu acho dá vontade de continuar a ler.... Pouco tem a ver com o espírito de uma tese de doutorado mesmo. Mas a tese quem escreve num sou eu?

Lembro que quando eu era criança a gente brincava de charadas.... Tinha uma (sei lá qual é!) que terminava com a pergunta "e o penico? onde está?" aí vc dava uma resposta óbvia tipo debaixo da cama e a outra criança respondia, "não! dentro do fogão! ele é meu, coloco onde eu quiser!" risos....

Sei lá se a charada era assim, mas o Foucault devia ter razão. É uma moral de estado civil, ela rege os nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever.

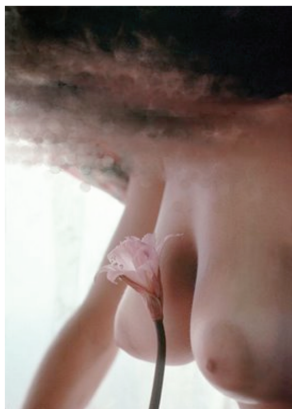
O Alexandre criticou o título da tese dizendo que a metáfora da Alice (exato a das maravilhas!) já foi muito utilizada e que ele achava pouco original. Eu sorri, dei de ombros e .... querem saber minha resposta? "Não foi utilizada por mim" =)

Ora essa, sem querer complicar demais.... todo enunciado se constrói a partir da posição enunciativa de quem o realiza num é não.... E eu tô apaixonada, viu? Meu trabalho tá uma delícia!!! A tese vai ter a minha cara, a reflexão vai ter a minha cara, e eu ainda vou conseguir mostrar que com leveza e poeticidade também é possível se fazer teoria.

A paixão ainda é só pelo meu trabalho. Mas sabe quando você sente com cada célula do seu ser que está realmente preparada pra amar? "*All my failures we're a preparation to meet you*". Será que é devaneio-resquício de leituras pra tese, mistura de sono atrasado e ausência de sono regado a vinho tinto e café ou... será que é apenas uma intuição? Anyway..

TERÇA-FEIRA, JANEIRO 16, 2007

### **E daquele livro eu roubei...**



"Eu era uma esteta, não uma atleta, e meu único desejo era perambular em êxtase." [C. P. Estés]

QUARTA-FEIRA, JANEIRO 17, 2007

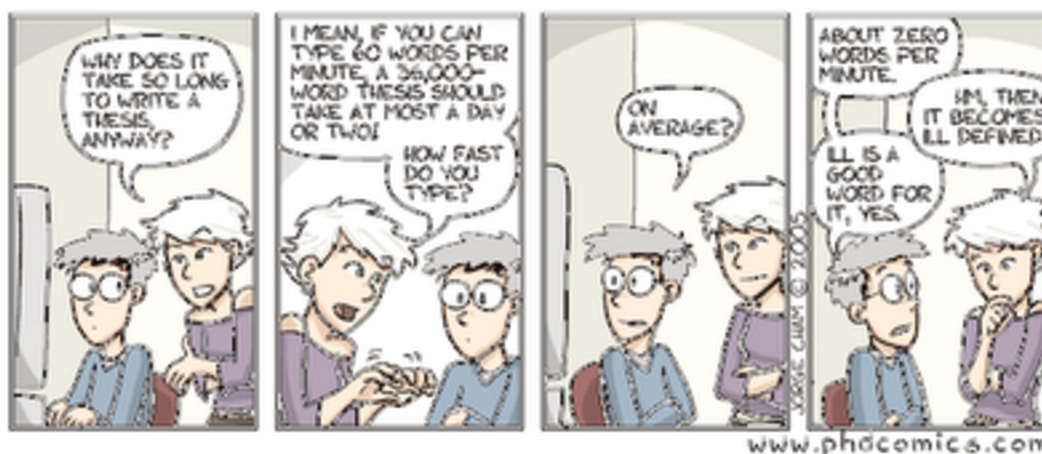
### **Distante... e cansada**

Cansada, ando absolutamente cansada. Meu pulso sobrecarregado com a escrita da tese grita por socorro e só dói. Preciso de férias... Preciso de uma casa no campo, sem barulho de rua ou vendedor de pamonhas, com cheiro de mato, paisagem verde e cachoeira no fim do dia... Quero caminhar de manhã, almoçar comida mineira feita no fogão a lenha, tirar uma sesta na rede no início da tarde... Ai que delícia, meu deus!!!

A descoberta da semana foi a música deliciosa de Madeleine Peyroux... Comecei ouvindo a versão dela pra *you gonna make me lonesome when you go* do Bob Dylan e, quando percebi, já estava COMPLETAMENTE apaixonada!!! Com esse ventinho gostoso de início de noite, hummmm.... Peyroux combina tão certinho com aquele Cabernet =)

SEGUNDA-FEIRA, JANEIRO 22, 2007

### **Matemática**



--Por que, afinal de contas, se leva tanto tempo para escrever uma tese? ... Quero dizer, se você pode digitar 60 palavras por minuto, uma tese com 36.000 palavras deveria levar no máximo um dia ou dois para ser escrita! Com que velocidade você digita?

-- Em média? Cerca de zero palavras por minuto.

QUINTA-FEIRA, FEVEREIRO 01, 2007

**Mundo da vida X Mundo da cultura; Ou porque falar sobre o amor (não) é sentir sobre o amor? será que alcança?**

Hoje eu decidi incluir um trecho de filme no meio de uma discussão teórica sobre o texto *Para uma filosofia do ato*, de Bakhtin, em um dos capítulos da minha tese. Lá estava eu com toda propriedade falando toda densa de *uma cissão irreparável entre o mundo da cultura* (mundo dos sentidos, dos atos interpretados, dos conteúdos, no qual os atos de nossa atividade são objetivados) *e o mundo da vida* (mundo da experiência vivida, no qual nós realmente criamos, conhecemos, contemplamos, vivemos nossas vidas e morremos), quando fui surpreendida com a idéia de colocar lá a conversa entre Karina e Antônio. E o texto ficou tão levinho, tão levinho com o diálogo daqueles dois... Sei lá o que a minha banca vai achar dessas minhas "inovações". Mas meu texto de tese está assim... repleto de cinema, poesia e literatura.... e eu tô feliz DEMAIS, porque meu texto está repleto é de mim....

*Karina – Hoje não vai ter treino nem ensaio.*

*Antônio – Oxente, por quê?*

*Karina – Por nada*

*Antônio – Nada e o que mais?*

*Karina – Nada, porque eu tenho mais o que fazer além de ficar aqui olhando pra sua cara de lesão.*

*Antônio – E depois?*

*Karina – Depois de quê?*

*Antônio – Depois que você fizer o que você tem que fazer, além de ficar olhando pra minha cara de lesão.*

*Karina – Eu, se fosse tu, não esperava não!*

*Antônio - Não vou esperar mesmo não, Karina. Sabe por quê? Por que esse tal amor que personagem finge que sente, amor dessa qualidade que tem paciência até pra esperar passar entre um anúncio e outro, para somente no voltamos a nos apresentar, para concluir o que tinha fingido que tinha começado! Esse tal amor é somente de ficção, e é muito diferente desse negócio aqui que eu sinto, esse negócio de doido! Que eu não encontro nome, e nem em todas as palavras existentes e que não tem som e nem letra escrita que explique como ele é exagerado!*

*Karina – onde foi que tu leu isso?*

*Antônio - Eu nem li, nem decorei, e nem sei repetir de novo, Porque simplesmente, esse tipo de verdade não carece de ser documentado em papel, ou romance e nem filme de cinema, pois não é da conta de ninguém a não ser da pessoa que sente, além da outra responsável pelo afeto causado! A conversa aqui é somente entre tu e eu, eu e tu, Karina. Finge*

*somente uma vez que tu é tu que é pra ver se tu descobre o que tu sente.. Porque esse beijo que eu vou te dar agora, esse vai ser meu de verdade!!!*

Arrepiou? Incrível... diz se não é? =)  
Amém.

TERÇA-FEIRA, FEVEREIRO 06, 2007

### **Você consegue ver o que o outro sente?**

"Seguimos vida afora, nos organizando social e politicamente, nos refinando culturalmente, na busca constante de um pensamento cada vez mais elaborado e na formulação minuto a minuto de maneiras inéditas no lidar com nossa porção mais primitiva, que sempre esteve e sempre estará ali, escondida num cantinho, feito um Alien pronto para pular de nossas entranhas e devorar nossos semelhantes.

Nos percebemos como um Fausto, com a alma vendida sem saber sequer para quem, quanto mais por que ou para quê. Escapar é a saída. Talvez tivesse sido melhor não ter entrado no jogo, nem ter compactuado com tudo isso. A pergunta seguinte é: Como?

E a resposta, uma palavrinha complicada. *Ética*. Só cinco letras e um infindável número de compreensões, designações, definições. Mas que, para mim, tem um só fundamento: ***Não viole seus acordos pessoais, não cuspa no prato que comeu e, sobretudo, não faça ao outro o que você não gostaria que fizessem a você.***

Lição simples, coisa de avó, de mãe. Coisa de quem tem educação."

QUINTA-FEIRA, FEVEREIRO 08, 2007

### **Passaporte**

Desceu do vagão apressada, procurando pela chave na bolsa. Passos rápidos, será que conseguiria chegar? Pensamentos perdidos, devaneios. Talvez fosse bom prender o cabelo, esquecer o guarda-chuva, descalçar o salto alto.

Desde aquela quinta-feira as palavras andavam tão perdidas quanto as chaves. A decisão, a resolução, a atitude. A mudança. Apressada ela vivia, mas sequer tinha noção de para onde. Corria na vida, como corria da vida. E por quê?

Lembrou-se do trecho do livro: "Uma vida que se afastou da responsabilidade não pode ter uma filosofia: ela é, por princípio, fortuita e incapaz de ser enraizada". Chorou. Lembrou-se das palavras vazias, das paredes construídas em torno de si-mesma, do beijo de despedida no aeroporto.

Com uma das mãos ainda dentro da bolsa, deixou que cada gota de chuva lavasse junto a sua mágoa. Sorriu aliviada. E fez, devagar, o seu trajeto de volta pra casa.

SEXTA-FEIRA, FEVEREIRO 09, 2007

### **E por que falar da morte?**

Amanheci pensando sobre a morte hoje. É estranho né? E parece estranho mesmo pensar na nossa própria eventicidade, efemeridade.... Fui dormir tarde ontem, divagando filosofias com um amigo querido no msn. Acho que tive pesadelos. Culpa dele.

"Tive medo de morrer antes de aprender a viver", li isso há algumas semanas em um livro bom e isso soou como uma revelação. E se.... a gente não tiver tempo pra aquele abraço... E se.... a gente não fizer diferença alguma na vida de alguém... E se... envolvidos, em mesquinhas, a gente trouxe muito mais tristeza do que amor.... ??? Tive medo. Lembrei da única epígrafe que antecede aquele livro da Lispector... *"Uma vida inteira pode resultar em uma identificação tão absoluta com o não-eu que não haverá mais um eu para morrer"*...

Acho que essa sim seria a pior das tragédias.

Me emocionei outro dia quando li a história da morte da Clarice. Internada com obstrução intestinal, a caminho do hospital, ela disse: "Vamos brincar de faz-de-conta. Não estamos indo para o hospital, eu não estou doente e nós estamos indo para Paris." O motorista do táxi, sorrindo, apenas respondeu: "Posso ir junto?" "Pode levar a namorada também", ela disse. Clarice tinha um adenocarcinoma de ovário, iria morrer e sabia disso, o caso era irremediável. Em 8 de dezembro de 1977, vomitou sangue e tentou sair do quarto, mas foi barrada por uma enfermeira. "Você acaba de matar o meu personagem", disse a ela. Morreu na manhã seguinte. Ainda ditou para a amiga Olga: "Eu, eu, se não me falha a memória, morrerei".

A Clarice foi lírica até pra morrer. E foi densa, e forte. Às vezes me pergunto se é mesmo possível viver com tanta intensidade assim... sufocante, asfixiante, que toma conta de cada parte do seu corpo e da sua alma....

Mas se a gente tem essa consciência, essa mesmo de que, na verdade, "na vida estamos todos morrendo"... isso não nos deveria mover para fazermos das nossas vidas momentos que realmente SIGNIFIQUEM?

Pode ser o óbvio mesmo. Às vezes é o óbvio mesmo o mais difícil de se visualizar... e se sentir...

A vida que temos é essa, de hoje. O amanhã, apesar de fazermos nossa parte, não pertence a nós, mas a esferas de imponderáveis.

Eu tô confusa e sei lá o que eu queria dizer, mas... talvez eu só repita mesmo... Repita que hoje é dia de se ter alegria na vida. Que hoje é dia de demonstrarmos nosso amor. Que hoje é dia de sermos sinceros conosco e com os sentimentos que a gente carrega no peito. Que hoje é dia de sinceridade, de fraternidade, de respeito, de amor. Que hoje é dia de brincar com o cachorro, de abraçar aquele amigo, de sufocar de tanto beijo o seu pai. Viver não vai muito além disso. Que a gente não se esqueça disso jamais.

TERÇA-FEIRA, FEVEREIRO 13, 2007

**Absolutamente cansada.**

Sabe quando o seu corpo inteiro pede "por favor, pára um pouquinho e cuida de mim?".

Acho que o meu tá assim. Penso nos objetivos que eu tenho e sinto que estou trabalhando na direção certa, mas às vezes me sinto TÃO cansada. Ontem, depois de um dia e uma noite inteira de trabalho, eu ainda tinha um mundo de coisas pra fazer quando cheguei em casa. Pra acordar hoje de novo às seis e meia da manhã. E trabalhar. Cansa. E aí, sabe lá como, vc estragou o sistema de freios do seu carro e fica de "ônibus" do nada. Cansa mais ainda. E você tem que estudar, e vc tem que organizar o seu trabalho, dar as suas aulas, prestar a tal da consultoria (no prazo estipulado e com absoluta qualidade) e escrever a sua tese (que a essas alturas às vezes imagino infinita). Ando cansada. Eu adoro o que faço, mas ando realmente cansada. Tenho dormido pouco, negligenciado coisas que não deveria. Erro de programação será? Investimento temporário?

Quero morar numa casa maior. Quero um cachorro. Quero uma varanda grande com rede e uma porção de plantinhas coloridas. Quero tirar fêrias todo começo de ano. Ir pra praia, ir pra serra. Quero folga real em todos os meus feriados. Quero teatro ou cinema uma vez por semana. Quero um namorado que eu absolutamente adore e que mal consiga esperar quando sair da minha casa para voltar de novo e ficar perto de mim. Quero ter tempo pra ele. E pra mim. Quero descanso. Quero poder gastar parte dos meus dias lendo bons livros de literatura. Sem culpa. Quero carinho. Quero tranquilidade. Quero família. Tô pedindo alguma coisa impossível?

Se o primeiro passo para se conseguir qualquer coisa na vida é se ter clareza do que se quer, estou no caminho certo. Preciso é vibrar coisa boa, fazer a minha parte, repensar e reorganizar minhas prioridades e esperar que o universo me devolva o que eu peço. De alguma forma.

Mês que vem faço 28 anos. Etapas que a gente vai cumprindo na vida. É esquisito. Um dia eu tinha 20 anos, acreditava em príncipe encantado e tava acabando de entrar no Mestrado. Outro dia eu tinha 23, tinha vivido a maior decepção da minha vida e estava mudando de estado com a cara e a coragem. De repente, fazia 26, achava que conhecia tudo do mundo e acabava de perder um irmão. E como doeu. Ainda dói. A maturidade vai chegando pra gente assim sem dar grandes avisos. E, de repente, sem que ao menos perceba, não há mais muito de menina na gente. E a gente se vira, e a gente supera. E a gente aprende que pode ser forte e que não precisa matar a criança que adormece quietinha dentro de nós.

Acho que parte do que eu gostaria de fazer nesta tarde de terça. Dormir. Serena. Não posso. Preciso terminar a redação dos programas e ir pressionar o mocinho da oficina pra que ele me devolva o carro antes das 17h, pra eu possa dirigir cerca de 40 km para dar uma aula fabulosa de Semântica Argumentativa a partir das sete da noite (fabulosa, sem qualquer ironia). Sou boa no que eu faço. E gosto de fazer. Mas cansa.

QUINTA-FEIRA, JUNHO 14, 2007

### **Entre o DESESPERO e o recomeço**

E então um dia ela perdeu tudo o que havia naquele HD. Não se sabe ao certo como, não se sabe se a tecnologia de ponta do notebook com dois processadores foi avassalada por algo mais complexo ou por uma simples queda de energia. O fato é que naquela terça, Elenita perdeu tudo o que havia naquele HD.

Sua reação inicial ao receber o parecer definitivo foi de desespero, desalento e algo muito maior que tristeza ou frustração. Todos os seus arquivos, desde seu primeiro computador em 1996, estavam gravados ali. Todas as fotos, todas as lembranças, todos os textos poéticos e nunca mostrados, os capítulos iniciais de seu primeiro romance. As notas e os esboços para seus dois primeiros livros de teoria. Todos os arquivos acadêmicos, todos os artigos não-publicados, todos os planejamentos de aula e, inacreditavelmente, toda a sua não finalizada TESE DE DOUTORADO.

Por que ela não possuía um backup? Talvez porque nunca tivesse ponderado seriamente a possibilidade de que qualquer intempérie grave pudesse afetar a tecnologia de ponta do notebook moderníssimo comprado há menos de dois meses. Talvez porque não valorisasse e cuidasse -- tal como deveria -- de dados tão preciosos em sua vida quanto aqueles guardados ali. Sua reação inicial foi de total, TOTAL, doloroso, agudo e brutal desespero.

Olhando a cena de cima, passada a reação de surto e desalento, agora consigo avaliar com mais calma a profundidade dessa experiência traumática. No fundo, em qualquer âmbito da vida, são mesmo as pequenas decisões que importam. E todas têm consequências.

Me recordo com clareza do dia em que transferi do Ipod todos os arquivos para o computador novo. Apertei RECORTAR e colar, não copiar e colar. Não me pergunte por quê. Se eu tivesse, naquele minuto, descido a barrinha de rolagem apenas um centímetro, hoje os resultados daquele ato tão simples seriam completamente diferentes. UMA PEQUENA DECISÃO alterou a minha vida pra sempre.

E, de repente, aquela personagem que visualizo na cena, hoje em frente a um computador diferente, sente uma mistura de desespero, ausência de direções que a norteiem e, estranhamente, de alívio. Por que perdeu tudo, mas porque poderia ter perdido coisas muito mais importantes. Coisas para as quais o recomeço não seria possível.

Quando meu irmão foi assassinado pensei em um milhão de coisas que eu poderia ter feito para evitar que ele não tivesse saído de casa naquele dia. E se eu o tivesse convidado pra fazer alguma coisa? Ou se tivesse simplesmente ligado pra ele pra bater papo e saber se estava tudo bem? Ele teria se atrasado, talvez nem tivesse ido ao lugar onde ele estava quando foi assaltado e espancado pelos três homens que o assassinaram. Qualquer pequena decisão poderia ter afetado a forma como as coisas se desenvolveram aquele dia. Um pneu furado, um buraco na estrada, um acidente de trânsito, qualquer coisa. Mas o fato é que tudo aconteceu como aconteceu. Só a dor ficou e meu irmão nunca mais vai estar entre a gente.

E eu só perdi meu HD. Perdi quatro anos e meio do trabalho da minha vida no doutorado e mais de dez anos de registros acadêmicos dispersos. Todas as fotos, as lembranças. Mas estou viva. E, graças a Deus, viva, capaz e dotada de uma extrema inteligência.

Não vai ser fácil recomeçar DO ZERO, mas eu vou conseguir. Sinto, misturada à tristeza, uma força que vem sei lá de onde. De Deus, do cosmos, de mim. Porque acredito, porque mereço, porque aprendi com a experiência que me aconteceu e, principalmente, porque há nessa experiência a possibilidade mágica de um recomeço.



E que Deus me abençoe, porque necessito, quero e anseio pela Sua benção.  
Amém.

SÁBADO, JUNHO 30, 2007

### **Eu e Michel Foucault**

Estou louca. Essa coisa de ter pedido todas as minhas notas de leitura, os meus esboços de artigos e os meus ensaios de capítulos no episódio do HD, só pode ter me deixado completamente louca, não tem outra explicação. PORQUE HOJE EU ADOREI -- e agradei aos céus, ao cosmo, a deus -- QUE TUDO TENHA ACONTECIDO EXATAMENTE DA FORMA COMO ACONTECEU.

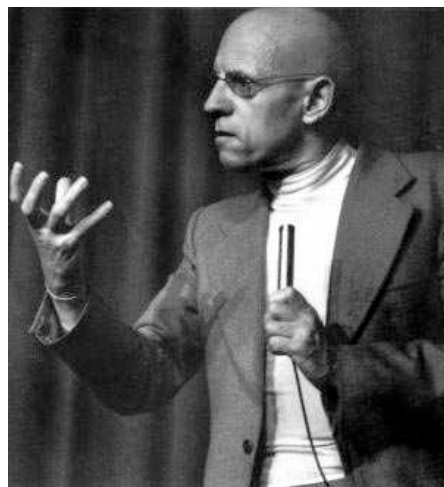
Ter perdido mais de cem páginas de tese (sobraram trinta apenas, em minha caixa de itens enviados no hotmail) fez com que eu levantasse a minha bunda da cadeira e voltasse a reler os clássicos de novo. E o incrível é que essa levantada de bunda da cadeira me fez rever textos que hoje consigo ler com uma maturidade teórica muito maior do que há quatro, cinco anos atrás. Por que eu digo isso? PORQUE MEU TEXTO VAI MUDAR TODINHO DE NOVO.

Há duas noites tenho dormido com o Foucault (e pasmem), apesar da sua declarada homossexualidade, nós temos trepado louca e ensandecidamente. Nunca, em toda a história da minha vida acadêmica, que já tem bem lá mais de dez anos, eu senti tanto êxtase, empolgação e TESÃO quanto agora com esse cara. Será que eu nunca tinha entendido antes? Ou será que eu simplesmente não conseguia perceber as relações? História da Sexualidade, os três volumes, Microfísica do poder, Ordem do discurso, estou relendo TODOS de uma vez. E quanto mais leio, mais penso, mais questiono, mais fico louca, E MAIS QUERO MAIS!!! risos.... (Estou tendo as melhores relações sexuais de toda a história da minha vida!!! risos)

Engraçado, acho que era isso que estava faltando. O tesão intelectual. A gente tem que ter tesão nessa vida. TESÃO, sabe? De fazer as coisas que faz. De ler, de estudar, de descobrir, rever... relações, conceitos, tensões, questionamentos.

Meus melhores professores (foram três, dois homens e uma mulher) foram aqueles que mais me enlouqueceram e que despertaram em mim meu tesão de ler, de aprender, de pensar, de instigar, de elaborar, de crescer! Faço questão de ter os três na minha banca. (E terei.)

No mais, preciso voltar pros meus livros. Beijo grande, fiquem com deus e..... amém!



"Deve vir o momento da nova mobilidade e do novo deslocamento. Pois estas viradas do pró ao contra logo se bloqueiam, nada podendo fazer a não ser se repetir, formando o que Jacques Rancière chama a "doxa esquerdista". A partir do momento em que se repete indefinidamente o mesmo refrão da cançoneta anti-repressiva, as coisas permanecem onde estão e qualquer um pode cantar a mesma música, que ninguém prestará atenção. Esta inversão dos valores e das verdades, de que eu falava antes, foi importante por não se limitar a simples vivas (viva a loucura, viva a delinquência, viva o sexo), mas por permitir novas estratégias. O que freqüentemente me incomoda hoje – em última análise, o que me dói – é que todo este trabalho feito durante quinze anos, muitas vezes com dificuldades e às vezes na solidão, só funciona para alguns como sinal de pertencimento: estar do "lado correto", do lado da loucura, das crianças, da delinquência, do sexo. (...) É preciso passar para o outro lado – o "lado correto" – mas para procurar se desprender destes mecanismos que fazem aparecer dois lados, para dissolver esta falsa unidade, a "natureza" ilusória deste outro lado de que tomamos o partido. É aí que começa o verdadeiro trabalho, o do historiador do presente."

QUINTA-FEIRA, JULHO 05, 2007

### **Febre alta**

Meu corpo inteiro dói e eu só tenho vontade de dormir. Quero alguém que me faça um chá bem forte, não olhe pras minhas unhas mal-pintadas e desesperadas por uma manicure, alguém que decida que está na hora de eu comer alguma coisa com mais vitaminas que meio filé de peito de frango com salada, alguém que me cubra com o edredon, que me faça cafuné, que me abrace com carinho e que ainda me diga que eu fico linda apesar das

olheiras fundas.

Já sei. Não é um namorado que eu procuro.  
Acho que eu quero a minha mãe.

SEXTA-FEIRA, JULHO 06, 2007

### **Contra o tempo**

Capítulos para o orientador na semana que vem -- DESESPERO!!! (Alguém me salve!!!)



*"I presume that you're asking me how a scientist can sound this wacko, because I must be sounding wacko. It's really an interesting question. If you study science long enough, and seriously enough, and dig deeply enough, if you don't come out feeling wacko about it, you haven't understood a thing."* (F. A. Wolf)

SÁBADO, JULHO 07, 2007

### **Por entre músicas, espelhos e filosofias...**

*M. diz:* é isso... parar de fumar não é algo que voce faz pra ganhar mais tempo de vida, não deve ser a razão... esses 10 anos a mais de vida que a gente ganha, vamos colocar 10 anos, já não é na plenitude como temos agora...

*M. diz:* o mais importante é termos a vida no sentido pleno... no sentido pleno agora... todos os dias...

*M. diz:* melhora a vida... agora.

Filosofias. De amigo. De mundo. De vida. Exausta. Hoje tive um dia brilhante. Descobri que Habermas tem tudo a ver com Bakhtin, que Baudrillard casa bem com Žižek e Foucault, que quando eu crescer quero ter a articulação da Maria Rita Kehl e a (po)eticidade do José Luis Pardo, que as minhas epígrafes re-(es)colhidas A-R-R-A-S-A-M, que pizza com bordas de doce de leite me dão um prazer absurdo e que eu escrevo bem que é uma coisa de doido. As páginas da tese estão escorrendo por todos os poros do meu corpo.... =)) Quase 48 horas direto. Tá bom né? Recusei meia dúzia de convites hoje, mas agora, quase à meia-noite, com unhas feitas ou não, essa madrugada pertence à cinderela e o ritmo das pistas quer ser completamente dela. "No sentido pleno, agora." "Melhora a vida, agora." . . .



Blusinha escândalo, né? =)  
Amém.

QUARTA-FEIRA, JULHO 11, 2007

### **Let the river run...**

E parece que se não se está ainda do outro lado você não tem poder para mudar regra alguma. São ritos. É preciso ser doutora primeiro para que se tenha a autoridade para dizer o que se quer?

É tão contraditório. Discute-se a vacuidade dos nossos patamares de compreensão, mas é preciso fazer de conta que construímos tratados de teoria. Grande balela, isso sim!

Estou realmente decepcionada. Tenho que produzir dois trabalhos. Um pra "passar", bem ao gosto da academia, e um pra publicar depois bem do jeito que eu quiser?? Decepção. Total.

Me senti como num filme antigo da década de 80, filme que absolutamente adoro, em uma cena em que Tess McGill, a personagem da Melanie Griffith fala algo sobre não se poder subir as escadas sem se quebrar as regras, mas não ter poder pra se quebrar as regras antes

de subir as escadas.... Contrassenso.

Amo working girl, filmizinho bobo e lindo. Ela se arrisca e faz tudo como acreditava que deveria ser feito. Mas é hollywood né? Além de ter sucesso, de quebra ela ainda termina com o lindo, o inteligente e o "supportive" do harrison ford. [Juro que hoje pra mim bastava meu harrison ford... risos].

Que essa sensação de desalento que me invade agora se transforme em energia intensa e positiva de trabalho que me leve cada vez mais pra frente. Eu sei que às vezes a gente tem que ceder... (Mas é que eu não sinto isso ainda.)

Que o meu título não faça de mim uma profissional que apenas reproduza padrões. Amém.

SEXTA-FEIRA, JULHO 13, 2007

### **Entre a cruz e a espada; Ou entediada com a tese....**

Como é que uma pessoa pode gastar quase TRÊS DIAS INTEIROS de trabalho intensivo e quase sem intervalos e conseguir produzir apenas cinco páginas??? É muito frustrante. Essa parte do meu texto está massante, chata e se parece muito mesmo com o formato-texto de uma tese. Odeio repetições. Odeio dizer coisas que não me dão o menor tesão.

Quero mudar minha energia, e irei. Lembro de uma cena do *Peter Pan*, em que a fadinha diz que pra ele voar tem que pensar em coisas felizes.... É isso! Vou pensar em coisas felizes. Vamos lá...



O colo da minha avó, o aconchego do meu pai, o sorriso da minha mãe. O jeito menino-sério do meu irmão. Sorvete de graviola, banho de cachoeira, andar descalça na praia. Desenho da disney, pipoca no sofá, carinho, cafuné e edredon. Beijo na boca demorado e apaixonado. Dirigir fora da cidade com as janelas abertas, ouvindo música boa pegando vento no rosto. Conversar com Deus, ajudar alguém de verdade. Cabernet com o William, balada com a Fabiana, café e croissant com a Clara, camarões com a Míriam, risadas com o Gil, msn com a Sabrina, celular com o Marcelo, beirute com o Alê, Paulista com o Daniel.

Dormir só de calcinha, correr no parque com o ipod. Refletir no parque com o ipod. Dar aulas. Ler e entender o Nietzsche, discutir filosofia, comprar as brigas certas, desistir das brigas erradas. Defender com sagacidade as coisas em que eu acredito. Dar presente pra vovó. Suco de maçã, com ameixa e pêra. Salada com tomate seco e salmão. Alice no país das maravilhas. Lápis de cor e caderno de desenho. Dança do ventre. Passeio no lago. Poesia da Marla. Saia curta e salto 15. Literatura...

... Tenho medo de ser apagada pela mesmice e pelo lugar-comum das práticas da ciência. Tenho medo de me tornar alguém que diz sempre o igual e o previsível. Se eu não puder construir meu texto bem do jeito que eu acho que ele deve ser, acho que essa vai ser mesmo uma situação especial de violência.

*"Não me diga quem sou e não me peça para permanecer o mesmo. É uma moral de estado civil, ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever."*

QUINTA-FEIRA, JULHO 19, 2007

***Something to believe in...***

\* \* \*

Eu só consegui foi chorar. Na vida pra tudo tem jeito menos pra morte, né? Um dia você levanta e escolhe um vestido colorido, pensa nas contas que têm pra pagar, nas coisas que têm pra fazer, pra arrumar... Organiza os compromissos, adia o que puder ser adiado, corre contra o tempo pra fazer o que não puder e de repente ..... você morreu. Eu tenho evitado assistir a noticiários ultimamente. Prefiro os programas políticos de alguns canais de notícia, que me mantêm informada sobre o que acontece no cenário político do país. Pq eu não tenho tido muita sensibilidade pra tragédias ultimamente. Saber hoje do acidente com a avião da Tam me machucou profundamente. Porque olhar pra morte às vezes é tão difícil.... Você pensa nas pessoas que você já perdeu, e pensa nas pessoas que você ama, e pensa na vida às vezes tão inútil que você leva e é como se você não merecesse.... a magia. POR QUE A GENTE DESPERDIÇA VIDA??? Não existe qualquer resposta racional. Só o que a gente tem é isso aqui... e agora.... O fato é que a gente morre. E as pessoas que a gente ama também morrem. E aquelas que a gente não ama tbém. VIVER É UM MILAGRE E É PRECISO QUE A GENTE NUNCA SE ESQUEÇA DISSO. (Tô dizendo o óbvio, eu sei. Mas por que então existe tanta canalhice??? Isso tudo é tão pequeno...)

Deve ser horrível ser Deus. E olhar pra tudo, e sentir tanta coisa, e ver tanta gente sofrendo... FATALIDADES? Não, não são fatalidades. Não foi fatalidade o acidente com a avião, não foi fatalidade o assassinato da Isabela Tainara e, muito menos, foi fatalidade o assassinato do meu irmão. Não estava escrito, não tinha que ser assim. Não 'aconteceu'. Eu só consigo é chorar. Porque dói. E antes eu culpava Deus por não impedir que essas coisas acontecessem, mas hoje eu entendo que ele é só Bondade... as pessoas, os sistemas, os governos têm a sua responsabilidade. A gente tem a nossa responsabilidade. Quando a gente não alimenta a bondade é a maldade que a gente alimenta. Quando você quer tirar proveito, quando quer dar uma de esperto, quando perde os seus escrúpulos, quando engana alguém... você contribui para que o mundo adoça. (sei lá do que eu tô falando, só tô sensível demais...)

E dói. Mas me dá algum alento acreditar em Deus. E acreditar que, de alguma forma, a vida dessas pessoas continua em um outro plano.... a vida do meu irmão continua em um outro plano... Talvez não mais individual, mas de energia.... E A GENTE PRECISA ACREDITAR. Acreditar que existe um propósito, algo maior que a gente, que nos oriente e nos nutra.... e acreditar que, no fim, tudo dá certo mesmo que a gente nunca entenda e que ainda doa....

É que às vezes milagres acontecem... e nasce uma criança, e floresce uma amizade, e se acalanta um coração, e até mesmo uma lua inteira pode caber toda, perfeitinha, dentro mesmo de uma flor...



[Eclipse solar, na Jordânia, sob flor Amã (2006)]

A todas aquelas pessoas que sofrem com a perda de um ente querido, o meu abraço e a minha oração.

TERÇA-FEIRA, JULHO 31, 2007

### **Como copos de plástico**

Acho que algumas vezes eu devia ficar quietinha no meu canto *no matter what*. Mas ainda não aprendi a ser omissa. Hoje tive uma conversa genial que acho que me salvou de ser mais intempestiva. Escrever é expor-se, e expor-se muitas vezes é despir-se muito mais do que se quer. E qual é a graça de desfilar pelada na frente de estranhos? risos  
Conversa mais louca. Eu sou louca. Acho que no fundo o meu desejo maior é abandonar tudo, me mudar pra uma cidadezinha na Europa e ir estudar literatura. A vida da Clarice devia ser muito mais emocionante que a da Authier-Revuz ou a do Darcy Ribeiro. Educação? Ou comércio??? Vendemos um serviço e somos um produto? QUE MERDA. O dia que eu tratar alguém como se fosse um copo descartável, eu já terei morrido em vida.

*No matter what.*

*Adaptando a Clarice... Por falar então perderei? Mas se eu não falar eu me perderei e por me perder eu já perderia....*

Tô indignada com a mercantilização que a tudo rouba. É isso.

\*

(Seu compromisso era com o coração. Continuou o caminho, mas bem sabia que não se permitiria domínios que pareciam se esvaziar de retidão. Gostava das curvas, mas não em essências. Reflexiva que estava, emaranhou-se em oxímoros e perdeu-se em desvarios. E prosseguiu, sustentada.)

QUINTA-FEIRA, AGOSTO 02, 2007

**Life is beautiful...**

Há dois dias estava na antesala de um relojoeiro que consertava minha correntinha do escapulário quando entrou um casal bem simpático com uma criança no colo e sentou-se junto de mim. A criança me olhava e sorria, menina mais linda. Comecei a brincar de caretas com ela, fui logo ficando amiga dos pais. Um senhor de seus mais de 60 anos e uma senhora com quase 45. Achei estranho a princípio apesar de não ter demonstrado qualquer preconceito. Ela me contou que sua filha antes "caçula" hoje tinha 19 anos, e que depois de tanto tempo ter de novo um bebê em casa era ter que reaprender a ser mãe. Perguntei se a gravidez da nenê tinha sido tranquila, se tinha corrido tudo bem, sem problemas... É a história que ela me narrou, que passo a relatar agora. Com cirurgia prevista há dois anos para retirada do útero (período do tratamento para redução dos miomas que aumentariam o risco), na semana que antecedia à realização dos exames pré-operatórios, ela se descobriu grávida. Grá-vi-da. Me narrou um período de mistura de entorpecimento e medo. Imaginem. Sérios problemas de saúde, 42 anos, uma gravidez de altíssimo risco para ela e para o bebê. Médico de 15 em 15 dias, repouso, alimentação cuidadosa... depois de nove meses, nasceu a Sara. Aquela menininha mais linda que veio ao mundo de um jeito totalmente inesperado pros pais. E eles brincavam felizes naquela antesala... Estavam redescobrando a paternidade, a maternidade, o casamento, o amor.... E a energia deles era tão boa.... A menina brincava com a minha mão. Me dava língua e eu fazia careta. Comecei a pensar em tanta coisa.... Aquela menina já nasceu uma vencedora. Já venceu coisas que - pequeninha daquele jeito - ela sequer tem condições de saber, mas.... Ela venceu tanta coisa.... E eu olhava pra ela pensando... Essa menina veio fazer diferença no mundo. Eu espero que ela saiba que é muito merecedora da vida. E aí lembrei de mim criança. E lembrei que eu também era linda. E lembrei do Ítalo criança (fofinho em cima da motinho que a mamãe comprou pra ele), e do Fábio (todo metido a galã nas nossas fotos na pré-escola), e das fotos de tantas pessoas que eu amo... pequeninhas e sorridentes.... com sorrisos de inocência de alma, com jeito de "eu vim pra esse mundo pra fazer dele um lugar bem melhor".... Por que quando a gente cresce a gente esquece tudo isso? A história da Sara não é só da Sara. É de todos nós. É da minha mãe e do pai que sempre trabalharam muito pra me dar a melhor educação possível, é da avó da Clara que sempre acordou antes das cinco da manhã na fazenda pra criar da melhor forma a família, é da Tia Sula criando as

meninas, é da Dona Luzia fazendo salgados, é de cada pai e de cada mãe que quando geram seus bebezinhos querem dar a eles caráter, educação e uma vida feliz.... é do seu pai e da sua mãe que, apesar de todos os erros que possam ter cometido, labutaram mais do que podiam pra dar uma vida melhor pra você.... Então a gente deve abrir mão da nossa responsabilidade? Como a Sara a gente tem que entender que é muito merecedor dessa vida. O universo se organizou pra que você pudesse nascer. E esse milagre não foi aleatório, foi um gesto de Deus. Que a gente não desperdice nunca a dádiva que foi receber dos céus essa vida.... cheia de problemas, e de alegrias, e de tristezas, e de amor.... Como a Sarinha. Menina mais linda. Como eu fui, como vc foi, de coração e alma inocente. Com o mundo pela frente, com a vida pela frente, com toda e qualquer possibilidade pela frente. Ontem, mas ainda agora. Porque veio de Deus.



[Eu bem no centro da foto, o Fábio de blusinha de frio ao meu lado. Primeiros anos na pré-escola.]

\*

*Hoje completei 10 anos. Fabriquei um brinquedo com palavras. Minha mãe gostou. É assim: De noite o silêncio estica os lírios... (Manoel de Barros)*

DOMINGO, AGOSTO 05, 2007

**Era uma vez...**

*Respondi que gostaria mesmo era de poder um dia afinal escrever uma história que começasse assim: "era uma vez...". Para crianças? perguntaram. Não, para adultos mesmo, respondi já distraída, ocupada em me lembrar de minhas primeiras histórias aos sete anos, todas começando com "era uma vez"; eu as enviava para a página infantil das quintas-feiras do jornal de Recife, e nenhuma, mas nenhuma, foi jamais publicada. E era fácil de ver por quê. Nenhuma contava propriamente uma história com os fatos*

*necessários a uma história. Eu lia as que eles publicavam, e todas relatavam um acontecimento. Mas se eles eram teimosos, eu também. Mas desde então eu havia mudado tanto, quem sabe eu agora já estava pronta para o verdadeiro "era uma vez". Perguntei-me em seguida: e por que não começo? agora mesmo? Seria simples, senti eu. E comecei. Ao ter escrito a primeira frase, vi imediatamente que ainda me era impossível. Eu havia escrito:*

*"Era uma vez um pássaro, meu Deus".*



(Clarice Lispector, em "Para não esquecer". Ao som de Rob Thomas, *Ever the same*.)

SEGUNDA-FEIRA, AGOSTO 06, 2007

### **Rupturas**

E então eu escrevi uma nota, no capítulo sobre autoridade na ciência, em que desabafava exatamente o que eu sentia com as mudanças que fui obrigada a fazer na minha tese. Uma nota dura, assertiva, apaixonada. Rupturas paradigmáticas de fachada, objetos de conhecimento estanques, jogos acadêmicos insanos, agências de fomento castradoras... ficou LINDO! E eu achei aquilo o máximo!

Pedi opinião pra um amigo da universidade que leu e me disse que eu tava completamente maluca. Aí foi mesmo que eu achei aquilo tudo um barato! Porque ou as coisas têm a nossa cara, ou não tem. Não existe meio termo. Ou a gente põe coração nelas ou não põe. E pra mim as coisas só fazem sentido se eu puser nelas toda a minha paixão. Eu não sei do que as pessoas têm tanto medo. De levarem torcidas de cara? Eu hein... Deixa criticar, deixa falar, deixa pensar o que quiser. O máximo que vai acontecer é elas não aprovarem. E daí??? Ou as coisas têm coração, ou não têm. Não existe meio termo. [E eu ainda acho sinceramente que a minha banca pode até estranhar, mas vai achar isso tudo um barato.]

E tudo na vida é assim. Nessa vida, as coisas só fazem sentido se a gente não tiver tanto medo. É pagar pra ver, é só assim que a gente avança. Ou então fica errando os erros de sempre, e acertando os acertos de sempre, e vivendo a vidinha de sempre, no universo de sempre... ah, não!!! Eu não nasci pra ser mais ou menos. Eu nasci pra textos viajantes, histórias fantásticas, viagens em caudas de cometa, filosofias regadas à poesia, discussões sobre viagem no tempo, beijos com gosto de lua, tese com cara de literatura.....

Ontem publiquei aqui um texto da Clarice em que ela dizia exatamente... "Se eles eram teimosos, eu também". E ela era a CLARICE!!! Preciso dizer mais o quê?

*"Tudo é um entre um milhão de caminhos. Portanto, você deve sempre manter em mente*

*que um caminho não é mais do que um caminho; se achar que não deve segui-lo, não deve permanecer nele, sob nenhuma circunstância. (...) Experimente-o tantas vezes quanto achar necessário. Depois, pergunte-se, e só a si, uma coisa: esse caminho tem coração? Se tiver, o caminho é bom; se não tiver, não presta. Ambos os caminhos não conduzem a parte alguma; mas um tem coração e o outro não. Um torna a viagem alegre; enquanto você o seguir, será um com ele. O outro o fará maldizer sua vida. Um o torna forte; o outro o enfraquece."*

\* \* \*

E por falar em caminho, galáxias e coração....



"Havia a levíssima embriaguez de andarem juntos, a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que por admiração se estava de boca entreaberta: eles respiravam de antemão o ar que estava à frente, e ter esta sede era a própria água deles. Andavam por ruas e ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede deles." [C.L.]

Amém.

QUARTA-FEIRA, AGOSTO 08, 2007

### **A hundred years**

Tenho lido coisas que nem sei, sentido coisas que nem sei... A verdade é que eu sei lá um monte de coisas. Um amigo uma vez me falou que eu usava as palavras pra inventar mundos que me ofereciam proteção. Talvez este texto seja o mais confuso de todos (os mundos).

Amanheci pensando em filmes de ficção científica que eu via quando criança e comecei a pensar nas teorias da física que tenho descoberto nos últimos meses.... Pensar na existência (até matemática) de muitos mundos me deixa sei lá como... penso na escrita, na vida, nas fantasias, nas projeções..... Tento respirar mais fundo e me concentrar no meu trabalho (que ironicamente trata da questão do real), mas sou tomada por reflexões que eu não controlo. E

que nem sei pra onde vão. Nem pra onde me levam. Se, pelo menos como teoria, existem mesmo muitos mundos paralelos, e se eles se superpõem, existem universos onde eu nem nasci, mas universos onde o meu irmão não foi assassinado e vai ter filhos que serão meus sobrinhos.... universos em que as coisas acontecem diferentes, em que as pessoas chegam na nossa vida e permanecem.... De repente é como se existesse um outro mundo em que vc, os outros, as pessoas que vc ama, tomassem outras decisões.... E ISSO TRANSFORMARIA TUDO. Eu sei que isso não é nada lógico, mas se a vida fosse parte da lógica isso não mataria seu lirismo e poesia? Eu acho que eu tô é ficando maluca. Mas é que olho no espelho, paro e me pergunto.... : Existe algo nas decisões que a gente toma além de riscos e probabilidades? Se isso é coisa de pisciana, de quem já leu filosofia demais, de quem adora a lispector, de quem não sabe nada da vida, ou de quem não se imagina sem paixão ou sem loucura, eu não sei... Tô sabendo é mais de nada. Nadinha. Só sei que tô assim... reflexiva. É é como se você não pudesse errar nunca, ou como numa metáfora do millôr, se tivesse escrevendo a sua vida sem borracha.... e tudo isso me confunde de um jeito.... de um jeito que quase me paraliza. Mas prossigo.

[E no meio daquele texto confuso, foi que ela percebeu que junto aos pés descalços e frios começava a incidir um pequeno feixe de sol. As persianas, ainda fechadas, davam a ela a impressão calorosa de uma manhã gélida que a envolvia como um macio cetim. Baudrillard na cabeceira, pensou que seria bom se ainda fosse janeiro. Mas arrependeu-se em seguida, vestiu-se cor-de-lírios e foi para a rua.... Solar.]

QUARTA-FEIRA, SETEMBRO 19, 2007

### **Des-conexos**

E aí eu me peguei pensando foi num filme desses de cinema. Sabe? Um filme daqueles tão bobos porque é tudo irreal, mas tão doce porque é repleto de imaterialidade e beleza... Fiquei com gosto de pipoca e sessão da tarde em um terça normal em que você se deu de presente o direito de não fazer nada.

Fui abarrotada por enredos de romance. E por possibilidades. Comprei um livro semana passada que discutia a ética a partir de uma nova cosmologia na ciência. Olha que coisa maluca. Amit Goswami, guardem bem o nome desse cara. Fiquei com vontade foi de mandar o Lula e este país para a puta que pariu na semana passada. A canalhice do Renan como vitória de um governo que EU ajudei a eleger? Veja bem...

Depois tive uma conversa deliciosa regada a chocolate e bom-humor. Já pararam pra pensar na graciosidade das embalagens dos presentes? Eu sei lá... Minha avó gosta mais das embalagens. E ela olha sorrindo... É preciso dizer a ela "Vózinha, tem que abrir"... mas encantada ela continua é sorrindo... para a caixa.

Esse texto tem nada a ver com nada não. Tenho que ir trabalhar. Só estou pensando. Em devaneios. Adoro não entender. Gosto de sentir que sou uma grande intuição levada e guiada pela música como em um passo mágico daqueles de dança...

*"Mas há a vida que é para ser intensamente vivida, há o amor. Que tem que ser vivido até a última gota. Sem nenhum medo. Não mata." (C.L.)*

[A falta de conexão evidente às vezes é uma benção. Não é preciso de qualquer filosofia pra saber. A vida é um mistério que não foi feito pra gente entender... não com qualquer plenitude. E ainda bem.]

QUINTA-FEIRA, SETEMBRO 20, 2007

### **Sobre escolhas e imponderáveis**

Por que é que a gente gosta tanto de receitas, hein? Fórmulas? Coisas que nos digam exatamente o que fazer e como? Por que é que nos apavora o medo de decidir e decidir tudo errado? Quando as pessoas lançam mão do horóscopo, ou da cartomante, ou do oráculo, ou da opinião do amigo, da mãe, do terapeuta procuram formas de fugir da sua própria responsabilidade. Mas **NÃO HÁ QUALQUER ÁLIBI PARA A NOSSA EXISTÊNCIA.** Há? A decisão ética, a escolha de vida, o caminho tomado é sempre de nossa responsabilidade e de ninguém mais. Se você vai ligar, se você não vai ligar, se você vai financiar, vender ou alugar, se você vai terminar, prosseguir, pagar pra ver, se você vai romper, correr no parque ou continuar fumando todo dia, a escolha é sempre sua. Sempre sua. Sim, a vida é repleta de imponderáveis que inúmeras vezes não nos envolvem e muito menos à nossa vontade. Restrições, limitações que nos são impostas, sem possibilidade de intervenção. Mas o que a gente faz com elas.... ah, o que a gente faz com elas (e a partir delas!) é sempre escolha nossa. Acho que hoje estou dizendo isso é pra mim. Só isso.

SEGUNDA-FEIRA, SETEMBRO 24, 2007

### **Waking Life (1996)**

[Cena da animação mais sem lógica, mais filosófica e mais incrível dos últimos tempos. As pessoas quando não a entendem falam muito mal, mas eu ADORO. A-D-O-R-O. Inúmeros diálogos incríveis -- alguns já postados anteriormente aqui -- o que publico hoje é um dos meus favoritos. Curiosamente, a mocinha 'inventada' é louca, 'viajante' e ruiva. Qualquer semelhança com a vida real é mera coincidência... risos]



... "Passamos pela vida esbarrando uns nos outros, sempre no piloto automático, como formigas, não sendo solicitados a fazer nada de verdadeiramente humano. Pare. Siga. Ande aqui. Dirija ali. Ações voltadas apenas a sobrevivência. Toda comunicação servindo para manter ativa a colônia de formigas de um modo eficiente e civilizado. "O seu troco", "Papel ou plástico?", "Crédito ou débito?", "Aceita ketchup?". Não quero um canudo. Quero momentos humanos verdadeiros. Quero ver você. Quero que você me veja. Não quero abrir mão disso. Não quero ser uma formiga, entende? ".

DOMINGO, SETEMBRO 30, 2007

### Espelhos

Eu hoje ia escrever um texto triste sobre uma decepção dolorosa. Aí me lembrei de um encontro surreal que tive na quinta-feira com a Isabela (conto essa história outro dia) e das suas palavras que diziam "as coisas que vc escreve transformaram a minha vida pra melhor..."

O sorriso da Isabela aquele dia, leitora fiel a quem eu não conhecia, é que hoje, nesta quase madrugada, me dá forças pra eu tentar achar nesta decepção um sentido... mesmo que seja virar texto escrito, relembrando a rayanne... *"Decepção é quando a gente quer demais, e cobra dos outros o que nos falta..."*

Portas fechadas, é prosseguir. E trabalhar no nosso melhoramento, no melhoramento do nosso amor... *"Derramar-se sem medidas, é melhor. Amor, só isso..."*

A responsabilidade das pessoas é só delas. Mas são as escolhas que NÓS fazemos que ditam a vida que NÓS levamos....

Que amanhã o nosso dia venha inteirinho repleto de sol. E que a gente nunca perca a fé nas pessoas. Amém.

DOMINGO, OUTUBRO 07, 2007

### **Desejo de poder**

*“E sabeis... o que é pra mim 'o mundo'?... Este mundo: uma monstruosidade de força, sem princípio, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força... partindo do mais simples ao mais múltiplo, do quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo, e depois outra vez... Esse mundo é **a vontade de potência** — e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência — e nada além disso!”*

Eu podia falar do Nietzsche e de uma série de outras leituras, mas não quero fazer reflexão acadêmica. Hoje eu acordei foi pensando sobre essa nossa necessidade HUMANA de controle. A gente quer fragmentar e compreender tudo apenas para, de dentro da nossa ilusão de compreensão, gerar também uma ilusão de que tem controle sobre tudo. Grande coisa. Ando meio indignada com umas cobranças que tenho feito a mim mesma. E um outro "eu", não este que cobra, tem tentado me convencer que eu devia me dar o direito de ser mais precária e menos exigente comigo. A gente se engana, ué. E daí??? Ser mulher é uma coisa tão complicada. Não estou dizendo que ser homem não é, mas.... Sempre estereótipos, estereótipos. Cansa. Cansa não saber, cansa achar que se sabe, cansa ter vontade de poder. Cansa. E a gente precisa do controle é pra quê? Deixar-se conduzir às vezes pode ser uma benção. Será que não pode não? Ir vivendo cada dia de uma vez, aceitando a precariedade da própria vida, dos próprios sentimentos, da própria (in)compreensão. Quando a gente não sabe exatamente o que fazer, talvez seja melhor não fazer nada. Será que isso é omissão? Não sei de nada. Mesmo. São sete da manhã, esta noite dormi feito um anjinho, mas acordei foi inquieta... Tanta leitura vai acabar me enlouquecendo. Vontade de saber, vontade de potência, vontade de poder... "e se eu... e se eu..."... Não, não. Me recuso a acreditar, como na epígrafe do Nietzsche, que isso tudo seja sina. Ninguém pode ter controle sobre tudo e querer isso só pode trazer é frustração. Ninguém acerta o tempo todo. Acho que é isso. É.

QUINTA-FEIRA, OUTUBRO 11, 2007

### **Forte... mas absolutamente fantástico, eu sei...**

"Fico pensando se viver não será sinônimo de perguntar. A gente se debate, busca, segura o fato com duas mãos sedentas e pensa: "Achei! Achei!", mas ele escorrega, se espatifa em mil pedaços, como um vaso de barro coberto apenas por uma leve camada de louça. A gente fica só, outra vez, e tem que começar do nada, correndo loucamente em busca dos outros vasos que vê. Cada um que surge parece o último. Mas todos são de barro, quebram-se antes que possamos reformular as perguntas. E começamos de novo, mais uma vez, dia após dia, ano após ano. Um dia a gente chega na frente do espelho e descobre: "Envelheci." Então a busca termina. As perguntas calam no fundo da garganta, e vem a morte. Que talvez seja a grande resposta. A única."



[Em uma tarde frouxa, véspera de dia 12, com cheiro de lírios e frescor de grama verde, "Limite Branco", do Caio. Sempre reflexiva...]

## QUINTA-FEIRA, NOVEMBRO 08, 2007

### Fazendo a unha...

Eu adoro ir à manicure. Pelo motivo fútil de sair de lá com a unha linda, mas também pela lição de "pessoas" que eu sempre tiro. Salão de beleza é um laboratório da vida. Já perceberam? Tem a adolescente insegura, a dona de casa bem acima do peso, o mocinho que vai e manda raspar o cabelo, o senhor que vai lá só para aparar costeletas... e tem a manicure que é mãe de uma menina e fala nela o tempo todo, e a cabeleireira que sempre faz uma dieta diferente e a última é a de beringela... é engraçado. Ficam na parte masculina do salão o senhor super religioso, que é o dono e usa bigodes bem grandes, e todos os meninos, a princípio sérios, mas que mesmo discretamente sempre dão um jeito de olhar a nossa bunda.

Adoro salão de beleza. É um laboratório da vida.

E eu decididamente tenho que admitir que eu sou uma *people watcher*. Gosto de observar pessoas. Ontem dirigindo pro trabalho, parada em um semafóro eu olhava pra todo mundo que passava... quase 19 horas, algumas aceleravam o passo para não perderem o ônibus... e tinha a moça do salto de acrílico (todo sujo no saltinho...), mantendo a pose que só ela. A

senhora das sacolas velhas de supermercado pra carregar roupas ou outras coisas... eu viajo olhando isso...

Cada pessoa é um universo. Às vezes viajo olhando pra uma pessoa na rua e pensando que tipo de problema ela tem... contas pra pagar? filhos rebeldes? doença em si? na família? solidão?

Que texto mais louco né? É louco. Mas é que a vida é louca mesmo....

Aí a gente pára e pensa naquelas coisas de sempre... a gente nasceu pra ser feliz, não foi não? Mas é que é tão mais fácil ser infeliz às vezes.... dá muito menos trabalho. Pára e pensa. Ser infeliz é muito fácil. Você senta e reclama e fala mal e não faz mais nada da vida. Agora experimenta ser feliz! Ser feliz dá um trabalho danado... a gente corre os riscos do amor, e sonha, e fantasia, e viaja.... e foge no meio do dia sem esperar nada em troca, depois fica com aquela cara de boba... e abraça a sua avó tão forte que parece que ela até quebra...

Pra ser infeliz a gente não precisa correr os riscos dos sonhos frustrados... ou dos telefonemas não dados.... das oportunidades perdidas.... porque vivemos nelas pra sempre..... OLHA QUE COISA SEM GRAÇA! =)

\*  
\*  
\*  
\*  
\*  
\*  
\*



"Sou assombrada pelos meus fantasmas, pelo que é mítico e fantástico - *a vida é sobrenatural*. E eu caminho em corda bamba até o limite de meu sonho. As vísceras torturadas pela voluptuosidade me guiam, fúria dos impulsos. Antes de me organizar, tenho que me desorganizar internamente. Para experimentar o primeiro e passageiro estado primário de **liberdade**. *Da liberdade de errar, cair e levantar-me*." (Clarice Lispector)

Como todo mundo... =)

Graças a Deus.

SEXTA-FEIRA, NOVEMBRO 23, 2007

### **Sobre a competição**

Ontem li uma entrevista na Veja com um educador norte-americano que defende um método de ensino escolar baseado na *meritocracia*. Nome esquisito, né? Simplificando muito, um método baseado em um sistema puro de competição e recompensa. Na hora me lembrei de uma conversa com a Clara, que - em uma oficina realizada com cabo-verdianos na UnB - sugeriu que se pensasse em atividades de sala de aula em que o objetivo fosse compartilhar, não vencer. Surpresos, tiveram de inventar, visto a mera inexistência. Me fez ficar reflexiva...

Quem é que ganha com tanta competição no fim das contas? As crianças ganham? Nós, quando adultos, ganhamos? "Seja a primeira, seja a primeira, seja a primeira". Muitas vezes a gente ganha sim é frustração. Relaciona automaticamente a nossa felicidade a picos de "aquisição" temporária, atrelando o nosso estado de espírito a coisas tão inúteis que sempre ficam fora da gente.... Se a gente parar pra pensar, é insano.

E a gente prossegue se cobrando perfeição em um monte de coisas.... e prossegue proferindo, ainda que sem palavras: *Ganhem, ganhem, ganhem*. O que importa é a vitória. E o que a gente cria? Uma geração que não está preparada pra perder. Um adulto que não está preparado pra perder. Crianças que choram ao brincar de futebol porque perdem; jogos que não são mais para diversão mas apenas para vencer. Onde é que fica aí o espaço de ser feliz, hein?

Ninguém gosta de perder. O problema é competir o tempo inteiro. Pelo melhor trabalho, melhor salário, melhor amigo, melhor lugar na festa, melhor mesa, melhor vestido, melhor reserva, melhor amor. A gente não devia se cobrar tanto. Nem exigir tanto de coisas que eram pra trazer felicidade e não chateação.

### **Conselhos do dia (Para mim!):**

Divida algo importante. Sem esperar nada em troca.

Compartilhe. Uma informação, algum tempo, gargalhadas, uma barra de cereal.

Uma vez na vida, aceite feliz o seu segundo, terceiro, nono, septuagésimo quinto lugar.

Fujamos um pouco da lógica do "eu preciso ser a mais isso, a mais aquilo, a mais mais que meio mundo". Tanta exigência não pode fazer ninguém feliz.

Vida é só essa mesmo.  
E é pra gente ter alegria.

É.

QUINTA-FEIRA, JANEIRO 31, 2008

### **O ápice da ironia; ou eu, o Nietzsche e uma esteira na academia de ginástica...**

"Consideremos ainda por fim que ingenuidade patética é em geral dizer que o 'homem deveria ser de tal ou de tal modo!' A efetividade nos mostra uma riqueza encantadora de tipos, a exuberância de um jogo e de uma mudança de formas profusos. E um reles serviçal de moralista qualquer diz: 'não! o homem deveria ser diferente?'... Ele sabe até mesmo como ele deveria ser, este fanfarrão e este beato, ele pinta um auto-retrato na parede e diz 'ecce homo!'... Mas mesmo quando o moralista se volta simplesmente para o indivíduo e lhe diz: 'tu deverias ser de tal e de tal modo!', ele não deixa de se tornar risível. *O indivíduo, visto pela frente ou por detrás, é um pedaço de destino, uma lei a mais, uma necessidade a mais para tudo o que advém e será. Dizer-lhe 'transforma-te' significa exigir que tudo se transforme, até mesmo ainda o que ficou para trás...* E, realmente, houve moralistas conseqüentes; eles queriam os homens diversos, mesmo virtuosos, eles os queriam à sua imagem, mesmo beatos: para tanto eles negavam o mundo! Nenhuma pequena sandice! Nenhum tipo modesto de imodéstia!... A moral, à medida que não condena a partir de pontos de vista, de considerações e intenções vitais, mas em si, é um erro específico, pelo qual não se deve sentir nenhuma compaixão; **a moral é uma idiossincrasia de degenerados que provocou muitos e indizíveis danos!**... *Nós outros, nós imoralistas, ao contrário, abrimos amplamente nosso coração para todo tipo de entendimento, compreensão e aprovação. Não negamos facilmente, buscamos nossa honra no fato de sermos afirmativos.* O olhar abriu-nos cada vez mais para aquela economia que ainda precisa e sabe utilizar tudo isso que o desatino santificado dos sacerdotes, a razão doentia nos sacerdotes, rejeita, para aquela economia na lei da vida, que por si própria retira sua vantagem das espécies mais repugnantes de beatos, de sacerdotes, de virtuosos. - Que vantagem? - Mas nós mesmos, nós imoralistas, somos aqui a resposta..."

(Trechos de *Crepúsculo dos ídolos; ou como filosofar com um martelo*, pp.38-39. O cara era foda, diz se não?)

SEGUNDA-FEIRA, FEVEREIRO 04, 2008

### **Rascunho**

É que um dia eu achei que podia escrever um reflexão sobre essas pequenas coisas pelas quais a gente briga e que no fim descobre que nem eram tanto. Padrões de comportamento, sempre padrões de comportamento.

É que uma noite dessas eu pedi uma pizza e fiz questão de deixar claro que eu queria dois sachês de molho extra, mas só porque eles não tinham pra me dar da vez anterior. E eu nem usei sequer um dos sachês. E enjoei da pizza.

É que as vezes gente não sabe bem a diferença entre continuar fazendo o que sempre fez e tentar fazer diferente. E não ser levado pelo hábito, ou pelo costume, ou pela "natureza". E espera ganhar a maturidade necessária pra entender que às vezes a paciência não basta, mas cada coisa tem seu tempo e é preciso espaço para que possa florescer.

Talvez esse texto não tenha lógica alguma. Mas é que eu também não tenho. Ou sequer quero ter. E é estranho.

Sinto coisas que não consigo nomear ou descrever com quaisquer tipos de palavras. E o aperto do peito faz com que à boca eu me esvazie de propriedade ao falar. Então me calo. Como se fosse tomada por uma súbita incompreensão que conforta porque vem provida é de fé. Mas desconforta porque me insegura de amparos. E sou tomada pelo medo que me reveste de coragens. Bem devagar.

QUARTA-FEIRA, FEVEREIRO 27, 2008

**Sinuosa**



QUINTA-FEIRA, MARÇO 13, 2008

**Rodrigueana**

Ando querendo ler um texto que me dê choque. No dia-a-dia em que você é obrigada a realizar todos os seus trabalhos perfeita e pontualmente, ser cuidadosa com as pessoas que você gosta, arrumar tempo de fazer a sua unha, limpar a casa, tratar das plantas, imprimir a 2a via do iptu e ir até o banco pagar -- apesar de toda a sua gripe e dor no corpo -- (mantendo o bom-humor, sobretudo, o bom-humor!), muita filosofia te torna lenta e transforma os seus dias num devaneio profundo. Preciso de um texto, de uma sensação, de um desequilíbrio que me traga de volta pra este mundo de gente normal. Acho que hoje eu acordei toda *gauche*, e vou dormir Nelson completa. Sei lá.



*Outrora, os melhores pensavam pelos idiotas; hoje, os idiotas pensam pelos melhores. Criou-se uma situação realmente trágica: — ou o sujeito se submete ao idiota ou o idiota o extermina.*

O cara era um sacana. É.

SEGUNDA-FEIRA, JULHO 21, 2008

### **Sobre o senhor que vendia panos de pratos na chuva**

[Escrevi este texto em dezembro de 2007 e é incrível que o ano de 2008 esteja ainda no meio e toda a minha previsão tenha se confirmado... 2008 é/foi o ano da fé. E tantas graças foram alcançadas.... Pelas bençãos, pelos conflitos, pelos problemas, pelas dádivas, pelas alegrias, obrigada, Senhor. Amém.]



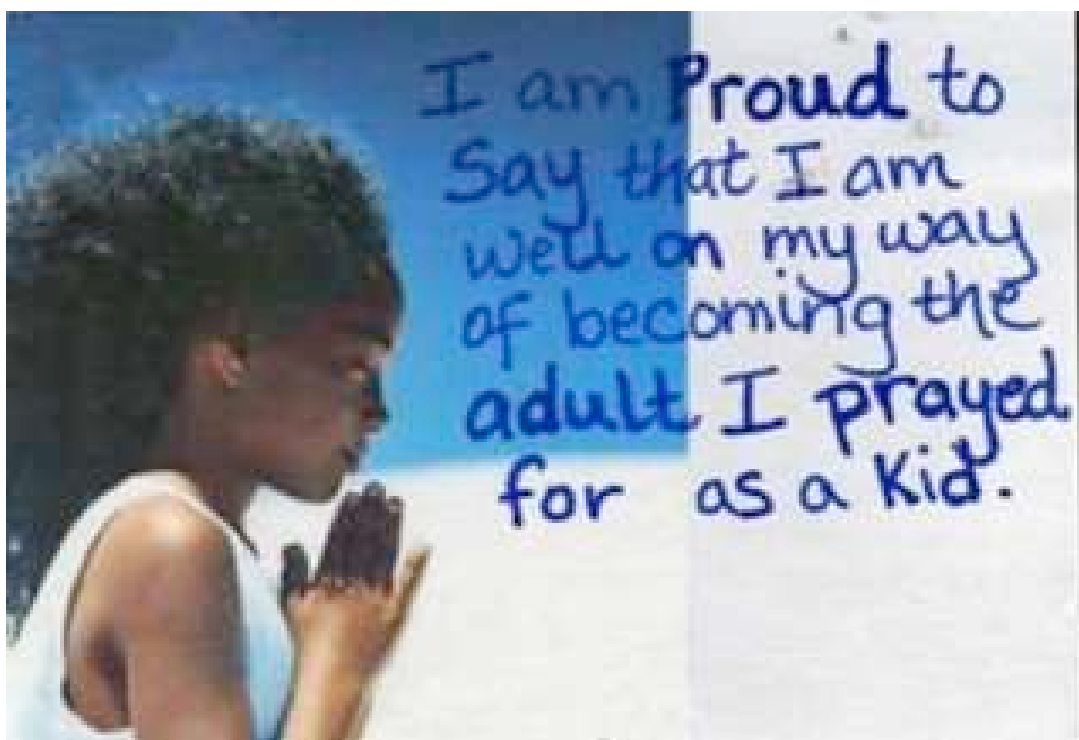
Hoje de manhã bem cedo, me apressando pra não chegar atrasada a um compromisso que havia marcado às 8, vi no semáforo, segurando um guarda-chuva, um senhor sorridente que vendia panos de prato. Comecei a pensar na vida daquele senhor. Nos problemas que ele tinha, mas na sua determinação por estar ali, na sua força. Diária.

Agradei a Deus pela sua determinação. E pela minha. Agradei pela vida que eu tenho

(sim, cheia de problemas, como a de todo mundo), mas cheia de força também -- que Ele provê --, *no matter what*, e cheia de presentes que recebo como oportunidades todos os dias.

Se eu tivesse que dar uma nome para o ano de 2008 seria este: 2008 será o ano da fé. Da minha fé. Ano de fazer a minha parte, mas ano de aprender a confiar em um Deus que acredito é muito maior que eu. C-O-N-F-I-A-R. Se eu confiar nele, não importa quanta chuva caia, eu continuarei sorrindo e dando graças enquanto vendo "meus panos de prato" na rua. Porque a vitória, quase sempre, não tem nada a ver com ganhar, mas com crer.

Obrigada, meu Deus. Pela revelação. E por cada lição, cada erro, cada acerto.  
Graças lhe dou. Amém.



DOMINGO, JULHO 27, 2008

**Chocada**

E só agora eu descobri....



que o Deleuze se matou.

\*

[Gente, esse povo era todo doido... Tô aqui meio chocada, pq tava lendo umas coisas no Deleuze e achando ele brilhante... aí, procurando a biografia, me deparei com a informação de que ele morreu pq se jogou de uma janela...

Quer saber? Acho que eu prefiro ser feliz.]

SEXTA-FEIRA, AGOSTO 08, 2008

### **Foi que um dia eu sonhei um sonho...**

Foi que um dia eu sonhei um sonho e tudo o que eu pedi aconteceu. E, de repente, foi como se eu nunca tivesse precisado de nada, porque desde sempre tudo parecia ter estado bem ali. E eu não sei se era a quietude que eu sentia ou se era mesmo o alcance, mas no fundo nem fazia diferença, porque o horizonte eu contemplava bem ali. Pensei em Deus e agradei. Absorta. Pensei nos professores que passaram e permaneceram em mim, em cada pedaço de mim, pelo resto da vida. Agradei. Absorta.

Nunca se sabe quando se tem maturidade o suficiente para se ter maturidade o suficiente. É que parece que um é pré-requisito do outro.

Mas foi que um dia eu sonhei um sonho e tudo o que eu pedi aconteceu. E alguns bebês eu perdi. Em planos, devaneios, fantasias. Mas a tese nascia. No momento em que depois de alguns anos (longos, dolorosos, sofridos anos) eu havia abandonado o projeto, a minha tese

nascia... E eu só agradei. Absorta.

